

Flann O'Brien

O TERCEIRO TIRA

L&PM POCKET



Paul Sample

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Flann O'Brien

O TERCEIRO TIRA



L&PM POCKET

A existência humana sendo uma alucinação contendo em si própria as alucinações secundárias do dia e da noite (estas últimas uma condição insalubre da atmosfera devida aos acúmulos de ar negro), seu mal consiste em todo homem de bom senso se preocupar com a aproximação ilusória da alucinação suprema conhecida por morte.

De Selby

Já que as questões humanas persistem ainda que incertas,
Ponderemos sobre o pior que possa advir.

Shakespeare

Nem todos sabem como matei o velho Phillip Mathers, despedaçando sua boca com a minha pá; mas antes é melhor falar da minha amizade com John Divney porque foi ele quem derrubou primeiro o velho Mathers dando-lhe uma tremenda cacetada no pescoço com uma bomba de bicicleta especial que ele próprio fabricou usando uma barra de ferro oca. Divney era um homem forte e cortês mas preguiçoso e vagabundo. Ele foi pessoalmente responsável pela ideia toda em primeiro lugar. Foi ele quem me disse para trazer a minha pá. Foi ele quem deu as ordens na ocasião e também as explicações quando elas foram exigidas.

Nasci muito tempo atrás. Meu pai era um fazendeiro robusto e minha mãe era dona de uma taberna. Vivíamos todos na taberna, mas não era uma casa próspera e ficava fechada a maior parte do dia porque meu pai estava fora na fazenda e minha mãe estava sempre na cozinha e por algum motivo os fregueses nunca vinham antes da hora de dormir; e bem depois disso na época do Natal e nos outros dias especiais como aquele. Nunca vi minha mãe fora da cozinha em minha vida e nunca vi um freguês durante o dia, e mesmo à noite nunca vi mais de dois ou três juntos. Mas então eu estava na cama parte do tempo e é possível que as coisas se passassem diferentemente com minha mãe e com os fregueses tarde da noite. Do meu pai eu não me lembro bem, mas era um homem forte e não falava muito exceto aos sábados, quando citava Parnell^[*] para os fregueses e dizia que a Irlanda era um país singular. Da minha mãe consigo me lembrar perfeitamente. Seu rosto estava sempre vermelho e irritado por se curvar sobre o fogo; ela passou a vida fazendo chá para passar o tempo e cantando trechos de velhas canções para passar o meio tempo. Conheci-a bem, mas meu pai e eu éramos estranhos e não conversávamos muito; na verdade, com frequência, quando eu estava estudando na cozinha à noite podia ouvi-lo através da fina porta que dava para a loja falando ali de seu assento sob o lampião durante horas a fio com Mick, o cão pastor. Era sempre a cantilena da voz dele que eu ouvia, nunca os fragmentos separados de palavras. Ele era um homem que entendia todos os cães inteiramente e os tratava como seres humanos. Minha mãe tinha um gato, mas era um animal estranho e vadio e era raramente visto, e minha mãe nunca deu muita bola para ele. Éramos todos bastante felizes de um modo estranho e independente.

Então um certo ano chegou a época do Natal, e quando o ano se foi meu pai e minha mãe também se foram. Mick, o cão pastor, ficou muito cansado e triste depois que meu pai se foi e não dava conta das ovelhas de maneira nenhuma; também ele se foi no ano seguinte. Eu era jovem e tolo na época e não sabia exatamente por que estas pessoas tinham todas me deixado e por que não tinham

dados explicações de antemão. Minha mãe foi a primeira a partir e posso me lembrar de um homem gordo com o rosto rubro e um terno preto dizendo a meu pai que não havia dúvida quanto a onde ela estava, que ele podia ter tanta certeza daquilo quanto podia ter de qualquer outra coisa neste vale de lágrimas. Mas ele não mencionou onde e, como eu achei que a coisa toda era muito privada e que ela poderia voltar na quarta-feira, não lhe perguntei. Depois, quando meu pai se foi, achei que ele tinha ido buscá-la num cabriolé, mas quando nenhum dos dois retornou na quarta-feira seguinte, fiquei triste e desapontado. O homem do terno preto estava de volta novamente. Ele ficou na casa por duas noites e estava continuamente lavando as mãos no quarto e lendo livros. Havia outros dois homens, um deles pequeno e pálido e o outro um negro alto de pernas largas. Tinham os bolsos cheios de *pennies* e me davam um cada vez que eu lhes fazia perguntas. Posso me lembrar do homem alto de pernas largas dizendo para o outro homem:

— Pobrezinho do infeliz filho da puta.

Não entendi isto na hora e achei que estavam falando sobre o outro homem de roupa preta que estava sempre ocupado com o lavatório no quarto. Mas entendi tudo claramente depois.

Após alguns dias eu próprio fui levado embora num cabriolé e enviado para uma escola estranha. Era um internato cheio de pessoas que eu não conhecia, algumas jovens e algumas mais velhas. Logo vim a saber que era uma boa escola e muito cara, mas não paguei dinheiro nenhum às pessoas que cuidavam de mim porque não tinha nenhum. Tudo isso e muito mais eu compreendi claramente mais tarde.

Minha vida nesse colégio não importa exceto por uma coisa. Foi aqui que primeiro vim a conhecer algo de De Selby. Um dia peguei indolentemente um velho livro esfarrapado no gabinete do professor de ciências e o pus dentro do bolso para ler na cama na manhã seguinte, já que acabara de ganhar o privilégio de levantar tarde. Eu tinha uns dezesseis anos então, e a data era sete de março. Ainda acho aquele dia o mais importante na minha vida e posso recordá-lo com mais presteza que o do meu aniversário. O livro era uma primeira edição de *Horas douradas* com as duas últimas páginas faltando. À época em que eu tinha dezenove e chegara ao final da minha educação, sabia que o livro era valioso e que ao conservá-lo estava roubando-o. Não obstante, meti-o em minha sacola sem o menor remorso e provavelmente faria o mesmo se tivesse a oportunidade de novo. Talvez seja importante na história que irei contar lembrar que foi por De Selby que cometi meu primeiro pecado grave. Foi por ele que cometi o meu maior pecado.

Havia muito que eu passara a saber como estava situado no mundo. Toda a minha gente estava morta e havia um homem chamado Divney tocando a fazenda e vivendo nela até que eu voltasse. Ele não era dono de nada dela e recebia semanalmente cheques de pagamento de um escritório cheio de

procuradores numa cidade distante. Eu nunca estivera com estes procuradores e nunca estivera com Divney, mas estavam todos na verdade trabalhando para mim e meu pai tinha pagado em dinheiro vivo por estes acordos antes de morrer. Quando eu era mais jovem achava-o um homem generoso por fazer aquilo por um garoto que nem conhecia bem.

Não fui para casa diretamente do colégio. Passei alguns meses em outros lugares, alargando meus horizontes e averiguando quanto uma edição completa das obras de De Selby me custaria e se alguns dos livros menos importantes dos seus comentadores poderiam ser obtidos a crédito. Num dos locais onde estava alargando meus horizontes sofri uma noite um acidente feio. Quebrei a minha perna esquerda (ou, se quiserem, ela me foi quebrada) em seis lugares, e quando eu estava suficientemente bem de novo para prosseguir tinha uma perna de madeira, a esquerda. Sabia que só tinha um pouco de dinheiro, que estava indo para casa para uma fazenda pedregosa e que a minha vida não seria fácil. Mas estava certo àquela altura que a lavoura, mesmo que eu tivesse que fazê-lo, não seria a ocupação da minha vida. Sabia que se meu nome tivesse que ser lembrado, seria lembrado com o de De Selby.

Posso recordar com todos os detalhes a noite em que entrei de volta em minha própria casa com uma bolsa de viagem em cada mão. Eu tinha vinte anos de idade; era um entardecer num verão feliz e ensolarado e a porta da taberna estava aberta. Atrás do balcão estava John Divney, apoiado no painel baixo de cerveja preta com a entreperna, os braços perfeitamente cruzados e o rosto baixado sobre um jornal aberto em cima do balcão. Tinha cabelos castanhos e uma constituição bastante atraente, de um modo um tanto atarracado; seus ombros eram alargados pelo trabalho e os braços eram grossos como pequenos troncos de árvore. Tinha um rosto sereno e cortês com olhos como os olhos de uma vaca, meditativos, castanhos e pacientes. Quando ele percebeu que alguém entrara, não interrompeu sua leitura, mas sua mão esquerda saiu em busca e encontrou um trapo de pano e começou a aplicar lentos golpes úmidos no balcão. Então, ainda lendo, moveu as mãos uma acima da outra como se estivesse abrindo uma sanfona em toda sua extensão e disse:

— Um canecão?

Um canecão era o que os fregueses chamavam um meio litro de Coleraine no caneco grande de couro alcatroado. Era a cerveja preta mais barata do mundo. Eu disse que queria o meu jantar e mencionei meu nome e posição. Então fechamos a loja e fomos para dentro da cozinha e ficamos lá quase a noite toda, comendo, conversando e bebendo uísque.

O dia seguinte era uma quinta-feira. John Divney disse que o seu trabalho agora estava terminado e que estaria pronto para ir para a casa onde a sua gente estava no sábado. Não era correto dizer que seu trabalho estava terminado porque a fazenda estava em péssimo estado e a maior parte do trabalho do ano

não tinha sido nem iniciada. Mas no sábado ele disse que havia algumas coisas para concluir e que não poderia trabalhar no domingo, mas que estaria em condições de entregar o lugar em perfeita ordem na noite de terça. Na segunda ele teve um porco doente para cuidar e aquilo atrasou. Ao final da semana estava mais ocupado do que nunca e a passagem de outros dois meses não pareceu aliviar ou reduzir suas tarefas urgentes. Não me importei muito porque, embora fosse um trabalhador um pouco limitado, era satisfatório no que dizia respeito à companhia e nunca pedia pagamento. Trabalhei um pouco no lugar por minha conta, usando todo meu tempo para organizar os meus papéis e reler ainda mais atentamente as páginas de De Selby.

Um ano inteiro ainda não se passara quando percebi que Divney estava usando a palavra “nós” em sua conversa e, pior que isso, a palavra “nosso”. Dizia que o lugar não estava exatamente como podia ser e falava em arranjar um empregado. Não concordei com isso e assim lhe disse, afirmando que não havia necessidade de mais de dois homens numa fazenda e acrescentando, com grande infelicidade para mim mesmo, que éramos pobres. Depois disso era inútil tentar lhe dizer que era eu o dono de tudo. Comecei a confessar a mim próprio que, mesmo eu sendo dono de tudo, ele era dono de mim.

Quatro anos se passaram de um modo bastante feliz para cada um de nós. Tínhamos uma boa casa e abundante comida da roça, mas pouco dinheiro. Quase todo o meu tempo era passado em estudos. Das minhas economias eu tinha agora comprado as obras completas dos dois principais comentadores, Hatchjaw e Bassett, e uma fotocópia do Códice de Selby. Eu também embarcara na tarefa de aprender o francês e o alemão perfeitamente a fim de ler as obras de outros comentadores naquelas línguas. Divney vinha trabalhando mediocrementemente na fazenda durante o dia, falando aos brados na taberna durante a noite e servindo drinques lá. Uma vez lhe perguntei como ia indo a taberna e ele disse que estava perdendo dinheiro nela todo dia. Não entendi isso porque os fregueses, a julgar pelas suas vozes através da porta fina, eram bastante numerosos e Divney estava continuamente comprando ternos e elegantes alfinetes de gravata para si próprio. Mas eu não disse nada. Estava satisfeito por ser deixado em paz porque sabia que meu próprio trabalho era mais importante que eu mesmo.

Um dia, no início do inverno, Divney me disse:

— Não posso perder muito mais do meu próprio dinheiro naquele bar. Os fregueses estão reclamando da cerveja preta. É uma péssima cerveja preta porque eu mesmo tenho que beber um pouco de vez em quando para lhes fazer companhia e estou me sentindo muito mal com ela. Terei que me afastar por dois dias e viajar um pouco e ver se consigo uma marca melhor de cerveja preta.

Ele sumiu na manhã seguinte em sua bicicleta e, quando voltou todo empoeirado e exausto da viagem ao final de três dias, disse-me que estava tudo

certo e que quatro barris de uma cerveja preta melhor podiam ser esperados na sexta-feira. Ela chegou pontualmente naquele dia e foi bem recebida pelos fregueses na taberna aquela noite. Era fabricada em alguma cidade do sul e conhecida como “A Brigona”. Se você bebesse uns dois litros dela, ela quase certamente venceria. Os fregueses lhe faziam altos elogios e quando a botavam para dentro cantavam e gritavam e às vezes se deitavam no chão ou lá fora na estrada em completo estupor. Alguns deles reclamavam depois que tinham sido roubados enquanto nesse estado e falavam raivosamente dentro da loja na noite seguinte sobre dinheiro roubado e relógios de ouro que tinham sido arrancados de suas grossas correntes. John Divney não fazia comentários sobre o assunto com eles e não o mencionou em absoluto a mim. Escreveu em letra de forma as palavras CUIDADO COM OS LADRÕES — com letras enormes num cartaz e o pendurou atrás das prateleiras ao lado de outro aviso que tratava de cheques. Apesar disso raramente se passava uma semana sem que algum freguês reclamasse após uma noite com “A Brigona”. Não era uma coisa a contento.

Com o passar do tempo Divney foi ficando cada vez mais animado com o que ele chamava “o bar”. Dizia que ficaria satisfeito se o mesmo não desse prejuízo mas que duvidava seriamente que isso algum dia acontecesse. O governo era em parte responsável pela situação devido aos altos impostos. Ele achava que não ia poder continuar suportando o ônus das perdas sem alguma ajuda. Eu disse que meu pai tinha alguma forma antiquada de administrar que tornava possível o lucro, mas que a loja devia ser fechada se ainda continuasse a dar prejuízo. Divney disse apenas que era uma coisa muito séria abrir mão de uma licença.

Foi mais ou menos nessa época, quando eu estava próximo dos trinta, que Divney e eu começamos a adquirir a fama de sermos grandes amigos. Durante anos antes daquilo eu raramente saí. Isto era porque estava tão ocupado com meu trabalho que quase nunca tinha tempo; também a minha perna de pau não era muito boa para caminhar. Então algo muito incomum aconteceu para mudar isso tudo e, depois que ocorreu, Divney e eu nunca nos separamos por mais de um minuto fosse de noite ou de dia. O dia inteiro eu ficava fora com ele na fazenda e à noite me sentava no velho assento do meu pai sob o lampião num canto da taberna trabalhando nos meus papéis na medida do possível, em meio aos gritos, cotoveladas e ruídos irados que sempre acompanhavam “A Brigona”. Se Divney saía para passear no domingo até a casa de um vizinho eu ia com ele e voltava para casa com ele novamente, nunca antes ou depois dele. Se ele ia até uma cidade na sua bicicleta para encomendar cerveja preta ou plantar batatas ou mesmo “para ver uma certa pessoa”, eu ia na minha própria bicicleta ao seu lado. Trouxe minha cama para dentro do quarto dele e me dei ao trabalho de só dormir depois que ele estivesse dormindo e de estar bem desperto uma boa hora antes de ele se espreguiçar. Uma vez quase falhei na minha vigilância. Lembro-

me de ter despertado num sobressalto na madrugada de uma noite negra e de encontrá-lo se vestindo em silêncio no escuro. Perguntei-lhe aonde estava indo e ele disse que não conseguira dormir e que achara que uma caminhada lhe faria bem. Eu disse que eu próprio estava na mesma situação e fomos os dois andar juntos na noite mais fria e úmida por que jamais passei. Quando voltamos encharcados eu disse que era tolice dormirmos em camas separadas num tempo tão cruel e fui para a cama dele ao seu lado. Ele não fez comentários, naquela ou em nenhuma outra ocasião. Dormi sempre com ele depois daquilo. Éramos amistosos e sorriamos um para o outro, mas a situação era estranha e nenhum dos dois a apreciava. Os vizinhos ainda não percebiam o quão inseparáveis éramos. Vivíamos aquela condição de estarmos sempre juntos há quase três anos e diziam que éramos os dois melhores cristãos de toda a Irlanda. Diziam que a amizade humana era uma coisa linda e que Divney e eu éramos o exemplo mais nobre disso na história mundial. Se outras pessoas tinham desavenças ou brigavam ou discordavam, perguntavam-lhes por que não podiam ser como eu e Divney. Teria sido um choque tremendo para todos caso Divney aparecesse em qualquer lugar a qualquer momento sem mim ao seu lado. E não é estranho que duas pessoas nunca tenham vindo a desgostar uma da outra tão amargamente como eu e Divney? E duas pessoas nunca foram tão corteses uma com a outra, tão amigáveis na aparência.

Tenho que voltar vários anos para explicar o que ocorreu para motivar esta situação peculiar. A “certa pessoa” a quem Divney ia visitar uma vez por mês era uma garota chamada Pegeen Meers. De minha parte eu havia completado meu “Índice De Selby” definitivo, no qual as opiniões de todos os comentadores conhecidos sobre cada aspecto do sábio e de sua obra tinham sido coligidas. Cada um de nós, portanto, tinha algo grande em mente. Um dia Divney me disse:

— Este é um livro importante que você escreveu, não tenho dúvida.

— É útil — admiti — e tremendamente procurado. — De fato ele continha muita coisa que era inteiramente nova e provas de que muitas opiniões amplamente sustentadas sobre De Selby e suas teorias eram equivocadas com base em más interpretações de suas obras.

— Ele poderia fazer a sua fama no mundo e sua fortuna dourada em direitos autorais?

— Poderia.

— Então, por que você não o publica?

Expliquei que é necessário dinheiro para publicar um livro desse tipo, a menos que o autor já tenha uma reputação. Ele me lançou um olhar solidário que não lhe era costumeiro e suspirou.

— O dinheiro está difícil de obter hoje em dia — disse ele — com o comércio de bebidas nas últimas e a terra completamente exaurida e

necessitando adubos artificiais que não podem ser obtidos de graça nem por dinheiro devido às tramoias dos judeus e dos maçons.

Eu sabia que não era verdade sobre os adubos. Ele já tinha me alegado que era impossível obtê-los porque não queria se incomodar com o trabalho. Após uma pausa ele disse:

— Teremos que ver o que podemos fazer para conseguir dinheiro para o seu livro e de fato eu próprio estou precisando de algum porque não se pode querer que uma garota espere até ficar muito velha para esperar mais.

Eu não sabia se ele tinha a intenção de trazer uma esposa, caso arranjasse alguma, para dentro da casa. Se o fizesse e eu não pudesse impedi-lo, então eu teria que partir. Por outro lado, se o casamento implicasse que ele próprio partisse, acho que eu ficaria contentíssimo com isso.

Passaram-se alguns dias antes que ele falasse neste assunto de dinheiro novamente. Então ele disse:

— Que tal o velho Mathers?

— Que que tem ele?

Eu nunca vira o velho, mas sabia tudo a respeito dele. Tinha passado uma longa vida de cinquenta anos no comércio de gado e agora vivia retirado num casarão a cinco quilômetros de distância. Ele ainda fazia negócios vultosos através de agentes e as pessoas diziam que levava nada menos que três mil libras consigo cada vez que claudicava até o vilarejo para depositar o seu dinheiro. Por pouco que eu conhecesse de convenções sociais na época, não sonharia em pedir-lhe auxílio.

— Ele não vale um pacote de fécula de batata — disse Divney.

— Não acho que devêssemos ir atrás de esmola — respondi eu.

— Também acho que não — disse ele. Era um homem orgulhoso a seu próprio modo, pensei, e não mais se disse na ocasião. Mas depois disso ele pegou o hábito de inserir ocasionalmente em conversa sobre outros assuntos alguma observação irrelevante sobre nossa necessidade de dinheiro e a quantia dele que Mathers levava em seu cofrinho preto; às vezes ele insultava o velho, acusando-o de pertencer ao “conluio do adubo artificial” ou de ser desonesto nas suas transações comerciais. Uma vez disse algo sobre “justiça social”, mas para mim era óbvio que ele não compreendia propriamente o termo.

Não sei exatamente como ou quando ficou claro para mim que Divney, longe de querer esmola, pretendia assaltar Mathers, e não consigo recordar quanto tempo demorou para eu compreender que ele tinha igualmente a intenção de matá-lo a fim de evitar a possibilidade de ser identificado como o assaltante depois. Sei apenas que em seis meses eu passara a aceitar esse plano sinistro como um lugar-comum em nossa conversa. Mais três meses se passaram antes que eu pudesse resolver concordar com a proposta e outros três meses antes de admitir abertamente a Divney que minhas apreensões tinham acabado. Me é

impossível narrar os truques e artifícios que ele usou para me fazer passar para o seu lado. É suficiente dizer que ele lia trechos de meu “Índice De Selby” (ou fingia fazê-lo) e discutia comigo em seguida a séria responsabilidade de qualquer pessoa que se furtasse por mera questão de capricho pessoal a entregar o “Índice” ao mundo.

O velho Mathers vivia sozinho. Divney sabia em que tarde e em que trecho deserto da estrada próximo a sua casa o encontraríamos com seu cofre de dinheiro. A tarde em que a coisa se deu foi em pleno inverno; a claridade já estava diminuindo quando nos sentamos para jantar discutindo o assunto que tínhamos em mãos. Divney disse que devíamos levar nossas pás presas nos tubos dos quadros das nossas bicicletas porque isso faria com que parecêssemos homens caçando coelhos; ele traria sua própria bomba de ferro caso tivéssemos um pneu furado.

Pouco há a dizer sobre o crime. O céu enfarruscado parecia conspirar conosco, descendo numa mortalha de lúgubre neblina até poucos metros da estrada úmida onde aguardávamos. Tudo estava em completo silêncio, sem nenhum ruído em nossos ouvidos exceto o gotejar das árvores. Nossas bicicletas estavam escondidas. Eu me apoiava miseravelmente em minha pá e Divney, a bomba de ferro debaixo do braço, fumava seu cachimbo prazerosamente. O velho nos alcançou quase antes de percebermos que havia alguém próximo. Não pude vê-lo bem na obscuridade, mas pude vislumbrar um rosto consumido e exangue perscrutando do topo do enorme sobretudo preto que o cobria das orelhas até o tornozelo. Divney adiantou-se imediatamente e apontando para trás ao longo da estrada disse:

— Seria seu aquele embrulho na estrada?

O velho virou a cabeça para olhar e recebeu um golpe atrás do pescoço com a bomba de Divney que o derrubou direto no chão e provavelmente esmigalhou sua coluna cervical. Ao tombar estirado na lama ele não soltou um grito. Em vez disso ouvi-o dizer alguma coisa suavemente em tom de conversa — algo como “não ligo para aipo” ou “sempre sigo meu hábito”. Então ficou deitado completamente inerte. Eu estivera assistindo à cena bastante estupefato, ainda apoiado na minha pá. Divney vasculhou furiosamente a figura caída e então ficou em pé. Tinha um cofrinho preto na mão. Agitou-o no ar e rousnou para mim:

— Aqui, acorda! Acaba com ele com a pá!

Adiantei-me mecanicamente, brandi a pá por cima do ombro e vibrei a lâmina com toda a minha força no queixo protuberante. Senti e quase ouvi a estrutura do crânio dele se esfarelar vivamente como uma casca de ovo vazia. Não sei quantas vezes o golpeei em seguida, mas não parei até ficar cansado.

Joguei a pá no chão e olhei em volta buscando Divney. Ele não estava à vista. Chamei seu nome em voz baixa mas ele não respondeu. Andei um

pouquinho estrada acima e chamei novamente. Galguei a elevação de uma vala e perscrutei ao redor na penumbra crescente. Chamei o nome dele mais uma vez tão alto quanto pude ousar, mas não houve resposta no silêncio. Ele fora embora. Tinha fugido com o cofre de dinheiro, deixando-me sozinho com o homem morto e com uma pá que agora provavelmente estava tingindo a lama encharcada ao redor dela com uma pálida mancha rosada.

Meu coração falhava dolorosamente nas suas batidas. Um arrepio de terror atravessou meu corpo inteiro. Caso alguém aparecesse, nada no mundo me salvaria da cadeia. Se Divney ainda estivesse comigo para partilhar a minha culpa, tampouco isso me protegeria. Paralisado de medo, fiquei um longo tempo olhando para o montinho amarrotado dentro do sobretudo preto.

Antes de o velho chegar, Divney e eu tínhamos cavado um buraco bem fundo no mato à beira da estrada, tomando cuidado para preservar as placas de grama. Agora em pânico arrastei a pesada figura encharcada de onde jazia e levei-a com tremendo esforço por cima da vala para dentro do mato deixando-a cair no buraco. Então corri de volta até a minha pá e comecei a lançar e empurrar a terra novamente no buraco numa louca fúria cega.

O buraco estava quase cheio quando ouvi passos. Olhando em torno inteiramente assustado vi a inconfundível silhueta de Divney transpondo cuidadosamente a vala para dentro do mato. Quando ele me alcançou apontei pateticamente para o buraco com a minha pá. Sem dizer uma palavra ele foi até onde estavam nossas bicicletas, voltou com sua própria pá e trabalhou metodicamente comigo até concluir a tarefa. Fizemos todo o possível para ocultar qualquer vestígio do que ocorrera. Então limpamos nossas botas com grama, prendemos as pás e andamos para casa. Algumas pessoas com quem nos encontramos na estrada desejaram-nos boa noite no escuro. Estou certo de que nos tomaram por dois trabalhadores cansados rumando para casa após um dia duro de trabalho. Não estavam muito errados.

No caminho eu disse a Divney:

— Onde é que você estava naquela hora?

— Tratando de um assunto importante — respondeu ele. Achei que ele estava se referindo a uma certa coisa e disse:

— Com toda certeza você podia ter deixado para depois.

— Não é o que você está pensando — respondeu ele.

— Você está com o cofre?

Ele virou o rosto para mim essa vez, franziu-o e pôs um dedo sobre os lábios.

— Não tão alto — sussurrou. — Está num lugar seguro.

— Mas onde?

A única resposta que ele me deu foi pôr um dedo sobre o lábio mais firmemente e fazer um longo psiu. Dava-me a entender que mencionar o cofre, mesmo num sussurro, era a coisa mais tola e imprudente que eu podia fazer.

Quando chegamos em casa ele se afastou, se lavou e vestiu um dos muitos ternos domingueiros azuis que possuía. Quando voltou para onde eu estava sentado, uma mísera figura junto ao fogo da cozinha ficou na minha frente com o rosto bem sério, apontou para a janela e gritou:

— Seria seu aquele embrulho na estrada?

Então soltou uma risada trovejante que pareceu relaxar seu corpo inteiro e transformar seus olhos em água e estremecer a casa inteira. Quando terminou, enxugou as lágrimas do rosto, entrou na loja e fez um ruído que só pode ser feito arrancando-se a rolha de uma garrafa de uísque rapidamente.

Nas semanas seguintes perguntei-lhe onde a caixa estava uma centena de vezes de mil formas diferentes. Ele nunca respondia da mesma maneira, mas a resposta era sempre a mesma. Estava num lugar bem seguro. Quanto menos se falasse sobre aquilo, melhor, até, as coisas se aquietassem. Psiu era a senha. Ela seria achada no momento oportuno. Em termos de segurança o lugar em que estava era superior ao Banco da Inglaterra. Bons tempos estavam a caminho. Seria uma pena pôr tudo a perder por precipitação ou impaciência.

E foi por isso que John Divney e eu nos tornamos amigos inseparáveis e por que nunca permiti que saísse da minha vista durante três anos. Depois de me roubar na minha própria taberna (tendo inclusive roubado os meus fregueses) e depois de arruinar a minha fazenda, eu sabia que ele era suficientemente desonesto para roubar a minha parte do dinheiro de Mathers e fugir com o cofre caso tivesse a chance. Eu sabia que não havia a menor necessidade de aguardar até que “as coisas se aquietassem” porque mal se percebeu o sumiço do velho. As pessoas diziam que ele era um homem estranho e perverso e que ir embora sem dizer a ninguém ou deixar seu endereço era o tipo de coisa que ele faria.

Acho que já disse que as condições peculiares de intimidade física sob as quais eu próprio e Divney nos encontrávamos haviam se tornado cada vez mais intoleráveis. Nos últimos meses eu tivera a esperança de obrigá-lo a capitular tornando a minha companhia insuportavelmente próxima e implacável, mas ao mesmo tempo passei a carregar uma pequena pistola para o caso de acidentes. Uma noite de domingo, quando estávamos os dois sentados na cozinha — os dois, incidentalmente, no mesmo lado do fogo —, ele tirou o cachimbo da boca e voltou-se para mim:

— Sabe — disse —, acho que as coisas se aquietaram.

Dei apenas um grunhido.

— Entendeu o que eu quis dizer? — perguntou ele.

— As coisas nunca estiveram de outra forma — respondi laconicamente.

Ele me olhou com um ar de superioridade.

— Estou por dentro destas coisas — disse —, e você ficaria surpreso com as ciladas em que um homem pode cair caso se apresse demais. Todo cuidado é

pouco, mas mesmo assim acho que as coisas se aquietaram o suficiente para torná-lo seguro.

— Estou contente por você achar isso.

— Vêm por aí bons tempos. Amanhã eu vou buscar o cofre e então dividiremos o dinheiro, bem aqui em cima desta mesa.

— Nós vamos buscar o cofre — respondi, dizendo a primeira palavra com o maior cuidado. Ele me lançou um longo olhar ofendido e me perguntou com tristeza se eu não confiava nele. Respondi que nós dois devíamos terminar o que nós dois havíamos começado.

— Tudo bem — disse ele de um modo bastante irritado. — É pena você não confiar em mim depois de todo o trabalho que fiz para tentar pôr este lugar em ordem; mas para mostrar como eu sou, vou deixar você mesmo ir buscar o cofre, amanhã eu digo onde está.

Tive o cuidado de dormir com ele como de costume naquela noite. Na manhã seguinte ele estava com melhor humor e me disse com a maior simplicidade que o cofre estava escondido na própria casa deserta de Mathers, sob as tábuas do assoalho no primeiro quarto à direita da entrada.

— Tem certeza? — perguntei.

— Juro — disse ele solenemente, erguendo a mão para o céu.

Considerei a situação por um instante, examinando a possibilidade de ser um ardil para separar-se de mim finalmente e depois escapar ele próprio para o verdadeiro esconderijo. Mas seu rosto pela primeira vez parecia exibir um ar de honestidade.

— Sinto se feri seus sentimentos na noite passada — disse eu —, mas para mostrar que não há ressentimentos eu ficaria contente se você viesse comigo pelo menos parte do caminho. Acho honestamente que nós dois devíamos terminar o que nós dois iniciamos.

— Tudo bem — disse ele. — Dá no mesmo, mas eu gostaria que você buscasse o cofre com as suas próprias mãos, porque é apenas justo depois de não ter contado a você onde é que ele estava.

Como a minha própria bicicleta estava com um pneu furado percorremos a distância caminhando. Quando estávamos a cerca de cem metros da casa de Mathers, Divney parou junto a um muro baixo e disse que ia ficar sentado nele fumando seu cachimbo e esperando por mim.

— Pode ir sozinho buscar o cofre e trazê-lo de volta pra cá. Vêm por aí bons tempos e seremos homens ricos esta noite. Ele está pousado sob uma tábua no chão do primeiro quarto à direita, no canto oposto à porta.

Trepado como ele estava em cima do muro, eu sabia que ele nunca sairia da minha vista. No curto tempo em que me afastaria poderia vê-lo a qualquer momento em que virasse a cabeça.

— Estarei de volta em dez minutos — disse eu.

— Bom rapaz — respondeu ele. — Mas lembre-se disso. Se você encontrar alguém, você não sabe o que está procurando, não sabe na casa de quem você está, não sabe de nada.

— Não sei nem o meu próprio nome — respondi.

Foi algo bastante digno de nota o que eu disse porque na próxima vez em que me perguntaram meu nome não fui capaz de responder. Eu não sabia.

[*] Charles Stewart Parnell (1846-1891), líder político irlandês. (N. do T.)

II

De Selby tem certas coisas interessantes a dizer sobre o tema casas.^[1] Uma fila de casas ele encara como uma fila de males necessários. A debilitação e degeneração da raça humana ele atribui à sua progressiva predileção por interiores e ao interesse decrescente pela arte de sair e ficar fora. Isto por sua vez ele vê como o resultado do aumento de ocupações, tais como a leitura, o jogo de xadrez, a bebida, o casamento e afins, poucas das quais podem ser satisfatoriamente conduzidas ao ar livre. Em outro lugar,^[2] ele define uma casa como “um enorme caixão”, “uma coelheira”, e “uma caixa”. Evidentemente sua principal objeção era o confinamento de um teto e quatro paredes. Atribuía propriedades terapêuticas um tanto esdrúxulas — principalmente pulmonares — a certas estruturas de sua própria concepção que chamava de *habitats*, desenhos toscos que ainda podem ser vistos nas páginas de *Álbum do campo*. Essas estruturas eram de dois tipos: “casas” sem telhado e “casas” sem paredes. As primeiras tinham amplas portas e janelas abertas com superestruturas extremamente deselegantes de encerados frouxamente enrolados em mastros contra o mau tempo — o conjunto parecendo-se com um navio à vela naufragado erigido sobre uma plataforma de alvenaria e o último lugar onde se pensaria em abrigar nem que fosse gado. O outro tipo de *habitat* tinha o convencional telhado de ardósia, mas nenhuma parede salvo uma, que devia ser erguida na direção do vento dominante; em volta dos outros lados ficavam os inevitáveis encerados frouxamente esticados em roldanas suspensas nas calhas do telhado, a estrutura toda cercada por uma vala ou fosso minúsculo guardando certa semelhança com latrinas militares. A luz das teorias atuais sobre habitação e higiene, não resta a menor dúvida de que De Selby estava bastante equivocado nessas ideias, mas em seus próprios tempos remotos mais de um doente perdeu a vida numa imprudente aventura em busca da saúde nessas fantásticas moradias.
[3]

Minhas recordações de De Selby foram avivadas por minha visita à residência do velho sr. Mathers. Aproximando-me dela pela estrada a casa parecia ser uma bela e espaçosa construção de tijolos de idade indeterminada, da altura de dois andares com um pórtico comum e oito ou nove janelas na fachada de cada pavimento.

Abri o portão de ferro e caminhei o mais suavemente possível pelo caminho de cascalho com tufo de ervas daninhas. Minha cabeça estava estranhamente vazia. Não sentia que estava para concluir com êxito um plano em que trabalhara noite e dia ininterruptamente durante três anos. Não sentia a menor excitação de prazer e estava indiferente quanto à perspectiva de ficar rico. Só estava ocupado com a tarefa mecânica de encontrar um cofre preto.

A porta da entrada estava fechada e, embora ficasse bem recuada num pórtico bastante amplo, o vento e a chuva haviam juntado uma camada de pó arenoso nas almofadas e bem dentro da fenda onde a porta abria, mostrando que ela estivera cerrada há anos. De pé sobre um canteiro de flores abandonado, tentei empurrar para cima o caixilho da primeira janela à esquerda. Ele cedeu à minha força, áspera e obstinadamente. Me introduzi pela abertura agarrando-me com os pés e as mãos e dei comigo não direto em um quarto, mas rastejando pela sacada mais longa que já vi. Quando alcancei o assoalho e pulei sobre ele ruidosamente, a janela aberta parecia bem distante de mim e pequena demais para ter me admitido.

O quarto onde me encontrei estava coberto de poeira, bolorento e desprovido de qualquer mobília. Aranhas tinham esticado enormes extensões de teia ao redor da lareira. Avancei rapidamente para o corredor, abri com um empurrão a porta do quarto onde o cofre estava e me detive na soleira. Era uma manhã escura e o tempo tingira as janelas com turvações de uma camada cinzenta que impediam a parte mais brilhante da luz pálida de entrar. O canto mais distante do quarto era uma névoa de sombras. Senti uma ânsia súbita de dar cabo da minha tarefa e cair fora desta casa para sempre. Atravessei as tábuas desnudas, ajoelhei-me no canto e passei as mãos pelo assoalho em busca da tábua solta. Para minha surpresa encontrei-a facilmente. Tinha uns sessenta centímetros de comprimento e balançou em falso sob minha mão. Ergui-a, coloquei-a de lado e risquei um fósforo. Vi um cofrinho preto de metal aninhado obscuramente no buraco. Meti a mão lá embaixo e coloquei um dedo sob a alça solta pendente, mas o fósforo subitamente bruxuleou e se apagou e a alça da caixa, que eu erguera alguns centímetros, escorregou pesadamente do meu dedo. Sem me deter para acender outro fósforo, enfiei a mão toda dentro da abertura e bem no instante em que ela devia estar se fechando em torno da caixa, algo aconteceu.

Não posso pretender descrever o que foi, mas a coisa me assustou muitíssimo antes que a tivesse compreendido mesmo que de leve. Foi alguma mudança que se abateu sobre mim ou sobre o quarto, indescritivelmente sutil, ainda que momentânea, infável. Foi como se a luz do dia tivesse mudado com uma subtaneidade anormal, como se a temperatura da tarde tivesse se alterado enormemente num instante ou como se o ar tivesse ficado duas vezes mais rarefeito ou duas vezes mais denso do que estava num piscar de olhos; talvez tudo isso e outras coisas tenham acontecido juntas pois todos os meus sentidos se desorientaram a um só tempo e não puderam me oferecer qualquer explicação. Os dedos da minha mão direita, metidos na abertura no chão, tinham-se fechado mecanicamente, não encontrado absolutamente nada e subido de volta novamente vazios. A caixa desaparecera!

Ouvi um tossido atrás de mim, brando e natural, embora mais perturbador que qualquer som que jamais pudesse descer sobre o ouvido humano. Que eu não tenha morrido de pavor se deveu, eu acho, a duas coisas: o fato de que meus sentidos já estavam desconcertados e capazes de interpretar para mim somente de forma gradual o que tinham percebido e também o fato de que a emissão do tossido pareceu trazer consigo alguma alteração mais terrível em tudo, exatamente como se ele tivesse mantido o universo em suspenso por um instante, detendo os planetas em suas trajetórias, fazendo parar o sol e retendo no ar qualquer coisa cadente que a terra estivesse puxando em sua direção. Tornei debilmente para irás da posição ajoelhada, caindo sentado frouxamente no chão. O suor brotou da minha testa e meus olhos permaneceram abertos por longo tempo sem uma piscadela, embaçados e quase cegos.

No canto mais escuro do quarto próximo à janela havia um homem sentado numa cadeira, olhando-me com brando mas inabalável interesse. Sua mão avançara lentamente até a mesinha ao seu lado para aumentar a chama de um lampião que estava sobre ela. O lampião tinha uma manga de vidro com o pavio fracamente visível dentro dele, ondulando em convulsões como um intestino. Havia utensílios de chá sobre a mesa. O homem era o velho Mathers. Me observava em silêncio. Não se mexia nem falava e poderia ainda estar morto, salvo pelo ligeiro movimento de sua mão no lampião, a suavíssima torcida de seu polegar e indicador no regulador do pavio. A mão era amarelada, a pele enrugada pendia frouxamente sobre os ossos. Sobre o nó do seu indicador pude ver claramente o traçado de uma veia descamada.

É difícil escrever sobre uma cena tal ou transmitir com palavras conhecidas as sensações que vieram bater à minha mente entorpecida. Por quanto tempo ficamos sentados ali, por exemplo, olhando um para o outro, eu não sei. Anos ou minutos poderiam ter sido consumidos com idêntica facilidade naquele indescrevível e inenarrável intervalo. A claridade da manhã sumiu da minha vista, o assoalho empoeirado era como um nada sob mim e meu corpo inteiro se dissolveu, deixando-me existindo apenas no olhar estupefato e enfeitiçado que partia fixamente de onde eu estava para o outro canto.

Lembro-me de ter observado várias coisas de um modo frio e mecânico como se estivesse sentado ali sem qualquer preocupação a não ser observar tudo o que via. Seu rosto era aterrorizante, mas os olhos no meio dele tinham uma qualidade de frieza e aversão que fazia suas outras feições me parecerem quase amigáveis. A pele era como pergaminho murcho com um arranjo de rugas e pregas que criavam entre si uma expressão de insondável inescrutabilidade. Mas os olhos eram terríveis. Olhando para eles tive a sensação de que não eram em absoluto olhos autênticos mas cópias mecânicas ativadas por eletricidade ou algo do gênero, com um minúsculo furinho no centro da “pupila” por dentro do qual o olho verdadeiro espreitava furtivamente e com extrema frieza. Tal concepção,

possivelmente sem o menor fundamento de fato, perturbou-me agoniadamente e deu margem em minha mente a intermináveis especulações quanto à cor e à característica do olho verdadeiro, quanto a se, na verdade, era de todo real ou meramente outra cópia com seu furinho no mesmo nível do primeiro, de forma que o olho verdadeiro, possivelmente por detrás de milhares daqueles disfarces absurdos, olhasse para fora através de um cilindro de compactos visores. Ocasionalmente as pesadas pálpebras queijosas baixavam-se lentamente com extrema languidez e então se erguiam novamente. Envolto frouxamente no corpo havia um velho robe cor de vinho.

Em minha aflição pensei comigo mesmo que talvez se tratasse do irmão gêmeo dele, mas na mesma hora ouvi alguém dizer:

Difícilmente. Se você olhar com cuidado para o lado direito do pescoço dele vai perceber que há um esparadrapo ou uma atadura ali. A garganta e o queixo dele também estão enfaixados.

Desalentadamente, olhei e vi que aquilo era verdade. Ele era o homem que eu assassinara, sem a menor dúvida. Estava sentado numa cadeira a uns quatro metros de distância me observando. Estava sentado sem fazer um movimento, como se com medo de machucar as feridas abertas que cobriam o seu corpo. De um lado a outro dos meus ombros uma rigidez se espalhou pelos meus esforços com a pá.

Mas quem pronunciara aquelas palavras? Elas não tinham me assustado. Foram claramente audíveis para mim embora eu soubesse que não ressoaram pelo ar como o gélido tossido do velho na cadeira. Elas vieram das minhas profundezas, da minha alma. Nunca antes eu acreditara ou suspeitara ter uma alma, mas naquele instante soube que tinha. Soube também que minha alma era amistosa, era minha sênior em anos e estava unicamente preocupada com o meu próprio bem-estar. Por conveniência chamei-a de Joe. Senti-me um pouco mais tranquilo em saber que não estava inteiramente só. Joe estava me ajudando.

Não tentarei narrar o espaço de tempo que se seguiu. Na terrível situação em que me encontrava, meu intelecto não podia me prestar nenhuma ajuda. Eu sabia que o velho Mathers fora abatido com uma bomba de bicicleta de ferro, retalhado até a morte com uma pesada pá e depois seguramente enterra do num campo. Também sabia que o mesmo homem agora estava sentado no mesmo quarto comigo, observando-me em silêncio. Seu corpo estava enfaixado, mas seus olhos estavam vivos, assim como a sua mão direita e assim como tudo nele. Talvez o assassinato à beira da estrada fosse um sonho ruim.

Não há nada de sonho nos seus ombros duros. Não, respondi, mas um pesadelo pode ser tão extenuante fisicamente como a coisa real.

Resolvi um tanto desonestamente que a melhor coisa a fazer era acreditar no que os meus olhos estavam vendo em vez de depositar minha confiança numa lembrança. Resolvi demonstrar indiferença, conversar com o velho e testar a sua

própria realidade perguntando sobre o cofre preto que era responsável, se alguma coisa podia ser, por cada um de nós estar do jeito que estava. Resolvi ser audacioso porque sabia que estava correndo grande perigo. Sabia que ficaria louco a menos que me levantasse do chão, me mexesse, falasse e me comportasse da maneira mais trivial possível. Afastei o olhar do velho Mathers, me pus cuidadosamente de pé e sentei numa cadeira que não estava muito distante dele. Então olhei de volta para ele, meu coração estacando por um tempo e voltando a trabalhar com lentas marteladas que pareciam fazer toda minha estrutura estremecer. Ele permanecera perfeitamente imóvel, mas a mão direita viva segurara o bule de chá, erguera-o de modo bastante desajeitado e entornara uma porção na xícara vazia. Seus olhos tinham me seguido até a minha nova posição e agora estavam me olhando fixos novamente com o mesmo inabalável e lânguido interesse.

Subitamente comecei a falar. As palavras vertiam de dentro de mim como se fossem produzidas por um mecanismo. Minha voz, trêmula a princípio, foi ficando mais firme e mais alta e encheu o quarto todo. Não me lembro o que disse no início. Estou certo de que a maior parte era sem sentido, mas eu estava por demais satisfeito e tranquilizado com o som natural e saudável de minha língua para me preocupar com as palavras.

O velho Mathers não se mexeu nem disse nada no começo, mas eu tinha certeza de que ele estava me escutando. Pouco depois ele começou a balançar a cabeça e então tive certeza de ouvi-lo dizer “Não”. Fiquei excitado com as respostas dele e comecei a falar com cautela. Ele denegou a minha indagação sobre a sua saúde, recusou-se a dizer para onde fora o cofre preto e até negou que fosse uma manhã escura. Sua voz tinha um efeito dissonante peculiar como a áspera badalada de um sino antigo enferrujado numa torre sufocada por heras. Ele não dissera nada além da palavra “Não”. Seus lábios quase não se moveram; fiquei certo de que ele não tinha dentes por detrás deles.

— Você está morto no momento? — perguntei.

— Não estou.

— Você sabe onde a caixa está?

— Não.

Ele fez outro movimento brusco com o braço direito, despejando água quente dentro do seu bule de chá e entornando um pouco mais da fraca infusão em sua xícara. Então recaiu em sua atitude de imóvel vigilância. Ponderei por um tempo.

— Você gosta de chá fraco? — perguntei.

— Não gosto — disse ele.

— Você gosta mesmo de chá? — perguntei. — De chá forte, fraco ou mais ou menos?

— Não — disse ele.

— Então por que você o bebe?

Ele balançou seu rosto amarelado de um lado para o outro tristemente e não disse nada. Quando parou de balançar, abriu a boca e despejou dentro a xícara cheia de chá como quem despeja um balde de leite dentro da batedeira.

Você percebe alguma coisa?

Não, respondi, nada além da lugubridade desta casa e do homem que é seu dono. Ele não é de maneira nenhuma o melhor interlocutor que já encontrei.

Percebi que falava de um modo bem despreocupado. Enquanto falando para dentro ou para fora ou pensando no que dizer me sentia bastante corajoso e normal. Mas toda vez que vinha um silêncio o pavor da minha situação baixava sobre mim como um pesado cobertor jogado por cima da minha cabeça, me envolvendo, me sufocando e me fazendo temer a morte.

Mas você não observa nada quanto ao modo como ele responde às suas perguntas?

Não.

Você não vê que toda resposta é na negativa? Não importa o que você lhe pergunte ele diz “Não”.

Isso é bem verdade, disse eu, mas não vejo aonde isso me leva.

Use a sua imaginação.

Quando tornei a voltar toda a minha atenção para o velho Mathers, achei que ele tinha adormecido. Estava sentado diante de sua xícara de chá numa postura mais curvada, como se fosse uma pedra ou parte da cadeira de madeira onde se sentava, um homem completamente morto e petrificado. Por cima dos olhos as pálpebras flácidas tinham abaixado, quase fechando-os. Sua mão direita pousada sobre a mesa jazia inerte e largada. Serenei minhas ideias e lhe dirigi uma pergunta abrupta e barulhenta.

— Será que você responde a uma pergunta direta? — perguntei. Ele se mexeu um pouco, suas pálpebras abrindo-se ligeiramente.

— Não respondo — replicou ele.

Vi que esta resposta estava de acordo com a arguta sugestão de Joe. Fiquei sentado pensando por um momento até ter pensado o mesmo pensamento pelo avesso.

— Será que você se recusa a responder a uma pergunta direta? — perguntei.

— Não me recuso — respondeu ele.

Esta resposta me agradou. Ela significava que minha mente tinha afrontado a dele, que agora eu estava quase discutindo com ele e que estávamos procedendo como dois seres humanos normais. Eu não entendia todas as coisas terríveis que tinham me acontecido, mas agora comecei a achar que devia estar enganado sobre elas.

— Muito bem — disse eu serenamente: — Por que é que sempre responde “Não”?

Ele se mexeu perceptivelmente em sua cadeira e encheu a xícara de chá novamente antes de falar. Parecia estar com alguma dificuldade em encontrar as palavras.

— “Não” é, falando de uma maneira geral, uma resposta melhor que “Sim” — disse ele afinal. Parecia falar com avidez, suas palavras saindo como se tivessem ficado aprisionadas em sua boca por centenas de anos. Parecia aliviado por eu ter encontrado uma forma de fazê-lo falar. Achei que até sorrii ligeiramente para mim, mas isso era sem dúvida um embuste da claridade da manhã feia ou uma travessura armada pelas sombras do lampião. Ele sorveu um longo gole de chá e ficou sentado na expectativa, me olhando com seus olhos esquisitos. Agora eles estavam brilhantes e ativos e se moviam de um lado para o outro agitadamente em suas órbitas amarelas e enrugadas.

— Você se recusaria a me explicar por que diz isso? — perguntei.

— Não — disse ele. — Quando eu era rapaz levei uma vida inadequada e devotei a maior parte do meu tempo a excessos de um tipo ou de outro, minha principal fraqueza sendo a Número Um. Também fui partidário da formação de um conluio do adubo artificial.

Minha mente voltou imediatamente a John Divney, à fazenda e à taberna, e dali em diante até a tarde terrível que passamos na úmida estrada deserta. Como se para interromper os meus tristes pensamentos, ouvi a voz de Joe novamente, desta vez severa:

Não precisa perguntar a ele o que é Número Um, não queremos trágicas descrições de vícios ou de absolutamente nada nesta linha. Use a sua imaginação. Pergunte-lhe o que tudo isso tem a ver com “Sim” e “Não”.

— O que é que isso tudo tem a ver com “Sim” e “Não”?

— Após algum tempo — disse o velho Mathers me ignorando —, percebi misericordiosamente o erro dos meus atos e o triste destino a que eu chegaria a menos que os corrigisse. Retirei-me do mundo a fim de tentar compreendê-lo e de descobrir por que ele fica mais detestável à medida que os anos se acumulam sobre o corpo de um homem. O que é que você acha que eu descobri ao término das minhas meditações?

Senti-me contente de novo. Agora ele me fazia perguntas.

— O quê?

— Que “Não” é uma palavra melhor do que “Sim” — respondeu ele.

Isto parecia nos deixar na mesma, pensei eu.

Pelo contrário, muito longe disso. Estou começando a concordar com ele. Há um bocado de coisas a serem ditas sobre o “Não” como um Princípio Geral. Pergunte-lhe o que é que ele quer dizer.

— O que é que você quer dizer? — indaguei.

— Quando eu estava meditando — disse o velho Mathers —, tirei de dentro todos os meus pecados e os pus em cima da mesa, por assim dizer. Não preciso lhe dizer que era uma mesona.

Ele pareceu dar um sorriso sarcástico com a sua própria piada. Dei um risinho para encorajá-lo.

— Examinei-os com todo rigor, sopesei-os e estudei-os sob todos os ângulos do compasso. Perguntei a mim mesmo como vim a cometê-los, onde é que eu estava e com quem eu estava quando vim a praticá-los.

Este é um material extremamente saudável, cada palavra um sermão em si mesma. Ouça com a máxima atenção. Peça-lhe que continue.

— Continue — disse eu.

Confesso que senti um estalido dentro de mim bem próximo ao estômago, como se Joe tivesse posto um dedo sobre os lábios e empinado um par de bambas orelhas de sabugo para se certificar de que nenhuma sílaba da sabedoria lhe escaparia. O velho Mathers continuou a falar calmamente.

— Descobri — disse ele — que tudo que você faz é em resposta a um pedido ou sugestão feita a você por alguma outra pessoa, seja dentro ou fora de você. Algumas dessas sugestões são boas e louváveis e algumas delas são indubitavelmente deliciosas. Mas a maioria delas é definitivamente má e são pecados bastante consideráveis enquanto pecados. Você está me entendendo?

— Perfeitamente.

— Eu diria que as más superam as boas de três para uma.

De seis para uma se você me perguntasse.

— Portanto eu decidi dizer “Não” dali por diante a toda sugestão, pedido ou pergunta, seja vinda de dentro ou de fora. Era a única fórmula simples que era confiável e segura. Foi difícil de praticar no início e frequentemente exigiu heroísmo, mas perseverei e quase nunca sucumbi por completo. Já faz muitos anos que não digo “Sim”. Recusei mais pedidos e deneguei mais afirmações do que qualquer homem vivo ou morto. Rejeitei, reneguei, discordei, recusei e neguei num grau que é inacreditável.

Um regime excelente e original. Isso tudo é extremamente interessante e salutar, cada sílaba um sermão em si mesma. Muito, muito saudável.

— Extremamente interessante — disse eu ao velho Mathers.

— O sistema conduz à paz e ao contentamento — disse ele. — As pessoas não se dão ao trabalho de lhe perguntar coisas se sabem que a resposta é invariavelmente a mesma. Pensamentos que não têm chance de vingar não se dão sequer ao trabalho de ocorrer na sua cabeça.

— Você deve achá-lo penoso de certa forma — sugeri. — Se, por exemplo, eu fosse lhe oferecer um copo de uísque...

— Os poucos amigos que eu tenho — respondeu ele — são geralmente bondosos o bastante para formular tais convites de um modo que me permite ser fiel ao meu sistema e também aceitar o uísque. Mais de uma vez me perguntaram se eu recusaria tais coisas.

— E a resposta ainda é NÃO?

— Certamente.

Joe nada disse nesta altura, mas tive a impressão de que esta confissão não fora do seu agrado; ele pareceu ficar inquieto dentro de mim. O velho pareceu ter ficado um tanto nervoso também. Curvou-se sobre sua xícara de chá abstraído como se estivesse ocupado em consumir um sacramento. Então ele bebeu com sua garganta oca, fazendo ruídos vazios.

Um homem santo.

Voltei-me para ele novamente, temendo que seu acesso de loquacidade tivesse passado.

— Onde é que está o cofre preto que estava debaixo do assoalho um instante atrás? — perguntei. Apontei para a abertura no canto. Ele sacudiu a cabeça e não disse nada.

— Você se recusa a me dizer?

— Não.

— Você faz objeção a que eu o pegue?

— Não.

— Então onde é que ele está?

— Como é o seu nome? — ele perguntou subitamente.

Fiquei surpreso com essa pergunta. Ela não tinha nada a ver com a minha própria conversa, mas não percebi sua irrelevância porque fiquei chocado ao perceber que, por simples que fosse, não podia respondê-la. Eu não sabia o meu nome, não me lembrava quem eu era. Não tinha certeza de onde tinha vindo ou de qual era o meu objetivo naquele quarto. Descobri que não tinha certeza de nada salvo da minha busca pelo cofre preto. Mas sabia que o nome do outro homem era Mathers e que ele tinha sido morto com uma bomba e uma pá. Eu não tinha nome.

— Eu não tenho nome — respondi.

— Então como é que eu poderia dizer a você onde o cofre está se você não ia poder assinar um recibo? Isso seria extremamente irregular. Eu poderia igualmente entregá-lo ao vento oeste ou à fumaça de um cachimbo. Como é que você ia poder autenticar um documento bancário importante?

— Sempre posso arrumar um nome — respondi. — Doyle ou Spaldman é um bom nome tanto quanto O'Sweeny, Hardiman e O'Gara. Posso escolher qualquer um. Não estou atado à vida por uma palavra como a maioria das pessoas.

— Não gosto muito de Doyle — disse ele distraidamente.

O nome é Bari. Signor Bari, o eminente tenor. Quinhentas mil pessoas apinharam a enorme piazza quando o grande artista apareceu no balcão de São Pedro em Roma.

Felizmente estas observações não eram audíveis no sentido comum mundano. O velho Mathers estava de olho em mim.

— Qual é a sua cor? — perguntou ele.

- A minha cor?
- Certamente você sabe que tem uma cor?
- As pessoas frequentemente comentam o meu rosto vermelho.
- Não estou falando absolutamente disso.

Acompanhe isto atentamente, isto com certeza é extremamente interessante.

Muito edificante também.

Vi que era preciso interrogar o velho Mathers com cuidado.

— Você se recusa a explicar esta pergunta sobre as cores?

— Não — disse ele. Despejou mais chá em sua xícara.

— Sem dúvida você está ciente de que os ventos têm cores — disse ele.

Achei que ele se acomodava mais descansadamente em sua cadeira e alterava suas feições até elas parecerem um pouco mais afáveis.

— Nunca percebi isso.

— Um registro desta crença pode ser encontrado na literatura de todos os povos antigos.^[4] Existem quatro ventos e oito subventos, cada um com a sua própria cor. O vento do leste é roxo-escuro, o do sul um belo prata brilhante. O vento norte é inteiramente negro, e o leste é âmbar. As pessoas de antigamente tinham o poder de perceber essas cores e podiam passar o dia sentadas tranquilamente numa encosta observando a beleza dos ventos, seu declínio, intensificação e diferentes matizes, a mágica dos ventos vizinhos quando estão entrelaçados como fitas num casamento. Era um passatempo, melhor do que olhar os jornais. Os subventos tinham cores de indescritível delicadeza, um amarelo-avermelhado a meio caminho entre o prata e o roxo, um verde-acinzentado puxando tanto ao preto quanto ao marrom. Que coisa poderia ser mais requintada do que o campo varrido levemente pela chuva fresca avermelhada pela brisa sudoeste!

— E *você* consegue ver essas cores? — perguntei.

— Não.

— Você estava me perguntando qual era a minha cor. Como é que as pessoas adquirem suas cores?

— A cor de uma pessoa — ele respondeu lentamente — é a cor do vento predominante no seu nascimento.

— Qual a sua própria cor?

— Amarelo-claro.

— E qual é o sentido de saber a sua cor ou até mesmo de ter uma cor?

— Por um lado você pode saber a duração da sua vida por ela. O amarelo significa uma vida longa, e quanto mais claro melhor.

Isto é muito edificante, cada sentença um sermão em si mesma. Peça-lhe para explicar.

— Explique, por favor.

— É uma questão de fazer vestezinhas — disse ele informativamente.

— Vestezinhas?

— Sim. Quando eu nasci havia um certo policial presente que tinha o dom de observar o vento. O dom está ficando muito raro hoje em dia. Logo depois que eu nasci ele foi lá fora e examinou a cor do vento que soprava sobre a colina. Ele tinha consigo uma sacola secreta cheia de certos tecidos, frascos e também tinha apetrechos de alfaiate. Ficou lá fora por cerca de dez minutos. Quando entrou novamente tinha uma vestezinha na mão e fez minha mãe colocá-la em mim.

— Onde foi que ele arrumou essa veste? — perguntei surpreso.

— Ele mesmo a fez secretamente no pátio dos fundos, muito provavelmente no estábulo. Era muito fina e leve como uma finíssima musselina de seda. Você não a via de maneira nenhuma se a erguesse contra o céu, mas sob certos ângulos da luz podia às vezes acidentalmente perceber a sua margem. Era a mais pura e perfeita manifestação da película externa do amarelo-claro. Esse amarelo era a cor do meu vento de nascença.

— Entendo — disse eu.

Uma belíssima concepção.

— Toda vez que chegava o meu aniversário — disse o velho Mathers —, eu era presenteado com outra vestezinha da mesma idêntica qualidade, exceto que era vestida por cima da outra e não no lugar dela. Você pode avaliar a extrema delicadeza e refinamento do tecido se eu lhe disser que mesmo aos cinco anos de idade, com cinco dessas vestes juntas em mim, eu ainda parecia estar nu. Era, entretanto, uma espécie incomum de nudez amarela. Claro que não havia qualquer objeção a usar outras roupas sobre a veste. Geralmente eu usava um sobretudo. Mas todo ano ganhava uma nova veste.

— Onde é que você as conseguia? — perguntei.

— Da policia. Elas eram trazidas à minha própria casa até eu estar suficientemente crescido para passar pelo alojamento para buscá-las.

— E como é que isso tudo permite a você prever a duração da sua vida?

— Eu vou explicar. Não importa a cor que você tenha, ela estará representada fielmente na sua veste de nascença. A cada ano e a cada veste, a cor ficará mais escura e mais pronunciada. No meu próprio caso eu adquirira um amarelo carregado e brilhante aos quinze anos, embora a cor fosse tão clara ao nascer que era imperceptível. Agora estou me aproximando dos setenta e a cor é um marrom-claro. A medida que minhas vestes forem chegando nos próximos anos, a cor vai se fechar até o marrom-escuro, depois um castanho-avermelhado e daí finalmente aquele tipo bem escuro de castanho que as pessoas associam geralmente à cerveja preta forte.

— É?

— Em uma palavra, a cor gradualmente escurece de veste em veste e de ano em ano até ficar parecida com o preto. Por fim chegará um dia em que o

acréscimo de mais uma veste vai alcançar de fato a negridão completa e verdadeira. Nesse dia eu morrerei.

Joe e eu nos surpreendemos com aquilo. Refletimos em silêncio, Joe, achei, buscando conciliar o que ouvira com certos princípios que conservava a respeito de moralidade e religião.

— Isso significa — disse eu afinal — que se você pegar um número dessas vestes e vesti-las todas juntas, computando cada uma como um ano de vida, você poderá determinar o ano da sua morte?

— Teoricamente, sim — respondeu ele —, mas há duas dificuldades. Em primeiro lugar, a polícia se recusa a entregar a você as vestes juntas com base em que a determinação geral dos dias da morte seria contrária ao interesse público. Falam de violação da paz e por aí afora. Em segundo lugar, há uma dificuldade com respeito ao espichamento.

— Espichamento?

— Sim. Uma vez que você estará usando quando adulto a veste minúscula que cabia em você quando nasceu, é claro que a veste espichou até ficar possivelmente cem vezes maior do que era originalmente. Naturalmente isto afetará a cor, tornando-a muitas vezes mais tênue do que era. Similarmente, haverá uma espichada proporcional e uma correspondente diminuição na cor em todas as vestes até a fase adulta — talvez vinte ou mais ao todo.

Imagino se podemos presumir que esse acréscimo de vestes terá se tornado opaco com a chegada da puberdade.

Lembrei-lhe que sempre havia um sobretudo.

— Entendo, então — disse eu ao velho Mathers —, que quando você diz que pode saber a duração da vida, por assim dizer, pela cor da sua camisa, você quer dizer que pode saber aproximadamente se terá uma vida longa ou uma vida curta?

— Sim — respondeu ele. — Mas se você usar a sua inteligência poderá fazer um prognóstico bastante acurado. Naturalmente algumas cores são melhores do que outras. Algumas delas, como o roxo ou o marrom, são muito ruins e sempre significam uma morte prematura. O rosa, no entanto, é excelente, e muito há a dizer sobre certas tonalidades do verde e do azul. A predominância de tais cores no nascimento, porém, geralmente conotam um vento que traz mau tempo — trovões e relâmpagos, talvez — e com o tempo poderiam haver dificuldades tais como, por exemplo, para satisfazer uma mulher na cama. Como você sabe, a maioria das boas coisas da vida se associa a certas desvantagens.

Realmente lindíssimo, todas as coisas consideradas.

— Quem são estes policiais? — perguntei.

— Há o sargento Pluck e outro homem chamado MacCruiskeen, e há um terceiro homem chamado Fox, que desapareceu 25 anos atrás e do qual nunca mais se teve notícia. Os dois primeiros estão lá no alojamento e tanto quanto eu

saiba têm estado lá há centenas de anos. Devem estar atuando com uma cor muito tênue, algo que o olho comum não poderia ver em absoluto. Não existe um vento branco, que eu saiba. Todos eles têm o dom de ver os ventos.

Uma ideia brilhante me ocorreu quando ouvi falar desses policiais. Se eles sabiam tantas coisas, não teriam dificuldades em me dizer onde eu encontraria o cofre preto. Comecei a achar que nunca ia ficar satisfeito até ter aquele cofre de volta em minhas mãos. Olhei para o velho Mathers. Ele tornara a cair na sua passividade anterior. A luz se extinguiu em seus olhos e a mão direita pousada sobre a mesa parecia inteiramente morta.

— O alojamento fica longe? — perguntei em voz alta.

— Não.

Decidi ir lá sem demora. Então percebi algo extremamente vulgar. A luz do lampião, que no início estivera reluzindo tristemente apenas no canto do velho, agora ficara mais abundante e amarela e inundava o quarto inteiro. A luz externa da manhã se dissipara até quase sumir. Dei uma olhada pela janela e tive um sobressalto. Entrando no quarto eu observara que a janela dava para o leste e que o sol estava subindo naquela direção, atingindo as nuvens espessas com luz. Agora ele estava se pondo com lampejos finais de um vermelho-pálido exatamente no mesmo lugar. Ele tinha subido um pouco, parado e então, voltado. A noite chegara. Os policiais estariam na cama. Eu tinha certeza de ter caído entre pessoas estranhas. Decidi ir ao alojamento na primeira hora do dia seguinte. Então voltei-me novamente para o velho Mathers.

— Você faria objeção — disse a ele — a que eu subisse e ocupasse uma das suas camas por esta noite? Está tarde demais para ir para casa e eu acho que vai chover de qualquer modo.

— Não — disse ele.

Deixei-o curvado sobre seu aparelho de chá e subi as escadas. Passara a gostar dele e achava uma pena que ele tivesse sido assassinado. Sentia-me aliviado e à vontade e certo de que logo teria o cofre preto. Mas não ia perguntar aos policiais abertamente sobre ele logo de cara. Eu seria astuto. De manhã iria ao alojamento e daria parte do roubo do meu relógio americano de ouro. Talvez tenha sido esta mentira a responsável pelas coisas ruins que me aconteceram depois. Eu não tinha um relógio americano de ouro.

III

Esgueirei-me da casa do velho Mathers nove horas depois, pondo-me a caminho da estrada firme sob os primeiros céus matutinos. O amanhecer estava contagiante, espalhando-se rapidamente pelo firmamento. Pássaros se agitavam e as frondosas e majestosas árvores estavam sendo agradavelmente importunadas pelas primeiras brisas. Meu coração estava feliz e cheio de disposição para grandes aventuras. Eu não sabia o meu nome nem de onde viera, mas o cofre preto estava praticamente em minhas mãos. Os policiais me conduziram até ele. Dez mil libras esterlinas em títulos negociáveis seria uma estimativa modesta do que havia dentro dele. Andando pela estrada eu estava bastante satisfeito com tudo.

A estrada era estreita, clara, antiga, sólida e cortada pelas sombras. Ela corria para oeste em meio à neblina do começo da manhã, atravessando graciosamente pequenas colinas e encontrando certa dificuldade para visitar pequeninas cidades que não estavam, a rigor, no seu caminho. Possivelmente era uma das estradas mais antigas do mundo. Achei difícil conceber uma época em que não houvesse estrada ali porque as árvores, as altas colinas e as belas paisagens de terra pantanosa tinham sido dispostas por mãos sábias pela agradável imagem que produziam quando olhadas da estrada. Sem uma estrada de onde se pudesse olhá-las, elas teriam um aspecto um tanto despropositado quando não inútil.

De Selby tem certas coisas interessantes a dizer sobre o tema estradas.^[5] As estradas ele encara como os mais remotos dos monumentos humanos, ultrapassando em muitas dezenas de séculos o mais antigo objeto de pedra que o homem tenha erigido para assinalar a sua passagem. O passo do tempo, diz ele, uniforme em todas as outras partes, apenas bateu com uma firmeza mais duradoura os caminhos que foram abertos pelo mundo afora. Ele menciona de passagem um artifício utilizado pelos celtas nos tempos antigos — o de “lançar uma estimativa” com base numa estrada. Naqueles tempos os homens experientes podiam dizer com precisão o tamanho de uma hoste que tivesse passado durante a noite estudando os seus rastros com um certo olhar e julgando-os pela sua perfeição e imperfeição, o modo como cada pegada era modificada pela que vinha em seguida. Desta forma podiam determinar o número de homens que tinham passado, se estavam a cavalo ou carregados de escudos e armamentos de ferro, e quantas bigas; assim podiam saber o número de homens que devia ser enviado em seu encalço para destruí-los. Em outra parte,^[6] De Selby assevera que uma boa estrada tem que ter caráter e um certo ar de destino, uma insinuação indefinível de que está indo para algum lugar, seja para leste ou oeste, e não retornando de lá. Se você seguir por tal estrada, acha ele, ela

lhe oferecerá uma viagem agradável, belas vistas em cada curva e uma tranquila facilidade de peregrinação que o convencerá de que está andando permanentemente em declives. Mas se você rumar para leste numa estrada que está seguindo para oeste, ficará admirado com a invariável aridez de cada paisagem e o enorme número de aclives calejantes que o confrontará para fatigá-lo. Caso uma estrada amistosa o leve a entrar numa cidade complicada com um emaranhado de ruas sinuosas e quinhentas outras estradas saindo dela com destinos ignorados, sua própria estrada será sempre discernível por si mesma e o conduzirá para fora da cidade confusa.

Caminhei tranquilamente por uma boa distância nessa estrada, pensando os meus próprios pensamentos com a parte da frente do cérebro e ao mesmo tempo deleitando-me com a parte de trás no intenso e difuso refinamento da manhã. O ar era penetrante, límpido, abundante e intoxicante. Sua pujante presença podia ser percebida em toda parte, avivando o verde garbosamente, conferindo maior dignidade e nitidez às pedras e matacões, continuamente arrumando e rearrumando as nuvens e insuflando vida no mundo. O sol subira ingrememente para fora do seu esconderijo e agora se postava benevolamente na parte inferior do céu, vertendo jorros de luz encantadora e pontadas preliminares de calor.

Alcansei um degrau de pedra junto a uma porteira na entrada de um campo e sentei-me sobre ele para descansar. Não fazia muito que eu estava sentado ali até que fiquei surpreso; ideias espantosas acorriam à minha cabeça, vindas do nada. Primeiro lembrei-me quem eu era — não o meu nome, mas de onde viera e quem eram os meus amigos. Lembrei-me de John Divney, da minha vida com ele e de como viemos a esperar sob as árvores gotejantes na tarde invernal. Isto me levou a refletir admirado que não havia nada de invernal na manhã em que agora eu me sentava. Mais ainda, não havia nada de familiar nos belos campos que se estendiam na distância sob todos os aspectos. Eu agora não estava há mais de dois dias de casa — não mais que a três horas de caminhada — e ainda assim parecia ter alcançado regiões que nunca vira antes e das quais nem sequer ouvira falar. Não conseguia entender isso porque embora minha vida tivesse se passado principalmente entre meus livros e papéis, achava que não havia uma estrada no distrito que não tivesse percorrido, uma estrada cujo destino não me fosse bem conhecido. Havia uma outra coisa. Meus arredores tinham uma estranheza de um tipo peculiar, inteiramente diversa da mera estranheza de uma região onde nunca se esteve antes. Tudo parecia quase agradável demais, perfeito demais, feito primorosamente demais. Cada coisa visível ao olho era inconfundível e inequívoca, incapaz de se fundir com qualquer outra coisa ou de ser confundida com ela. A coloração dos pântanos era linda e o verde dos verdes campos, superno. Havia árvores dispostas aqui e ali com uma consideração fora do normal para com o olho exigente. Os sentidos logravam intenso prazer no meramente respirar o ar e desempenhavam suas funções com deleite. Eu estava

obviamente numa região estranha, mas todas as dúvidas e perplexidades que juncavam minha mente não conseguiam me impedir de me sentir feliz e de coração leve e cheio de apetite para tratar dos meus negócios e encontrar o esconderijo do cofre preto. Seu valioso conteúdo, achava eu, me manteria pelo resto da vida em minha própria casa e depois disso eu poderia revisitar este misterioso distrito em cima da minha bicicleta e investigar à vontade as razões para todas as suas estranhezas. Desci do degrau e prossegui minha caminhada pela estrada. Era um caminhar agradável e confortável. Tive certeza de não estar indo em sentido oposto à estrada. Ela estava, por assim dizer, me acompanhando.

Antes de ir me deitar na noite anterior passara um longo tempo dando tratos à imaginação e também me entregando a conversas internas com minha recém-descoberta alma. Por estranho que pareça, eu não estava pensando sobre o fato desconcertante de estar desfrutando a hospitalidade do homem que eu assassinara (ou a quem estava certo de ter assassinado) com a minha pá. Estava refletindo sobre meu nome e o quão torturante era tê-lo esquecido. Todo mundo tem um nome de um modo ou de outro. Alguns são rótulos arbitrários relacionados com o aspecto da pessoa, alguns representam associações puramente genealógicas, mas a maioria deles fornece alguma pista quanto aos pais da pessoa chamada e confere uma certa vantagem na autenticação de documentos legais.^[7] Até um cachorro tem um nome que o diferencia dos outros cachorros, e de fato minha própria alma, a quem ninguém jamais viu na estrada ou diante do balcão de uma taberna, aparentemente não tinha qualquer dificuldade em assumir um nome que a distingua das almas das outras pessoas.

Uma coisa nada fácil de explicar é a tranquilidade com que eu ponderava minhas várias perplexidades em minha mente. Um absoluto anonimato surgido subitamente no meio da vida deveria ser no mínimo alarmante, um agudo sintoma de que a mente está em decadência. Mas a inexplicável satisfação que eu extraía dos meus arredores parecia revestir essa situação meramente com a curiosidade de uma boa piada. Mesmo agora, seguindo pelo caminho contentemente, eu pressentia uma solene pergunta sobre esse assunto vinda de dentro, similar a muitas que tinham sido formuladas na noite anterior. Era uma indagação escarnekedora. Despreocupadamente dei uma lista de nomes que, ao que eu soubesse, *poderia* ouvir:

Hugh Murray.

Constantin Petrie.

Peter Small.

Signor Beniamino Bari.

O Honorável Alex O'Brannigan, Baronete.

Kurt Freund.

Sr. John P. de Sallis, M.A.

Dr. Solway Garr.

Bonaparte Gosworth.

Legs O'Hagan.

Signor *Beniamino Bari*, disse Joe, *o eminente tenor. Três investidas a golpes de cacete do lado de fora do La Scala na première do grande tenor. Cenas extraordinárias foram testemunhadas no lado de fora do Teatro Lírico La Scala quando uma multidão de uns dez mil aficionados, enfurecida pela declaração do administrador de que não havia mais lugares em pé disponíveis, tentou arremeter contra as barreiras. Milhares foram feridos, e 79 fatalmente, no selvagem entrevero. O guarda Peter Coutts sofreu ferimentos na virilha dos quais provavelmente não se recuperará. Estas cenas foram comparáveis apenas ao delírio da elegante plateia lá dentro depois que o Signor Bari encerrou seu recital. O grande tenor estava com a voz admirável. Começando com uma fase no timbre mais baixo, com uma riqueza rouquenha que parecia sugerir um resfriado, ele emitiu os acordes imortais de Che Gelida Manina, ária favorita do adorado Caruso. Empolgando-se em sua incumbência divina, nota após nota foi-se vertendo até o canto mais remoto do vasto teatro, eletrizando a todos no âmago mais profundo. Quando ele atingiu o dó maior onde o céu e a terra parecem unir-se em um imponente clímax de exaltação, a plateia se pôs de pé e o aclamou a uma só voz, cumulando de chapéus, programas e caixas de chocolate o grande artista.*

Muito obrigado, murmurei, sorrindo em arrebatado deleite.

Um pouco exagerado, talvez, mas é apenas uma pequena mostra das pretensões e vaidade a que você intimamente se permite.

Mesmo?

Ou que tal dr. Solway Garr? A duquesa desmaiou. Há um médico na plateia? A mirrada figura, os dedos magros e nervosos, cabelos grisalhos, abrindo caminho discretamente através dos pálidos e nervosos circunstantes. Algumas ordens rápidas, ditas calmamente mas imperiosas. Dentro de cinco minutos a situação está inteiramente sob controle. Pálida mas sorridente, a duquesa murmura seus agradecimentos. O diagnóstico experto evitou ainda outra tragédia. Um dentinho postiço foi extraído do tórax. Todos os corações se enchem de emoção pelo discreto servidor da humanidade. Sua Graça, convocado tarde demais para assistir senão ao final feliz, está abrindo seu talão de cheques e lá anotou mil guinéus no canhoto como uma pequena mostra do seu apreço. Seu cheque é aceito, mas rasgado em mil pedacinhos pelo sorridente médico. Uma dama de azul no fundo do hall começa a entoar A Paz Esteja Convosco, e o cântico, crescendo em volume e sinceridade, sai ressoando pela noite silenciosa, deixando poucos olhos secos e corações não repletos de fervor antes de as últimas notas se extingüirem. O dr. Garr apenas sorri, meneando a cabeça em protesto.

Acho que isso já é bastante, disse eu.

Continuei andando sem me perturbar. O sol amadurecia rapidamente no oriente e um forte calor começara a se espalhar pelo solo como uma mágica influência, tornando tudo, inclusive eu próprio, muito bonito e feliz de uma forma lânguida e letárgica. Os canteirinhos de grama macia em vários pontos à beira da estrada e as valas secas e aconchegantes começaram a parecer sedutores e convidativos. A estrada estava sendo lentamente crestada e ficando cada vez mais dura, tornando meu caminhar mais e mais fatigante. Após um pouco concluí que agora devia estar próximo ao alojamento da polícia e que outro descanso me prepararia melhor para a tarefa que tinha em mãos. Parei de caminhar e estirei o corpo calmamente no aconchego da vala. O dia estava novo em folha e a vala era fofa. Fiquei deitado de costas prodigamente, atordoado pelo sol. Sentia milhões de pequenas modificações em minha narina, cheiros de feno, cheiros de grama, odores de flores distantes, a reconfortante inconfundibilidade da intransitória terra sob a minha cabeça. Era um dia novo e luminoso, o dia do mundo. Pássaros cantavam ilimitadamente e abelhas incomparáveis de cores listradas passavam acima de mim em suas missões e quase nunca voltavam para casa pelo mesmo caminho. Meus olhos estavam cerrados e minha cabeça zumbia com a rotação do universo. Não fazia muito que eu estava deitado ali até que meus sentidos me abandonaram e caí num sono profundo. Dormi ali por um longo tempo, tão imóvel e tão privado de sensações quanto a minha própria sombra que dormia atrás de mim.

Quando despertei novamente, o dia avançara e havia um homenzinho sentado ao meu lado me observando. Ele era matreiro e fumava um cachimbo matreiro e sua mão era trêmula. Seus olhos eram matreiros também, provavelmente de espreitar policiais. Eram olhos bastante incomuns. Não havia nenhuma divergência palpável no seu alinhamento, mas pareciam incapazes de lançar um olhar direto para qualquer coisa que estivesse em linha reta, fosse ou não porque sua curiosa incompatibilidade era adequada para olhar para coisas tortas. Eu sabia que ele estava me observando apenas pelo modo como sua cabeça estava virada; me era impossível olhar direto nos olhos dele ou provocá-los. Ele era baixo e estava pobremente vestido e em sua cabeça havia um boné de pano salmão-claro. Mantinha a cabeça na minha direção sem falar e achei sua presença inquietante. Imaginei há quanto tempo ele estava me observando antes de eu despertar.

Fique de olhos bem abertos. Um sujeito com cara de muito ardiloso.

Meti a mão dentro do bolso para ver se minha carteira estava lá. Estava, macia e quente como a mão de um bom amigo. Quando constatei que não tinha sido roubado, decidi conversar com ele de forma afável e cortês, saber quem ele era e pedir-lhe que me indicasse a direção da delegacia. Tomei a decisão de não desprezar o auxílio de ninguém que pudesse me ajudar, mesmo que em menor

medida, a encontrar o cofre preto. Dei-lhe as horas e, tanto quanto me foi possível, um olhar tão intrincado quanto qualquer um que ele próprio pudesse dar.

— Boa sorte para você — disse eu.

— Muita saúde para você — ele respondeu sombriamente.

Pergunte-lhe seu nome e ocupação e indague qual é o seu destino.

— Não quero ser indiscreto — disse eu —, mas seria correto dizer que você é um caçador de passarinhos?

— Não sou caçador de passarinhos — respondeu ele.

— Um faz-tudo?

— Também não.

— Um homem em viagem?

— Não, também não.

— Um tocador de rabeça?

— Tampouco isso.

Sorri para ele com bem-humorada perplexidade e disse:

— Homem de olhar matreiro, você é difícil de situar e não o fácil adivinhar a sua ocupação. Você parece muito contente por um lado, mas então não parece estar satisfeito. Qual é a sua objeção com relação à vida?

Ele soltou pequenas baforadas de fumaça na minha direção e me olhou atentamente por detrás dos tufos de cabelo que cresciam em torno de seus olhos.

— Sobre a vida? — respondeu ele. — Eu passaria melhor sem ela — disse ele —, pois é de pouquíssima serventia. Você não pode comê-la nem bebê-la nem fumá-la no seu cachimbo, ela não o protege da chuva e é uma triste companhia no escuro se você a despir e a levar para a cama com você após uma noite de cerveja preta quando você está tremendo de desejo. Ela é um grande engano e algo que é melhor passar sem, como pinicos ou toicinho importado.

— Que bela maneira de se falar num dia lindo e cheio de vida como este — censurei —, quando o sol está exuberante no céu e irradiando tamanhas ondas em nossos ossos fatigados.

— Ou como colchões de plumas — continuou ele — ou pão fabricado em possantes máquinas a vapor. É da vida que você fala? Vida?

Explique a dificuldade da vida ainda assim enfatizando sua essencial beleza e atrativo.

Que beleza?

Flores na primavera, a glória e a plenitude da vida humana, o canto dos pássaros ao entardecer você sabe muito bem o que eu quero dizer. Não estou tão certo acerca da beleza mesmo assim.

— É difícil concebê-la exatamente — eu disse ao homem matreiro — ou definir a vida, mas se você identifica a vida com o prazer, pelo que sei ela é de melhor qualidade nas cidades que nas regiões do campo e dizem que é de qualidade muito superior em certas regiões da França. Você já observou como os gatos têm um bocado dela dentro deles quando estão bem jovens?

Ele estava olhando atravessado na minha direção.

— É da vida? Mais de um homem já passou um século tentando entender a importância dela e quando finalmente a entendeu e considera o padrão descoberto em sua cabeça, com os diabos — ele a leva para a cama e morre! Morre como um cão pastor envenenado. Não existe nada mais perigoso, você não pode fumá-la, ninguém lhe dará um tostão furado por metade dela e ela o mata no final das contas. É uma geringonça suspeita, perigosíssima, uma armadilha mortal infalível. Vida?

Ele ficou ali sentado parecendo bastante irritado consigo mesmo e passou algum tempo sem falar por detrás de um paredinha cinzenta que erguera para si próprio utilizando o seu cachimbo. Após um intervalo fez outra tentativa para descobrir qual era a atividade dele.

— Ou um homem em busca de coelhos? — perguntei.

— Também não. Também não.

— Um itinerante que trabalha por salário?

— Não.

— É operador de uma debulhadora a vapor?

— Certamente que não.

— Artigos de estanho?

— Não.

— Um funcionário municipal?

— Não.

— Um inspetor da rede de abastecimento de água?

— Não.

— Tem pilulas para cavalos doentes?

— Nada de pilulas.

— Então, por Deus — observei perplexamente —, seu ofício é muito incomum e não consigo absolutamente imaginar o que seja, a não ser que você seja um fazendeiro como eu mesmo, ou um ajudante de taverneiro ou possivelmente algo no comércio de secos. Você é um ator ou um palhaço?

— Tampouco isso.

Ele se aprumou de repente e me olhou de uma forma que era quase direta, seu cachimbo se projetando agressivamente de suas mandíbulas cerradas. Tinha enchido o mundo de fumaça. Eu estava inquieto, mas sem o menor medo dele. Se eu tivesse a minha pá comigo sabia que num instante daria cabo dele. Achei que a coisa mais sensata a fazer era satisfazê-lo e concordar com tudo o que ele dissesse.

— Sou um salteador — disse ele numa voz tenebrosa —, um salteador com uma faca e um braço que é tão forte quanto uma peça de uma possante máquina a vapor.

— Um saltador? — exclamei. Meus pressentimentos tinham se confirmado.

Vá com calma. Não se arrisque.

— Tão forte quanto os aparelhos reluzentes que se movem numa lavanderia. Um assassino sinistro também. Toda vez que eu roubo um homem eu acabo com a vida dele porque não tenho nenhuma consideração pela vida, nem um pouco. Se eu matar bastantes homens vai restar mais vida para os outros e talvez então eu possa viver até fazer mil anos e me livrar dos estertores na minha garganta quando completar setenta. Você está com uma bolsa de dinheiro?

Alegue pobreza e miséria. Peça algum dinheiro emprestado.

Isto não vai ser difícil, respondi.

— Não tenho dinheiro nenhum, nem moedas, nem soberanos nem ordens de pagamento — respondi —, nenhuma cautela de penhores, nada que seja negociável ou de qualquer valor. Sou um homem tão pobre quanto você e estava pensando em lhe pedir dois xelins para me ajudar na viagem.

Agora eu estava mais nervoso do que antes sentado ali olhando para ele. Ele guardara seu cachimbo e sacara um longo facão de fazendeiro. Olhava a lâmina dele e produzia reflexos com ela.

— Mesmo se você não tem dinheiro — troçou ele —, vou acabar com a sua vidinha.

— Espere um pouco, deixe eu dizer uma coisa — retruquei num tom firme —, roubo e assassinato são contra a lei e além do mais a minha vida acrescentaria muito pouco à sua própria porque sofro de um problema no peito e tenho certeza de que vou estar morto dentro de seis meses. Fora isso, havia alguma coisa sobre um enterro misterioso na minha xícara de chá na terça-feira. Espere até ouvir um tossido.

Forcei um tremendo tossido seco entrecortado. Ele se propagou como uma brisa pela grama ao nosso lado. Agora eu estava achando que poderia ser prudente ficar de pé num pulo rapidamente e sair correndo. Pelo menos seria uma solução simples.

— Há outra coisa a meu respeito — acrescentei —, uma parte minha é de madeira e não há nenhuma vida nela.

O homem matreiro soltou estridentes exclamações de surpresa, se pôs de pé num pulo e me lançou olhares que eram matreiros demais para se descrever. Sorri para ele e arregacei a perna esquerda da minha calça para mostrar-lhe a minha canela de pau. Ele a examinou atentamente e passou seu dedo áspero pela borda dela. Então sentou-se bem depressa, guardou sua faca e tirou seu cachimbo de novo. Este estivera queimando o tempo todo dentro do seu bolso, pois ele começou a fumá-lo imediatamente a seguir e após um minuto tinha feito tanta fumaça azulada, e cinzenta, que pensei que suas roupas tinham pegado

fogo. Através da fumaça pude ver que ele lançava olhares amistosos na minha direção. Após alguns instantes, ele falou comigo num tom cordial e suave.

— Eu não lhe faria mal, homenzinho — disse ele.

— Acho que peguei a doença em Mullingar — expliquei. Sabia que tinha ganho a confiança dele e que o perigo de violência agora passara. Então ele fez algo que me pegou desprevenido. Arregaçou sua própria calça esfarrapada e me mostrou sua própria perna esquerda. Era lisa, bem torneada e bem grossa, mas era de madeira também.

— Que coincidência engraçada — disse eu. Agora eu percebia o motivo da sua súbita mudança de atitude.

— Você é um homem amável — ele respondeu — e eu não, encostaria um dedo em você pessoalmente. Sou o capitão de todos os homens pernetas do país. Conhecia todos eles até agora exceto um — você mesmo — e esse agora também é meu amigo do mesmo jeito. Se algum homem olhar você atravessado, eu estripo ele.

— Isto é muito amável da sua parte — disse eu.

— Onde quer que seja — disse ele, fazendo um amplo gesto com as mãos. — Se algum dia se meter em apuros, mande me chamar e eu o salvarei da mulher.

— Não tenho o menor interesse em mulheres — eu disse sorrindo. — Uma rabeça é algo mais divertido.

— Não importa. Se a sua dificuldade for um exército ou um cachorro, eu virei com todos os homens pernetas e os estriparei. Meu nome verdadeiro é Martin Finnucane.

— É um nome razoável — aquiesci.

— Martin Finnucane — ele repetiu, ouvindo a sua própria voz como se estivesse ouvindo a música mais melodiosa do mundo. Ele se deitou de costas e se encheu até as orelhas de fumaça escura e quando estava quase explodindo tornou a soltá-la e se escondeu dentro dela.

— Diga-me uma coisa — disse ele afinal. — Você tem um *desideratum*?

Esta pergunta esquisita foi inesperada, mas a respondi bem depressa. Eu disse que tinha.

— Que *desideratum*?

— Encontrar o que estou procurando.

— Este é um *desideratum* interessante — disse Martin Finnucane. — De que modo você o levará a efeito ou amadurecerá seus *mutandum* fazendo com que chegue finalmente a uma factibilidade admissível?

— Visitando o alojamento da polícia — disse eu — e pedindo aos policiais que me indiquem o caminho de onde ele está. Por acaso você poderia me orientar sobre como chegar ao alojamento de onde estamos agora?

— Por acaso sim — disse o sr. Finnucane. — Você tem um *ultimatum*?

— Tenho um *ultimatum* secreto — respondi.

— Estou certo de que é um excelente *ultimatum* — disse ele —, mas não vou lhe pedir que o declare para mim se você acha que é secreto.

Ele fumara todo o seu tabaco e agora estava fumando o próprio cachimbo, a julgar pelo cheiro desagradável deste. Enfiou a mão dentro de um bolso no meio das pernas e tirou uma coisa redonda.

— Aqui está um soberano para lhe dar sorte — disse ele —, uma lembrança dourada do seu destino dourado.

Disse-lhe, por assim dizer, meu obrigado dourado, mas percebi que a moeda que ele me dera era um reluzente centavo. Guardei-a cuidadosamente dentro do bolso como se ela fosse extremamente estimada e muito valiosa. Eu estava satisfeito pela maneira como tinha lidado com este excêntrico companheiro da perna de pau de fala esquisita. Próximo ao lado oposto da estrada havia um riacho. Me levantei e olhei-o observando a água clara. Ela fazia acrobacias na cama elástica de pedras e saltava no ar e sumia excitada apressadamente numa curva.

— O alojamento é nesta mesma estrada — disse Martin Finnucane — e eu o deixei para trás a cerca de um quilômetro de distância hoje pela manhã. Você o encontrará no ponto onde o rio se afasta da estrada. Se você olhar agora vai ver as trutas gordas em suas peles castanhas voltando do alojamento a esta hora porque elas vão lá toda manhã para o ótimo desjejum que costumam fazer com os despejos e as sobras dos dois policiais. Mas eles fazem suas jantas mais adiante pelo outro caminho onde um homem chamado MacFeeterson tem uma padaria num povoado de casas que dão de fundos para a água. Três carroças de pão ele tem e uma carruagem leve para o alto das montanhas e vai regularmente a Kilkishkeam nas segundas e quartas.

— Martin Finnucane — disse eu —, tenho mil e uma preocupações com que me ocupar até o meu destino, e quanto mais cedo melhor.

Ele me lançou olhares amistosos de dentro da vala enfumaçada.

— Homem simpático — disse ele —, boa sorte para a sua sorte e não se meta em perigo sem me dar conhecimento.

Eu disse “Até logo, até logo” e o deixei após um aperto de mão. Olhei para trás mais à frente na estrada e não vi nada a não ser a beirada da vala com a fumaça saindo de dentro como se houvesse ciganos ali no fundo cozinhando seu o-que-tiver. Antes de sumir de vista olhei para trás novamente e vi a silhueta da sua cabeça familiar me observando e perscrutando atentamente a minha partida. Ele era divertido e interessante e tinha me ajudado indicando a direção do alojamento e me dizendo a que distância ficava. E prosseguindo no meu caminho me sentia um tanto contente por tê-lo conhecido.

Um sujeito cômico.

IV

De todas as muitas surpreendentes afirmações feitas por De Selby, não creio que qualquer delas possa rivalizar com sua asserção de que “uma viagem é uma alucinação”. A frase pode ser encontrada no *Álbum do campo*^[8] lado a lado com o famoso tratado sobre os “trajes-tenda”, aquelas espalhafatosas vestimentas de lona que ele concebeu como um substituto tanto para as detestadas casas como para as roupas comuns. Sua teoria, tanto quanto eu possa entendê-la, parece desprezar o testemunho da experiência humana e está em desacordo com tudo o que eu próprio aprendi em numerosas jornadas pelo campo. A experiência humana De Selby definiu como “uma sucessão de experiências estáticas cada uma infinitamente breve”, um conceito a que ele supostamente chegou examinando algumas antigas películas cinematográficas que pertenciam provavelmente ao seu sobrinho.^[9] A partir desta premissa ele descrê a realidade ou verdade de qualquer progressão ou sucessividade na vida, nega que o tempo possa passar como tal no sentido aceito e atribui a alucinações a comumente experimentada sensação de progressão ao, por exemplo, se viajar de um lugar para o outro ou mesmo “viver”. Se uma pessoa está parada em A, explica ele, e deseja ir parar num lugar distante B, a pessoa só pode fazê-lo parando por intervalos infinitamente breves em inúmeros lugares intermediários. Desse modo não há nenhuma diferença essencialmente entre o que ocorre quando a pessoa está parada em A antes do início da “viagem” e o que ocorre quando a pessoa está “a caminho”, ou seja, parada em um ou outro dos lugares intermediários. Ele trata desses “lugares intermediários” numa extensa nota de pé de página. Eles não devem, adverte-nos, ser entendidos como pontos arbitrariamente estabelecidos no eixo A-B com tantos centímetros ou metros de distância entre si. Devem sim ser considerados pontos infinitamente próximos uns dos outros, embora suficientemente distantes para admitir a inserção entre si de uma série de outros lugares “inter-intermediários”, no meio de cada um dos quais deve-se imaginar uma cadeia de outros lugares de parada — não, é claro, estritamente adjacentes, mas dispostos de forma a admitir a aplicação deste princípio indefinidamente. A ilusão da progressão ele atribui à incapacidade do cérebro humano — “no presente estágio de desenvolvimento” — em perceber a realidade destas “pausas” separadas, preferindo agrupar muitos milhões delas simultaneamente e chamar o resultado de movimento, um processo inteiramente indefensável e impossível já que mesmo duas posições separadas não podem ser obtidas a um só tempo pelo mesmo corpo. Assim, o movimento também é uma ilusão. Ele menciona que quase toda fotografia é prova conclusiva de seus preceitos.

Independente da solidez das teorias de De Selby, há ampla evidência de que eram sinceramente sustentadas e de que diversas tentativas foram feitas para pô-las em prática. Durante sua estada na Inglaterra, aconteceu numa ocasião de ele estar vivendo em Bath e ter necessidade de ir dali para Folkestone devido a negócios prementes.^[10] Seu método para fazê-lo não foi em nada convencional. Em vez de ir à estação ferroviária e se informar sobre os trens, ele se fechou dentro de um quarto em sua residência com um estoque de cartões-postais ilustrados das áreas que seriam percorridas em tal viagem, juntamente com uma complexa combinação de relógios e instrumentos barométricos e um dispositivo para regular a luz do gás em conformidade com a mudança da luz do dia lá fora. O que ocorreu dentro do quarto ou como precisamente os relógios e outros instrumentos foram manipulados nunca se saberá. Parece que ele emergiu após um lapso de sete horas convencido de que estava em Folkestone e possivelmente de que tinha desenvolvido uma fórmula para os viajantes que seria extremamente desagradável para as companhias de transporte ferroviário e de navegação. Não há qualquer registro da medida do seu desapontamento quando ele deu consigo ainda nos arredores familiares de Bath, mas uma autoridade^[11] narra que ele alegou sem pestanejar ter ido a Folkestone e voltado novamente. Faz-se referência a um homem (anônimo) que declarou ter realmente visto o sábio saindo de um banco de Folkestone na data pertinente.

Como a maioria das teorias de De Selby, o resultado final é inconclusivo. É um curioso enigma que tão ilustre intelecto questionasse as realidades mais óbvias e contestasse inclusive coisas cientificamente comprovadas (tais como a sucessão do dia e da noite) conquanto acreditando piamente em suas próprias e fantásticas interpretações dos mesmos fenômenos.

Da minha própria viagem aos alojamentos da polícia só lenho a dizer que não foi uma alucinação. O calor do sol banhava incontrovertidamente cada centímetro meu, a dureza da estrada era intransigível e o campo mudava lenta mas seguramente à medida que eu avançava por ele. A esquerda havia o terreno pantanoso marrom marcado com cortes escuros e coberto de moitas desiguais de hera, faixas brancas de matacão e aqui e ali uma casa distante meio oculta por um conjunto de árvores baixas. Bem além havia outra região abrigada pela névoa, violácea e misteriosa. O lado direito era um campo mais verdejante, com o riacho turbulento acompanhando a estrada a uma distância respeitosa, e do outro lado dela colinas de pasto pedregoso se estendendo na distância em ondulações. Minúsculas ovelhas eram distinguíveis no horizonte distante e veredas sinuosas corriam de um lado para o outro. Não havia sinal que fosse de vida humana. Era ainda cedo de manhã, talvez. Se eu não tivesse perdido meu relógio americano de ouro poderia saber a hora.

Você não tem nenhum relógio americano de ouro.

Algo estranho me aconteceu então subitamente. A estrada à minha frente virava suavemente para a esquerda e à medida que me aproximava da curva meu coração começou a se portar com irregularidade e uma indescritível excitação se apossou de mim por completo. Não havia nada à vista e nenhuma mudança de qualquer espécie ocorrera no cenário que justificasse o que estava ocorrendo dentro de mim. Continuei caminhando com os olhos arregalados.

Quando dobrei a curva da estrada, um extraordinário espetáculo me foi apresentado. A cerca de cem metros de distância no lado esquerdo havia uma casa que me aturdiu. Parecia como se tivesse sido pintada como um anúncio num cartaz à beira da estrada e por sinal muito mal pintada. Parecia completamente falsa e inconvincente. Não aparentava ter qualquer profundidade ou largura e aparentemente não iludiria uma criança. Isto não era por si mesmo suficiente para me surpreender, pois já tinha visto pinturas e anúncios à beira de estrada antes. O que me desconcertou foi a certeza, profundamente enraizada em minha mente, de que esta era a casa que eu buscava e de que havia gente dentro dela. Não tive a menor sombra de dúvida de que era o alojamento da polícia. Jamais vira com os meus olhos em toda minha vida nada de tão sobrenatural e estarrecedor e meu olhar hesitou diante da coisa confusamente como se pelo menos uma das dimensões costumeiras estivesse faltando, tornando sem sentido as restantes. O aspecto da casa era a maior surpresa com que me deparara desde que vira o velho na cadeira, e fiquei com medo dela.

Continuei andando, mas caminhei mais devagar. À medida que me aproximava, a casa parecia mudar de aparência. No início ela nada fez para se reconciliar com o formato de uma casa comum, mas ficou indefinida no contorno como um objeto vislumbrado sob água agitada. Então ficou nítida novamente e vi que ela começou a adquirir alguma parte dos fundos, algum pequeno espaço para aposentos por detrás da fachada. Deduzi isso do fato de que me pareceu ver a frente e os fundos da “construção” simultaneamente da minha posição ao me aproximar do que deveria ser o lado. Como não havia nenhum lado que eu pudesse ver, achei que a casa devia ser triangular com seu ápice apontando na minha direção, mas quando estava a apenas quinze metros de distância vi uma janelinha aparentemente de frente para mim e deduzi disso que devia haver *algum* lado para ela. Então dei comigo quase à sombra da estrutura, de garganta seca e temeroso pelo espanto e a ansiedade. Ela parecia bastante comum de perto exceto por ser muito branca e quieta. Era imponente e assustadora; a manhã inteira e o mundo inteiro pareciam não ter absolutamente qualquer propósito a não ser emoldurá-la e dar-lhe alguma magnitude e posição de forma a que eu pudesse achá-la com meus simples sentidos e fingir para mim mesmo que a entendia. Um emblema da força policial acima da porta me indicou que era uma delegacia de polícia. Eu jamais vira uma delegacia de polícia como esta.

Não sei dizer por que não parei para pensar ou por que meu nervosismo não me fez parar e sentar frouxamente à beira da estrada. Em vez disso andei diretamente para a porta e olhei para dentro. Vi, em pé de costas para mim, um enorme policial. Sua aparência de costas era incomum. Ele estava parado atrás de um balcãozinho numa sala de plantão caiada e bem arrumada; sua boca estava aberta e ele se olhava num espelho pendurado na parede. De novo, me é difícil explicar a razão exata pela qual meus olhos acharam as formas dele sem precedentes e pouco familiares. Ele era muito grande e gordo e o cabelo que serpenteava abundantemente pela nuca do seu pescoço avantajado era cor-de-palha claro; tudo isso era surpreendente, mas não inédito. Meu olhar passeou pelas enormes costas dele, os braços grossos e as pernas enfiadas no grosseiro uniforme azul. Por mais comum que cada parte sua parecesse em si própria, todas elas pareciam criar em conjunto, por alguma indetectável discrepância na associação ou proporção, uma impressão bastante inquietante de sobrenaturalidade, chegando quase ao horrível e ao monstruoso. Suas mãos eram rubras, inchadas e imensas, e ele parecia estar com uma delas quase toda enfiada dentro da boca enquanto se olhava no espelho.

— São os meus dentes — ouvi-o dizer, distraidamente e à meia-voz. Sua voz era grossa e ligeiramente abafada, me fazendo lembrar uma espessa colcha de inverno. Devo ter feito algum ruído à porta ou possivelmente ele vira meu reflexo no espelho, pois virou-se lentamente, mudando de posição com descansada e grave majestade, seus dedos ainda cutucando os dentes; e enquanto se virava ouvi-o murmurando consigo mesmo:

— Quase toda doença vem dos dentes.

Seu rosto me proporcionou mais uma surpresa. Era imensamente gordo, vermelho e largo, assentado solidamente no colarinho da sua túnica com uma imponência deselegante que me lembrou um saco de farinha. A metade inferior do mesmo estava oculta por um bigode intensamente ruivo que se projetava da pele bem longe no ar como as antenas de algum animal raro. Suas bochechas eram vermelhas e rechonchudas e seus olhos eram quase invisíveis, ocultos na parte de cima pelo obstáculo das suas sobrancelhas entufadas e na de baixo pelas gordas pregas da sua pele. Ele passou pesadamente para o lado de dentro do balcão e eu me adiantei timidamente da porta até que ficamos cara a cara.

— É sobre uma bicicleta? — perguntou ele.

Sua expressão quando deparei com ela foi inesperadamente tranquilizadora. O rosto dele era grosseiro e em nada atraente, mas ele transformara e reunira suas várias feições desagradáveis por algum recurso habilidoso de modo a me expressarem boa índole, polidez e paciência infinita. Na testeira do seu quepe pontudo de serviço havia um distintivo de aspecto pomposo e sobre ele em letras douradas a palavra SARGENTO. Era o sargento Pluckem pessoa.

— Não — respondi, estendendo a mão para a frente para me apoiar com ela no balcão. O sargento me olhou incredulamente.

— Tem certeza? — perguntou.

— Com certeza.

— Não é sobre uma motocicleta?

— Não.

— Uma com válvulas no cabeçote e um dínamo para o farol? Ou com guidom de corrida?

— Não.

— Nesta circunstancial eventualidade não pode se tratar em absoluto de uma bicicleta motorizada — disse ele. Pareceu surpreso e intrigado e se inclinou de lado na banca, apoiado no cotovelo esquerdo, pondo os nós dos dedos da mão direita entre os dentes amarelados e levantando três enormes rugas de perplexidade na testa. Fiquei certo agora de que ele era um simplório e que eu não teria a menor dificuldade em lidar com ele exatamente como pretendia e descobrir através dele o que acontecera com o cofre preto. Não entendi exatamente a razão de suas perguntas sobre bicicletas, mas resolvi responder tudo cautelosamente, aguardar o melhor momento e ser esperto em todos os meus assuntos com ele. Ele se afastou distraidamente, retornou e me passou uma pilha de papéis de cores diferentes parecidos com formulários de requisição para licenças de touros e licenças de cães e similares.

— Não faria mal que você preenchesse estes formulários — disse ele. — Me diz uma coisa — continuou —, seria verdade que você é um dentista itinerante e que chegou num triciclo?

— Não seria — respondi.

— Numa tandem patenteadas?

— Não.

— Os dentistas são uma classe imprevisível — disse ele. — Você está querendo me dizer que foi num velocípede ou num biciclo?

— Não estou não — eu disse calmamente. Ele me lançou um longo olhar inquisitivo como se para averiguar se eu estava ou não falando a sério, novamente franzindo o sobrolho.

— Então talvez você não seja absolutamente um dentista — disse ele —, mas apenas um homem atrás de uma licença de cachorro ou documentos para um touro?

— Eu não falei que era dentista — eu disse bruscamente — e não falei nada sobre um touro.

O sargento me olhou incredulamente.

— Isto é muitíssimo curioso — disse ele —, algo extremamente intrigante, um mistério extraordinário.

Ele se sentou próximo ao fogo de turfa e começou a mascar os nós dos dedos e a me lançar olhares penetrantes por debaixo de suas espessas sobrancelhas. Se eu tivesse chifres em cima da cabeça ou um rabo atrás de mim, ele não poderia ter me olhado com mais interesse. Eu não estava disposto a dar qualquer direcionamento à conversa e houve um silêncio completo por cinco minutos. Então a expressão dele se suavizou um pouco e ele falou comigo novamente.

— Qual é o seu prenome? — perguntou.

— Não tenho prenome — respondi, achando ter entendido a pergunta dele.

— Qual é a sua cognação?

— Minha cognação?

— Seu sobrenome?

— Também não tenho isso.

Minha resposta novamente o surpreendeu e também pareceu agradá-lo. Ele ergueu suas grossas sobrancelhas e transformou seu rosto no que poderia ser descrito como um sorriso. Voltou para o balcão, estendeu sua imensa mão, pegou a minha nela e apertou-a calorosamente.

— Nenhum nome nem a menor ideia da sua originalidade?

— Nenhuma.

— Ora essa, com todos os demônios!

Signor Bari, o eminente tenor perneta!

— Macacos me mordam — disse ele novamente —, pelas barbas do profeta! Quero ser mico de circo!

Então ele se retirou da banca para sua cadeira junto ao fogo e ficou sentado em silêncio absorto em pensamentos como se examinando um a um os anos passados armazenados em sua memória.

— Uma vez eu conheci um homem alto — disse-me finalmente — que também não tinha nome e com certeza você é filho dele e herdeiro da sua nulidade e de todos os seus nadas. Como é que vai o seu paizinho e por onde é que ele anda?

Não era, pensei, de todo irracional que o filho de um homem que não tinha nome não tivesse nome também, mas era evidente que o sargento estava me confundindo com outra pessoa. Não havia mal nisso e decidi incentivá-lo. Eu achava conveniente que ele não soubesse de nada a meu respeito, mas era melhor ainda que ele soubesse de várias coisas inteiramente falsas. Isso me ajudaria a explorá-lo em meu próprio interesse e, por fim, a encontrar o cofre preto.

— Ele foi para a América — respondi.

— Foi pra lá — disse o sargento. — Quem diria! Era um verdadeiro pai de família. Na última vez que estive com ele foi por causa de uma bomba de

bicicleta sumida, e ele tinha uma esposa e dez filhinhos e na época sua esposa estava num estado bem adiantado de sexualidade.

— Aquele era eu — eu disse, sorrindo.

— Aquele era você — anuiu ele. — Como é que vão os dez filhos robustos?

— Foram todos para a América.

— Aquele país é um tremendo enigma — disse o sargento —, um território vastíssimo, um lugar habitado por negros e estrangeiros. Me disseram que são loucos por tiro ao alvo naquelas bandas.

— É um país esquisito — disse eu.

Neste ponto ouviram-se passos na porta e entrou marchando um corpulento policial carregando uma lanterninha de polícia. Ele tinha a cara morena de um judeu e nariz adunco e uma juba de cabelos crespos. Suas faces eram escuras com reflexos azulados como se ele se barbeasse duas vezes por dia. Tinha dentes brancos esmaltados que eram, não tive dúvida, de Manchester, duas fileiras deles dispostas no interior de sua boca, e quando sorria era lindo de se ver, como louça num bem arrumado aparador rústico. Era pesadão e corpulento como o sargento, mas seu rosto parecia bem mais inteligente. Este era inesperadamente magro e os olhos nele eram penetrantes e observadores. Se somente seu rosto estivesse em questão, ele seria mais parecido com um poeta do que com um policial, mas o resto do seu corpo parecia tudo menos poético.

— Policial MacCruiskeen — disse o sargento Pluck.

O policial MacCruiskeen pôs a lanterna sobre a mesa, me cumprimentou com um aperto de mão e me disse as horas com o maior seriedade. Sua voz era aguda, quase feminina, e ele falava com uma delicada e cuidadosa entonação. Então ele colocou a lanterninha sobre o balcão e nos observou atentamente.

— É sobre uma bicicleta? — perguntou.

— Não é isso não — disse o sargento. — Este é um visitante particular que diz que não chegou ao distrito em cima de uma bicicleta. Ele não tem nenhum nome pessoal que seja. Seu pai está na longínqua América.

— Qual das duas Américas? — perguntou MacCruiskeen.

— Os Estrados Reunidos — disse o sargento.

— Provavelmente ele está rico a esta altura, se ele está naquelas bandas — disse MacCruiskeen —, porque lá tem dólares, dólares e moedas e pepitas de ouro embaixo do chão e uma infinidade de jogos de raquetes e de golfe e instrumentos musicais. É um país livre também, pelo que todos dizem.

— Livre para todos — disse o sargento. — Diga-me uma coisa — disse ao policial. — Você fez alguma leitura hoje?

— Fiz — disse MacCruiskeen.

— Tire fora o seu caderno preto e me diga o que foi, como um bom rapaz — disse o sargento. — Me dê a essência e deixe eu achar o que eu acho — acrescentou.

MacCruiskeen pescou uma cadernetinha preta do bolso do peito.

— Dez ponto seis — disse ele.

— Dez ponto seis — disse o sargento. — E que leitura você observou na haste?

— Sete ponto quatro.

— Quanto na alavanca?

— Um ponto cinco.

Fez-se uma pausa aqui. O sargento assumiu uma expressão de extrema intricância, como se estivesse efetuando somas e cálculos complicadíssimos de cabeça. Após um tempo seu rosto se desanuviou e ele falou novamente com seu companheiro.

— Houve alguma queda?

— Uma queda violenta às três e meia.

— Bastante compreensível e louvavelmente satisfatório — disse o sargento. — Sua janta está no descanso de pedra do fogão lá dentro e certifique-se de mexer o leite antes de começar a tomar, de modo a que o resto de nós depois de você tenha a sua parte das gorduras dele, a saúde e a essência dele.

O policial MacCruiskeen sorriu à menção de comida e entrou para o quarto dos fundos afrouxando o cinturão pelo caminho; após um instante ouvimos os sons de um sôfrego deglutir, como se ele estivesse comendo mingau sem o auxílio de colher ou mão. O sargento me convidou a sentar junto ao fogo em sua companhia e me deu um cigarro amarrotado do seu bolso.

— É sorte do seu papai que ele está situado na Améurica — observou ele —, se é fato que ele está tendo problemas com seus dentes velhos. São pouquíssimas doenças que não vêm dos dentes.

— É — disse eu. Estava decidido a dizer o mínimo possível e a deixar esses policiais esquisitos abrirem o jogo primeiro. Então saberia como lidar com eles.

— Porque um homem pode ter mais doença e germinação dentro da boca do que você vai encontrar no pelo de um rato e a Améurica é um país onde a população tem dentes magníficos como espuma de barba ou como cacos de louça quando você quebra um prato.

— É mesmo — eu disse.

— Ou como ovos debaixo de um corvo preto.

— Como ovos — eu disse.

— Você já chegou a visitar um cinematógrafo nas suas viagens?

— Nunca — respondi humildemente —, mas creio que é um lugar escuro e que não se enxerga quase nada exceto as fotografias na parede.

— Pois é lá que você vê os belos dentes que eles têm na Améurica — disse o sargento.

Ele lançou um enérgico olhar para o fogo e passou a mexer distraidamente nos seus tocos de dentes amarelados. Eu vinha conjecturando sobre a sua

misteriosa conversa com MacCruiskeen.

— Me diz só uma coisa — arrisquei. — Que tipo de leituras eram aquelas no caderno preto do policial?

O sargento me lançou um olhar incisivo que pareceu quase quente por ter estado no fogo previamente.

— O primeiro princípio da sabedoria — disse ele — é fazer perguntas mas nunca responder nenhuma. *Você* ganha sabedoria por perguntar e *eu* por não responder. Você acreditaria que há um enorme aumento no crime nesta localidade? Ano passado tivemos 69 casos de faróis apagados e quatro roubados. Este ano tivemos 82 casos de faróis apagados, treze casos de tráfego pela calçada e quatro roubos. Houve um caso de depredação numa de três marchas, é certo que haja uma reclamação de indenização na próxima audiência do tribunal e a responsabilidade recairá sobre a paróquia. Antes de terminar esse ano é certo que haja uma bomba de ar roubada, uma manifestação de criminalidade bastante depravada e abjeta e uma nódoa no país.

— É verdade — disse eu.

— Cinco anos atrás tivemos um caso de guidom frouxo. Esse foi uma raridade. Nós três levamos uma semana para formular a acusação.

— Guidom frouxo — murmurei. Não podia entender claramente a razão para tal conversa sobre bicicletas.

— E aí tem a questão dos freios com defeito. O país está infestado de freios com defeito, metade dos acidentes se deve a isso, acontecem aos montes.

Achei que seria melhor tentar desviar a conversa das bicicletas.

— Você me disse qual era a primeira regra da sabedoria — disse eu. — Qual é a segunda regra?

— Isto pode ser respondido — disse ele. — São cinco ao todo. Faça sempre qualquer pergunta que haja a ser feita e nunca responda a nenhuma. Tire proveito próprio de tudo o que você ouvir. Leve sempre apetrechos para reparos. Faça o máximo de curvas à esquerda que puder. Nunca aplique o freio dianteiro primeiro.

— São regras interessantes — eu disse secamente.

— Se você as seguir — disse o sargento —, você salvará a sua alma e nunca vai levar um tombo numa estrada escorregadia.

— Eu ficaria grato — disse eu — se você me explicasse qual dessas regras cobre a dificuldade que vim aqui hoje colocar diante de você.

— Não é hoje, é ontem — ele disse —, mas que dificuldade é essa? Qual é a *crux rei*?

Ontem? Resolvi sem a menor hesitação que era uma perda de tempo tentar entender metade do que ele dizia. Persisti na minha indagação.

— Vim aqui para dar parte oficialmente do roubo do meu relógio americano de ouro.

Ele me olhou num clima de enorme surpresa e incredulidade e ergueu as sobrancelhas quase até o cabelo.

— Esta é uma declaração espantosa — disse afinal.

— Por quê?

— Por que é que alguém iria roubar um relógio quando poderia roubar uma bicicleta?

Escute a lógica fria e inexorável dele.

— Me reviste — eu disse.

— Quem é que já ouviu falar num homem andando de relógio pela estrada ou trazendo um saco de turfa para casa no tubo do quadro de um relógio?

— Eu não disse que o ladrão queria o meu relógio para andar nele — expostulei. — Muito provavelmente ele tinha a sua própria bicicleta e foi assim que fugiu sem ruído no meio da noite.

— Nunca nem de leve ouvi falar de uma pessoa que roubasse qualquer coisa que não fosse uma bicicleta estando em seu juízo perfeito — disse o sargento —, exceto bombas de ar e presilhas e lanternas e coisas do gênero. Certamente você não vai querer me dizer a esta altura da minha vida que o mundo está mudando?

— Estou apenas dizendo que o meu relógio foi roubado — eu disse mal-humoradamente.

— Muito bem — disse o sargento em tom concludente —, teremos que instaurar uma revista.

Ele sorriu astutamente para mim. Estava bastante claro que não acreditava em absoluto na minha história, e que me achava mentalmente desequilibrado. Condescendia comigo como se eu fosse uma criança.

— Obrigado — murmurei.

— Mas o problema estará apenas começando quando nós o encontrarmos — disse ele gravemente.

— Em que sentido?

— Quando o encontrarmos teremos que começar a procurar o dono.

— Mas o dono sou eu.

Neste ponto o sargento riu indulgentemente e meneou a cabeça.

— Sei o que você quer dizer — disse. — Mas a lei é um fenômeno extremamente intrincado. Se você não tem nome, você não pode ser dono de um relógio e o relógio que foi roubado não existe e quando ele for encontrado terá que ser restituído ao seu dono legítimo. Se você não tem nome, você não possui nada e você não existe e até as suas calças não estão em você, embora, de onde estou sentado, pareça que estejam. Por outro lado você pode fazer o que quiser e a lei não pode tocá-lo.

— Ele tinha quinze rubis — eu disse desesperadamente.

— E por um primeiro lado novamente você poderia ser acusado de roubo ou simples furto caso fosse confundido com outra pessoa ao usar o relógio.

— Sinto-me extremamente perplexo — disse eu, falando nada menos que a verdade. O sargento deu sua risada de bom humor.

— Se chegarmos a achar o relógio — sorriu —, tenho a impressão de que haverá uma campainha e uma bomba nele.

Considereei minha posição com certa apreensão. Parecia ser impossível fazer o sargento tomar conhecimento de qualquer coisa no mundo exceto bicicletas. Pensei em fazer um último esforço.

— Você parece estar com a impressão — eu disse fria e cortesmente — de que eu perdi uma bicicleta de ouro de fabricação americana com quinze rubis. Eu perdi um relógio e ele não tem campainha. Só há campainhas em relógios despertadores e jamais vi em minha vida um relógio com uma bomba de ar presa nele.

O sargento me sorriu novamente.

— Esteve um homem nesta sala há duas semanas — disse ele — me dizendo que sua mãe tinha desaparecido, uma senhora de 82 anos. Quando lhe pedi uma descrição — só para preencher as lacunas no formulário oficial que a gente consegue por uma ninharia na papelaria —, ele disse que ela tinha ferrugem nos aros e que seus freios traseiros eram propensos a solavancos.

Estas palavras tornaram minha posição bastante clara para mim. Quando eu estava a ponto de dizer uma outra coisa, um homem meteu a cara para dentro e nos olhou e então entrou por completo e fechou a porta cuidadosamente e se aproximou do balcão. Era um homem rude e corado num tosco paletó com cordões atando suas calças à altura dos joelhos. Descobri depois que o nome dele era Michael Gilhane. Em vez de ficar junto ao balcão como teria feito numa taberna, ele foi até a parede, pôs as mãos nos quadris e se apoiou de encontro a ela, equilibrando seu peso na ponta de um dos cotovelos.

— E então, Michael — disse o sargento afavelmente.

— Não encontrei — disse o sr. Gilhane.

Sons de gritos chegaram até nós três da sala de dentro onde o policial MacCruiskeen estava atarefado com a sua janta antecipada.

— Me passa um crivo — ele gritou.

O sargento me deu outro cigarro amassado do seu bolso e sacudiu seu polegar na direção da sala dos fundos. Ao me dirigir para dentro com o cigarro, ouvi o sargento abrindo um enorme livro de ocorrências e fazendo perguntas ao visitante de rosto rubro.

— Qual era a marca — dizia ele — e o número do quadro e tinha lanterna e bomba nela de quebra?

A longa e inaudita conversa que tive com o policial MacCruiskeen depois que fui ter com ele lá dentro em minha missão com o cigarro trouxe à minha mente depois várias das mais saborosas especulações de De Selby, notadamente sua investigação sobre a natureza do tempo e da eternidade por meio de um sistema de espelhos.^[12] Sua teoria como a entendo é a seguinte:

Se um homem se põe diante de um espelho e nele vê seu reflexo, o que ele vê não é uma verdadeira reprodução de si próprio mas uma imagem de si mesmo quando era um homem mais jovem. A explicação de De Selby quanto a este fenômeno é bem simples. A luz, como ele observa com bastante acerto, tem uma velocidade de deslocamento definida e limitada. Logo, antes que o reflexo de qualquer objeto num espelho possa ser considerado concluído, é necessário que os raios de luz primeiro atinjam o objeto e subsequentemente incidam no vidro, para serem lançados de volta sobre o objeto — os olhos de um homem, por exemplo. Há, portanto, um apreciável e mensurável intervalo de tempo entre o ato de um homem lançar um olhar em seu próprio rosto num espelho e o registro da imagem refletida em seu olho.

Até aqui, poderia-se dizer, tudo bem. Se esta ideia é certa ou errada, a importância de tempo envolvida é tão insignificante que poucas pessoas razoáveis discutiriam o ponto. Mas a permanente relutância de De Selby em deixar as coisas aceitáveis ficarem como estão insiste em refletir o primeiro reflexo num outro espelho professando detectar mínimas mudanças nesta segunda imagem. Por fim ele dispôs a conhecida combinação de espelhos paralelos, cada um refletindo imagens sempre menores de um objeto interposto indefinidamente. O objeto interposto neste caso era o próprio rosto de De Selby, e este ele alega ter examinado retrospectivamente através de uma infinidade de reflexos por meio de “uma lente poderosa”. O que ele declara ter visto com sua lente é espantoso. Alega ter percebido uma crescente juventude nos reflexos de seu rosto à medida que eles diminuía, o mais distante deles — demasiadamente diminuto para ser visível a olho nu — sendo o rosto de um garoto imberbe de doze anos, e, para usar suas próprias palavras, “um semblante de beleza e nobreza singulares”. Ele não logrou perseguir a questão de volta ao berço “devido à curvatura da terra e às limitações do telescópio”.

Chega de De Selby. Encontrei MacCruiskeen com o rosto afogueado à mesa da cozinha ofegando discretamente devido a toda a comida que escondera em sua pança. Em troca do cigarro ele me lançou olhares perscrutadores.

— Ora essa — disse ele.

Acendeu o cigarro e deu uma tragada e sorriu dissimuladamente para mim.

— Ora essa — disse ele novamente. Estava com a sua lanterninha ao seu lado em cima da mesa e passava os dedos sobre ela.

— O dia está lindo — eu disse. — O que é que você está fazendo com uma lanterna numa manhã clara?

— Posso lhe fazer uma pergunta tão boa quanto esta — respondeu ele. — Você saberia me informar o que é que significa um bulbul?

— Um bulbul?

— O que você diria que é um bulbul?

Este enigma não me interessou, mas fingi dar tratos à bola e contraí o rosto até senti-lo da metade do tamanho que devia ser.

— Não é uma dessas damas que aceitam dinheiro? — disse eu.

— Não.

— Não são os botões de latão de um órgão alemão a vapor?

— Não são os botões.

— Alguma coisa a ver com a independência da América ou algo que o valha?

— Não.

— Um dispositivo mecânico para dar corda em relógios?

— Não.

— Um tumor, a espuma que a vaca tem na boca, ou aqueles artigos elásticos que as damas usam?

— Absolutamente nada disso.

— Não é um instrumento musical oriental tocado pelos árabes?

Ele bateu palmas.

— Não é isso, mas muito próximo disso — sorriu —, algo que é quase isso. Você é um homem atinado e cordial. Um bulbul é um rouxinol da Pérsia. O que é que você me diz disso?

— Raramente erro — eu disse secamente.

Ele me olhou admirado e ficamos os dois sentados em silêncio por algum tempo como se cada um estivesse muito contente consigo mesmo e com o outro e tivesse boas razões para estar.

— Você é um bacharel em letras sem a menor dúvida? — indagou ele.

Não dei nenhuma resposta direta, mas tentei parecer importante e culto e em nada modesto na minha cadeirinha.

— Acho que você é um homem sempiterno — ele disse lentamente.

Ficou sentado por um tempo examinando detidamente o chão e então voltou seu queixo moreno para mim e começou a me indagar sobre a minha chegada na paróquia.

— Não quero ser insidioso — disse ele —, mas você precisa me informar sobre a sua chegada na paróquia! Certamente você tinha uma de três marchas para as colinas?

— Eu não tinha uma de três marchas — respondi um tanto rispidamente — e nem uma de duas marchas e também é fato que eu não tinha uma bicicleta e menos ainda uma bomba de ar e mesmo se eu tivesse uma lanterna propriamente dita ela não seria necessária já que eu não tinha uma bicicleta e não haveria um suporte onde pendurá-la.

— Isso pode ser — disse MacCruiskæen —, mas provavelmente riram de você no triciclo?

— Eu não tinha nem bicicleta nem triciclo, não sou dentista — eu disse com estrita meticulosidade categórica — e não confio no biciclo nem no patinete, no velocipede nem na tandem de passeio.

MacCruiskæen ficou pálido e trêmulo e agarrou o meu braço e me olhou intensamente.

— Nem de longe — disse ele afinal, com a voz tensa — eu jamais encontrei um epílogo mais fantástico ou uma história mais esquisita. Decerto você é um homem estranho e bizarro. Até o dia da minha morte não esquecerei esta manhã de hoje. Você não vai me dizer que está se engraçando comigo?

— Não.

— Com todos os demônios!

Ele se levantou e passou a mão espalmada por todo o cabelo até a nuca e ficou olhando para fora pela janela por um longo intervalo, os olhos esbugalhados e inquietos e o rosto como um saco vazio sem um pingo de sangue dentro.

Então andou de um lado para o outro para reativar a circulação e pegou um arpãozinho de um lugar que possuía na estante.

— Estenda a sua mão — disse ele.

Estendi-a bem devagar e ele apontou o arpão para ela. Continuou a aproximá-lo cada vez mais de mim e quando estava com a ponta reluzente do mesmo a cerca de uns quinze centímetros de distância, senti uma picada e dei um gritinho. Havia uma gotícula de sangue vermelho no meio da minha alma.

— Muito obrigado — eu disse. Estava surpreso demais para ficar aborrecido com ele.

— Isso vai fazer você pensar — ele observou triunfante —, a menos que eu seja um velho holandês, por profissão e nacionalidade.

Ele tornou a colocar seu arpãozinho na estante e me olhou velhacamente de um ângulo com uma certa medida do que se pode chamar de *roi-s'amuse*.

— Talvez você possa explicar isso? — disse ele.

— Essa foi incrível — eu disse atônito.

— Será necessária alguma análise — disse ele —, intelectualmente.

— Como foi que o seu arpão me picou se a ponta dele estava a quinze centímetros de onde me fez sangrar?

— Este arpão — ele respondeu calmamente — foi uma das primeiras coisas que cheguei a fabricar nas minhas horas vagas. Agora só penso um pouco nele,

mas no ano em que o fiz fiquei bastante orgulhoso e não me levantava de manhã para sargento nenhum. Não existe outro arpão como este no comprimento e na largura da Irlanda e só há uma coisa como ele na Améurica, mas não me disseram o que é. Mas não consigo me conformar com a não-bicicleta. Santo Deus!

— Mas o arpão — insisti — me diz só o essencial como um bom rapaz e eu não vou contar pra ninguém.

— Vou contar pra você porque é um homem de confiança — disse ele — e um homem que disse algo sobre bicicletas que jamais ouvi antes. O que você pensa ser a ponta não é em absoluto a ponta, mas só o começo da agudeza.

— Extremamente admirável — disse eu —, mas não entendi o que você quer dizer.

— A ponta tem dezoito centímetros e é tão aguçada e fina que você não pode vê-la com o velho olho. A primeira metade da agudeza é grossa e resistente, mas você tampouco pode vê-la porque a verdadeira agudeza se funde com ela e se você visse uma ia poder ver a outra ou talvez percebesse a junção.

— Suponho que seja muito mais fina que um fósforo? — perguntei.

— Há uma diferença — disse ele. — Agora a parte aguçada propriamente dita é tão fina que ninguém seria capaz de vê-la não importa a luz que estiver sobre ela ou o olho que estiver olhando. A cerca de uns três centímetros do final ela é tão aguçada que às vezes — tarde da noite ou num dia ruim e chuvoso especialmente — você não consegue imaginá-la nem tentar fazer dela o objeto de uma mínima ideia porque vai acabar dando um nó na cachola de tanta excruciação.

Franzi o sobrolho e tentei me aparentar uma pessoa sábia que estivesse tentando compreender algo que exigisse toda a sua sapiência.

— Não se pode fazer fogo sem tijolos — eu disse, assentindo com a cabeça.

— Sabiamente dito — respondeu MacCruiskeen.

— Era aguçada com toda certeza — admiti —, me tirou uma gotinha mínima de sangue, mas não senti quase nada de picada. Deve ser aguçadíssima para funcionar desse jeito.

MacCruiskeen deu uma risada e sentou-se novamente à mesa e começou a colocar o cinturão.

— Você não entendeu absolutamente nada da essência da coisa — ele sorriu —, porque o que lhe deu a picada e fez sair o sangue não foi a ponta de maneira nenhuma; foi o lugar de que estou falando que fica a uns bons três centímetros do ponto reputado do artigo sob nossa discussão.

— E o que são esses três centímetros que restam? — perguntei. — Como, em nome de Deus, você chamaria isso?

— Esta é a verdadeira ponta — disse MacCruiskeen —, mas ela é tão fina que poderia entrar na sua mão e sair na outra extremidade você não sentiria nem

um pouco e não veria nada e não ouviria nada. Ela é tão fina que talvez nem exista de todo e você poderia passar meia hora tentando pensar sobre ela e não chegar a nenhuma conclusão no final. A parte inicial dos três centímetros é mais grossa que a parte final e está quase ali na verdade, mas não creio que esteja se é a minha opinião particular o que você está ansioso por arrolar.

Grudei os dedos em torno do queixo e comecei a pensar com extrema concentração, colocando para funcionar partes do meu cérebro que raramente utilizava. Apesar disso não fiz absolutamente qualquer progresso com relação à questão das pontas. MacCruiskeen fora até o aparador uma segunda vez e estava de volta à mesa com um pequeno artigo preto como um piano de um duende com minúsculas teclas brancas e pretas e tubos de latão e rodas dentadas girando como peças de uma máquina a vapor ou a extremidade útil de uma debulhadora. Suas mãos brancas moviam-se por cima dele todo sentindo-o como se estivessem tentando descobrir nele alguma saliência minúscula, seu olhar estava enlevado no ar numa atitude espiritual e ele não prestava a menor atenção à minha existência pessoal. Havia um silêncio tremendo e esmagador como se o teto do quarto tivesse descido parcialmente até o chão, ele em sua insólita ocupação com o instrumento e eu próprio ainda tentando compreender a agudeza das pontas e entendê-las de forma mais precisa.

Após dez minutos ele se ergueu e guardou a coisa. Escreveu durante algum tempo em sua caderneta e então acendeu o cachimbo.

— Ora essa — observou expansivamente.

— Aquelas pontas — disse eu.

— Por acaso perguntei a você o que é um bulbul?

— Perguntou — respondi —, mas a questão daquelas pontas é o que está me intrigando.

— Não é de hoje nem de ontem que comecei a aguçar arpões — disse ele —, mas talvez você gostasse de ver uma outra coisa que é um exemplo bastante razoável de arte suprema.

— Gostaria mesmo — respondi.

— Mas não consigo me conformar com o que você me confidenciou em particular *sub-rosa* sobre a não-bicicleta, essa é uma história que faria a sua fortuna dourada caso você a escrevesse num livro onde as pessoas pudessem segui-la literalmente.

Ele andou de volta até o aparador, abriu a parte inferior do mesmo e tirou de dentro um bauzinho, colocando-o em cima da mesa para a minha inspeção. Nunca em minha vida examinei nada mais ornamental e bem fabricado. Era um baú marrom como aqueles possuídos pelos navegantes ou lascars de Cingapura, mas era uma miniatura extremamente perfeita, como se você estivesse olhando para um de tamanho normal pela extremidade errada de uma luneta. Tinha cerca de trinta centímetros de altura, exato em suas proporções e sem qualquer

imperfeição no acabamento. Havia reentrâncias e entalhes e caprichosas ranhuras e desenhos em cada lado dele e havia uma curvatura na tampa que conferia ao artigo extrema distinção. Em todos os cantos havia reluzentes cantoneiras de latão e na tampa havia cantoneiras de latão lindamente elaboradas e impecavelmente encurvadas sobre a madeira. A coisa inteira tinha a dignidade e a qualidade gratificante de autêntica arte.

— E então — disse MacCruiskeen.

— Chega a ser perfeito demais — eu disse finalmente — para se falar dele.

— Passei dois anos fabricando-o quando eu era rapaz — disse MacCruiskeen — e ele ainda me deixa boquiaberto.

— Ele é indizível — eu disse.

— Praticamente — disse MacCruiskeen.

Então nós dois começamos a olhá-lo e o olhamos durante cinco minutos com tanta intensidade que ele pareceu dançar sobre a mesa e aparentar ser ainda menor do que era.

— Não costume ficar olhando cofres ou baús — disse eu, com sinceridade —, mas este é o cofre mais bonito que já vi e sempre me lembrarei dele. Haveria algo dentro dele?

— Haveria — disse MacCruiskeen.

Ele foi até a mesa e envolveu o artigo com as mãos de uma maneira carinhosa como se estivesse afagando um cão pastor e abriu a tampa com uma chavezinha, mas fechou-a de novo antes que eu pudesse examinar o seu interior.

— Vou contar uma história a você e lhe dar uma sinopse da ramificação do pequeno enredo — disse ele. — Quando eu estava com o baú feito e acabado, tentei imaginar o que é que eu guardaria dentro dele e para o que o usaria afinal.

Primeiro pensei naquelas cartas de Brigita,^[*] aquelas em papel azul com cheiro forte, mas achei que não deixaria de ser um sacrilégio no final das contas, porque há trechos picantes naquelas cartas. Você está seguindo o rumo das minhas observações?

— Estou — respondi.

— Então havia as minhas abotoaduras, o distintivo esmaltado e o meu lápis metálico com uma tarraxa na extremidade para empurrar a ponta para fora, um artigo intrincado cheio de mecanismos e um presente de Southport. Todas essas coisas são o que se chama Exemplos da Idade da Máquina.

— Elas seriam contrárias ao espírito do baú — disse eu.

— Sem a menor dúvida. Então havia a minha navalha e a dentadura sobressalente para o caso de ser agraciado com uma porrada na boca no cumprimento dos meus deveres.

— Mas elas não.

— Elas não. Então havia os meus atestados e o meu dinheiro e a figura de Pedro o Eremita e o troço de latão com tiras que encontrei na estrada uma noite

perto da casa de Matthew O'Carahan. Mas estas também não.

— É uma charada difícil.

— No final descobri que só havia uma coisa a fazer para me pôr em paz com a minha consciência.

— É formidável que você tenha encontrado de algum modo a resposta certa — repliquei.

— Decidi comigo mesmo — disse MacCruiskeen — que a única e simples coisa a conter no baú era outro baú do mesmo feitio, mas menor em dimensão cúbica.

— Foi uma obra-prima competentíssima — disse eu, me esforçando para usar a mesma linguagem dele.

Ele foi até o bauzinho, abriu-o novamente, enfiou as mãos lateralmente como chapas ou como as barbatanas de um peixe e retirou de dentro dele um baú menor, mas parecido com seu baú-mãe em cada pormenor de aspecto e dimensão. Este quase interferiu na minha respiração de tão encantadoramente inconfundível que era. Aproximei-me, apalpei-o e cobri-o com a mão para ver quão grande era a sua pequenez. Seu trabalho em latão tinha um brilho como o sol sobre o mar e a cor da madeira era de uma profundidade plena e rica como uma cor saturada e matizada apenas pelos anos. Fiquei ligeiramente tonto de olhar para ele, me sentei numa cadeira e, com o propósito de fingir que não estava perturbado, assobiei *O velho ajeita os suspensórios*.

MacCruiskeen me lançou um sorriso insinuante e malicioso.

— Você pode ter chegado sem bicicleta — ele disse —, mas isso não quer dizer que saiba tudo.

— Estes baús — disse eu — são tão parecidos um com o outro que eu não acredito de maneira nenhuma que estejam aí, porque essa é uma coisa mais fácil de acreditar do que o inverso. Apesar disso eles dois são as duas coisas mais maravilhosas que já vi.

— Passei dois anos fabricando-o — disse MacCruiskeen.

— E o que há dentro do pequeno? — perguntei.

— O que é que você imaginaria agora?

— Estou temeroso de imaginar — eu disse, falando com toda franqueza.

— Então agora espere até eu lhe mostrar — disse MacCruiskeen — e lhe dar uma exibição e um exame pessoal individualmente.

Ele pegou duas finas espátulas de manteiga na prateleira e as enfiou no bauzinho e retirou de dentro algo que me pareceu extraordinariamente igual a outro baú. Me aproximei dele e o examinei detidamente com a mão, sentindo as mesmas idênticas ranhuras, as mesmas proporções e o mesmo trabalho em latão absolutamente perfeito em escala menor. Era tão irrepreensível e encantador que me fez lembrar forçosamente, por estranho e tolo que possa parecer, de algo que eu não compreendia e de que nem mesmo ouvira falar.

— Não diga nada — eu disse rapidamente a MacCruiskeen —, mas prossiga com o que você está fazendo que eu ficarei observando daqui tomando o cuidado de ficar sentado.

Ele me deu um aceno de cabeça em troca do meu comentário, pegou duas colheres de chá de cabo reto e enfiou os cabos no seu último baú. O que saiu de dentro não é difícil de adivinhar. Ele abriu esse e retirou outro com o auxílio de duas facas. Foi manejando facas, faquinhas e facas ainda menores até obter doze bauzinhos em cima da mesa, o último deles um artigo da metade do tamanho de uma caixa de fósforos. Era tão minúsculo que você de maneira nenhuma conseguia ver o trabalho em latão a não ser pelo seu brilho sob a luz. Não vi se ele tinha os mesmos idênticos entalhes por fora porque me contentei em lhe dar uma rápida olhada e virar o rosto em seguida. Mas sabia no íntimo que ele era exatamente igual aos outros. Não disse absolutamente uma palavra porque minha mente estava transbordando de admiração pela habilidade do policial.

— O último — disse MacCruiskeen, guardando as facas — me custou três anos para fazer e me custou outro ano para acreditar que o tinha feito. Você tem um alfinete à mão?

Dei-lhe meu alfinete em silêncio. Ele abriu o menor de todos eles com uma chave que era como um fio de cabelo e manejou o alfinete até obter outro bauzinho sobre a mesa, treze ao todo dispostos em fila em cima da mesa. Por mais estranho que pareça aos meus olhos, era como se fossem todos do mesmo tamanho, mas dotados de alguma perspectiva maluca. Essa ideia me surpreendeu tanto que recuperei a voz e disse:

— Essas são as treze coisas mais surpreendentes que já vi juntas.

— Espere aí, homem — disse MacCruiskeen.

Todos os meus sentidos estavam agora tão tensamente solicitados observando os movimentos do policial que eu quase podia ouvir o meu cérebro chacoalhando dentro da cabeça quando me mexia, como se ele estivesse ficando seco como uma ervilha murcha. Ele manipulou e cutucou com o seu alfinete até estar com 28 bauzinhos em cima da mesa e o último deles tão pequeno que era parecido com um percevejo ou uma minúscula partícula de pó, exceto que emitia uma cintilação. Quando olhei novamente vi outra coisa ao lado dele como um cisco que você extrai de um olho congestionado num dia seco e ventoso e aí percebi que o compute correto era agora 29.

— Aqui está o seu alfinete — disse MacCruiskeen.

Ele o colocou na minha mão embasbacada e voltou para a mesa circunspectamente. Tirou um negócio de dentro do bolso que era pequeno demais para a minha visão e começou a manipular a coisinha preta minúscula sobre a mesa ao lado da coisa maior que era ela própria pequena demais para ser descrita.

Nessa altura eu fiquei apreensivo. O que ele estava fazendo já não era admirável mas medonho. Fechei os olhos e rezei para que ele parasse enquanto ainda estava fazendo coisas que eram ao menos possíveis para a mão humana. Quando olhei novamente fiquei feliz por não haver nada para se ver e por ele não ter mais colocado nenhum baú conspicuamente sobre a mesa, mas estava trabalhando no lado esquerdo com a coisa invisível na mão em um pedacinho da própria mesa. Quando sentiu o meu olhar ele se aproximou de mim e me deu uma imensa lente de aumento que parecia uma bacia afixada num cabo. Senti os músculos em volta do meu coração se contraírem dolorosamente quando peguei o instrumento.

— Chega aqui perto da mesa — disse ele — e fica olhando até ver o que você vai ver infraocularmente.

Quando vi a mesa ela estava vazia a não ser pelos 29 artigos em forma de baú, mas por intermédio da lente fiquei em condição de reportar que ele usara mais dois ao lado dos últimos, o menor de todos sendo aproximadamente a metade do tamanho menor que a invisibilidade comum. Devolvi-lhe o instrumento de aumento e retornei à cadeira sem uma palavra. A fim de me tranquilizar e produzir um som humano em voz alta assobieie *O fanfarrão toca gaita de foles*.

— E então? — disse MacCruiskeen.

Ele tirou dois cigarros amassados de dentro do bolso e acendeu os dois ao mesmo tempo me passando um deles.

— O número 22 — disse ele — eu fabriquei quinze anos atrás e venho fazendo outro diferente a cada ano desde então, aproveitando todos os intervalos do plantão noturno, as horas extras, as empreitadas e as horas vagas acidentalmente.

— Compreendo perfeitamente — disse eu.

— Seis anos atrás eles começaram a ficar invisíveis, com lente ou sem lente. Ninguém jamais viu os últimos cinco que eu fiz porque nenhuma lente é suficientemente poderosa para torná-los suficientemente grandes para serem considerados verdadeiramente as menores coisas jamais feitas. Ninguém pode me ver fazendo-os porque minhas ferramentazinhas ainda por cima são invisíveis. O que eu estou fazendo agora é quase tão pequeno como o nada. No número 1 caberia um milhão deles ao mesmo tempo e haveria espaço de sobra para um par de culotes femininos se fossem enrolados. Só Deus sabe onde é que a coisa vai parar e chegar ao fim.

— Um trabalho desses deve ser muito fatigante para os olhos — disse eu, resolvido a fingir que todo mundo era uma pessoa comum como eu.

— Qualquer dia desses — ele respondeu — terei que comprar óculos com hastes douradas. Meus olhos estão um trapo com as letrinhas miúdas dos jornais e dos formulários oficiais.

— Antes de eu voltar para a sala do plantão — eu disse —, seria razoável perguntar o que é que você estava fazendo com aquele instrumentozinho parecido com um pianinho, o artigo com os botões, e as cravelhas de latão?

— Aquele é o meu instrumento musical particular — disse MacCruiskeen —, e eu estava tocando minhas próprias músicas nele a fim de desfrutar satisfação íntima com a sua harmonia.

— Eu estava escutando — respondi —, mas não consegui ouvir você.

— Isto não me surpreende intuitivamente — disse MacCruiskeen — porque se trata de uma patente inata de minha autoria. As vibrações das notas reais são tão altas em suas frequências agudas que não podem ser apreciadas pela concha auditiva humana. Somente a minha própria pessoa tem o segredo da coisa e a sua intimidade, o macete confidencial para defraudá-la. E então, o que é que você acha disso?

Pus-me de pé com esforço para retornar à sala de plantão, passando a mão debilmente pela testa.

— Acho extremamente acatalético — respondi.

[*] Santa Brigita (d.C. 453-523), padroeira da Irlanda. (N. do T.)

VI

Quando tomei a penetrar na sala de plantão topei com dois cavaleiros chamados sargento Pluck e sr. Gilhaney e eles estavam mantendo um encontro sobre a questão das bicicletas.

— Não acredito de maneira nenhuma na de três marchas — dizia o sargento Pluck —, é um instrumento da moda, crucifica as pernas, metade dos acidentes se deve a ela.

— Ela é uma potência para as colinas — disse Gilhaney —, tão boa quanto um segundo par de pernas ou um motorzinho a gasolina.

— É uma coisa difícil de regular — disse o sargento —, você pode arrochar o cordão metálico que fica pendurado nela até não ter mais nenhuma tração nos pedais. Ela nunca pára do jeito que você quer, faz lembrar dentaduras malfeitas.

— Isso é tudo mentira — disse Gilhaney.

— Ou as cravelhas de uma rabeça de brinquedo — disse o sargento — ou uma esposa magricela na madrugada de uma cama fria na primavera.

— Nada disso — disse-lhe Gilhaney.

— Ou cerveja preta num estômago enjoado — disse o sargento.

— Em absoluto — disse Gilhaney.

O sargento me avistou com o canto do olho e passou a me dirigir a palavra, desviando toda sua atenção de Gilhaney.

— MacCruiskeen estava vendendo conversa a você com toda certeza — disse ele.

— Ele estava sendo extremamente explanativo — respondi secamente.

— Ele é um homem cômico — disse o sargento —, um empório ambulante, você pensaria que ele é um marionete operado a vapor.

— Ele é — disse eu.

— Ele é um poeta — acrescentou o sargento — e muito provisório, uma ameaça para a mente.

— Sobre a bicicleta — disse Gilhaney.

— A bicicleta será encontrada — disse o sargento — quando eu a recuperar e a restituir ao seu próprio dono dentro da devida lei e possessividade. Será que você desejaria prestar auxílio na busca? — ele me perguntou.

— Não me importaria — respondi.

O sargento olhou seus dentes no espelho por um breve intervalo e então pôs as perneiras nas pernas e passou a mão no seu cassetete como indicação de que estava de saída. Gilhaney estava na porta manejando-a para que pudéssemos sair. Saimos os três para o meio do dia.

— Caso a gente não esteja com a bicicleta antes de passada a hora do jantar — disse o sargento —, deixei um memorando oficial para a informação pessoal

do policial Fox de modo a que ele esteja agudamente versado na *res ipsa* — disse ele.

— Você aprova as pedaleiras? — perguntou Gilhanev.

— Quem é o Fox? — perguntei.

— O policial Fox é o terceiro de nós — disse o sargento —, mas nunca o vemos ou temos a menor notícia dele porque ele está na sua ronda e nunca fora dela e assina o livro no meio da noite quando até um texugo está dormindo. Ele é doido varrido, nunca interroga o público e está sempre tomando notas. Se as pedaleiras fossem universais seria o fim das bicicletas, as pessoas morreriam como moscas.

— O que o fez ficar assim? — inquiri.

— Nunca compreendi corretamente — replicou o sargento — ou tive a verdadeira informação informativa, mas o policial Fox esteve sozinho em um quarto privado com MacCruiskeen por uma hora inteira em um certo dia 23 de junho e nunca mais falou com ninguém desde aquele dia e é louco de hospício e completamente perturbado. Alguma vez eu contei pra vocês o que foi que eu demandei do inspetor O’Corky sobre as pedaleiras? Por que é que elas não são tornadas proibitivas — disse eu — ou tornadas especialidades como o arsênico, dado que você teria que comprá-las na farmácia e assinar um livrinho e parecer uma personalidade responsável?

— Elas são uma potência para as colinas — disse Gilhanev.

O sargento deu cusparadas na estrada seca.

— Você precisaria de um Ato Parlamentar especial — disse o inspetor —, um Ato Parlamentar especial.

— Por onde é que nós vamos? — perguntei — ou em que direção estamos seguindo ou estamos no caminho de volta de algum outro lugar?

Estávamos numa região estranha. Havia várias montanhas sombrias à nossa volta ao que você poderia chamar uma distância respeitosa com um brilho de águas claras descendo pelas vertentes de uma ou duas delas e elas nos enclausuravam cada vez mais e se intrometiam opressivamente em nossas mentes. A meio caminho dessas montanhas a paisagem se desanuviou e ficou cheia de corcovas, depressões e longos vales de belo terreno pantanoso com pessoas decentes aqui e ali no meio dele trabalhando com longos instrumentos; era possível ouvir as suas vozes chamando através do vento e o estalido das lentas carroças nas estradas. Casas brancas podiam ser vistas em diversos lugares e vacas cambaleando indolentemente de um lado para outro em busca de pastagem. Um bando de corvos saiu de uma árvore debaixo dos meus olhos e voou tristemente para um campo abaixo onde havia uma porção de ovelhas trajadas em lindos sobretudos.

— Estamos indo para onde estamos indo — disse o sargento — e esta é a direção certa para um lugar que é vizinho a ele. Existe uma coisa em particular

mais perigosa do que a pedaleira.

Ele deixou a estrada e nos guiou atrás de si através de uma sebe.

— É desonroso falar desse jeito sobre pedaleiras — disse Gilhane —, porque a minha família vem metendo as botas nelas há gerações de sua própria descendência do passado até o presente e todos eles morreram em suas camas exceto meu primo-irmão que foi bisbilhotar os aspiradores de uma debulhadora a vapor.

— Só existe uma coisa mais perigosa — disse o sargento — e esta é uma dentadura frouxa. Uma dentadura frouxa é devastadora, ninguém vive muito tempo depois de engolir uma, e ela leva indiretamente à asfixia.

— Não há o perigo de se engolir uma pedaleira — disse Gilhane.

— Você tem que ter bons grampos robustos se você usa uma dentadura — disse o sargento — e bastante lacre vermelho para grudá-la no céu da sua boca. Dê uma olhada nas raízes daquele arbusto, ele parece suspeito e não há necessidade de um mandado.

Era um pequeno e modesto arbusto de urze, um membro feminino da tribo, como se diria, com partículas de feno e pelos de ovelha agarrados aos galhos em cima e embaixo. Gilhane estava de joelhos enfiando as mãos pela grama e as raízes como um animal rasteiro. Após um instante ele extraiu um instrumento preto. Era comprido e fino e parecido com uma imensa caneta-tinteiro.

— Minha bomba de ar, com os diabos! — ele gritou.

— Foi o que eu pensei — disse o sargento —, a descoberta da bomba é uma pista auspiciosa que pode nos auxiliar em nossa missão de investigação privada e astuto trabalho policial. Guarde-a no bolso e esconda-a porque é possível que sejamos observados, seguidos e importunados por um membro do bando.

— Como é que você sabia que ela estava naquele cantinho específico do mundo? — perguntei em minha extrema ingenuidade.

— O que é que você pensa do selim alto? — inquiriu Gilhane.

— As perguntas são como as batidas de um mendigo na porta e não deviam ser consideradas — replicou o sargento —, mas não me importo em dizer a você que o selim alto é legal se for o caso de você ter uma entreperna de latão.

— O selim alto é uma potência para as colinas — disse Gilhane.

Estávamos num campo inteiramente diferente a esta altura e em companhia de vacas brancas e castanhas. Elas nos observavam à medida que avançávamos por entre elas e mudavam de posição lentamente como se para nos mostrar todos os mapas de seus gordos costados. Davam-nos a entender que nos conheciam pessoalmente e tinham em alta conta as nossas famílias, e eu tirei o chapéu para a última delas de passagem como um sinal do meu apreço.

— O selim alto — disse o sargento — foi inventado por um sujeito chamado Peters, que passou a vida em países estrangeiros andando em camelos e outros animais de grande porte — girafas, elefantes e aves que conseguem correr como

lebres e botam ovos do tamanho das bacias que a gente vê numa lavanderia a vapor onde eles conservam a água com produtos químicos para tirar o breu das calças dos homens. Quando ele voltou para casa das guerras achou inconcebível sentar num selim baixo e uma noite, acidentalmente, quando estava na cama, inventou o selim alto como o produto de sua perpétua cerebração e pesquisas intelectuais. O nome de batismo dele eu não me lembro. O selim alto foi o pai dos guidons baixos. Ele crucifica a entreperna e provoca um afluxo de sangue na cabeça, é muito penoso para os órgãos sexuais.

— Que órgãos? — perguntei.

— Todos os dois — disse o sargento.

— Acho que a árvore deve ser essa — disse Gilhanev.

— Isso não me surpreenderia — disse o sargento —, meta as suas mãos por debaixo da parte de baixo dela e comece a tatear promiscuamente de jeito que se possa assegurar fatalmente se há alguma coisa ali além do seu próprio nada.

Gilhanev se deitou de barriga para baixo na grama junto ao cepo de um abrunheiro e passou a investigar as partes privadas do mesmo com suas fortes mãos e grunhindo pela intensidade dos seus esforços. Após um tempo ele encontrou uma lanterna de bicicleta e uma campainha e se ergueu e os guardou bem escondidos dentro do bolso.

— Isso foi muito satisfatório e complacentemente articulado — disse o sargento —, mostra a necessidade de perseverança, com certeza é uma pista, certamente encontraremos a bicicleta.

— Não gosto de ficar perguntando — eu disse polidamente —, mas a sabedoria que nos trouxe até esta árvore não é ensinada nas Escolas Nacionais.

— Não é a primeira vez que a minha bicicleta é roubada — disse Gilhanev.

— No *meu* tempo — disse o sargento —, metade dos colegiais nas Escolas Nacionais passeavam com doenças dentro da boca suficientes para dizimar o continente russo e fazer secar uma plantação verdejante só de olhar para eles. Agora tudo isso acabou, eles passam por exames compulsórios, os mais ou menos são tapados com ferro e os estragados são arrancados com um treco parecido com o alicate de cortar arames.

— A metade delas é causada por andar de bicicleta com a boca aberta — disse Gilhanev.

— Hoje em dia — disse o sargento — não é nada incomum ver uma classe de meninos do primário com dentes saudáveis e dentaduras de criança fabricadas pelo Conselho do Condado por uma mixaria.

— Ranger os dentes parte da subida de uma colina — disse Gilhanev —, não existe nada pior, corrói a melhor parte deles e leva a um fígado estropiado indiretamente.

— Na Rússia — disse o sargento — eles fabricam dentes com teclas velhas de piano para vacas idosas, mas é um país atrasado sem muita civilização, você

gastaria uma fortuna em pneus.

Estávamos agora atravessando uma região cheia de belas árvores resignadas onde eram sempre cinco horas da tarde. Era um recanto ameno do mundo, livre de inquisições e de controvérsias e muito tranquilizante e repousante para a mente. Não havia um animal ali que fosse maior do que o polegar de um homem e nenhum som superior ao que o sargento estava fazendo com o seu nariz, um tipo de música incomum como o vento dentro da chaminé. Em toda nossa volta havia uma vegetação verdejante formada por um macio tapete de samambaias com delicados entrançados verdes entrando e saindo dele e arbustos grosseiros botando a cabeça de fora aqui e ali e interrompendo a urbanidade de apresentação de forma não desagradável. A distância que percorremos nesta região eu não sei, mas chegamos por fim a algum lugar onde paramos sem seguir adiante. O sargento pôs o dedo num determinado lugar da vegetação.

— Pode ser aqui e pode não ser — disse ele —, só nos resta tentar porque a perseverança é a sua própria recompensa e a necessidade é a mãe solteira da invenção.

Gilhaney não demorou muito trabalhando até tirar a sua bicicleta de dentro daquela parte específica da vegetação. Arrancou as urzes do meio dos raios e passou a mão pelos pneus com dedos vermelhos versados e lustrou a sua máquina fastidiosamente. Os três andamos de volta novamente sem um pinga de conversa até onde ficava a estrada e Gilhaney pôs a ponta do pé sobre o pedal para indicar que estava rumando para casa.

— Antes de eu me pôr a caminho — ele disse ao sargento —, qual é a sua sincera opinião sobre o aro de madeira?

— É uma invenção muito louvável — disse o sargento. — Oferece mais molejo, fica extremamente agradável com pneus brancos.

— O aro de madeira — disse Gilhaney lentamente — é a própria armadilha mortal, ele se dilata nos dias úmidos, e sei de um homem que deve sua morte cruel e estúpida a nada mais que isso.

Antes que tivéssemos tempo de ouvir com atenção o que ele estava dizendo, em seguida ele já estava a meio caminho na estrada com seu paletó de abas enfunado atrás de si sustentado pelo vento que ele provocava devido à sua impetuosa aceleração.

— Um homem cômico — aventurei.

— Um homem constituinte — disse o sargento —, largamente instrumental, mas verbosamente fervoroso.

Caminhando precisa e implacavelmente, fizemos os dois o caminho de casa ao longo da tarde, impregnando-a com a fumaça dos nossos cigarros. Refleti que certamente teríamos nos perdido nos campos e vales de terras pantanosas não fosse a estrada muito convenientemente abrir caminho à nossa frente de volta ao

alojamento. O sargento chupava discretamente seus tocos de dentes e levava uma sombra negra sobre a testa como se fosse um chapéu.

Continuando a andar ele se virou na minha direção após um tempo.

— O Conselho do Condado tem muito pelo que responder.

Não entendi o que ele queria dizer, mas disse que concordava com ele.

— Há um mistério — observei — que está me provocando dor na nuca e me causando um bocado de curiosidade. É sobre a bicicleta. Eu nunca ouvi falar de uma investigação tão boa quanto essa que foi feita. Você não apenas encontrou a bicicleta mas também descobriu as pistas. Estou achando extremamente fatigante acreditar no que vejo, e já estou começando a ficar temeroso de olhar para certas coisas caso elas tenham que ser acreditadas. Qual é o segredo do seu virtuosismo policial?

Ele riu das minhas sinceras indagações e meneou a cabeça com extrema indulgência diante da minha ingenuidade.

— Foi uma coisa fácil — disse ele.

— Como fácil?

— Mesmo sem as pistas eu teria conseguido encontrar a bicicleta no fim.

— Parece uma espécie bem difícil de facilidade — respondi. — Você sabia onde é que a bicicleta estava?

— Sabia.

— Como?

— Porque a pus ali.

— Você mesmo roubou a bicicleta?

— Certamente.

— E a bomba e as outras pistas?

— Eu as coloquei onde elas foram finalmente descobertas do mesmo modo.

— E por quê?

Ele não respondeu em palavras por um instante, mas continuou a andar vigorosamente ao meu lado parecendo o mais distante possível.

— O Conselho do Condado é o culpado — disse afinal.

Eu não falei nada, sabendo que ele iria acusar o Conselho do Condado em muito maior medida se eu esperasse até ele ter a culpa propriamente cogitada. Não se passou muito até ele se virar na minha direção para me falar novamente. Seu rosto estava sério.

— Você já chegou a conhecer ou a ouvir falar da Teoria Atômica? — inquiriu.

— Não — respondi.

Ele aproximou a boca da minha orelha confidencialmente.

— Surpreenderia a você saber — disse sombriamente — que a Teoria Atômica está em atividade nesta paróquia?

— Certamente que sim.

— Ela está provocando uma incalculável destruição — continuou ele —, metade das pessoas estão sofrendo por causa dela, é pior que a varíola.

Achei por bem dizer *alguma coisa*.

— Será que o aconselhável — disse eu — seria que dela se encarregassem o médico da farmácia ou os professores da Escola Nacional ou você acha que esta é uma questão para o chefe de família?

— O problema de fio a pavio — disse o sargento — é com o Conselho do Condado.

Ele continuou andando parecendo aflito e preocupado como se o que estivesse analisando na cabeça fosse desagradável num grau muito complexo.

— A Teoria Atômica — escapuli — é algo que não me é absolutamente claro.

— Michael Gilhaney — disse o sargento — é o exemplo de um homem que já está quase no eixo traseiro por causa do princípio da Teoria Atômica. Assombraria você saber que ele é quase metade bicicleta?

— Isso me surpreenderia incondicionalmente — eu disse.

— Michael Gilhaney — disse o sargento — tem quase sessenta anos de idade num computo aproximado e, se este for o caso, ele passou nada menos que 35 anos montado na sua bicicleta pelas estradas pedregosas e subindo e descendo as colinas e caindo nas valas profundas quando a estrada perde o rumo no cansaço do inverno. Está sempre indo para um ou outro destino específico na sua bicicleta a toda hora do dia ou retornando de lá nas horas restantes. Se não fosse pelo fato de a sua bicicleta ser roubada toda segunda-feira ele com certeza estaria a mais de meio caminho agora.

— A meio caminho de onde?

— A meio caminho de se transformar numa bicicleta — disse o sargento.

— Sua conversa — disse eu — é certamente obra da sabedoria, porque eu não entendo nem uma palavra dela.

— Você nunca estudou atomismo quando era rapaz? — perguntou o sargento, me lançando um olhar de extrema indagação e surpresa.

— Não — respondi.

— Esse é um desfalque seriíssimo — disse ele —, mas mesmo assim vou dar uma noção a você. Todas essas coisas se compõem de pequenas partículas de si mesmas e estas ficam voando ao redor em círculos, arcos, segmentos e inúmeras outras figuras geométricas por demais numerosas para se mencionar coletivamente, nunca ficando paradas ou descansando, mas rodopiando e disparando de um lado para o outro e voltando novamente, o tempo todo em constante movimento. Estes cavalheiros minúsculos são chamados átomos. Você está me acompanhando inteligentemente?

— Estou.

— Eles são tão lépidos quanto vinte duendes dançando em cima da pedra de um túmulo.

Uma imagem excelente, murmurou Joe.

— Agora tome uma ovelha — disse o sargento. — O que é uma ovelha a não ser milhões de pedacinhos de ovino redemoinando e fazendo intrincadas circunvoluções dentro da ovelha? O que é mais a não ser isso?

— Isto terminaria fazendo o animal ficar tonto — observei —, especialmente se o rodopio ocorresse dentro da cabeça também.

O sargento me lançou um olhar que estou certo ele mesmo descreveria como de *non-possum* e *noli-me-tangere*.

— Esta observação é o que se pode muito bem chamar de estapafúrdia — disse ele rispidamente —, porque os nervos e a própria cabeça da ovelha estão rodopiando do mesmo jeito e você pode anular um rodopio com o outro e aí está — como a simplificação de uma conta de dividir quando a gente tem cincos acima e abaixo do travessão.

— Para dizer a verdade eu não pensei nisso — eu disse.

— O atomismo é um teorema complicadíssimo e pode ser formulado com a álgebra, mas seria preferível entendê-lo gradualmente, porque você poderia passar a noite inteira demonstrando um pouquinho dele com régua, cossenos e outros instrumentos similares e aí no final não acreditar em absoluto no que demonstrou. Se isso acontecesse, você teria que repetir tudo novamente até chegar a um ponto onde pudesse acreditar nos seus próprios achados e cálculos como descritos na Álgebra de Hall e Knight e então prosseguir de novo a partir daquele ponto específico até estar com a coisa toda propriamente acreditada e não pedacinhos dela meio-acreditados ou uma dúvida na cabeça afligindo você como quando você perde a abotoadura da camisa na cama.

— É bem verdade — disse eu.

— Consecutiva e conseqüentemente — continuou ele — você pode seguramente inferir que você próprio é feito de átomos e assim é o seu bolsinho de relógio, a fralda da sua camisa e o instrumento que você usa para tirar os restos da comida do cantinho de um dente esburacado. Por acaso você sabe o que é que ocorre quando a gente golpeia uma barra de ferro com um bom malho de carvão ou um instrumento rombudo?

— O quê?

— Quando o golpe desce, os átomos são esmagados para a base da barra e comprimidos e socados ali como ovos debaixo de uma boa poedeira. Após um instante no decurso do tempo eles deslizam de volta e retornam finalmente para onde estavam. Mas se você continuar a golpear a barra por tempo suficiente e com força suficiente eles não têm chance de fazer isso, e o que acontece então?

— Essa é uma pergunta difícil.

— Pergunte a um ferreiro a resposta certa e ele lhe dirá que a barra se desintegrará gradualmente se você perseverar com as pancadas fortes. Alguns átomos da barra penetrarão no malho e outro tanto penetrará na mesa ou pedra ou artigo específico que estiver embaixo da base da barra.

— Isso todo mundo sabe.

— O resultado líquido e *a grosso modo* disso é que as pessoas que passaram a maior parte da sua vida normal montadas em bicicletas de ferro pelas estradas pedregosas desta paróquia têm suas personalidades misturadas com as personalidades de suas bicicletas como resultado do intercâmbio dos átomos de cada uma delas e você ficaria surpreso com o número de pessoas nestas bandas que são quase a metade gente e metade bicicletas.

Deixei escapar um grito sufocado de assombro que ressoou no ar como um pneu furado de mau jeito.

— E você ficaria pasmo com o número de bicicletas que são meio-humanas, quase metade gente, quase partícipes da humanidade.

Aparentemente não há limites, observou Joe. *Qualquer coisa pode ser dita neste lugar e será verdadeira e terá que ser acreditada.*

Não me importaria em estar trabalhando neste instante num vapor no meio do mar, disse eu, enrolando cabos e fazendo o trabalho manual pesado. Gostaria de estar bem longe daqui.

Olhei cautelosamente à minha volta. Havia pântanos marrons e pântanos negros cuidadosamente arrumados em cada lado de estrada dentro de caixas retangulares por eles entalhadas aqui e ali, cada uma delas com um suprimento de água marrom-amarelada e amarelo-amarronzada. Bem longe, próximo ao horizonte, pessoas minúsculas estavam debruçadas sobre o seu trabalho nas turfeiras, recortando torrões de formato uniforme com suas pás patenteadas e empilhando-os num alto monumento do dobro da altura de um cavalo com carroça. Sons chegavam delas até o sargento e a mim próprio, transmitidas aos nossos ouvidos de graça pelo vento oeste, sons de risos, assobios e trechos de versos de antigas canções dos pântanos. Mais próximo havia uma casa cuidada por três árvores e cercada pela alegria de um séquito de galinhas, todas elas piscando e discutindo ruidosamente em meio à incansável fabricação de seus ovos. A casa propriamente dita estava quieta e silenciosa, mas um dossel de fumaça indolente fora erguido acima da chaminé para indicar que havia gente dentro ocupada com seus afazeres. A nossa frente seguia a estrada, correndo rápida pela planície e se detendo ligeiramente para galgar lentamente uma colina que a esperava num ponto onde havia grama crescida, matacões cinzentos e árvores paradas em formação militar. Toda a parte de cima era ocupada pelo céu, sereno, impenetrável, inefável e incomparável, com uma bela ilha de nuvens ancorada nos tranquilos três metros à direita da “casinha” do sr. Jarvis.

O cenário era real e incontestável e em desacordo com a conversa do sargento, mas eu sabia que o sargento dizia a verdade e, se fosse uma questão de escolha, era possível que eu tivesse que abrir mão da realidade de todas as coisas simples que estavam diante dos meus olhos.

Olhei-o pelo canto do olho. Ele avançava a passos largos dando sinais de raiva contra o Conselho do Condado no seu rosto rubro.

— E você tem certeza da humanidade da bicicleta? — inquiri dele. — Será que a Teoria Atômica é tão perigosa quanto você diz?

— Ela é duas ou três vezes mais perigosa do que poderia ser — ele respondeu lugubrememente. — De manhã cedo eu costumava achar que ela é quatro vezes e, o que é pior, se você vivesse aqui por alguns dias e desse plena margem à sua observação e exame, saberia quão certa é a segurança da certeza.

— Gilhane não se parecia com uma bicicleta — disse eu. — Ele não tinha roda traseira em si e não creio que tivesse roda dianteira tampouco, embora eu não tenha prestado muita atenção na parte da frente dele.

O sargento me olhou com certa comiseração.

— Você não pode esperar que cresçam guidons no pescoço dele, mas vi ele fazendo coisas mais indescritíveis do que isso. Você já percebeu o estranho comportamento das bicicletas nestas bandas?

— Não estou há muito tempo neste distrito.

Graças a Deus, disse Joe.

— Então observe as bicicletas se você acha agradável ter surpresas continuamente — disse ele. — Quando um homem deixa as coisas irem tão longe que se torna metade ou mais que metade bicicleta, você não verá tanta coisa porque ele passa um bocado do seu tempo se apoiando com um dos cotovelos em paredes ou parado sustentado por um dos pés nos meio-fios. É claro que há outras coisas relacionadas às mulheres e bicicletas de mulheres que eu mencionarei a você separadamente qualquer hora. Mas a bicicleta humanizada é um fenômeno de enorme fascínio e intensidade e um artigo perigosíssimo.

Neste ponto um homem com longas abas de paletó desfraldadas atrás de si se aproximou rapidamente numa bicicleta, deslizando agradavelmente na descida da colina à nossa frente e passando por nós. Observei-o com olhos de seis águias, tentando descobrir quem estava levando o outro e se era na verdade um homem com uma bicicleta sobre os ombros. Não me pareceu ver nada, no entanto, que fosse memorável ou admirável.

O sargento estava olhando no seu caderninho preto.

— Este era O'Feersa — disse ele afinal. — Seu índice é apenas 23 por cento.

— Ele é 23 por cento bicicleta?

— É.

— Isso significa que a bicicleta dele também é 23 por cento O'Feersa?

— Significa.

— O Gilhaney é quanto?

— Quarenta e oito.

— Então o O'Feersa é muito menos.

— Isso é devido ao feliz fato de haverem três irmãos parecidos na casa e de serem pobres demais para terem cada um uma bicicleta diferente. Algumas pessoas nunca chegam a saber quão afortunadas são por serem cada uma mais pobre que a outra. Seis anos atrás um dos três O'Feersa ganhou um prêmio de dez libras na *John Bull*.[*] Quando a novidade chegou aos meus ouvidos, vi que ia ter que adotar providências ou de outra forma haveria duas novas bicicletas na família, porque você vai entender que só posso roubar um número limitado de bicicletas numa única semana. Eu não queria ter três O'Feersas para cuidar. Felizmente eu conhecia o carteiro muito bem. O carteiro! com mil giros da parafuseta da rosca da rupindela! — A lembrança do carteiro pareceu dar ao sargento um pretexto para infinito regozijo e motivo para intrincada gesticulação com suas mãos vermelhas.

— O carteiro? — eu disse.

— Setenta e um por cento — disse ele em voz baixa.

— Meu Deus!

— Uma rotina de sessenta quilômetros de bicicleta todo santo dia durante quarenta anos, caía granizo, chuva ou neve. Há pouquíssima esperança de que esse número possa cair abaixo de cinquenta novamente.

— Você o subornou?

— Certamente. Com duas daquelas tirinhas que a gente põe em torno dos cubos das bicicletas para mantê-los como novos.

— E como é que as bicicletas dessas pessoas se comportam?

— As bicicletas dessas pessoas?

— Quero dizer essas pessoas das bicicletas ou qualquer que seja o nome correto para elas — as que têm duas rodas por debaixo e guidons.

— O comportamento de uma bicicleta que tenha um alto teor de humanidade — disse ele — é muito astucioso e absolutamente notável. A gente nunca as vê se movendo por conta própria, mas é possível encontrá-las nos lugares mais imprevisíveis inesperadamente. Você nunca viu uma bicicleta encostada no aparador de uma cozinha aquecida quando está chovendo lá fora?

— Já.

— Não muito longe do fogo?

— É.

— Próxima o bastante da família para ouvir a conversa?

— Sim.

— Não a mil quilômetros de onde guardam os alimentos?

— Não observe isso. Você não está querendo dizer que essas bicicletas ingerem alimentos?

— Elas nunca foram vistas fazendo isso, ninguém nunca as pegou com a boca cheia de bife. Tudo que sei é que a comida desaparece.

— O quê!

— Não é a primeira vez que eu noto migalhas nas rodas dianteiras desses cavalheiros.

— Tudo isso é chocante pra mim — disse eu.

— Ninguém percebe nada — replicou o sargento — Mick pensa que Pat foi quem transmitiu a coisa e Pat pensa que Mick foi usado. Pouquíssimas pessoas imaginam o que está acontecendo nesta paróquia. Há outras coisas sobre as quais eu preferia não entrar em muitos detalhes. Uma nova professora esteve aqui certa vez com uma bicicleta nova. Não fazia muito que ela estava aqui quando Gilhaney saiu para o campo deserto na bicicleta de dama dela. Você pode avaliar a imoralidade da coisa?

— Posso.

— Mas aconteceu pior. Seja de que modo a bicicleta de Gilhaney conseguiu fazê-lo, ela se deixou encostada num lugar para onde a jovem professora sairia correndo para ir depressa a algum lugar na sua bicicleta. A bicicleta dela sumira, mas ali estava a de Gilhaney apoiada convenientemente e tentando parecer bem pequena, confortável e atraente. Será que eu preciso lhe informar qual foi o resultado ou o que foi que aconteceu?

De fato ele não precisa, disse Joe num tom de urgência. *Nunca ouvi falar de nada tão descarado e perverso. É claro que a professora não teve culpa, ela não sentiu prazer e não sabia.*

— Não precisa não.

— Bom, foi o que ocorreu. Gilhaney passou o dia fora com a bicicleta da dama e vice-versa inversamente e é mais do que óbvio que a dama em questão saiu com um alto índice — 35 ou 40, diria eu, apesar de a bicicleta ser nova. Muitos cabelos brancos eu já adquiri na cabeça, tentando moderar o pessoal dessa paróquia. Se você deixasse a coisa ir longe demais, seria o fim de tudo. Você teria bicicletas querendo votos e elas obteriam cadeiras no Conselho do Condado e fariam as estradas muito piores do que são para sua própria motivação ulterior. Mas não obstante isso e por outro lado, uma boa bicicleta é uma grande companheira, algo extremamente fascinante.

— Como é que você sabe se um homem está cheio de bicicleta nas veias?

— Se o índice dele for acima de cinquenta você pode saber inconfundivelmente pelo seu andar. Ele sempre vai estar andando rapidamente e nunca se sentará e se encostará na parede com o cotovelo de fora e ficará daquele jeito a noite inteira dentro da cozinha em vez de ir para a cama. Caso ele ande devagar demais ou pare no meio da estrada, cairá prostrado e terá que ser erguido e posto em movimento novamente por alguma pessoa extrínseca. Este é

o desventurado estado em que o carteiro se embiciclotou, e eu não creio que ele chegue a se desbicicletar disso.

— Acho que eu nunca vou andar de bicicleta — eu disse.

— Um pouco é bom e toma a pessoa robusta e a faz ficar em forma. Mas andar longas distâncias com muita frequência e muito depressa não é absolutamente seguro. Os baques contínuos dos seus pés na estrada fazem uma certa quantidade da estrada subir para dentro de você. Quando um homem morre dizem que ele retorna ao pó, mas andar demais enche você de pó muito mais depressa (ou enterra pedacinhos de você pela estrada afora) e traz a sua morte no seu encontro no meio do caminho. Não é fácil saber qual é a melhor maneira de se locomover de um lugar para o outro.

Depois que ele terminara de falar dei comigo caminhando lépida e delicadamente nas pontas dos pés a fim de prolongar a minha vida. Minha cabeça estava abarrotada de temores e uma miscelânea de apreensões.

— Nunca ouvi falar dessas coisas antes — disse eu — e nunca soube que esses acontecimentos pudessem acontecer. Será que é um processo novo ou sempre foi um antigo fundamento?

O rosto do sargento se nublou e ele cuspiu pensativamente três metros adiante de si na estrada.

— Vou lhe contar um segredo — ele disse muito confidencialmente em voz baixa. — Meu bisavô tinha 83 anos quando morreu. Durante um ano antes de sua morte ele foi um cavalo!

— Um cavalo?

— Um cavalo em tudo, salvo exterioridades extrínsecas. Ele passava o dia pastando num campo ou comendo feno numa baia. Normalmente era tranquilo e indolente, mas de vez em quando saía para uma rápida galopada, vencendo as sebes em grande estilo. Você já viu um homem sobre duas pernas galopando?

— Nunca vi.

— Bem, me é dado a entender que é uma bela visão. Ele sempre dizia que venceu a *Grand National*^[**] quando era bem mais moço e costumava incomodar a família com histórias sobre os saltos complicados e sua enorme altura.

— Suponho que seu bisavô se meteu nessa condição por andar a cavalo em excesso?

— Foi o que aconteceu. Seu velho cavalo Dan ficou do jeito inverso e causou tantos problemas, vindo para dentro de casa à noite, se intrometendo com as mocinhas durante o dia e cometendo ofensas indiciáveis, que tiveram que sacrificá-lo a tiros. A polícia era insensível, não compreendendo as coisas direito naqueles tempos. Eles disseram que teriam que prender o cavalo, acusá-lo e levá-lo a juízo na próxima sessão do tribunal de pequenas causas a menos que dessem cabo dele. Por isso minha família o sacrificou, mas se você quiser saber

foi no meu bisavô que atiraram e é o cavalo que está enterrado no Cemitério de Cloncoonla.

Então o sargento ficou pensativo com a recordação de seus ancestrais e manteve uma expressão rememorativa durante o meio quilômetro seguinte até chegarmos ao alojamento. Joe e eu concordamos em particular que estas revelações eram a suprema surpresa reservada para nós e aguardando a nossa chegada ao alojamento.

Quando o alcançamos o sargento foi entrando na frente com um suspiro.

— O problema todo de fio a pavio — disse ele — é com o Conselho do Condado.

[*] Uma personificação da Inglaterra. (N. do T.)

[**] Corrida anual de obstáculos realizada em Liverpool, na Inglaterra. (N. do T.)

VII

O duro choque que levei logo após a reentrada no alojamento com o sargento me fez pensar em seguida nos imensos consolos que a filosofia e a religião podem oferecer na adversidade. Elas parecem iluminar as situações tenebrosas e dar força para suportarmos os fardos extraordinários. Não estranhamente meus pensamentos nunca estiveram muito longe de De Selby. Todas as suas obras — mas particularmente *Horas douradas* — têm o que se pode denominar uma qualidade terapêutica. Elas possuem um efeito revigorante mais comumente associado com as bebidas alcoólicas, revivificando e serenamente restaurando o tecido espiritual. Esta propriedade benigna de sua prosa não deve, espera-se, ser atribuída à razão observada pelo excêntrico Du Garbandier, que disse que “a beleza da leitura de uma página de De Selby é que ela nos leva inevitavelmente à feliz convicção de que não somos, entre todos os paspalhos, os maiores”.^[13] Este é, penso, um exagero de uma das qualidades mais cativantes de De Selby. A humanizante urbanidade de sua obra sempre me pareceu ser realçada antes que pervertida pela intromissão ocasional aqui e ali de seus deslizes menores, ainda mais patéticos porque ele considerava alguns deles como os pináculos de suas proezas intelectuais em vez de indicações de sua fragilidade como ser humano.

Sustentando que os métodos de vida usuais eram ilusórios, é natural que ele não prestasse muita atenção às adversidades da vida, e de fato ele não oferece muita sugestão de como elas deveriam ser enfrentadas. A anedota de Bassett^[14] sobre este ponto pode valer a pena ser contada. Durante os dias de De Selby em Bartown, ele adquirira certa reputação local como um sábio “devido possivelmente ao fato de ter a fama de nunca ler os jornais”. Um jovem da cidade estava seriamente perturbado por alguma questão envolvendo uma dama e, achando que este problema estava lhe pesando na cabeça e ameaçando interferir na sua sanidade mental, procurou De Selby para aconselhamento. Em vez de exorcizar essa mácula solitária da mente do jovem rapaz, como de fato poderia facilmente ter sido feito, De Selby atraiu a atenção do jovem para cerca de cinquenta proposições imponderáveis, cada uma das quais levantava dificuldades que abarcavam muitas eternidades e reduzia o enigma da jovem dama ao nada. Assim o jovem que viera temendo a possibilidade de algo ruim deixou a casa completamente convencido do pior e de bom grado contemplando o suicídio. Que ele tenha chegado em casa para o jantar na hora normal foi por uma feliz intervenção da parte da lua, pois fora para casa pela enseada apenas para descobrir que a maré descera três quilômetros. Seis meses depois ele arranhou para si mesmo seis meses civis de encarceramento com trabalhos forçados com base em dezoito acusações compreendendo apropriação indébita e

delitos relacionados à intromissão nas ferrovias. Foi no que deu De Selby como ministrador de conselhos.

Como já dito, no entanto, De Selby fornece um genuíno sustento mental se lido objetivamente pelo que há para ser lido. No *Atlas do leigo*^[15], ele trata explicitamente da privação, velhice, amor, pecado, morte e outros percalços da existência. É bem verdade que lhes dedica apenas umas seis linhas, mas isto se deve à sua devastadora afirmativa de que são todos “supérfluos”.^[16] Por assombroso que possa parecer, ele faz esta afirmativa como um corolário direto de sua descoberta de que a Terra, longe de ser uma esfera, é “do formato de uma salsicha”.

Não poucos dos comentadores críticos confessam-se em dúvida quanto a se De Selby estava se permitindo uma mínima parcela de rara veledade em conexão com sua teoria, mas ele parece debater a matéria com suficiente seriedade e não sem convicção.

Ele adota a linha costumeira de apontar as falácias implícitas nas concepções existentes e a seguir propondo o seu próprio conceito no lugar daquele que alega ter demolido.

Parada num ponto da postulada esfera terrestre, diz ele, a pessoa tem quatro direções nas quais se mover, a saber: norte, sul, leste e oeste. Mas não é necessária muita reflexão para vermos que realmente parecem haver somente duas, já que norte e sul são termos inexpressivos em relação a um esferoide e podem conotar movimento em apenas *uma* direção; assim também com oeste e leste. Pode-se alcançar qualquer ponto da faixa norte-sul viajando em qualquer das duas “direções”, a única aparente diferença entre as duas “rotas” sendo considerações extrínsecas de tempo e distância, ambos já provados ilusórios. Norte-sul é portanto uma direção, e leste-oeste aparentemente outra. Em vez de quatro direções há apenas duas. Pode-se seguramente inferir,^[17] diz De Selby, que há uma outra falácia similar inerente aqui e que existe de fato apenas uma possível direção propriamente alegada, pois se a pessoa deixar qualquer ponto sobre o globo, movendo-se e continuando a se mover em qualquer “direção”, ela atingirá por fim o ponto de partida novamente.

A aplicação desta conclusão a sua teoria de que “a Terra é uma salsicha” é iluminante. Ele atribui a ideia de que a Terra é esférica ao fato de os seres humanos estarem continuamente se movendo em apenas uma direção conhecida (embora convencidos de que estão livres para se mover em qualquer direção) e que esta mesma direção é na verdade em torno da circunferência circular de uma Terra que é de fato do formato de uma salsicha. Dificilmente se poderia contestar que, se a multidirecionalidade for admitida como sendo uma falácia, a esfericidade da Terra é outra falácia que inevitavelmente decorreria dela. De Selby compara a posição de um ser humano sobre a Terra com a de um homem

sobre um arame esticado que tem que continuar andando pelo arame ou perecerá, estando, entretanto, livre em todos os outros aspectos. O movimento nesta órbita restrita resulta na permanente alucinação convencionalmente conhecida por “vida” com suas inumeráveis e concomitantes limitações, aflições e anomalias. Se pudermos achar uma maneira, diz De Selby, de descobrir a “segunda direção”, isto é, ao longo do “cilindro” da salsicha, um mundo de sensações e experiências inteiramente novas estará aberto à humanidade. Novas e inimagináveis dimensões suplantarão a presente ordem, e as múltiplas “superfluidades” da existência “unidirecional” desaparecerão.

É bem verdade que De Selby é bastante vago quanto a como precisamente essa nova direção deve ser descoberta. Ela não é, adverte-nos ele, para ser verificada por qualquer subdivisão microscópica dos pontos conhecidos da bússola e pouco se pode esperar de súbidas corridas de um lado para o outro na esperança de que um feliz acaso intervenha. Ele duvida que as pernas humanas sejam “adequadas” para atravessar o “*celestium* longitudinal” e parece sugerir que a morte está quase sempre presente quando a nova direção é descoberta. Como Bassett salienta com bastante justeza, isto empresta considerável colorido a toda a teoria, mas sugere ao mesmo tempo que De Selby está meramente enunciando de uma forma obscura e recôndita algo que é notório e aceito.

Como sempre, há evidências de que ele realizou alguns experimentos privados. Parece que ele achou certa vez que a gravitação era o “carcereiro” da humanidade, mantendo-a sobre a linha unidirecional do obliuio, e que a máxima liberdade situava-se em alguma direção para o alto. Ele examinou a aviação como um recurso sem sucesso e subseqüentemente passou algumas semanas projetando certas “bombas barométricas” que “funcionavam com mercúrio e arames” para liberar vastas áreas de terra da influência da gravitação. Felizmente para as pessoas do lugar bem como para seus bens móveis, ele não parece ter obtido muito resultado. Eventualmente foi distraído dessas ocupações pela extraordinária questão da caixa-d’água.^[18] Como já adverti, teria dado tudo por um vislumbre de um poste de sinalização mostrando o caminho pelo “cilindro” da salsicha após ter estado há uns dois minutos de volta na sala de plantão branca com o sargento Pluck.

Ainda não estávamos completamente do lado de dentro da porta quando percebemos plenamente que havia um visitante presente. Ele tinha fitas coloridas de oficial sobre o peito mas estava vestido no uniforme azul de policial e na cabeça levava um chapéu de policial com um distintivo especial de oficial superior reluzindo de forma intensamente brilhante nele. Era muito gordo e redondo, com pernas e braços mínimos, e seu imenso tufo de bigode estava eriçado pelo mau humor e a intemperança. O sargento lançou-lhe olhares de surpresa e então bateu continência.

— Inspetor O’Corky! — disse.

— O que significa a vacuidade do posto em horas de rotina? — vociferou o inspetor.

O som que a voz dele produzia era áspero como papelão vagabundo sobre lixa e era evidente que ele não estava satisfeito consigo mesmo nem com os outros.

— Eu próprio estava fora — respondeu o sargento respeitosamente — numa ronda de emergência e numa investigação da mais alta gravidade.

— Você sabia que um homem chamado Mathers foi encontrado na bifurcação de uma vala há duas horas com a barriga aberta por uma faca ou instrumento cortante?

Dizer que isto foi uma surpresa que interferiu seriamente nas minhas válvulas cardíacas seria o mesmo que dizer que um atizador incandescente aqueceria o seu rosto caso alguém decidisse aplicá-lo em você. Olhei fixamente do sargento para o inspetor e de volta novamente com todas as minhas entranhas trêmulas de terror.

Parece que o nosso amigo mútuo Finnucane está nas redondezas, disse Joe.

— Claro que sabia — disse o sargento.

Muito estranho. Como é que ele poderia se estava fora conosco atrás da bicicleta durante as últimas quatro horas?

— E que medidas você tomou e quantas medidas? — vociferou o inspetor.

— Longas medidas e medidas na direção certa — respondeu o sargento tranquilamente. — Sei quem é o assassino.

— Então por que é que ele não está preso sob custódia?

— Ele está — disse o sargento prazerosamente.

— Onde?

— Aqui.

Esse foi o segundo raio. Depois de ter dado uma olhadela temerosamente para a minha retaguarda sem ver o assassino, tornou-se claro para mim que eu próprio era o objeto da conversa privada dos dois policiais. Não protestei em absoluto porque minha voz sumira e minha boca estava seca até a alma.

O inspetor O’Corky estava zangado demais para ficar satisfeito com algo tão surpreendente como o que o sargento dissera.

— Então por que é que ele não está confinado debaixo de chave dupla e cadeado dentro da cela? — urrou ele.

Pela primeira vez o sargento pareceu um tanto desconcertado e envergonhado. Seu rosto ficou um pouco mais rubro do que era e ele baixou os olhos para o chão de pedra.

— Para lhe dizer a verdade — disse ele afinal —, eu guardo a minha bicicleta lá.

— Entendo — disse o inspetor.

Ele se abaixou rapidamente e firmou as presilhas pretas nas extremidades das suas calças batendo com os pés no chão. Pela primeira vez vi que ele estivera encostado com um dos cotovelos no balcão.

— Trate de regularizar a sua irregularidade instantaneamente — disse ele à guisa de até logo — e retifique a sua irretidão e ponha o assassino no xadrez antes que ele destripe o bucho de toda a zona rural.

Depois disso ele se foi. Chegaram até nós os sons ásperos de algo raspando no cascalho, um sinal de que o inspetor preferia o método antiquado de montar pelo estribo traseiro.

— É isso — disse o sargento.

Ele tirou o quepe e foi até uma cadeira e sentou-se nela, pondo-se à vontade no seu amplo traseiro pneumático. Tirou um pano vermelho de dentro do bolso e decantou os globos de perspiração do seu vasto semblante abrindo os botões da sua túnica como se para deixar sair voando o problema que estava aprisionado ali. Então passou a realizar com precisão científica um exame das solas e dos bicos das suas botas de policial, um sinal de que estava engalfinhado com algum problema terrível.

— O que o preocupa? — indaguei, extremamente ansioso a esta altura para que o que ocorrera fosse discutido.

— A bicicleta — disse ele.

— A bicicleta?

— Como é que eu vou tirá-la de dentro da cela? — perguntou. — Sempre a tenho mantido em confinamento solitário quando não estou andando nela para me certificar de que ela não esteja levando uma vida pessoal inimiga à minha própria inimitabilidade. Para mim todo cuidado é pouco. Tenho que passear longos passeios em meus passeios policiais.

— Quer dizer que eu devo ser trancafiado na cela e mantido lá escondido do mundo?

— Certamente você ouviu as instruções do inspetor?

Perguntar se é tudo uma piada?, disse Joe.

— Tudo isso é uma piada para fins de diversão?

— Se você encarar desse modo ficarei indefinidamente grato a você — disse o sargento veementemente — e me lembrarei de você com verdadeira emoção. Seria um gesto nobre e um exemplo indizível de suprema excelência por parte do finado.

— O quê! — exclamei.

— Você deve lembrar-se de que usar tudo em seu próprio benefício é uma das regras da verdadeira sabedoria como lhe informei privadamente. É a obediência a esta regra por minha parte que faz de você um criminoso na tarde de hoje.

— O inspetor exigiu um prisioneiro capturado como a menor condição mínima para seus mediocres *bonhomie* e *mal d'esprit*. Foi a sua desgraça pessoal estar presente adjacientemente na hora, mas foi igualmente a minha sorte e felicidade pessoal. Não há outra opção senão pendurá-lo pelo sério delito.

— Me pendurar?

— Enforcá-lo pela traqueia antes de passada a hora do café da manhã.

— Isto não está certo — gaguejei —, é injusto... perverso... diabólico. — Minha voz saiu num fino trêmulo de pavor.

— É assim que operamos nesta parte do país — explicou o sargento.

— Eu resistirei — gritei —, resistirei até a morte e lutarei pela minha existência mesmo que perca a vida na tentativa.

O sargento fez um gesto apaziguador em protesto. Tirou um enorme cachimbo e quando o meteu na cara a coisa parecia um enorme machado.

— Sobre a bicicleta — disse ele quando tinha a coisa em serviço ativo.

— Que bicicleta?

— A minha própria. Será que incomodaria você se eu esquecesse de trancafiá-lo dentro do interior da cela? Não quero ser egoísta, mas tenho que pensar cuidadosamente na minha bicicleta. A parede desta sala de plantão não é lugar para ela.

— Não me importo — eu disse em voz baixa.

— Você pode permanecer nas redondezas em liberdade sob palavra e livramento condicional até que tenhamos tempo de construir o cadafalso alto no pátio dos fundos.

— Como é que você sabe que eu não vou fazer uma fuga sensacional? — perguntei, achando que seria melhor descobrir todas as ideias e intenções do sargento de modo que a minha fuga fosse de fato infalível.

Ele me deu um sorriso tanto quanto o peso do seu cachimbo o permitiu.

— Você não vai fazer isso — disse. — Não seria digno, mas mesmo se fosse seguiríamos facilmente os rastros do pneu traseiro e além disso e do resto e acima de tudo o policial Fox com certeza prenderia você nos arredores com apenas uma das mãos. Não haveria necessidade de um mandado.

Ficamos os dois sentados em silêncio durante algum tempo ocupados com os nossos pensamentos, ele pensando na sua bicicleta e eu na minha morte.

A propósito, observou Joe, parece que eu me lembro do nosso amigo dizendo que a lei não poderia encostar um dedo na gente por conta do seu anonimato congênito.

— É isso mesmo — disse eu. — Eu esqueci isso.

Do jeito que as coisas estão eu imagino que isso não seria muito mais que um ponto de debate.

— Vale a pena mencioná-lo — disse eu.

Por Deus, vale.

— Por sinal — eu disse ao sargento —, você recuperou o meu relógio americano para mim?

— A matéria está em exame e merecendo atenção — disse ele oficialmente.

— Você se lembra que você me disse que eu não estava absolutamente aqui porque eu não tinha nome e que a minha personalidade era invisível para a lei?

— Eu disse isso.

— Então como é que eu posso ser enforcado por um assassinato, mesmo se o cometi e não há julgamento nem procedimentos preliminares, nenhuma fiança estabelecida e nenhuma audiência diante de um Representante da Defensoria Pública?

Espreitando o sargento, vi-o tirar o cachimbo da boca em surpresa e franzir o sobrolho em rugas consideráveis. Pude ver que ele estava seriamente perturbado com a minha indagação. Ele me olhou sombriamente e então duplicou o seu olhar, lançando-me uma fitada comprimida ao longo da linha da sua primeira visão.

— Com todos os demônios! — disse.

Durante três minutos ficou sentado dando às minhas alegações sua indivisa atenção. Estava franzindo a testa com tanta força com rugas que eram tão profundas que o sangue fugiu do seu rosto, deixando-o lúgubre e ameaçador.

Então ele falou.

— Você está completamente convencido de que é anônimo? — perguntou.

— Positivamente seguro.

— Seria Mick Barry?

— Não.

— Charlemagne O'Keefe?

— Não.

— Sir Justin Spens?

— Não é esse não.

— Kimberley?

— Não.

— Bernard Fann?

— Não.

— Joseph Poe ou Nolan?

— Não.

— Um dos Garvins ou dos Moynihans?

— Não são esses não.

— Rosencranz O'Dowd?

— Não.

— Seria O'Benson?

— O'Benson não.

— Os Quigleys, os Mulrooneys ou os Hounimen?

— Não.

— Os Hardimen ou os Merrimen?

— Esses não.

— Peter Dundy?

— Não.

— Scrutch?

— Não.

— Lord Brad?

— Ele não.

— Os O'Growneys, os O'Roarty s ou os Finnehys?

— Não.

— Esse é um caso espantoso de desmentido e delação — disse ele.

Passou o pano vermelho pelo rosto novamente para reduzir a umidade.

— Um assombroso desfile de nulidades — acrescentou.

— Meu nome também não é Jenkins — condescendi.

— Roger MacHugh?

— Não é Roger não.

— Sitric Hogan?

— Não.

— Não é Conroy?

— Não.

— Não é Conroy?

— Não é Conroy.

— Há pouquíssimos outros nomes que você pudesse ter, então — disse ele.

— Porque só um negro poderia ter um nome diferente dos que eu recitei. Ou um pele-vermelha. Não é Byrne?

— Não.

— Essa é uma charada — disse ele desalentadamente. Concentrou-se duplamente para dar plenos tratos aos miolos extras que tinha na parte de trás da cabeça. — Macacos me mordam — murmurou.

Acho que vencemos.

Ainda não chegamos a salvo, respondi.

Não obstante, acho que podemos relaxar. Evidentemente ele nunca ouviu falar do Signor Bari, o periquito da voz de ouro de Milão.

Não creio que este seja o momento para brincadeiras.

Ou J. Courtney Wain, investigador particular e membro da ordem dos advogados. Dezoito mil guinéus cobrados por uma causa. O caso notável dos homens ruivos.

— Por Deus — disse o sargento subitamente. Ele se levantou para andar de um lado a outro. — Acho que o caso pode ser satisfatoriamente resolvido — disse prazerosamente — e ratificado incondicionalmente.

Não gostei do sorriso dele e pedi-lhe que se explicasse.

— É verdade — disse ele — que você não pode cometer um crime e que o braço direito da lei não pode pôr um dedo em você independentemente do grau da sua criminalidade. Qualquer coisa que você faça é mentira e nada que aconteça a você é verdadeiro.

Concordei com a cabeça satisfeito.

— Por esta simples razão — disse o sargento —, podemos pegá-lo e enforcá-lo até a morte e você não terá sido enforcado em absoluto e não haverá qualquer registro a ser feito no atestado de óbito. A morte particular que você vai morrer nem chega a ser uma morte (que é no máximo um fenômeno inferior), apenas uma abstração insalubre no pátio dos fundos, um caso de nulidade negativa neutralizada e anulada por asfixia e fratura da medula espinhal. Assim como não é mentira dizer que você recebeu a batida final do martelo atrás do alojamento, igualmente verdadeiro é dizer que nada lhe aconteceu.

— Você quer dizer que porque eu não tenho nome eu não posso morrer e que você não pode ser responsabilizado pela minha morte mesmo se você me matar?

— É exatamente isso — disse o sargento.

Senti-me tão triste e tão inteiramente desapontado que lágrimas afluíram aos meus olhos e um nó de indizível pungência se dilatou na minha garganta. Comecei a sentir intensamente cada fragmento da minha uniforme humanidade. A vida que borbulhava nas extremidades dos meus dedos era real e quase dolorosa em intensidade e assim era a beleza do meu rosto excitado e a desprendida humanidade dos meus membros e a vigorosa saúde do meu rico sangue vermelho. Deixar isso tudo sem uma boa razão e despedaçar o pequeno império em minúsculos fragmentos era uma coisa por demais lamentável mesmo para me recusar a pensar sobre ela.

A próxima coisa importante que aconteceu na sala de plantão foi a entrada do policial MacCruiskeen. Entrou marchando até uma cadeira, sacou sua caderneta preta e começou a perscrutar as anotações de seu próprio punho, ao mesmo tempo contorcendo os lábios, num artigo parecido com uma bolsa.

— Você fez alguma leitura? — perguntou o sargento.

— Fiz — disse MacCruiskeen.

— Leia-as até que eu as ouça — disse o sargento — e até que eu faça as comparações mentais dentro do interior da minha cabeça interna.

MacCruiskeen fitou seu caderno intensamente.^[19]

— Dez ponto cinco — disse ele.

— Dez ponto cinco — disse o sargento. — E qual foi a leitura na haste?

— Cinco ponto três.

— E quanto na alavanca?

— Dois ponto três.

— Dois ponto três está alto — disse o sargento. Ele pôs o dorso do seu punho entre as serrilhas dos seus dentes amarelos e começou a trabalhar nas suas comparações mentais. Após cinco minutos seu rosto se desanuviou e ele olhou novamente para MacCruiskeen.

— Houve alguma queda? — perguntou.

— Uma leve queda às cinco e meia.

— Cinco e meia é bastante tarde se a queda foi leve — disse ele.

— Você pôs carvão corretamente no suspiro?

— Pus — disse MacCruiskeen.

— Quanto?

— Três quilos.

— Eu diria três e meio — disse o sargento.

— Três foi suficientemente satisfatório — disse MacCruiskeen —, se você se lembrar que a leitura na haste vem caindo nos últimos quatro dias. Tentei a lançadeira, mas não havia nenhum indício de folga ou frouxidão nela.

— Eu ainda diria três e meio por uma questão de segurança — disse o sargento —, mas se a lançadeira está firme, não há nenhum motivo para temerosa ansiedade.

— Absolutamente nenhum.

O sargento desobstruiu o rosto de todas as linhas de pensamento que tinha sobre o mesmo e se levantou e bateu com as mãos espalmadas nos bolsos do peito.

— É isso — disse.

Curvou-se para pôr as presilhas nos tornozelos.

— Agora tenho que ir para onde estou indo — disse — e deixe-se — disse ele a MacCruiskeen — vir comigo até o exterior por dois momentos até eu informá-lo sobre eventos recentes oficialmente.

Os dois saíram juntos, me deixando em minha triste e melancólica solidão. MacCruiskeen não se demorou muito fora, mas me senti solitário durante aquele minúsculo meio tempo. Quando ele entrou novamente me deu um cigarro que estava quente e amassado do seu bolso.

— Creio que vão pendurar você — disse ele alegremente.

Repliquei meneando a cabeça.

— É uma má época do ano, vai custar uma fortuna — disse ele. — Você não acreditaria o preço da madeira.

— Uma árvore não bastaria? — indaguei, permitindo-me um cínico capricho de humor.

— Não acho que seria adequado — disse ele —, mas irei mencioná-lo em particular ao sargento.

— Obrigado.

— O último enforcamento que tivemos nesta paróquia — disse ele — foi há trinta anos. Foi um homem muito famoso chamado MacDadd. Ele tinha o recorde para os duzentos quilômetros com pneu maciço. Não preciso dizer o que o pneu maciço fez a ele. Tivemos que enforcar a bicicleta.

— Enforcar a bicicleta?

— MacDadd tinha um ressentimento de primeira categoria contra outro homem chamado Figgerson, mas ele não chegou perto de Figgerson. Ele estava por dentro das coisas e deu uma tremenda surra na bicicleta de Figgerson com um pé de cabra. Depois disso MacDadd e Figgerson tiveram uma briga e Figgerson — um moreno de óculos — não viveu para saber quem tinha vencido. Houve um magnífico velório e ele foi enterrado com a sua bicicleta. Você já viu um caixão no formato de uma bicicleta?

— Não.

— É um trabalho extremamente complexo de marcenaria, você tem que ser um marceneiro de primeira categoria para fazer um bom acabamento nos guidons para não falar nos pedais e no estribo traseiro. Mas o assassino era um péssimo exemplo de criminalidade e não conseguimos achar MacDadd por um bom tempo nem ter certeza de onde a maior parte dele estava. Tivemos que prender a bicicleta dele assim como ele próprio e vigiamos os dois sob observação secreta durante uma semana para ver onde estava a maioria de MacDadd e se a bicicleta estava quase toda dentro das calças de MacDadd *pari passu*, se é que você me entende.

— O que foi que aconteceu?

— O sargento deu o seu veredito no final da semana. Sua posição era dolorosa ao extremo porque ele era um amigo muito íntimo de MacDadd depois do expediente. Ele condenou a bicicleta que foi enforcada. Registramos um *nolle prosequi* no livro de ocorrências em respeito pelo outro acusado. Eu próprio não vi o enforcamento porque sou um homem sensível e meu estômago é extremamente reacionário.

Ele se ergueu e foi até o aparador e tirou a sua caixinha de música patenteada que produzia sons por demais esotericamente rarefeitos para serem audíveis para qualquer pessoa a não ser ele mesmo. Então sentou-se de novo em sua cadeira, passou as mãos por dentro das alças e começou a se entreter com a música. O que ele tocava podia ser aproximadamente inferido pelo seu rosto. Este apresentava um óbvio contentamento alegre e vulgar, um sinal de que ele estava ocupado com ruidosas e turbulentas cantigas de celeiro e estrepitosas canções do mar e rudes e ensurdecedoras marchas militares. O silêncio na sala era tão extraordinariamente intenso que seu começo parecia antes alto quando a completa quietude do seu final fora alcançada.

Quanto tempo durou este mistério ou por quanto tempo ficamos escutando atentamente o nada não se sabe. Meus próprios olhos se cansaram pela

inatividade e se fecharam como uma taberna às dez horas. Quando se abriram novamente vi que MacCruiskeen desistira da música e estava fazendo preparativos para passar na calandra suas roupas lavadas e suas camisas domingueiras. Tinha arrastado uma imensa calandra enferrujada da sombra da parede, tirara um cobertor de cima dela e estava atarraxando a mola compressora, girando a roda de mão e lustrando a máquina com mãos expertas.

Ele foi até o aparador e tirou pequenos objetos iguais a baterias secas de dentro de uma gaveta e também um instrumento parecido com um forçado e cilindros de vidro com fios dentro e outros artigos mais toscos que lembravam os lampiões com mangas de vidro utilizados pelo Conselho do Condado. Enfiou essas coisas em diferentes partes da calandra e quando estava com todas elas satisfatoriamente ajustadas, a calandra mais parecia um tosco instrumento científico do que uma máquina para passar as roupas lavadas.

Agora estava escuro, com o sol quase desaparecendo completamente no poente avermelhado e recolhendo toda a claridade. MacCruiskeen continuava a adicionar pequenos artigos bem executados à sua calandra e a montar instrumentos de vidro indescritivelmente delicados em volta dos pés de ferro e sobre a superestrutura. Quando tinha quase terminado o seu trabalho a sala estava praticamente às escuras, e brilhantes faíscas azuladas às vezes saltavam da barafunda que era a mão dele quando estava em atividade.

Por debaixo da calandra no meio do trabalho em ferro fundido notei uma caixa preta com fios coloridos saindo dela e dava para se ouvir um leve som de tique-taque como se houvesse um relógio dentro. No conjunto era a calandra mais complicada que eu já vira e, comparada ao interior de uma debulhadora a vapor, não era inferior em complexidade.

Passando por perto da minha cadeira para pegar um acessório adicional, MacCruiskeen viu que eu estava acordado e observando-o.

— Não se preocupe se você está achando escuro — disse-me — porque eu vou iluminar a iluminação e então passá-la na calandra por diversão e também pela verdade científica.

— Você disse que ia passar a luz na calandra?

— Espere até você ver agora.

O que ele fez em seguida ou que botões ele girou eu não pude saber ao certo por conta da escuridão, mas aconteceu de uma estranha luz aparecer em algum ponto da calandra. Era uma luz localizada que não se expandia muito além da sua própria luminosidade, mas não era um ponto de luz e menos ainda uma luz em forma de faixa. Ela não era completamente imóvel, mas não dançava como a luz de vela. Era uma luz de um tipo raramente visto neste país e possivelmente era fabricada com matérias-primas estrangeiras. Era uma luz sombria e parecia exatamente como se houvesse uma pequena área em algum ponto da calandra que estivesse meramente isenta de escuridão.

O que aconteceu a seguir é assombroso. Pude ver os vagos contornos de MacCruiskeen cuidando da calandra. Fez ajustes com seus dedos hábeis curvando-se por um instante para trabalhar nas invenções que estavam mais embaixo no trabalho em ferro. Então ergueu-se retornando ao pleno tamanho natural e começou a girar a roda da calandra, lentamente, emitindo um forte rangido por todo o alojamento. No instante em que ele girou a roda, a insólita luz começou a mudar de aparência e de posição de uma maneira extremamente complexa. A cada giro ela ficava brilhante e intensa e tremia com um tal tremor preciso e sutil que alcançou uma fixidez inédita no mundo por definir com seus tremores externos os dois limites laterais do lugar onde estava incontroversamente situada. Ela foi ficando cada vez mais vivida e tão intensa em sua lívida palidez que maculou o filtro interno dos meus olhos de modo que ainda me confrontava em todas as direções quando eu afastava o olhar para longe da calandra num esforço de preservar a minha visão. MacCruiskeen continuou a girar lentamente a manivela até que subitamente, para meu completo e doentio terror, a luz pareceu jorrar e sumir e simultaneamente ouviu-se um grito alto na sala, um grito que não poderia ter saído de uma garganta humana.

Sentei-me na beirada da cadeira e lancei olhares apavorados para a sombra de MacCruiskeen, que estava debruçado novamente sobre os minúsculos acessórios científicos da calandra, fazendo pequenos ajustes e realizando sucessivos reparos no escuro.

— O que foi aquele grito? — balbuciei até ele.

— Digo a você num segundo — ele pediu —, se você me informar o que acha que eram as palavras do grito. O que é que você diria que foi dito no grito agora?

Esta era uma pergunta que eu já estava me fazendo na minha própria cabeça. A voz fantasmagórica berrara algo muito depressa com três ou quatro palavras condensadas num áspero grito. Eu não podia ler certeza do que fora, mas diversas frases saltaram na minha cabeça e cada uma delas poderia ter sido o conteúdo do grito. Elas tinham uma estranha semelhança com gritos banais que eu ouvira com frequência tais como *baldeação para Tinaheily e Shillelagh! Dois para um na raia! Cuidado com o degrau! Acaba com ele!* Eu sabia, contudo, que o grito não podia ser tão estúpido e trivial porque ele me perturbou de uma forma que só poderia ser feita por algo grave e diabólico.

MacCruiskeen estava me olhando com uma pergunta nos olhos.

— Não pude distinguir — disse eu, vaga e debilmente —, mas creio que era uma fala de estação ferroviária.

— Venho ouvindo gritos e berros há anos — disse ele —, mas nunca consigo pegar as palavras ao certo. Você diria que ele disse “Não insista tanto?”

— Não.

— O placê sempre ganha?

— Não foi isso não.

— Essa é uma charada difícil — disse MacCruiskeen —, um enigma extremamente complexo. Espere que nós vamos tentar de novo.

Dessa vez ele comprimiu os cilindros da calandra até eles gemerem e até ficar praticamente fora de questão girar mais a roda. A luz que surgiu era uma luz tênue e brilhante como eu jamais imaginara, como a parte interna do gume de uma navalha afiada, e a intensificação que lhe sobreveio com o giro da roda era um processo por demais sutil para ser observado mesmo que de esguelha.

O que ocorreu eventualmente não foi um grito mas um berro estridente, um som não diferente do guinchado dos ratos, embora muito mais agudo que qualquer som que pudesse ser feito por homem ou animal. De novo achei que tinham sido usadas palavras, mas o seu significado exato ou a língua a que pertenciam eram bastante incertos.

— “Duas bananas por um pêni?”

— Não foi bananas — disse eu.

MacCruiskeen franziu a testa vagamente.

— Este é um dos enigmas mais complexos e intrincados que eu já vi — disse ele.

Pôs o cobertor novamente por cima da calandra e a afastou para o lado e então acendeu um lampião na parede pressionando algum botão no escuro. A luz era brilhante mas trêmula e inconstante e estaria longe do satisfatório para se ler com ela. Sentou-se de volta em sua cadeira como se esperando para ser interrogado e cumprimentado pelas coisas estranhas que estivera fazendo.

— Qual é a sua opinião particular sobre tudo isso? — perguntou.

— O que é que você estava fazendo? — indaguei.

— Esticando a luz.

— Não entendi o que você quer dizer.

— Vou lhe dar uma medida da coisa — disse ele — e indicar aproximadamente a sua forma. Não faz mal que você saiba de coisas incomuns porque você será um homem morto dentro de dois dias e será mantido incógnito e incomunicável nesse meio tempo. Você já ouviu falar no omnium?

— Omnium?

— Omnium é o nome correto para ele embora você não vá encontrá-lo nos livros.

— Tem certeza de que esse é o nome correto? — Eu nunca ouvira essa palavra antes exceto em latim.

— Com certeza.

— Com quanta certeza?

— O sargento disse que é.

— E para o que é que omnium é o nome correto?

MacCruiskøen me sorriu indulgentemente.

— Você é omnium e eu sou omnium e assim é a calandra e as minhas botas e assim é o vento dentro da chaminé.

— Isto é esclarecedor — disse eu.

— Ele se manifesta em ondas — ele explicou.

— De que cor?

— Todas as cores.

— Claras ou escuras?

— Ambas.

O gume da minha inquisitiva curiosidade se aguçou, mas vi que as perguntas estavam tornando a matéria cada vez mais obscura em vez de esclarecê-la. Me mantive em silêncio até que MacCruiskøen falou novamente.

— Algumas pessoas — disse ele — o chamam de energia, mas o nome correto é omnium porque há muito mais que energia dentro dele, o que quer que ele seja. Omnium é a essência interior inerente essencial que está oculta dentro da raiz do cerne de todas as coisas e ele é sempre o mesmo.

Assenti prudentemente com a cabeça.

— Ele nunca muda. Mas se manifesta de um milhão de formas e sempre se apresenta em ondas. Tomemos o exemplo da luz na calandra.

— Tomemos — disse eu.

— A luz é o mesmo omnium numa onda curta, mas se ele vem numa onda mais longa é sob a forma de ruído, ou som. Com as minhas próprias patentes posso esticar um raio de luz até ele se tornar som.

— Entendo.

— E quando eu prendo um grito dentro daquela caixa com os fios, posso apertá-lo até obter calor e você não acreditaria a conveniência disso tudo no inverno. Você está vendo aquele lampião na parede ali?

— Estou.

— Aquilo funciona com um compressor patenteado e com um instrumento secreto conectado àquela caixa com os fios. A caixa está cheia de ruídos. Eu mesmo e o sargento passamos nossas horas vagas no verão juntando ruídos de modo a que possamos ter luz e calor para a nossa vida oficial no inverno tenebroso. É por isso que a luz está aumentando e diminuindo. Alguns ruídos são mais barulhentos do que os outros e a nossa dupla ficará cega se chegarmos à época em que a pedreira estava em atividade em setembro passado. Está em algum lugar da caixa e está fadado a sair de dentro dela no devido tempo inevitavelmente.

— Explosões?

— Dinamitamento e combustões extravagantes do tipo de maior alcance. Mas omnium é a parte útil de todas as coisas. Se você pudesse descobrir a onda

certa que resulta numa árvore, poderia fazer uma pequena fortuna em madeira para exportação.

— E os policiais e as vacas, eles também são em ondas?

— Tudo é em ondas e o omnium está por trás de todo o tiro ao alvo, a menos que eu seja um holandês da longínqua Holanda. Alguns o chamam de Deus, e há outros nomes para uma coisa que é identicamente parecida com ele e esta coisa é o omnium também do mesmo jeito.

— O queijo?

— É. Omnium.

— Até mesmo suspensórios?

— Até mesmo suspensórios.

— Você já viu um pedaço dele ou de que cor ele é?

MacCruiskeen sorriu de um modo esquisito e abriu bem as mãos formando leques vermelhos.

— Este é o supremo mistério — disse ele. — Se você conseguisse saber o que que os gritos querem dizer, isso poderia ser o início da resposta.

— E o ciclone, a água, o pão preto e a sensação de pedras de granizo numa cabeça descoberta, são todos omnium numa onda diferente?

— Todos omnium.

— Não dá pra você pegar um pedaço e levá-lo dentro do bolso do colete de modo a poder mudar o mundo à sua conveniência quando lhe fosse conveniente?

— Esta é a derradeira e inexorável charada. Se você tivesse um saco dele ou mesmo a metade de uma caixinha de fósforos dele, poderia fazer tudo e fazer até o que não pudesse ser descrito por esse nome.

— Compreendo.

MacCruiskeen suspirou e foi de novo até o aparador, tirando alguma coisa da gaveta. Quando se sentou novamente à mesa, começou a mover as mãos juntas, realizando complicadas voltas e circunvoluções com os dedos como se estivessem tricotando alguma coisa, mas não havia em absoluto agulhas neles, nada que se pudesse ver exceto as mãos vazias.

— Você está trabalhando de novo no bauzinho? — perguntei.

— Estou — disse ele.

Fiquei sentado observando-o ociosamente, pensando os meus próprios pensamentos. Pela primeira vez rememorei o porquê da minha funesta visita até a difícil situação em que me metera. Não o meu relógio, mas a caixa preta. Onde estaria ela? Caso MacCruiskeen soubesse a resposta, iria me dizer se eu lhe perguntasse? Se por acaso eu não escapasse incólume da manhã do carrasco, será que chegaria a vê-la ou a saber o que havia dentro dela, a saber a quantia de dinheiro que nunca poderia gastar, a saber quão distinto poderia ter sido o meu volume sobre De Selby? Será que eu chegaria a ver John Divney novamente? Onde será que ele estava agora? Onde é que estava o meu relógio?

Você não tem relógio.

Isso era verdade. Senti meu cérebro embaralhado e abarrotado de perguntas e de confusa perplexidade e também senti a tristeza de minha condição entrando de volta na minha garganta. Sentia-me completamente sozinho, mas com uma leve esperança de que escaparia incólume no final de tudo.

Eu estava decidido a perguntar a ele se ele sabia alguma coisa sobre a caixa de dinheiro quando a minha atenção foi distraída por outra coisa surpreendente.

A porta se abriu violentamente e Gilhaney entrou, seu rosto rubro esbaforido pela estrada acidentada. Ele não parou nem se sentou exatamente, mas ficou se movendo incansavelmente pela sala de plantão, não prestando absolutamente a menor atenção em mim. MacCruiskeen atingira um ponto metucioso em seu trabalho e estava com a cabeça quase em cima da mesa para se certificar de que seus dedos estavam trabalhando corretamente e sem cometer nenhum erro sério. Quando tinha vencido a dificuldade ele como que olhou para Gilhaney.

— É sobre uma bicicleta? — perguntou casualmente.

— É só sobre madeira — disse Gilhaney.

— E quais são as suas novidades madeireiras?

— Os preços foram aumentados por um conluio de holandeses, o custo de um bom cadafalso sairia uma fortuna.

— Vá pelos holandeses — disse MacCruiskeen num tom que denotava que ele estava por dentro do comércio de madeira.

— Um cadafalso para três homens com um bom alçapão e degraus razoáveis daria a você um prejuízo de dez libras sem a corda nem a mão de obra — disse Gilhaney.

— Dez libras é um bocado de dinheiro por uma forca — disse MacCruiskeen.

— Mas um cadafalso de empurrar com a mão em vez do alçapão mecânico e uma escada de mão no lugar dos degraus custaria na pior hipótese seis libras, a corda não incluída.

— E igualmente cara — disse MacCruiskeen.

— Mas o cadafalso de dez libras é mais negócio, tem mais classe — disse Gilhaney. — Um cadafalso tem o seu charme se for bem feito e satisfatório.

O que ocorreu em seguida eu propriamente não vi porque estava escutando essa conversa cruel até com os olhos. Mas algo assombroso aconteceu novamente. Gilhaney se aproximara de MacCruiskeen para falar com ele a sério e acho que cometeu o erro de parar repentinamente por completo em vez de continuar se movendo para conservar seu equilíbrio perpendicular. O resultado foi que ele se esborrachou, em parte sobre o curvado MacCruiskeen e em parte sobre a mesa, levando os dois consigo em meio a um monte de gritos e pernas e confusão para o chão. O rosto do policial quando olhei era uma visão aterradora. Estava da cor de uma ameixa preta de cólera, mas seus olhos ardiam como

fogueiras no meio da testa e havia secreções espumosas em sua boca. Ele não disse palavra por algum tempo, apenas sons de ira selvagem, com grunhidos e estalidos de demoníaca hostilidade. Gilhaney se encolhera de medo na parede e se erguera com o auxílio dela e então recuara para a porta. Quando MacCruiskeen recuperou a fala, usou a linguagem mais imunda jamais utilizada e inventou palavrões mais obscenos que os mais obscenos jamais ditos em qualquer lugar. Disse a Gilhaney palavrões demasiadamente inadmissíveis e revoltantes para serem escritos em letras conhecidas. Ficou temporariamente louco de raiva porque correu finalmente para o aparador onde guardava todos os seus pertences e tirou de dentro uma pistola patenteada e apontou-a em torno de todo o quarto para ameaçar a nós dois e a todo artigo quebrável na casa.

— De quatro no chão, vocês dois — urrou ele —, e não parem de procurar aquele baú que vocês derrubaram até o encontrarem!

Gilhaney escorregou para o chão e se ajoelhou na mesma hora e eu fiz o mesmo sem me incomodar em olhar para o rosto do policial porque podia lembrar nitidamente como ele parecia na última vez em que o espreitara. Rastejamos debilmente pelo quarto, procurando com os olhos e tateando em busca de algo que não podia ser sentido pelo tato nem visto e que era de fato pequeno demais para chegar a ser perdido.

Essa é engraçada. Você vai ser enforcado por ter assassinado um homem que você não assassinou e agora vai levar um tiro por não encontrar uma coisa minúscula que provavelmente não existe em absoluto e a qual em hipótese alguma você perdeu.

Eu mereço isso tudo, respondi, por não estar absolutamente aqui, para usar as palavras do sargento.

Quanto tempo permanecemos em nossa singular tarefa, Gilhaney e eu, não é fácil lembrar. Dez minutos ou dez anos, talvez, com MacCruiskeen sentado perto da gente, de trabuco na mão e espreitando selvagemmente as nossas figuras curvadas. Então peguei Gilhaney me espiando de lado e me dando uma piscadela confidencial. Logo ele fechou os dedos, pôs-se de pé ereto com o auxílio da maçaneta da porta e avançou até onde estava MacCruiskeen, sorrindo seu sorriso aparvalhado.

— Aqui estamos e aqui está — disse ele com a mão fechada estendida.

— Ponha em cima da mesa — disse MacCruiskeen calmamente.

Gilhaney pôs a mão sobre a mesa e abriu-a.

— Agora você pode ir e dar o fora — comunicou-lhe MacCruiskeen — e deixe o local com o propósito de providenciar a madeira.

Quando Gilhaney se fora, vi que a maior parte da raiva se esvaíra do rosto do policial. Ele ficou sentado algum tempo, então deu seu suspiro costumeiro e levantou-se.

— Tenho mais o que fazer hoje à noite — disse-me cortesmente —, por isso vou lhe mostrar onde você vai dormir durante a escuridão da noite.

Acendeu uma luz esquisita que tinha fios ligados nela e uma caixinha minúscula cheia de barulhinhos e me conduziu para um quarto onde havia duas camas brancas e nada mais.

— Gilhaney se acha um cara esperto e de inteligência incomum — disse ele.

— Quem sabe ele seja — murmurei.

— Ele não dá muita consideração às coincidências fortuitas.

— Ele não parece um homem que se importe muito com nada.

— Quando ele disse que estava com o baú, pensou que estava me fazendo de otário e me passando a perna.

— Foi o que pareceu.

— Mas por um *raro* acaso ele acidentalmente fechou os dedos em torno do baú e foi o baú e nada mais que ele recolocou no devido tempo sobre a mesa.

Fez-se um certo silêncio aqui.

— Que cama? — perguntei.

— Essa — disse MacCruiskeen.

VIII

Depois que MacCruiskeen saíra delicadamente do quarto na ponta dos pés como uma enfermeira treinada e fechara a porta sem ruído, dei comigo em pé ao lado da cama e imaginando estupidamente o que iria fazer com ela. Estava fatigado de corpo e meu cérebro estava entorpecido. Tinha uma curiosa sensação na minha perna esquerda. Achei que ela estava, por assim dizer, se espalhando — que sua lenhidade lentamente se estendia pelo meu corpo inteiro, um veneno insípido de madeira me matando centímetro a centímetro. Logo meu cérebro se transformaria completamente em madeira e então eu estaria morto. Até a cama era de madeira, não de metal. Se eu me deitasse nela...

Quer se sentar por piedade e parar de ficar em pé aí como um pacóvio?, disse Joe bruscamente.

Não estou certo do que fazer em seguida se eu parar de ficar em pé, respondi. Mas senti na cama por piedade.

Não há nada de complicado numa cama, até uma criança é capaz de aprender a usar uma cama. Tire a sua roupa e entre na cama e fique deitado nela mesmo se isso o faz sentir-se um idiota.

Vi a sabedoria disso e comecei a me despír. Me sentia quase cansado demais para executar esta simples tarefa. Quando todas as minhas roupas estavam jogadas no chão, eram muito mais numerosas do que eu podia esperar e meu corpo era surpreendentemente branco e magro.

Abri a cama meticulosamente, deitei-me no meio dela, fechei-a novamente e dei um suspiro de felicidade e alívio. Senti como se toda a fadiga e as perplexidades do dia tivessem baixado sobre mim agradavelmente como uma enorme e pesada colcha que me manteria aquecido e sonolento. Cada junta ficou frouxa, indolente e privada de real serventia. Cada centímetro da minha pessoa ganhava peso a cada segundo até que a carga total em cima da cama era de aproximadamente quinhentas mil toneladas. Esta estava uniformemente distribuída pelos quatro pés de madeira da cama, a qual se tornara a esta altura uma parte integrante do universo. Minhas pálpebras, cada uma pesando não menos do que quatro toneladas, giravam ponderosamente sobre os meus globos oculares. Minhas finas canelas, mais inquietas e distantes em sua ânsia de relaxamento, moviam-se para cada vez mais longe de mim até meus felizes dedões apertarem firmemente a grade. Minha posição era completamente horizontal, ponderosa, absoluta e incontrovertível. Unido à cama tornei-me momentoso e planetário. Bem longe da cama podia ver a noite lá fora emoldurada nitidamente pela janela como se fosse um quadro na parede. Havia uma estrela brilhante em um canto com outras estrelas menores em outros pontos espalhadas em sublime profusão. Deitado tranquilamente e com os olhos imóveis, refleti sobre o quão diversa era a noite,^[20] quão distintiva e

extraordinária a sua individualidade. Privando-me da segurança da minha visão, ela estava desintegrando a minha personalidade corpórea em um fluxo de cor, cheiro, recordação, desejo — todas as estranhas e incontáveis essências da existência terrestre e espiritual. Eu estava destituído de definição, posição e magnitude, e o meu significado, consideravelmente diminuído. Deitado ali, senti a exaustão fluindo de mim lentamente, como uma maré recuando sobre areias ilimitadas. A sensação era tão agradável e profunda que suspirei novamente um longo sussurro de felicidade. Quase imediatamente ouvi outro suspiro e ouvi Joe murmurando alguma alegre incoerência. Sua voz estava próxima a mim, embora não parecesse vir do lugar interior habitual. Achei que ele devia estar deitado ao meu lado na cama e mantive minhas mãos cuidadosamente ao longo do corpo para evitar tocá-lo acidentalmente. Achei, sem nenhuma razão, que seu corpo minúsculo devia ser horrível ao toque humano — escamoso ou pegajoso como uma enguia ou de uma aspereza repugnante como a língua de um gato.

Isto não é nada lógico — e tampouco lisonjeiro, ele disse subitamente.

O que não é?

Isso sobre o meu corpo. Por que escamoso?

É só uma piada, disse eu às risadinhas sonolentemente. Sei que você não tem corpo. Exceto o meu próprio, talvez.

Mas por que escamoso?

Não sei. Como é que eu vou saber por que é que eu penso os meus pensamentos?

Não admito ser chamado de escamoso.

Sua voz para minha surpresa se tornara estridente de irritação. Então ele pareceu encher o mundo com o seu ressentimento, não por falar, mas por permanecer em silêncio depois de falar.

O que que é isso, Joe?, murmurei apaziguadoramente.

Porque se você está atrás de encrenca vai encontrar muita, ele retrucou.

Você não tem corpo, Joe.

Então por que é que você diz que eu tenho? E por que escamoso?

Nesse ponto tive uma estranha ideia não indigna de De Selby. Por que é que Joe estava tão perturbado pela sugestão de que tinha um corpo? E se ele tivesse um corpo? Um corpo com outro corpo dentro dele por sua vez, milhares de tais corpos dentro uns dos outros como as cascas de uma cebola, retrocedendo a algum inimaginável *ultimum*? Seria eu por minha vez meramente um elo numa vasta sequência de seres imponderáveis, o mundo que eu conhecia meramente a parte interna do ser cuja voz interior era eu mesmo? Quem ou qual era o núcleo e que monstro em que mundo era o incontido colosso final? Deus? O nada? Será que eu estava recebendo estes loucos pensamentos lá de Baixo ou teriam sido eles recém-urdidos em mim para serem transmitidos para o Alto?

Lá de Baixo, vociferou Joe.

Obrigado.

Estou indo embora.

O quê?

Dando o fora. Vamos ver quem é escamoso em dois minutos.

Estas poucas palavras me deixaram instantaneamente doente de medo embora seu significado fosse por demais momentoso para ser alcançado sem um cuidadoso raciocínio.

A ideia das escamas — de onde foi que a tirei?, supliquei.

Lá de Cima, ele gritou.

Perplexo e apavorado tentei entender as complexidades não apenas da minha dependência intermediária e da minha não-integridade encadeatória, mas também a minha perigosa adjuntabilidade e meu embaraçoso não-isolamento. Se presumirmos...

Ouçã. Antes de partir vou lhe contar uma coisa. Sou a sua alma e todas as suas almas. Quando eu me for você morre. A humanidade passada está não apenas implícita em cada novo homem que nasce mas contida nele. A humanidade é uma espiral em permanente expansão, e a vida é o facho de luz que ilumina efemeramente cada anel sucessivo. Toda a humanidade do início ao fim já está presente, mas o facho de luz ainda não iluminou além de vocês. Seus sucessores terrestres aguardam silenciosamente e confiam na sua orientação e na minha e na de todas as pessoas dentro de mim para preservá-los e levar a luz adiante. Você não é agora o ápice da linhagem de sua gente mais do que sua mãe era quando estava com você dentro dela. Quando eu o deixar levarei comigo tudo que fez você ser o que é — levarei todo o seu significado e importância e todo o acervo de instinto, apetite, sabedoria e dignidade humana. Você será deixado sem nada atrás de você e sem nada para transmitir aos que o aguardam. Ai de você quando o encontrarem! Até logo!

Embora tenha achado este discurso um tanto afetado e ridículo, ele se foi e eu morri.

Preparativos para o funeral foram postos em andamento imediatamente. Deitado no meu caixão escuro acolchoado podia ouvir os surdos golpes de um martelo pregando a tampa.

Logo vim a perceber que as marteladas eram obra do sargento Pluck. Ele estava parado sorrindo para mim na soleira da porta e parecia enorme e de verdade e admiravelmente empazinado de desjejum. Por cima da gola apertada da sua túnica ele usava um colar vermelho de gordura que parecia novo e ornamental como se tivesse saído direto da lavanderia. Seu bigode estava úmido do leite que tomara.

Graças a Deus estou de volta ao meu juízo perfeito.

Sua voz estava amistosa e animadora, como os bolsos de um velho paletó.

— Bom dia pra você na manhã do dia — disse o sargento alegremente.

Respondi-lhe cortesmente e contei pormenores do meu sonho. Ele encostouse no umbral à escuta, assimilando as partes complicadas com um ouvido afiado. Quando terminei ele sorriu para mim condoído e de bom humor.

— Você esteve sonhando, amigo — disse ele.

Admirado com ele, desviei os olhos para a janela. A noite desaparecera dali sem vestígios, deixando em substituição uma colina distante que contrastava delicadamente com o céu. Nuvens de branco e cinza lhe serviam de travesseiro e na sua encosta suave árvores e matações tinham sido colocados para torná-la real. Eu podia ouvir um vento matutino abrindo caminho indomitamente pelo mundo afora, e todo o débil não silêncio diurno ressoava em meu ouvido, vivo e agitado como um pássaro engaiolado. Suspirei e olhei de novo para o sargento, que continuava encostado palitando discretamente os dentes, o olhar distraído e imóvel.

— Lembro-me bem — ele disse — de um sonho que tive seis anos atrás no dia 23 de novembro próximo. Um pesadelo seria uma palavra mais correta. Sonhei, se você preferir, que meu pneu estava vazando.

— Isto é algo surpreendente — eu disse frivolamente —, mas não assombroso. Foi por causa de uma tachinha?

— Não uma tachinha — disse o sargento —, mas por um excesso de goma.

— Não sabia — eu disse sarcasticamente — que engomavam as estradas.

— Não era a estrada, e por um milagre não foi culpa do Conselho do Condado. Sonhei que estava andando de bicicleta a negócios oficiais durante três dias. De repente senti o selim ficando duro e encaroçado por baixo de mim. Saltei e apalpei os pneus, mas estavam irrepreensível e inteiramente cheios. Então achei que a minha cabeça estava me causando uma erupção nervosa por excesso de trabalho. Entrei numa clínica particular onde havia um médico idôneo e ele me examinou completamente e me disse qual era o problema. Eu estava vazando.

Ele soltou uma risada grosseira e virou parcialmente seu imenso traseiro para mim.

— Olha aqui — riu ele.

— Estou vendo — murmurei.

Dando risadinhas com voz alta ele se afastou por um instante e retornou novamente.

— Pus o mingau na mesa — disse ele —, e o leite ainda está quente do úbere da vaca.

Vesti as roupas e fui tomar meu café da manhã na sala de plantão onde o sargento e MacCruiskeen estavam discutindo seus números.

— Seis ponto nove seis três em dízima periódica — dizia MacCruiskeen.

— Alto — disse o sargento. — Muito alto. Deve haver uma térmica ascendente. Fale-me sobre a queda.

— Uma queda média à meia-noite sem blocos.

O sargento riu e balançou a cabeça.

— Sem blocos, é? — disse ele às risadinhas. — Amanhã vai haver o diabo na haste se for verdade que há uma térmica ascendente.

MacCruiskeen levantou-se de repente da cadeira.

— Vou pôr uns trinta quilos de carvão nela — anunciou. Saiu marchando direto da casa resmungando cálculos, sem ver para onde ia, mas de olhos fixos bem no meio de sua caderneta preta.

Eu tinha quase terminado meu pote de mingau e me recostei para olhar o sargento nos olhos.

— Quando é que você vai me enforcar? — perguntei, encarando destemidamente o seu amplo rosto. Sentia-me reanimado, revigorado e confiante em que escaparia sem dificuldade.

— Amanhã de manhã se o cadafalso ficar pronto a tempo e a menos que esteja chovendo. Você não acreditaria o quão escorregadio a chuva pode tomar um cadafalso novo. Você poderia escorregar e quebrar o pescoço em fantásticas fraturas e nunca ia saber o que foi feito da sua vida ou como a perdeu.

— Tudo bem — eu disse finalmente. — Já que serei um homem morto dentro de 24 horas, você poderia me explicar que números são esses na caderneta preta de MacCruiskeen?

O sargento sorriu indulgentemente.

— As leituras?

— É.

— Já que você vai estar completamente morto, não há qualquer impedimento insolúvel quanto a essa proposição — disse ele —, mas é mais fácil lhe mostrar do que lhe informar verbalmente. Venha atrás de mim como um bom rapaz.

Ele seguiu na frente até uma porta no corredor dos fundos e abriu-a num empurrão com um ar de momentosa revelação, pondo-se de lado polidamente para me permitir uma visão completa e desobstruída.

— O que é que você acha disso? — perguntou.

Olhei para dentro do quarto e não o achei grande coisa. Era um quarto pequeno, sombrio e não muito limpo. Estava em completa desordem e tomado por um cheiro penetrante.

— É o quarto de MacCruiskeen — ele explicou.

— Não vejo nada de extraordinário — disse eu.

O sargento sorriu pacientemente.

— Você não está olhando na direção certa — disse ele.

— Eu olhei para todos os lugares que havia para se olhar — eu disse.

O sargento adiantou-se até o meio do piso e se apoderou de uma bengala que estava à mão.

— Se eu algum dia tivesse que me esconder — observou —, iria sempre trepar numa árvore. As pessoas não têm o dom de olhar para cima, elas

raramente examinam as altitudes elevadas.

Olhei para o teto.

— Não há muito o que se ver ali — disse —, exceto uma varejeira que parece morta.

O sargento olhou para cima e apontou com a bengala.

— Aquilo não é uma varejeira — disse —, aquela é a “casinha” do Gogarty.

Encarei-o perplexo, mas ele não estava prestando atenção em mim e sim apontando outras marcas minúsculas no teto.

— Essa — disse ele — é a casa do Martin Bundle, essa é a dos Tiernahins e essa aqui é onde mora a freira casada. E aqui temos a alameda que vai da casa dos Tiernahins até a estrada da linha telegráfica principal. — Passou a bengala ao longo de uma rachadura trêmula e indistinta que corria até se juntar a uma rachadura mais profunda.

— Um mapa! — exclamei excitadamente.

— E aqui está o alojamento — ele acrescentou. — Está tudo claro como água.

Quando olhei cuidadosamente para o teto, vi que a casa do sr. Mathers e toda a estrada e casa que eu conhecia estavam assinaladas ali, e redes de ruelas e bairros que eu não conhecia também. Era um mapa da paróquia, completo, fidedigno e assombroso.

O sargento me olhou e sorriu novamente.

— Você vai concordar — disse — que se trata de uma charada fascinante e um enigma de extrema incontinência, um fenômeno da maior raridade.

— Você mesmo o fez?

— Não fui eu e nenhum outro tampouco quem o produziu. Sempre estive aí e MacCruiskeen tem certeza de que estava aí mesmo antes disso. As rachaduras são naturais e igualmente o são as rachadurinhas.

Com os olhos erguidos percorri a estrada onde estivéramos quando Gilhaney encontrou sua bicicleta no arbusto.

— O engraçado é — disse o sargento — que MacCruiskeen se deitou durante dois anos com os olhos postos neste teto antes de perceber que era um mapa de soberba engenhosidade.

— Mas que estupidez — eu disse guturalmente.

— E ele ficou deitado olhando para o mapa por cinco anos mais antes de perceber que indicava o caminho para a eternidade.

— Para a eternidade?

— Certamente.

— Seria possível voltarmos de lá? — sussurrei.

— É claro. Há um elevador. Mas espere até eu lhe mostrar o segredo do mapa.

Ele ergueu a bengala novamente e apontou a marca que indicava o alojamento.

— Nós estamos aqui no alojamento na estrada da linha telegráfica principal — disse. — Agora use a sua imaginação interna e me diga qual é a estrada à esquerda em que você vai dar se seguir direto do alojamento para a estrada principal.

Raciocinei isso sem dificuldade.

— Você vai dar na estrada que se encontra com a estrada principal na “casinha” do Jarvis — disse eu —, por onde viemos após encontrar a bicicleta.

— Então essa estrada é o primeiro desvio na latitude esquerda?

— É.

— E aqui está ela — aqui.

Ele apontou a estrada à esquerda com a bengala e cutucou a “casinha” do sr. Jarvis na curva.

— E agora — disse ele solenemente —, tenha a gentileza de me informar o que é isto.

Ele correu a bengala ao longo de uma rachadura tênue que se juntava à rachadura da estrada principal a cerca de meio caminho entre o alojamento e a estrada próxima à casa do sr. Jarvis.

— Como é que você chamaria isto? — ele repetiu.

— Não há estrada ali — exclamei excitado —, a estrada à esquerda da casa do Jarvis é a primeira estrada à esquerda. Não sou um idiota. Não há estrada ali.

Por Deus, se você não é vai acabar sendo. Você está perdido se continuar dando ouvidos muito mais à conversa deste cavalheiro.

— Mas há uma estrada ali — disse o sargento triunfalmente —, se você souber olhar sapientemente para ela. É uma estrada antiquíssima. Venha comigo até a gente ver a coisa como ela é.

— Essa é que é a estrada para a eternidade?

— Na verdade é, mas não há postes de sinalização.

Embora ele não tivesse feito nenhum movimento para libertar sua bicicleta do confinamento solitário na cela, firmou com um estalido as presilhas nas calças destramente e saiu na frente pesadamente para o meio da manhã. Marchamos juntos pela estrada. Nenhum de nós falava nem ouvia o que o outro pudesse ter a dizer.

Quando o vento cortante me atingiu no rosto dissipou de uma vez só a cerração de dúvida, medo e espanto que estava ancorada no meu cérebro como uma nuvem de chuva sobre uma colina. Todos os meus sentidos, aliviados da agonia de lidar com a existência do sargento, ficaram sobrenaturalmente alertas para o trabalho de interpretar o dia benigno em meu proveito. O mundo ressoava em meu ouvido como uma enorme oficina. Sublimes feitos de mecânica e de química eram evidentes por todo lado. A terra se via alvoroçada com um

trabalho invisível. As árvores estavam ativas em suas posições e ofereciam obstinada evidência de sua força. Gramados incomparáveis apresentavam-se interminavelmente à mão, emprestando sua distinção ao universo. Desenhos difícilíssimos de imaginar eram formados por tudo que o olho pudesse ver, fundindo numa suprema harmonia suas variedades triviais. Homens que se distinguiam pela brancura de suas camisas trabalhavam minuscilamente no pântano distante, labutando na turfa e na urze marrons. Cavalos pacientes encontravam-se por perto com suas úteis carroças, e espalhadas entre os matacões numa colina mais além havia ovelhas pastando. Pássaros eram audíveis no recôndito das árvores maiores, mudando de galhos e conversando sem tumulto. Num campo à beira da estrada havia um burro parado tranquilamente como se estivesse examinando a manhã aos poucos e sem pressa. Ele não se movia, sua cabeça estava erguida e sua boca ruminava o vazio. Parecia como se entendesse inteiramente esses inexplicáveis prazeres mundanos.

Meu olhar vagava ao redor insatisfeito. Eu não conseguiria satisfazer os olhos com suficiente plenitude antes de tomar a curva à direita para a eternidade na companhia do sargento, e meus pensamentos permaneciam enredados no que estava diante dos meus olhos.

Você não vai dizer que acredita nessa história da eternidade?

E eu tenho escolha? Seria tolice duvidar de qualquer coisa depois de ontem.

Até aí tudo bem, mas eu acho que posso reclamar a posição de autoridade na questão da eternidade. Deve haver um limite para as estripulias desse cavalheiro.

Tenho certeza de que não há.

Absurdo. Você está se desmoralizando.

Eu vou ser enforcado amanhã.

Isto é incerto, mas se tiver que ser enfrentado, vamos dar um show de coragem.

Nós?

Certamente. Estarei lá até o fim. Enquanto isso vamos deixar bem claro que a eternidade não fica numa vereda que a gente encontra olhando para as rachaduras no teto do quarto de um policial da roça.

Então o que há na vereda?

Não sei dizer. Se ele dissesse que a eternidade ficava na vereda e deixasse por aí, eu não protestaria tanto. Mas quando vem nos dizer que retornamos de lá num elevador — bom, eu começo a achar que ele está confundindo o céu com um cabaré. Um elevador!

Seguramente, argumentei, se admitirmos que a eternidade fica na vereda, a questão do elevador é um ponto secundário. Seria o caso de engolirmos um cavalo e uma carroça e engasgarmos com uma pulga.

Não. O elevador eu não aceito. Sei o suficiente do outro mundo para ter certeza de que você não chega e volta de lá num elevador. Além disso, devemos estar perto do lugar agora e não vejo nenhum poço de elevador subindo para as nuvens.

Gilhaney não tinha guidons em si, observei.

A menos que a palavra "elevador" tenha um significado especial. Como "tombo", quando estamos falando de um cadafalso. Suponho que uma porrada por debaixo do queixo com uma pá pesada poderia ser chamada de uma "levantada".

[*] *Se este for o caso, você pode ficar seguro acerca da eternidade e ficar com ela toda pra você e bom proveito.*

Ainda acho que há um elevador elétrico.

Minha atenção foi desviada desta conversa para o sargento, que agora diminuira o passo e estava fazendo curiosas investigações com sua bengala. A estrada alcançara um ponto onde havia barrancos dos dois lados, capim espesso e espinheiros aos nossos pés, com um emaranhado de coisas maiores por detrás disso, e altas moitas marrons cercadas por plantas rasteiras verdejantes mais além.

— Fica em algum lugar aqui — disse o sargento — ou ao lado de algum lugar perto de um lugar próximo adjacente.

Ele arrastou sua bengala pela orla verde, sondando o solo oculto.

— MacCruiskeen passa de bicicleta por essa grama aqui — disse —, fica uma moleza, as rodas são mais confiáveis e o traseiro é um instrumento mais sensível do que a mão calejada.

Após outra caminhada e mais sondagem ele encontrou o que estava procurando e de repente me arrastou para dentro da vegetação rasteira, separando cortinas verdes dos galhos com sua mão experiente.

— Esta é a estrada oculta — ele chamou lá da frente por cima do ombro.

Não é fácil dizer se estrada é o nome correto para um lugar que tem que ser desbravado centímetro a centímetro à custa de ferimentos leves e vergastadas de galhos retesados acertando em cheio quem vem atrás. Contudo o chão era plano sob os pés e a uma vaga distância de cada lado eu podia ver o solo formando íngremes encostas com pedras e obscuridade e vegetação úmida. Havia um cheiro opressivo e inúmeros insetos da classe dos mosquitos sentiam-se em casa aqui.

Um metro à minha frente o sargento avançava impetuosamente com a cabeça abaixada, fustigando com violência as vergôntes mais novas com sua bengala e gritando avisos abafados sobre os fortes ramos distendidos que estava para soltar na minha direção.

Não sei por quanto tempo caminhamos ou qual a distância, mas o ar e a luz foram escasseando cada vez mais até eu ter a certeza de que estávamos perdidos nas entranhas de uma imensa floresta. O solo ainda era suficientemente plano para se caminhar, mas coberto com os úmidos e putrefatos despojos de muitos outonos. Eu seguira o ruidoso sargento com cega confiança até quase o final das minhas forças, e agora cambaleava para a frente em vez de caminhar, ficando indefeso diante da brutalidade dos galhos. Me sentia muito mal e exausto. Estava

quase gritando para ele que ia morrer, quando notei que a vegetação começava a rarear e que o sargento me anunciava, de onde estava escondido e à minha frente, que tínhamos chegado. Quando o alcancei ele estava parado diante de uma pequena construção de pedra e se curvando para tirar as presilhas das calças.

— É isso aqui — disse ele, acenando com a cabeça abaixada para a casinha.

— Isso o quê? — murmurei.

— A entrada para ela — ele respondeu.

A estrutura parecia exatamente igual ao pórtico de uma igrejinha da roça. A escuridão e a confusão de galhos me tornava difícil ver se havia uma construção maior para trás. O pequeno pórtico era antigo, com manchas verdes na alvenaria e verrugas de musgo em suas muitas fendas. A porta era uma antiga porta marrom com dobradiças eclesiásticas e trabalho em ferro; ficava bem recuada e encaixada sob medida no seu vão pontiagudo. Essa era a entrada para a eternidade. Tirei o suor que escorria da minha testa com a mão.

O sargento estava se apalpando sensualmente atrás das chaves.

— Está bem perto — ele disse polidamente.

— Essa é que é a entrada para o outro mundo? — murmurei. Minha voz estava mais baixa do que eu imaginava devido aos meus esforços e ao temor.

— Mas o tempo está propício e não podemos reclamar — ele acrescentou em voz alta, não dando atenção à minha pergunta. Minha voz, talvez, não fora suficientemente forte para chegar ao ouvido dele.

Ele encontrou uma chave que produziu um som áspero na fechadura e abriu a porta com um empurrão. Penetrou na escuridão, mas mandou sua mão sair novamente para me puxar para dentro atrás dele pela manga do paletó.

Risque um fósforo aí.

Quase ao mesmo tempo o sargento encontrara uma caixa com botões e fios dentro na parede e providenciara o que quer que fosse necessário para fazer saltar de onde ela estava uma luz surpreendente. Mas durante o segundo em que fiquei parado no escuro dispus de tempo bastante para ter a maior surpresa da minha vida. Era o chão. Meus pés ficaram perplexos quando pisaram nele. Era coberto com uma infinidade de pinos minúsculos como o piso de uma máquina a vapor ou como as galerias gradeadas que cercam uma enorme máquina impressora. Ressoava com um ruído surdo fantasmagórico sob as solas ferradas do sargento, que agora se dirigira estrepitosamente para o outro extremo da salinha para remexer no seu molho de chaves e abrir num empurrão outra porta que estava oculta na parede.

— Claro que um belo aguaceiro de chuva limparia o ar — gritou.

Aproximei-me cautelosamente para ver o que ele estava fazendo no quartinho onde entrara. Aqui ele acionara com sucesso outra instável caixa de luz. Estava de costas para mim examinando painéis na parede. Havia dois deles,

coisinhas minúsculas como caixas de fósforos, e o número 106 podia ser visto num dos painéis e quinhentos no outro. Ele suspirou e saiu do quartinho me olhando tristemente.

— Dizem que caminhar o faz baixar — disse —, mas a minha própria experiência é que caminhar o faz aumentar, caminhar faz com que fique compacto e cria espaço para mais.

Achei a esta altura que um apelo simples e digno poderia ter alguma perspectiva de êxito.

— Você quer me dizer, por favor — disse eu —, já que serei um homem morto amanhã, onde é que nós estamos e o que é que você está fazendo?

— Nos pesando — replicou ele.

— Nos pesando?

— Entre ali na cabine — disse ele — até a gente ver qual é o seu registro em números claros.

Entrei desconfiado no quartinho pisando em mais placas de ferro e vi os números mudarem para 71 e oitocentos.

— Setenta e um quilos e oitocentos gramas — disse o sargento —, é um peso dos mais invejáveis. Eu daria dez anos da minha vida para emagrecer.

Estava ele novamente de costas para mim abrindo ainda outro quartinho em outra parede e passando dedos treinados por cima de outra caixa de luz. A luz inconstante surgiu e pude vê-lo de pé no quartinho, olhando o seu imenso relógio e dando corda no mesmo distraidamente. A luz saltava ao lado do queixo dele lançando irrupções de sombras sobre seu volumoso semblante.

— Se você quiser entre aqui — ele chamou afinal — e venha comigo, a menos que deseje ser deixado para trás na sua própria companhia.

Depois que eu me aproximei e me coloquei em silêncio ao seu lado dentro do quartinho de aço, ele fechou a porta sobre nós com um clique preciso e se encostou na parede pensativamente. Eu estava a ponto de pedir diversas explicações quando um grito de terror saiu num pulo da minha garganta. Absolutamente sem qualquer ruído ou aviso, o chão estava cedendo por baixo de nós.

— Não é de admirar que você esteja bocejando — disse o sargento informalmente —, é muito fechado, a ventilação está longe do satisfatório.

— Eu só estava gritando — deixei escapar. — O que é que está acontecendo com esta cabine em que nós estamos? Onde é que...

Minha voz sumiu transformando-se num cacarejo de pavor. O chão estava caindo tão depressa debaixo de nós que por uma ou duas vezes pareceu cair mais rápido do que eu próprio podia cair, de modo que fiquei certo de que meus pés o tinham deixado e de que ocupara por breves intervalos uma posição intermediária entre o chão e o teto. Em pânico ergui meu pé direito e bati com ele em direção ao chão com todo o meu peso e com toda minha força. Ele

atingiu o chão mas apenas com um tinido insignificante. Praguejei, gemi, fechei os olhos e torci por uma morte feliz. Sentia meu estômago quicando de uma forma nauseante dentro de mim como se fosse uma bola de futebol molhada e cheia de água.

Valha-nos Deus!

— Não faz mal nenhum a um homem — o sargento observou alegremente — dar umas voltinhas e ver coisas novas. Isso é excelente para alargar as ideias. Uma mente ampla é uma coisa magnífica, quase sempre leva a invenções perspicazes. Veja Sir Walter Raleigh que inventou a bicicleta de pedal e Sir George Stephenson com sua máquina a vapor e Napoleão Bonaparte e George Sand e Walter Scott — todos homens ilustres.

— Nós... nós já estamos na eternidade? — balbuciei.

— Ainda não estamos lá, mas não obstante estamos quase lá — respondeu ele. — Ouça com todos os seus ouvidos até haver um cliquezinho.

O que é que eu posso dizer para traduzir a minha situação pessoal? Estava encerrado dentro de uma cabine de aço com um policial de mais de cem quilos, caindo pavorosa e interminavelmente, ouvindo uma conversa sobre Walter Scott e também esperando um clique.

Clique!

Ele veio finalmente, intenso e terrível. Quase ao mesmo tempo a queda mudou, seja parando inteiramente ou se tornando uma queda muito mais lenta.

— É — o sargento disse animadamente —, agora estamos lá.

Não percebi absolutamente nada exceto que a coisa dentro de onde estávamos deu um solavanco e que o chão pareceu opor resistência aos meus pés de repente de um modo que poderia muito bem ser eterno.

O sargento dedilhou o arranjo de instrumentos parecidos com botões na porta, abrindo-a após um tempo e saltando.

— Esse era o elevador — observou.

É peculiar que quando a pessoa espera alguma coisa devastadora, incalculável e terrível que não se materializa, ela fique mais desapontada do que aliviada. Eu tinha esperado em primeiro lugar um resplendor de luz cegante. Nenhuma outra expectativa era suficientemente clara em meu cérebro para ser mencionada. Em vez desse fulgor, vi um longo corredor iluminado intermitentemente a intervalos pelas toscas máquinas de ruído de fabricação caseira, com mais escuridão para se ver do que luz. As paredes do corredor pareciam feitas de chapas de ferro-gusa aparafusadas nas quais tinham sido dispostas fileiras de portinholas que para mim eram iguais a portas de fornos ou de fornalhas ou de caixas-fortes tais como as que os bancos têm. O teto, até onde eu podia ver, era uma massa de fios metálicos e do que pareciam ser particularmente fios grossos ou possivelmente canos. O tempo todo chegava um ruído inteiramente novo aos ouvidos, não dissonante, às vezes como água

gorgolejando no subsolo e às vezes como uma conversa em voz baixa numa língua estrangeira.

O sargento já assomava à frente avançando pelo corredor, pisando pesadamente nas placas. Balançava suas chaves lepidamente e cantarolava uma musiquinha. Segui-o de perto, tentando contar as portinholas. Havia quatro fileiras de seis em cada dois metros lineares de parede, ou um total de muitos milhares. Aqui e ali podia ver um mostrador ou um intrincado jogo de relógios e botões lembrando um painel de controle com feixes de fios toscos convergindo em todos os lados dele. Eu não entendia o significado de nada, mas achei a cena tão real que muito do meu medo se tornou infundado. Pisava firme ao lado do sargento, que ainda era bastante real para qualquer pessoa.

Chegamos a uma encruzilhada no corredor onde a luz era mais intensa. Um corredor mais claro e luminoso com reluzentes paredes de aço corria para cada lado, desaparecendo de vista apenas onde a distância transformava suas paredes, piso e teto num único ponto sombrio. Achei que podia ouvir um som como o de vapor silvando e outro ruído como o de enormes rodas dentadas rangendo numa direção, parando e rangendo de volta novamente. O sargento se deteve para tomar uma leitura de um relógio na parede, então virou bruscamente à esquerda e me pediu que o seguisse.

Não irei relatar os corredores pelos quais caminhamos ou falar de um com portas redondas como vigias ou de outro lugar onde o sargento pegou para si uma caixa de fósforos enfiando a mão em algum ponto da parede. É suficiente dizer que chegamos, depois de andar pelo menos por uns dois quilômetros de placas, num salão bem-iluminado e arejado que era inteiramente circular e cheio de artigos indescritíveis muito parecidos com maquinismos, mas não tão intrincados quanto as máquinas mais complicadas. Imensos armários de aspecto caro com esses artigos estavam espalhados com bom gosto pelo chão enquanto a parede circular era uma massa dessas invenções com pequenos mostradores e medidores dispostos em abundância em vários lugares. Centenas de quilômetros de toscos fios metálicos eram visíveis em toda parte exceto pelo chão e havia milhares de portas com sólidas dobradiças como as portas de fornos e arranjos de botões e chaves que me lembravam máquinas registradoras americanas.

O sargento estava lendo em voz alta números de um dos muitos relógios e girando uma rodinha com extremo cuidado. Subitamente o silêncio foi cortado pelo som de ruidosas e frenéticas marteladas vindo do fundo do salão onde a aparelhagem parecia mais abundante e mais complexa. O sangue fugiu na mesma hora do meu rosto sobressaltado. Olhei para o sargento, mas ele continuava cuidando pacientemente do seu relógio e da roda, recitando números a meia-voz sem dar sinal de perceber nada. As marteladas pararam.

Sentei-me para pensar e reunir os meus sentidos dispersos sob a forma de algo liso como uma barra de ferro. Ele era agradavelmente quente e

reconfortante. Antes que qualquer pensamento tivesse tempo de me ocorrer houve outra irrupção de marteladas, então silêncio, então um ruído baixo mas violento como palavrões murmurados iradamente, então silêncio novamente e finalmente o som de pesadas passadas se aproximando por detrás das altas estantes de máquinas.

Sentindo uma fraqueza na coluna, saí de onde estava rapidamente e me plantei ao lado do sargento. Ele tirara um instrumento comprido e branco como um enorme termômetro ou uma batuta de regente de banda de dentro de um buraco na parede e estava examinando as calibrações no mesmo com o cenho franzido em extrema preocupação. Não prestava atenção em mim ou na figura oculta que se aproximava invisivelmente. Quando ouvi os passos metálicos rodeando o último armário, a contragosto ergui os olhos perplexamente. Era o policial MacCruiskeen. Estava com o sobrolho franzido sombriamente e tinha consigo outra enorme batuta ou termômetro que era cor-de-laranja. Ele foi direto até o sargento e lhe mostrou o instrumento, pondo um dedo rubro numa marcação que havia nele. Ficaram parados ali em silêncio examinando os instrumentos um do outro. O sargento pareceu um tanto aliviado, achei, quando deslindou a questão e se retirou marchando para o lugar oculto de onde MacCruiskeen acabara de vir. Logo ouvimos o som de marteladas, desta vez suaves e ritmadas.

MacCruiskeen guardou sua batuta dentro da parede no buraco onde tinha estado a do sargento e se virou para mim, oferecendo-me generosamente o cigarro amassado que eu passara a considerar o precursor de uma conversa inconcebível.

— Está gostando? — indagou.

— É bem arrumado — repliquei.

— Você não acreditaria como é conveniente — ele observou misteriosamente.

O sargento veio de volta até nós enxugando suas mãos vermelhas numa toalha e parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. Olhei para os dois intensamente. Eles acolheram o meu olhar e o trocaram em privado entre si antes de se descartarem dele.

— Isto é que é a eternidade? — perguntei. — Por que é que vocês chamam isto de eternidade?

— Passe a mão no meu queixo — disse MacCruiskeen, sorrindo enigmaticamente.

— Chamamos assim — explicou o sargento — porque você não envelhece aqui. Quando você sair daqui vai estar com a mesma idade que tinha quando entrou e da mesma estatura e latitude. Há um relógio aqui com corda para oito dias e um balanço patenteado, mas ele nunca anda.

— Como é que vocês podem ter certeza de que não envelhecem aqui?

— Passe a mão no meu queixo — disse MacCruiskeen novamente.

— É simples — disse o sargento. — A barba não cresce e se você estiver alimentado você não vai sentir fome e se você estiver com fome não fica mais faminto. Seu cachimbo vai fumar o dia inteiro e ainda ficará cheio e um copo de uísque vai continuar na mesma não importa o quanto você beba dele e não importa de qualquer jeito porque ele não vai fazer você ficar mais bêbado do que a sua própria sobriedade.

— É mesmo — murmurei.

— Estou aqui há um bocado de tempo na manhã de hoje — disse MacCruiskeen — e o meu queixo ainda está tão liso quanto um traseiro de mulher e a conveniência disso é de me tirar o fôlego, é uma coisa maravilhosa contrariar a velha navalha.

— Qual é o tamanho deste lugar inteiro?

— Ele não tem nenhum tamanho — o sargento explicou — porque não existe diferença em nenhum lugar nele e não temos a menor ideia da extensão de sua imutável co-equidade.

MacCruiskeen riscou um fósforo para os nossos cigarros e então o jogou descuidadamente no chão de chapas, onde ele ficou com um ar extremamente importante e exclusivo.

— Será que vocês não podiam trazer a bicicleta e andar pelo lugar todo e desenhar um mapa? — perguntei.

O sargento sorriu para mim como se eu fosse um bebê.

— A bicicleta é fácil — disse.

Para o meu espanto ele foi até um dos fornos maiores, manipulou alguns botões, abriu num puxão a maciça porta metálica e içou de dentro uma bicicleta nova em folha. Tinha mudança de três marchas e um recipiente de óleo e pude ver a vaselina ainda reluzindo nas partes polidas. Ele pôs no chão a roda dianteira e girou a roda traseira destramente no ar.

— A bicicleta é mole — disse —, mas é inútil e não importa. Venha que eu vou revelar a *res ipsa*.

Largando a bicicleta, ele seguiu na frente por entre os intrincados armários dando a volta por detrás de outros armários e cruzando o vão de uma porta. O que eu vi fez o meu cérebro se contrair dolorosamente dentro da cabeça e um calafrio paralisante atravessou meu coração. Não foi tanto por este outro salão ser em todos os respeitos uma réplica exata daquele que havíamos acabado de deixar. Foi mais porque o meu olho sobrecarregado viu que uma das portas do armário na parede se encontrava aberta e que uma bicicleta novinha estava encostada na parede, identicamente igual à outra e até encostada no mesmo ângulo.

— Se você quiser seguir um pouco mais adiante para atingir este mesmo lugar aqui sem ter que retornar você pode andar em frente até chegar na

próxima entrada que não há problema. Mas não vai fazer nenhuma diferença para você e mesmo se ficarmos por aqui para trás é provável que você nos encontre lá para recebê-lo.

Neste ponto soltei um grito quando meu olho percebeu um fósforo usado caído claramente no chão.

— O que é que você acha do não-barbear? — perguntou MacCruiskeen orgulhosamente. — Seguramente esta é uma experiência ininterrompível?

— É inescapável e intratável — disse o sargento.

MacCruiskeen estava examinando alguns botões num armário central. Ele virou a cabeça e me chamou.

— Venha até aqui — gritou — que vou lhe mostrar uma coisa para você contar aos seus amigos.

Depois eu vi que esta era uma de suas raras piadas porque o que ele me mostrou era algo que eu não poderia contar a ninguém, não há palavras apropriadas no mundo para traduzir as minhas ideias. Este armário tinha uma abertura parecida com uma calha de escoamento e outra abertura imensa parecida com um buraco negro a cerca de um metro abaixo da calha. Ele pressionou duas peças vermelhas iguais a teclas de máquina de escrever e girou um enorme botão para a direita. Na mesma hora houve um barulho estrondoso como se milhares de caixas de biscoito cheias estivessem caindo por uma escada. Senti que essas coisas caindo desceriam pela calha a qualquer momento. E assim elas fizeram, surgindo por alguns segundos no ar e então desaparecendo pelo buraco negro abaixo. Mas o que que eu posso dizer delas? Na cor não eram brancas nem pretas e certamente não tinham nenhuma cor intermediária; estavam longe do escuro e eram tudo menos claras. Mas por mais estranho que pareça não era a sua coloração sem precedentes que mais me chamou a atenção, mas tinham outra característica que me fez observá-las de olhos esbugalhados, a garganta seca e a respiração em suspenso. Me é impossível fazer qualquer tentativa para descrever essa característica. Passei horas pensando muito tempo depois para compreender por que esses artigos eram surpreendentes. *Faltava-lhes um atributo essencial em qualquer objeto conhecido.* Não posso chamá-lo de formato ou configuração já que a amorfia não é ao que me refiro em absoluto. Só posso dizer que esses objetos, nenhum dos quais se parecia com os outros, eram de dimensões completamente desconhecidas. Não eram quadrados nem retangulares nem redondos nem simplesmente de formato irregular e tampouco poderia-se dizer que sua infinita variedade se devia a dissimilaridades dimensionais. Simplesmente sua aparência, ainda que esta palavra não fosse admissível, não era inteligível ao olho e sim sob todos os sentidos indescritível. Basta dizer isso.

Quando MacCruiskeen soltara os botões, o sargento me perguntou polidamente o que mais eu gostaria de ver.

— O que é que tem mais aí?

— Qualquer coisa.

— Qualquer coisa que eu mencionar vai ser mostrada pra mim?

— É claro.

A tranquilidade com que o sargento tinha produzido uma bicicleta que custaria no mínimo oito libras se fosse comprada acionara na minha cabeça certas seqüências de ideias. Meu nervosismo tinha sido em grande parte reduzido ao absurdo e ao nada pelo que eu vira e agora me flagrava com a curiosidade desperta para as possibilidades comerciais da eternidade.

— O que eu gostaria — eu disse lentamente — é de ver você abrir uma porta e içar de dentro um bloco de ouro maciço pesando meia tonelada.

O sargento sorriu e encolheu os ombros.

— Mas isso é impossível, esta é uma solicitação extremamente irracional — disse ele. — É vexaminosa e despropositada — acrescentou formalmente.

Fiquei desapontado até a alma.

— Mas você disse *qualquer coisa*.

— Eu sei, homem. Mas há um limite e uma fronteira para tudo dentro das divisas do jardim da razão.

— Essa foi decepcionante — murmurei.

MacCruiskeen se adiantou timidamente.

— Naturalmente — disse ele —, se não houvesse objeção a que eu ajudasse o sargento a suspender o bloco.

— O quê! A dificuldade é essa?

— Eu não sou um cavalo de tração — disse o sargento com singela dignidade. — Se bem que, de uma certa forma... — acrescentou, fazendo todos nos lembrarmos do seu bisavô.

— Então nós todos o ergueremos — gritei.

E assim fizemos. Os botões foram manejados, a porta, aberta e o bloco de ouro, que estava protegido por uma bem acabada caixa de madeira, foi suspenso com toda nossa força e colocado no chão.

— O ouro é um artigo comum e não há muito o que se ver quando se olha para ele — observou o sargento. — Peça-lhe algo de confiança e superior à preeminência ordinária. Agora uma lente de aumento é uma coisa melhor porque você pode olhar para ela e o que você vê quando olha é uma terceira coisa no conjunto.

Outra porta foi aberta por MacCruiskeen e me foi passada uma lente de aumento, um instrumento de aspecto bastante comum com um cabo de osso. Olhei a minha mão através dela e não vi nada que fosse reconhecível. Então olhei diversas outras coisas, mas não vi nada que pudesse ver claramente. MacCruiskeen pegou-a de volta com um sorriso diante do meu olho aturdido.

— Ela amplia até a invisibilidade — explicou. — Torna todas as coisas tão grandes que só sobra espaço na lente para a menor partícula delas — não o bastante para torná-las diferentes de quaisquer outras coisas que sejam dissimilares.

Meu olho se moveu do rosto elucidativo dele para o bloco de ouro do qual a minha atenção de fato nunca se afastara.

— O que eu gostaria de ver agora — eu disse cuidadosamente — são cinquenta cubos de ouro maciço cada um pesando meio quilo.

MacCruiskeen se afastou obsequiosamente como um garçom treinado e pegou esses artigos de dentro da parede sem uma palavra, dispondo-os numa estrutura bem arrumada no chão. O sargento se afastara caminhando indolentemente para examinar alguns relógios e tomar leituras. Nesse meio tempo meu cérebro trabalhava fria e rapidamente. Encomendei uma garrafa de uísque, pedras preciosas no valor de duzentas mil libras, algumas bananas, uma caneta-tinteiro e materiais de escrita, e finalmente um terno de sarja azul com forro de seda. Quando todas essas coisas estavam no chão, lembrei-me de outras coisas que tinha esquecido e encomendei roupas de baixo, sapatos e promissórias bancárias, e uma caixa de fósforos. MacCruiskeen, suando pelo esforço com as pesadas portas, estava reclamando do calor e parou para tomar um pouco de cerveja clara. O sargento girava calmamente uma rodinha com uma catraca minúscula produzindo um estalido.

— Acho que isso é tudo — eu disse finalmente.

O sargento se aproximou e admirou a pilha de mercadorias.

— Meu Deus — disse ele.

— Vou levar estas coisas comigo — anunciei.

O sargento e MacCruiskeen trocaram seu olhar particular. Então sorriram.

— Neste caso você vai precisar de uma sacolona bem forte — disse o sargento. Ele foi até outra porta e me trouxe uma sacola de couro de porco que custaria no mínimo cinquenta guinéus na praça. Arrumei os meus pertences cuidadosamente na sacola.

Vi MacCruiskeen esmagando o seu cigarro na parede e notei que este ainda estava no mesmo tamanho que tinha quando fora aceso meia hora antes. O meu próprio queimava discretamente também, mas estava completamente inconspícuo. Esmaguei-o também e guardei-o dentro do bolso.

Quando estava para fechar a sacola me ocorreu um pensamento. Endireitei-me e me virei para os policiais.

— Preciso só de mais uma coisa — disse. — Quero uma arma pequena apropriada para o bolso que extermine qualquer homem ou quaisquer milhões de homens que tentarem em qualquer momento tirar a minha vida.

Sem uma palavra o sargento me trouxe um pequeno artigo preto parecido com um archote.

— Isso produz um efeito — disse ele — que transforma qual quer homem ou homens em pó cinza na mesma hora se você o apontar e apertar o botão, e se você não gostar do pó cinza você pode ter pó roxo ou pó amarelo ou qualquer outra tonalidade do pó se você me disser agora e me confidenciar a sua cor favorita. Será que você gostaria de um tom cor-de-veludo?

— Cinza está bom — eu disse laconicamente.

Pus esta arma mortífera dentro da sacola, fechei-a e me ergui novamente.

— Acho que podemos ir pra casa agora. — Eu disse as palavras casualmente e tomei o cuidado de não olhar para os rostos dos policiais. Para minha surpresa eles concordaram prontamente e começamos a sair com nossos passos ressonantes até darmos conosco novamente nos intermináveis corredores, eu carregando a pesada sacola e os policiais conversando tranquilamente sobre as leituras que tinham observado. Sentia-me feliz e satisfeito com o meu dia. Sentia-me mudado e revigorado e cheio de um novo ânimo.

— Como é que essa coisa funciona? — indaguei alegremente, tentando puxar uma conversa agradável. O sargento me olhou.

— Ela tem engrenagens helicoidais — disse ele à guisa de informação.

— Você não viu os fios metálicos? — perguntou MacCruiskeen, virando-se para mim com certa surpresa.

— Você ia ficar espantado com a importância do carvão — o sargento disse. — O mais importante é manter a leitura da haste o mais baixa possível e tudo vai bem se a marcação-piloto está estável. Mas se você deixar a haste subir, onde é que vai parar a sua alavanca? Caso você descuide da alimentação do carvão você acabará fazendo a haste disparar para cima e fatalmente haverá uma séria explosão.

— Piloto baixo, pequena queda — disse MacCruiskeen. Ele falou concisa e sabiamente como se a sua observação fosse um provérbio.

— Mas o segredo da coisa no fundo no fundo — continuou o sargento — são as leituras diárias. Fique atento à sua leitura diária e a sua consciência vai ficar tão clara quanto uma camisa limpa na manhã de domingo. Sou um adepto fervoroso das leituras diárias.

— Eu cheguei a ver alguma coisa importante?

Com essa os policiais se entreolharam estupefatos e caíram na gargalhada. Seus urros estridentes se distanciaram de nós rapidamente reverberando pelo corredor e voltaram novamente em tênues ecos por causa da distância.

— Suponho que você considere um cheiro uma coisa simples? — disse o sargento sorrindo.

— Um cheiro?

— O cheiro é o fenômeno mais complicado do mundo — ele disse — e não pode ser deslindado pelas fuças humanas ou convenientemente entendido, embora os cães se saiam melhor com os cheiros do que nós.

— Mas os cães andam muito mal de bicicleta — disse MacCruiskeen, apresentando o outro lado da comparação.

— Temos uma máquina lá embaixo — continuou o sargento — que decompõe qualquer cheiro nos seus sub e intercheiros do mesmo modo como é possível decompor um raio de luz com um instrumento de vidro. É muito interessante e edificante, você não acreditaria nos cheiros repugnantes que há dentro do perfume de um adorável lírio-das-montanhas.

— E há uma máquina para gostos — inseriu MacCruiskeen —, o gosto de uma costeleta frita, embora você possa não pensar, tem quarenta por cento do gosto de...

Ele fez uma careta e cuspiu e pareceu melindrosamente reticente.

— E os toques — disse o sargento. — Olha que não há nada tão liso quanto as costas de mulher ou assim você poderia imaginar. Mas se o tato está arruinado para você, você não se agradaria com costas de mulheres, juro-lhe solenemente. Metade do toque é tão áspera quanto as ancas de um novilho.

— Na próxima vez que você vier aqui — prometeu MacCruiskeen —, você vai ver coisas surpreendentes.

Isso próprio, pensei, era algo surpreendente para qual quer um dizer depois do que eu acabara de ver e depois do que eu estava carregando na sacola. Ele apalpou o bolso, encontrou o seu cigarro, reacendeu-o e me estendeu o fósforo. Estorvado com a pesada sacola, passei alguns minutos encontrando o meu, mas o fósforo ainda queimava uniforme e vivamente na sua ponta.

Fumamos em silêncio e prosseguimos pelo sombrio corredor até alcançarmos o elevador novamente. Havia mostradores ou medidores de relógios ao lado do elevador aberto que eu não vira antes e outro par de portas ao lado dele. Estava muito cansado com a minha sacola de ouro, roupas e uísque e me dirigi ao elevador para me deter nele e arriar a sacola finalmente no chão. Quando quase na soleira, fui interrompido no meio do passo por um chamado do sargento que subiu até quase o tom de um grito de mulher.

— Não entre aí!

A cor fugiu do meu rosto pela urgência do tom de voz dele. Virei a cabeça e fiquei plantado ali com um pé à frente do outro como um homem fotografado sem saber no meio de um passeio.

— Por quê?

— Porque o chão vai despencar por baixo das solas dos seus pés e mergulhar com você para onde ninguém foi antes de você.

— E por quê?

— A sacola, homem.

— Simplesmente — disse MacCruiskeen calmamente — você não pode entrar no elevador a não ser que esteja pesando o mesmo que pesava quando se pesou ao entrar nele.

— Se você fizer isso — o sargento disse — ele irá extirpar você incondicionalmente e acabar com a sua vida.

Pus a sacola, tilintando com sua garrafa e cubos de ouro, um tanto grosseiramente no chão. Ela valia vários milhões de libras. Plantado ali sobre o chão de placas, me apoiei na parede de placas e sondei as minhas faculdades mentais em busca de um pouco de bom senso e compreensão e consolo na adversidade. Não entendi muita coisa exceto que os meus planos tinham sido frustrados e que a minha visita à eternidade fora infrutífera e calamitosa. Passei uma das mãos sobre a minha testa úmida e fitei perplexamente os dois policiais, que agora estavam sorrindo com um ar sábio e complacente. Uma tremenda emoção foi se avolumando na minha garganta e enchendo o meu ser com uma enorme mágoa e uma tristeza mais remota e desolada que uma praia imensa ao entardecer com o mar ao longe na sua parte mais distante. Com os olhos baixos e a cabeça caída sobre meus sapatos velhos, vi-os flutuarem e se dissolverem nas enormes lágrimas que irromperam dos meus olhos. Me virei contra a parede e soltei soluços altos engasgados e sucumbi completamente e chorei alto como um bebê. Não sei quanto tempo passei chorando. Creio ter ouvido os dois policiais trocando comentários solidários sobre mim a meia-voz como se fossem médicos treinados num hospital. Sem erguer a cabeça olhei de lado para o chão e vi as pernas de MacCruiskeen se afastando com a minha sacola. Então ouvi uma porta de forno sendo aberta e a sacola sendo jogada dentro dela rudemente. Nessa hora chorei alto novamente, me virando para a parede do elevador e dando rédeas por completo à minha imensa desgraça.

Por fim fui pego gentilmente pelos ombros, pesado e conduzido para dentro do elevador. Então senti os dois enormes policiais se comprimindo lá dentro ao meu lado e chegou até mim o cheiro penetrante de casimira azul oficial impregnada inteiramente com a humanidade dos dois. No momento em que o piso do elevador começou a opor resistência aos meus pés, senti um pedaço de papel crespo farfalhando de encontro ao meu rosto desviado. Erguendo os olhos na luz fraca vi que MacCruiskeen estendia a mão na minha direção muda e meiga mente por cima do peito do sargento que estava plantado ereto e imóvel ao meu lado. Na mão havia um saquinho branco de papel. Dei uma rápida olhada dentro dele e vi coisas redondas coloridas do tamanho de florins.

— Balas — disse MacCruiskeen bondosamente.

Sacudiu o saco encorajadoramente e começou a mascar e a chupar com ruído como se houvesse um prazer quase sobrenatural a se extrair daquelas balas. Começando por algum motivo a soluçar novamente, meti a mão dentro do saco, mas quando tirei uma bala, três ou quatro outras que tinham grudado nela pelo calor do bolso do policial vieram juntas num bolo colado pegajoso. Desajeitada e tolamente tentei desgrudá-las, mas não consegui de maneira nenhuma e então meti todas dentro da boca e fiquei ali soluçando, chupando e fungando. Ouvi o

sargento suspirando fortemente e pude sentir seu amplo costado recuando enquanto ele suspirava.

— Meu Deus, eu adoro balas — murmurou.

— Pega uma — sorriu MacCruiskeen, chocalhando seu saco.

— O que é que você está dizendo, homem — exclamou o sargento, virando-se para encarar MacCruiskeen —, você perdeu o juízo, homem de Deus? Se eu pegasse uma dessas — não uma, mas a metade de um cantinho de um quarto de uma delas —, juro pelo que é mais sagrado que o meu estômago explodiria como uma mina ativada e eu ficaria galvanizado na cama por quinze dias a fio urrando profanidades pelas terríveis cólicas de indigestão e de azia. Você está querendo me matar, homem?

— As balas de maltose são bem suaves — disse MacCruiskeen, falando desajeitadamente com a boca entupida. — Dão elas para nenês e são tiro e queda para os intestinos.

— Se eu tivesse que comer alguma bala — o sargento disse —, eu viveria à base das “Sortidas de Baile”. *Essas* é que são balas. São as melhores para chupar, o sabor é extremamente espiritual e uma delas dura meia hora.

— Você já experimentou os “Rebuçados de Alcaçuz”? — perguntou MacCruiskeen.

— Não essas, mas as “Sortidas de Café e Nata da Vovó” são fantásticas.

— Ou as “Mistas Bonequinha”?

— Não.

— Dizem — MacCruiskeen disse — que as “Mistas Bonequinha” são as melhores que já foram feitas e que nunca serão superadas e de fato eu seria capaz de comê-las e continuar a comê-las até ficar enjoado.

— Isso pode ser — disse o sargento —, mas se eu tivesse saúde eu tiraria você do páreo com as “Sortidas de Baile”. — Enquanto eles disputavam a questão das balas e passavam para as barras de chocolate e bastões de caramelo, o chão principiou a fazer uma forte pressão por debaixo. Então houve uma mudança na pressão, ouviram-se dois cliques e o sargento começou a abrir as portas, explicando a MacCruiskeen o seu ponto de vista acerca das jujubas e balas macias e confeitos de goma.

De ombros caídos e com o rosto viscoso pelas lágrimas secas, saltei acabrunhado do elevador para a salinha de pedra e esperei até que eles checassem os relógios. Então os segui através dos arbustos espessos e me mantive atrás deles enquanto enfrentavam os ataques dos galhos e revidavam. Não estava me importando com nada.

Somente depois de emergirmos, esbaforidos e com as mãos sangrando, na orla verdejante da estrada principal foi que percebi que algo importante acontecera. Tinham se passado duas ou três horas desde que o sargento e eu iniciáramos nossa jornada e apesar disso o campo e as árvores e todos os sons de

cada coisa ao redor ainda estavam envoltos numa atmosfera de início da manhã. Havia uma indizível prontidão em todas as coisas, um sentido de despertar e começar. Nada ainda tinha crescido ou amadurecido e nada iniciado já fora terminado. Um pássaro cantando ainda não dobrara finalmente a última inflexão de melódiosidade. Um coelho emergindo ainda tinha o rabo oculto.

O sargento postava-se monumentalmente no meio da sólida e antiga estrada e arrancava algumas coisinhas verdes delicadamente da sua pessoa. MacCruiskeen estava curvado com a relva à altura dos joelhos inspecionando a sua pessoa e se sacudindo vigorosamente como uma galinha. Eu próprio permanecia parado olhando extenuado o céu luminoso e me admirando com os prodígios da sublime manhã.

Quando o sargento estava pronto fez um sinal educado com o polegar e nós dois partimos juntos na direção do alojamento. MacCruiskeen ficou para trás, mas logo apareceu silenciosamente à nossa frente encarapitado inteiramente imóvel na sua silenciosa bicicleta. Ele nada disse ao passar por nós e não deu um sopro nem moveu um membro e se afastou de nós deslizando no declive da suave colina até que uma curva o acolheu em silêncio.

Enquanto caminhava com o sargento não notei onde estávamos ou o que cruzávamos na estrada, homens, animais ou casas. Meu cérebro estava como uma trepadeira próximo à qual voavam andorinhas. Pensamentos disparavam ao meu redor como um céu que estivesse ruidoso e coberto de pássaros, mas nenhum deles entrava em mim ou chegava perto o bastante. Continuamente em meu ouvido havia o dique de pesadas portas se fechando, o lamento dos galhos arrastando suas frouxas folhas num rápido recuo e o clangor das solas ferradas sobre as placas metálicas.

Quando cheguei ao alojamento não prestei atenção a nada nem a ninguém, mas fui direto para uma cama e me deitei nela e caí num sono simples e profundo. Comparada a este sono, a morte é algo turbulento, a paz é um clamor e a escuridão, uma explosão de luz.

[*] *Lift* (elevador). (N. do T.)

Fui despertado na manhã seguinte pelo som de ruidosas marteladas^[21] no lado de fora da janela e dei comigo imediatamente recordando — a recordação era um paradoxo absurdo — que tinha estado no outro mundo ontem. Deitado ali meio desperto, não é anormal que meus pensamentos se voltassem para De Selby. Como todos os grandes pensadores, sua orientação foi buscada em muitas das grandes perplexidades existenciais. Os comentadores, ao que se teme, não obtiveram êxito em extrair do vasto repertório de seus escritos qualquer *corpus* consistente, coeso e abrangente de crença ou práxis espiritual. Não obstante, suas ideias do paraíso não são destituídas de interesse. À parte o conteúdo do famoso “Códice” De Selby,^[22] as principais referências podem ser encontradas no *Atlas rural* e nos assim chamados apêndices “substantivos” ao *Álbum do campo*. Sucintamente ele indica que o estado ditoso não está “dissociado da água” e que “a água raramente está ausente de qualquer situação inteiramente satisfatória”. Não oferece qualquer definição mais aproximada do seu elísio hidráulico, mas menciona ter escrito em maior detalhe sobre o assunto em outra obra.^[23] Não está claro, infelizmente, se espera se que o leitor deduza que um dia úmido é mais desfrutável que um dia seco ou que um banho prolongado seja um método confiável para se adquirir paz de espírito. Louva o equilíbrio da água, sua circunambiência, equiponderância e equidade, e declara que a água, “se não utilizada abusivamente”,^[24] pode alcançar “a superioridade absoluta”. De resto, pouco subsiste salvo o registro de seus obscuros e não testemunhados experimentos. A história é a de uma longa sucessão de processos por desperdício de água movidos pela autoridade local. Numa das audiências provou-se que ele utilizara quarenta mil litros num dia e em outra ocasião quase 360 mil litros no decurso de uma semana. A palavra “utilizara” neste contexto é o importante. Os funcionários locais, tendo checado o volume de água que entrava na casa diariamente pela tubulação da rua, tiveram suficiente curiosidade para observar o cano de escoamento e fizeram a espantosa descoberta de que *nem uma gota da vasta quantidade de água puxada para dentro chegava a deixar a casa*. Os comentadores apoderaram-se avidamente desta estatística mas estão, como sempre, divididos em suas interpretações. Na opinião de Bassett a água era tratada na caixa-d’água, patenteada e diluída num grau que a tornava invisível — sob forma líquida, em todo caso — aos incultos espíões no esgoto. A teoria de Hatchjaw a este respeito é mais aceitável. Ele tende a acreditar que a água era fervida e convertida, provavelmente por meio da caixa-d’água, em finíssimos jatos de vapor que eram lançados através de uma janela superior para dentro da noite num esforço por lavar as manchas negras “vulcânicas” das “membranas”

ou “bexigas de ar” da atmosfera e assim dissipar a abominada e “insalubre” noite. Por mais esdrúxula que esta teoria possa parecer, um inesperado fundamento lhe é conferido por uma ação judicial anterior, quando o físico foi multado em quarenta xelins. Nessa ocasião, uns dois anos antes da construção da caixa-d’água, De Selby foi acusado de acionar uma mangueira de incêndio de uma das janelas superiores de sua casa à noite, uma operação que resultou em diversos transeuntes saindo encharcados até os ossos. Em outra ocasião^[25], ele teve que enfrentar a curiosa acusação de açambarcamento de água, com a polícia prestando testemunho de que cada recipiente na casa dele, da banheira até um jogo de três oveis ornamentais, estava transbordante do líquido. Novamente uma acusação forjada de tentativa de suicídio foi intentada meramente porque o sábio quase se afogara acidentalmente em busca de alguma estatística vital sobre o celeste aquático.

Torna-se evidente pelos jornais da época que suas investigações sobre a água foram acompanhadas por perseguições e dissabores sem paralelos desde os tempos de Galileu. Pode servir de algum consolo aos esbirros responsáveis saber que suas brutais e bárbaras maquinações conseguiram negar à posteridade um registro claro da importância desses experimentos e talvez um manual da ciência esotérica da água que baniria muito do nosso sofrimento e infelicidade mundana. Virtualmente tudo que resta do trabalho de De Selby a esse respeito é a sua casa, onde suas incontáveis torneiras^[26] ainda estão como ele as deixou, embora uma geração mais nova, de mentalidade menos consistente, tenha feito com que a água fosse cortada na tubulação principal.

Água? A palavra estava no meu ouvido assim como no meu cérebro. A chuva começava a fustigar as janelas, não uma chuva branda ou oportuna, mas enormes pingos raivosos que batiam espalhafatosamente e com intensa força no vidro. As árvores, eu sabia, estariam rudes e de mau humor na chuva e os matacões cintilando friamente ao olho.

Eu teria buscado o sono novamente sem hesitar, não fosse o ruidoso martelar lá fora. Levantei e andei pelo chão frio até a janela. Do lado de fora havia um homem com sacos cobrindo as costas martelando uma estrutura de madeira que ele estava erguendo no pátio do alojamento. Tinha o rosto vermelho, braços fortes e manquejava ao redor do seu trabalho com passadas imensas e rígidas. Sua boca estava cheia de pregos que se eriçavam como presas de aço sob a sombra do seu bigode. Ele os extraía um a um enquanto eu observava e os pregava com perfeição na madeira molhada. Deteve-se para testar uma viga com sua força enorme e acidentalmente deixou o martelo cair. Curvou-se desajeitadamente e pegou-o do chão.

Você percebeu alguma coisa?

Não.

O martelo, homem.

Parece um martelo comum. O que que tem ele?

Você deve estar cego. Caiu no pé dele.

Foi?

E ele nem pestanejou. Podia ter sido uma pluma, a julgar pela reação dele.

Nesse ponto soltei um grito agudo de entendimento e imediatamente levantei o caixilho da janela e me debrucei sobre o dia inóspito, chamando o trabalhador excitadamente. Ele me olhou curioso e se aproximou com uma carranca amistosa de interrogação no rosto.

— Qual é o seu nome? — perguntei a ele.

— O'Feersa, o irmão do meio — ele respondeu. — Será que você pode vir aqui fora — continuou — e me dar uma mãozinha com o madeirame molhado?

— Você tem uma perna de pau?

Em resposta ele vibrou na sua coxa esquerda uma possante martelada. Ela ecoou surdamente na chuva. Ele pôs a mão em concha no ouvido gaiatamente, como se escutando concentradamente o som que produzira. Então sorriu.

— Estou erguendo um cadafalso alto aqui — disse ele —, e o trabalho fica prejudicado onde o solo está irregular. Seria ótimo ter o auxílio de um ajudante competente.

— Você conhece o Martin Finnucane?

Ele ergueu a mão batendo continência e fez que sim com a cabeça.

— Ele é quase um parente — disse —, mas não de todo. Ele é intimamente aparentado com a minha prima, mas nunca se casaram, nunca tiveram tempo.

Então bati vigorosamente com a minha própria perna na parede.

— Você escutou? — perguntei-lhe.

Ele se sobressaltou e então apertou a minha mão e pareceu fraterno e leal, me perguntando se era a esquerda ou a direita.

Rabisque um bilhete e mande-o ir buscar ajuda. Não há tempo a perder.

Fiz isso na mesma hora, pedindo a Martin Finnucane que viesse e me salvasse por um triz de ser estrangulado até a morte no cadafalso e dizendo que ele teria que se apressar. Eu não sabia se ele poderia vir como prometera, mas no presente perigo em que me encontrava valia a pena tentar qualquer coisa.

Vi o sr. O'Feersa se afastando rapidamente através da neblina e avançando cuidadosamente em meio aos ventos cortantes que corriam pelos campos, a cabeça baixa, sacos jogados sobre as costas e um firme propósito secreto.

Depois voltei para a cama para tentar esquecer a minha ansiedade. Fiz uma oração para que nenhum dos outros irmãos tivesse saído com a bicicleta da família, pois ela seria necessária para levar a minha mensagem rapidamente ao capitão dos pernetas. Então senti uma esperança despertando espasmodicamente dentro de mim e adormeci novamente.

Quando acordei novamente, dois pensamentos me acorreram tão proximamente juntos que pareciam estar grudados um no outro; não pude ter certeza de qual veio primeiro e foi difícil separá-los e examiná-los separadamente. Um foi um pensamento feliz acerca do tempo, o súbito esplendor do dia que antes tinha estado agitado. O outro me sugeria que aquele não era em absoluto o mesmo dia, mas um diferente e talvez nem mesmo o dia seguinte ao tempestuoso. Não consegui decidir esta questão e nem tentei fazê-lo. Fosse o dia que fosse, era um dia gentil — suave, mágico e inocente, com um grandioso desfile de nuvens brancas, serenas e inexpugnáveis no céu alto, avançando como majestosos cisnes sobre águas tranquilas. O sol estava nas redondezas também, distribuindo seu encantamento discretamente, colorindo as superfícies das coisas inanimadas e alentando os âmagos das coisas vivas. O céu era um azul-claro sem distância, nem perto nem longe. Eu podia contemplá-lo, atravessá-lo, ir além dele e ainda ver ilimitadamente mais clara e mais próxima a delicada ilusão do seu nada. Um pássaro cantou um solo na vizinhança, um melro talentoso numa sebe escura dando graças na sua própria língua. Ouvi e concordei com ele plenamente.

Então outros sons chegaram até mim da cozinha próxima. Os policiais estavam de pé e às voltas com seus afazeres incompreensíveis. Um par de suas imensas botas cruzava a passos as lajes do piso, parava e então voltava pesadamente. O outro par saía pisando forte para outro lugar, se detinha por um pouco mais e voltava a passos pesados novamente com baques mais fortes, como se um enorme peso estivesse sendo carregado. Então as quatro botas saíam pisando firme até a porta da frente mais além e imediatamente chegava aos ouvidos a longa vergastada de água sendo jogada na estrada, uma tremenda quantidade dela arremessada de uma só vez para cair chapada no chão seco.

Levantei e comecei a me vestir. Pela janela podia ver o cadafalso de madeira natural erguendo-se bem alto em direção ao céu, não como O'Feersa o deixara para abrir caminho metodicamente através da chuva, mas acabado e pronto para o seu lúgubre destino. A visão não me fez chorar nem mesmo suspirar. Achei-a triste, extremamente triste. Por entre as escoras da estrutura podia ver o doce campo. Devia haver uma bela paisagem do alto do cadafalso em qualquer dia, mas nesse dia ela estaria alongada uns oito quilômetros devido à limpidez do ar. Para evitar as lágrimas passei a dedicar particular atenção às minhas roupas.

Quando estava quase pronto, o sargento bateu com toda delicadeza na porta, entrou com a maior cortesia e me deu bom dia.

— Notei que alguém dormiu na outra cama — eu disse puxando conversa.
— Foi você mesmo ou o MacCruiskeen?

— É provável que tenha sido o policial Fox. MacCruiskeen e eu não dormimos aqui de maneira nenhuma, sai caro demais, estaríamos mortos dentro de uma semana se a gente se desse a esse luxo.

— E onde é que vocês dormem então?

— Lá adiante... mais além... acolá.

Ele indicou aos meus olhos a direção certa com seu dedão moreno. Era lá embaixo na estrada, onde a curva oculta à esquerda levava até o céu cheio de portas e fornos.

— E por quê?

— Para poupar as nossas existências, homem. Lá embaixo você sai do sono tão jovem como quando entrou nele e não definha quando está no meio do sono, você não acreditaria o tempo que a sua roupa ou as suas botas duram e você tampouco tem que se despir. É isso que encanta MacCruiskeen — isso e o não barbear. — Ele riu amavelmente à lembrança do seu companheiro. — Esse cara é um comediante — acrescentou.

— E o Fox? Onde é que ele vive?

— Acolá, eu creio — ele apontou novamente para o lugar que ficava à esquerda. — Ele fica lá embaixo em algum lugar durante o dia, mas nunca o vimos lá, ele poderia estar numa parte distinta dali que descobriu sob um teto separado de uma casa diferente e de fato os saltos irracionais na leitura da haste dariam a entender que há interferência não autorizada nos equipamentos. Ele é doido de pedra, um caráter incontestável e um homem de inexactidões ingovernáveis.

— Então por que é que ele dorme aqui? — Eu não estava absolutamente contente por este homem fantasmagórico ter estado no mesmo quarto comigo durante a noite.

— Para gastá-la, passar por ela e não tê-la toda eternamente não utilizada dentro de si.

— Toda o quê?

— A existência dele. Ele quer se livrar o mais que puder do abreviamento e da prorrogação, o mais rápido que puder de forma que possa morrer o mais cedo possível. MacCruiskeen e eu somos mais sábios e não estamos cansados de sermos nós mesmos, nós a poupamos. Creio que ele é da opinião de que existe uma curva à direita no final da estrada e provavelmente é dela que ele está atrás, ele acha que o melhor modo de encontrá-la é morrer e tirar o que houver de esquerda do seu sangue. Eu não acredito que haja uma estrada à direita e se houvesse ela certamente exigiria doze homens ativos só para cuidar das leituras, à noite e pela manhã. Como você está perfeitamente ciente, a direita é muito mais espinhosa do que a esquerda, você se surpreenderia com todas as arapucas que há à direita. Estamos apenas começando a conhecer a direita, não existe nada de mais enganoso para os desavisados.

— Eu não sabia disso.

O sargento arregalou os olhos de surpresa.

— Alguma vez na sua vida — ele perguntou — você montou numa bicicleta pela direita?

— Nunca.

— E por quê?

— Não sei. Nunca pensei sobre isso.

Ele riu para mim indulgentemente.

— É quase uma charada insolúvel — sorriu —, um enigma de inescrutáveis potencialidades, um quebra-cabeça.

Ele saiu do quarto seguindo para a cozinha, onde já arrumara meu prato fumegante de mingau e leite sobre a mesa. Apontou-o alegremente, fez um gesto como se erguendo a colher transbordante até a boca e então produziu salivosos sons suculentos com os lábios, como se estes estivessem ocupados com a mais saborosa dentre todas as iguarias conhecidas. Então ele engoliu ruidosamente e colocou extasiado suas mãos rubras sobre o estômago. Me sentei e peguei a colher diante do estímulo dele.

— E por que é que o Fox é doido? — indaguei.

— Vou lhe dizer o porquê. No quarto de MacCruiskeen há uma caixinha sobre o consolo da lareira. A história é que quando MacCruiskeen estava fora investigando uma bicicleta, num dia que aconteceu de cair num 23 de junho, Fox entrou, abriu a caixa e olhou dentro dela por força de sua insuportável curiosidade. Desde aquele dia até hoje...

O sargento sacudiu a cabeça e bateu de leve na testa três vezes com o dedo. Por mais mole que seja um mingau, eu quase me engasguei com o som que o dedo fez. Foi um ruído oco ressoante, levemente metálico, como se ele tivesse batido levemente num regador com a unha.

— E o que havia dentro da caixa?

— Isso é fácil de dizer. Um cartão de cartolina mais ou menos do tamanho de uma carteira de cigarros, nem melhor nem mais espesso.

— Entendo — eu disse.

Eu não olhei mas tinha certeza de que a minha tranquila indiferença iria espicaçar o sargento a dar uma explicação. Ela veio após algum tempo durante o qual ele me observava silenciosa e estranhamente enquanto eu me alimentava substancialmente à mesa.

— Foi a cor — disse ele.

— A cor?

— Mas aí pode ser que não tenha sido absolutamente isso — ele devaneou perplexamente.

Olhei-o com uma branda indagação. Ele franziu o sobrolho pensativamente e ergueu a vista para um canto do teto como se esperando que certas palavras

que buscava estivessem penduradas ali em luzes coloridas. Eu mal acabara de pensar nisso quando eu próprio espiei para cima, meio esperando vê-las lá. Mas elas não estavam.

— O cartão não era vermelho — disse ele afinal ambigualmente.

— Verde?

— Não verde. Não.

— Então de que cor?

— Não era uma dessas cores que um homem tem dentro da cabeça como algo que ele nunca tenha visto com os olhos. Era... diferente. MacCruiskeen diz que tampouco era azul e eu acredito nele, um cartão azul nunca faria um homem ficar biruta, porque o que é azul é natural.

— Muitas vezes eu vi cores em ovos — observei —, cores que não têm nome. Alguns pássaros põem ovos que são coloridos de uma forma por demais delicada para ser perceptível por qualquer instrumento a não ser o olho, não adiantaria tentar descobrir com a língua um som para uma coisa tão aproximadamente quase lá. O que eu chamaria de uma espécie de verde completamente branco. Seria essa a cor?

— Tenho certeza que não — o sargento replicou imediatamente —, porque se os pássaros podem botar ovos que fariam um homem enlouquecer, você não ia ter mais nenhuma plantação, nada a não ser espantalhos amontoados em todos os campos como um encontro cívico e milhares deles de cartola reunidos em grupos pelas encostas. Seria um mundo completamente louco, as pessoas iam virar suas bicicletas de cabeça pra baixo e começar a pedalá-las de modo a fazer movimento mecânico suficiente para afugentar as aves de toda a paróquia. — Ele passou a mão pela testa consternado. — Seria um troço extremamente anormal — acrescentou.

Achei que era um assunto pobre para conversa, essa nova cor. Aparentemente seu ineditismo era suficiente para levar o cérebro de um homem à imbecilidade de um modo fulminante, pela surpresa que causava. Isso era bastante para se saber e bem suficiente para se pedir para acreditar. Achei que era uma história improvável, mas nem por ouro nem por diamantes eu abriria a caixa no quarto para espiar dentro dela.

O sargento exibia rugas de agradável reminiscência em torno dos olhos e da boca.

— Por acaso nas suas viagens você chegou a conhecer um sr. Andy Gara? — ele me perguntou.

— Não.

— Ele está sempre rindo sozinho, mesmo na cama à noite ele ri baixinho, e se encontrar você na estrada ele cai na gargalhada, é um espetáculo dos mais enervantes e faz muito mal às pessoas nervosas. Tudo começou num certo dia em que MacCruiskeen e eu estávamos investigando uma bicicleta perdida.

— É?

— Era uma bicicleta com o quadro em cruz — explicou o sargento —, e eu posso garantir a você que não é todo dia na semana que uma dessas é descrita, é uma tremenda raridade e de fato é um privilégio estar procurando uma bicicleta como essa.

— A bicicleta do Gara?

— Não, do Andy. O Andy era um homem sensato na época, mas um homem curiosíssimo, e quando nos viu saindo achou que ia fazer uma coisa inteligente. Ele penetrou aqui no alojamento em visível afronta à lei. Passou horas valiosas colocando tapumes nas janelas e tornando o quarto de MacCruiskeen tão escuro quanto a noite. Então se ocupou com a caixa. Queria saber como o interior dela era ao toque, mesmo que não pudesse ser olhado. Quando ele meteu a mão dentro soltou uma enorme gargalhada. Você seria capaz de jurar que ele estava se divertindo tremendamente com alguma coisa.

— E o que foi que ele sentiu?

O sargento encolheu os ombros imponentemente.

— Diz o MacCruiskeen que o troço não é liso nem áspero, nem crespo nem aveludado. Seria um engano pensar que é uma impressão fria como o aço e outro engano pensar que é lanosa. Eu achei que poderia ser como o pão pegajoso de uma antiga cataplasma, mas não, MacCruiskeen diz que isso seria um terceiro engano. E nem como uma tigela cheia de ervilhas secas murchas, tampouco. Uma charada às avessas seguramente, uma atrocidade dactilina, mas não sem um charme singular todo próprio.

— Nem o toque das penas que a galinha tem debaixo da asa? — perguntei incisivamente. O sargento sacudiu a cabeça abstraidamente.

— Mas a bicicleta em cruz — disse ele —, não é de espantar que se extraviou. Era uma bicicleta muito confusa e era partilhada entre um homem chamado Barbery e a esposa dele, e se você chegasse algum dia a pôr os olhos na enorme sra. Barbery eu não teria a menor necessidade de explicar este assunto confidencialmente a você.

Ele interrompeu sua sentença no meio da última palavra e ficou parado fitando a mesa de olho arregalado. Eu tinha acabado de comer e afastara de mim a tigela vazia. Acompanhando rapidamente a linha do olhar dele, vi um pedacinho de papel dobrado em cima da mesa onde tinha estado a tigela antes de eu a mover. Soltando uma exclamação o sargento deu um salto para a frente com extrema rapidez e arrebatou o papel. Levou-o para a janela, abriu-o e ergueu-o bem longe de si para compensar algum problema na sua vista. Seu rosto ficou perplexo, pálido e concentrado no papel por vários minutos. Então ele se pôs a olhar fixamente pela janela, jogando o papel para mim. Peguei-o do chão e li a mensagem grosseiramente escrita em letra de forma:

“PERNETAS A CAMINHO PARA RESGATAR PRISIONEIRO. FIZ UM CÁLCULO PELAS PEGADAS E O NÚMERO ESTIMADO É SETE. PARA SUA APRECIÇÃO. — FOX.”

Meu coração começou a martelar furiosamente dentro de mim. Olhando para o sargento, vi que ele ainda conservava os olhos arregalados fixos no meio do dia, que agora se situava a pelo menos oito quilômetros de distância, como um homem tentando memorizar para sempre a perfeição do céu ligeiramente nublado e o marrom, o verde e o branco argiloso do campo incomparável. Avançando por alguma de suas veredas que corriam tortuosamente através das campinas eu podia visualizar internamente meus sete irmãos de fé se apressando para me salvar em seu passo claudicante, seus tocos rígidos igualmente a caminho.

O sargento continuava a manter o olho oito quilômetros além, mas moveu-se levemente em sua pose monumental. Então me dirigiu a palavra.

— Acho — disse ele — que temos que sair e dar uma olhada nele, é sempre bom fazer o que é necessário antes que se torne essencial e inevitável.

A entonação que ele conferiu a estas palavras foi atemorizante e estranha demais. Cada palavra parecia repousar numa almofada minúscula e era sussurrante e bem separada de todas as outras palavras. Quando ele acabou de falar fez-se um silêncio terno e encantado como se a última nota de alguma música quase fascinante demais para a compreensão houvesse se distanciado e desaparecido muito antes de a sua ausência ser percebida de fato. Então ele saiu da casa na minha frente para o pátio, eu atrás dele enfeitiçado, sem um pensamento que fosse na cabeça. Num instante nós dois tínhamos galgado uma escada de mão a passos tranquilos e desapressados e nos víamos no alto ao lado da imponente cumeeira do alojamento, nós dois sobre o elevado cada falso, eu a vítima e ele o meu carrasco. Olhei estúpida e cautelosamente para todos os lados, durante algum tempo não notando qualquer diferença entre o que quer que fosse diferente, inspecionando metodicamente cada canto da mesma imutável mesmice. Perto de mim pude ouvir a voz dele murmurando novamente:

— É um belo dia de qualquer modo — dizia ele.

Suas palavras, agora flutuando e ao ar livre, tinham outra terna, tranquila e suave harmonia em si, como se a língua dele estivesse coberta de rebarbas felpudas e elas saíssem dele levemente como uma sucessão de bolhas ou como coisas minúsculas trazidas até mim na lanugem do cardo num vento bem suave. Fui até um dos parapeitos de madeira e apoiei nele as minhas mãos pesadas, sentindo perfeitamente a brisa soprando friamente em seus finos pelos. Me ocorreu a ideia de que as brisas bem acima do solo são distintas daquelas que se movem ao mesmo nível dos rostos dos homens: aqui o ar era mais novo e insólito, mais próximo do céu e menos carregado das influências da Terra. Aqui

em cima senti que cada dia devia ser sempre o mesmo, sereno e friorento, uma faixa de vento isolando a terra dos homens das inalcançáveis imensidões do universo circundante. Aqui na mais tempestuosa segunda-feira de outono não haveria folhas a esmo roçando o rosto de ninguém, nenhuma abelha no vento turbulento. Suspirei tristemente.

— Estranhas revelações estão reservadas — murmurei — àqueles que buscam as altitudes.

Não sei por que foi que eu disse essa coisa estranha. Minhas próprias palavras também saíram leves e suaves como se não tivessem qualquer alento para insuflá-las. Ouvi o sargento trabalhando atrás de mim com cordas grosseiras como se ele estivesse no fundo de um imenso salão e não nas minhas costas, e então ouvi a voz dele ecoando até mim suavemente, chamando através de um vale insondável:

— Ouvi falar de um homem uma vez — disse ele — que se fez elevar ao céu dentro de um balão para fazer observações, um homem de enorme charme pessoal, mas fanático pela leitura de livros. Eles deram corda até ele desaparecer completamente de vista, com telescópios ou sem telescópios, e então deram outros quinze mil metros de corda para garantir uma observação de primeira categoria. Quando o tempo previsto para as observações terminou, puxaram o balão para baixo novamente, mas para surpresa de todos não havia nenhum homem dentro da cesta e seu corpo sem vida jamais foi encontrado caído morto ou vivo em nenhuma paróquia nunca mais.

Nesse ponto me ouvi dando uma risada abafada, plantado ali altivamente com minhas duas mãos ainda sobre o parapeito de madeira.

— Mas foram suficientemente inteligentes para pensar em mandar o balão para o alto de novo quinze dias depois e quando o trouxeram para baixo pela segunda vez, para surpresa de todos, o homem estava sentado na cesta sem um arranhão, se é que a minha informação é digna do mínimo de crédito.

Nessa altura emiti algum som novamente, ouvindo a minha própria voz como se eu fosse um circunstante num encontro cívico onde eu mesmo era o principal orador. Ouvira as palavras do sargento e as entendera inteiramente, mas elas não eram mais significativas do que os sons nítidos que impregnam o ar o tempo todo — os gritos distantes das gaivotas, a agitação que uma brisa provoca ao soprar e a água se precipitando colina abaixo. Lá nas profundezas da terra para onde iam os homens mortos eu logo iria e quem sabe sairia de lá novamente incólume, livre e isento de todas as perplexidades humanas. Talvez eu me tornasse a friagem de um vento de abril, uma parte essencial de algum rio indômito ou ficasse pessoalmente envolvido com a imutável perfeição de alguma montanha eminente que se fizera memorável por ocupar eternamente uma posição no tranquilo azul distante. Ou talvez uma coisa menor como o movimento na grama num insuportável dia ensolarado e sem vento, alguma criatura oculta

tratando dos seus afazeres — bem que eu poderia ser responsável por isso ou por alguma parte importante disso. Ou até aquelas inexplicáveis diferenças que tornam uma tarde distinguível da sua própria manhã, os cheiros, sons e visões dar completas e amadurecidas essências do dia, estas poderiam não estar destituídas da minha influência e da minha permanente presença.

— Então lhe perguntaram onde era que ele tinha estado e como sobrevivera, mas ele não lhes deu a menor satisfação, deu apenas uma risada como uma das que o Andy Gara daria, foi embora, se trancou dentro de casa e pediu à mãe que dissesse que ele não estava lá e que não estava recebendo visitas nem aceitando convites para nada. Isso fez as pessoas ficarem bastante zangadas e inflamou suas cóleras num grau que não é aceito pela lei. Aí eles fizeram uma reunião secreta à qual compareceram todos os membros da comunidade exceto o homem em questão e decidiram sair armados com suas espingardas de caça no dia seguinte, arrombar a casa do homem e lhe fazer severas ameaças, amarrá-lo e aquecer atiçadores de brasas no fogo e obrigá-lo a contar o que acontecera no céu durante o tempo em que ele esteve lá em cima. Veja que lindo exemplo de lei e de ordem, uma terrível mostra de autogoverno democrático, uma bela ilustração de autonomia.

Ou talvez eu seria uma influência que prevalece na água, alguma coisa marinha e bem distante, alguma determinada combinação de sol, luz e água desconhecida e nunca vista, algo inteiramente fora do comum. Existem no vasto mundo turbilhões de existências fluidas e vaporosas que imperam no seu próprio tempo intransitório, despercebidas e inexplicadas, válidas somente em seu incompreensível mistério essencial, justificadas apenas em sua cega e irracional incomensurabilidade, inexpugnáveis em sua real abstração: da qualidade intrínseca de uma tal coisa bem que eu poderia ser no meu devido tempo o âmago quintessencial. Eu poderia ser parte de uma praia deserta ou a agonia do mar quando este irrompe sobre ela em desespero.

— Mas entre aquilo e a manhã seguinte houve uma noite tempestuosa no meio, uma noite ventosa e ruidosa que forçou as árvores até o fundo de suas raízes e cobriu as estradas de galhos quebrados, uma noite que arrasou com as lavouras. Quando os rapazes alcançaram a casa do homem do balão na manhã seguinte, para surpresa geral a cama estava vazia e nunca mais se teve sinal dele depois vivo ou morto, ou ou de sobretudo. E quando voltaram até onde estava o balão, descobriram que o vento o tinha levantado do solo com a corda girando frouxamente no sarilho e que estava invisível a olho nu no meio das nuvens. Recolheram doze mil metros de corda antes de trazê-lo para baixo, mas para surpresa geral a cesta estava novamente vazia. Disseram todos que o homem tinha subido nela e ficado lá em cima, mas é um enigma insolúvel, o nome dele era Quigley e segundo todos dizem era de Fermanagh.

Partes dessa conversa chegavam até mim de diferentes partes da periferia enquanto o sargento se movia de um lado para o outro nos seus afazeres, uma hora à direita, outra hora à esquerda e então no alto de uma escada para prender a corda com o laço no topo do cadafalso. Parecia que ele dominava a metade do mundo que estava às minhas costas com a sua presença — seus movimentos e seus ruídos preenchendo-a com a sua pessoa até o canto mais longínquo. A outra metade do mundo que se estendia diante de mim se configurava belamente com uma nitidez ou harmonia que era impecavelmente condizente com a sua natureza. Mas a metade atrás de mim era sinistra, diabólica e composta de absolutamente nada a não ser o ameaçador policial que paciente e polidamente arrumava a mecânica da minha morte. Seu trabalho agora estava quase terminado e meus olhos tremiam ao fixar o espaço, mal percebendo a distância e se deleitando ainda menos com o que estava próximo.

Não há muita coisa que eu possa dizer.

Não.

Exceto aconselhar uma atitude corajosa e um espírito de heroica resignação.

Isso não vai ser difícil. Sinto-me fraco demais para me pôr de pé sem ajuda.

De certa forma isso vem a calhar. É horrível fazer escândalo. Torna as coisas mais difíceis para todos os envolvidos. Um homem que leva em consideração os sentimentos dos outros, mesmo quando preparando o modo da sua própria morte demonstra uma nobreza de caráter que provoca a irrestrita admiração de todos. Para citar um poeta famoso, “mesmo as tropas de Toscana mal puderam conter o aplauso”. Além do mais, a indiferença diante da morte é em si própria o mais impressionante gesto de afronta.

Eu disse a você que estou sem força para fazer uma cena.

Ótimo. Não vamos mais falar nesse assunto.

O som de um rangido chegou por trás de mim como se o sargento estivesse balançando com o rosto rubro em pleno ar para testar a corda que acabara de prender. Então veio o estrondo de suas imensas solas ferradas caindo sobre as tábuas da plataforma. Uma corda que suportaria seu enorme peso nem por um milagre cederia com o meu.

Você deve saber, é claro, que em breve estarei deixando você?

Esse é o acordo costumeiro.

Eu não gostaria de partir sem deixar registrado o meu prazer em ter estado na sua companhia. Não seria falso dizer que sempre mereci toda cortesia e consideração da sua parte. Só lamento que não seja viável lhe oferecer alguma pequena mostra do meu apreço.

Obrigado. Também sinto muito que tenhamos que nos separar após termos estado tanto tempo juntos. Se aquele meu relógio fosse encontrado, você poderia considerá-lo todo seu se pudesse achar algum jeito de pegá-lo.

Mas você não tem relógio.

Tinha esquecido disso.

Obrigado do mesmo jeito. Você não tem nenhuma ideia de aonde está indo... quando tudo isso acabar?

Não, nenhuma.

Nem eu. Eu não sei, ou não me lembro, o que acontece aos como eu em tais circunstâncias. Às vezes acho que talvez eu pudesse me tornar parte... do mundo, se é que você me entende?

Entendo.

Quero dizer — o vento, sabe. Parte dele. Ou o espírito da paisagem em algum lugar belo como os lagos de Killarney, o sentido íntimo da coisa se é que você me compreende.

Eu compreendo.

Ou talvez alguma coisa a ver com o mar: “A luz que nunca estive no mar ou na terra, a esperança do camponês e o sonho do poeta.” Uma onda enorme no meio do oceano, por exemplo, é algo bem retirado e espiritual. Parte disso.

Sei o que você quer dizer.

Ou o aroma de uma flor, até.

Nesse ponto minha garganta sufocou um grito agudo que se transformava num berro. O sargento se aproximara por detrás de mim sem um ruído e apertara sua manzorra num sólido anel no meu braço, começando a me arrastar branda mas implacavelmente de onde eu estava para o meio da plataforma onde eu sabia haver um alçapão que cairia pela ação de um mecanismo.

Aguenta firme!

Meus dois olhos, girando desvairadamente na minha cabeça, corriam pelo campo de cima a baixo como duas lebres numa última experiência do mundo que eu estava para deixar para sempre. Mas em sua pressa e agitação eles não deixaram de perceber um movimento que estava atraindo a atenção para si na quietude de tudo bem longe na estrada.

— Os pernetas! — exclamei.

Sei que o sargento atrás de mim também vira que o ponto distante da estrada estava ocupado, pois seu aperto, embora ainda firme, tinha parado de me puxar e eu quase podia sentir seu olhar aguçado correndo pelo dia paralelo ao meu próprio, mas gradualmente aproximando-se deste até os dois convergirem uns quinhentos metros à frente. Era como se não estivéssemos respirando nem absolutamente vivos enquanto observávamos o movimento se aproximando e ficando mais nítido.

— MacCruiskeen, com os infernos! — disse o sargento num sussurro.

Meu coração animado se abateu dolorosamente. Todo carrasco tem um ajudante. A chegada de MacCruiskeen tornaria a certeza da minha destruição apenas duas vezes mais segura.

Quando ele chegou mais perto pudemos ver que estava com uma pressa terrível e que viajava na sua bicicleta. Estava deitado quase prostrado em cima dela com seu traseiro ligeiramente mais alto do que a cabeça para abrir uma

brecha no vento, e olho nenhum seria capaz de se mover com rapidez suficiente para entender a aceleração de suas pernas velozes enquanto impulsionavam a bicicleta para a frente numa fúria selvagem. A uns vinte metros do alojamento ele levantou a cabeça bruscamente, mostrando o rosto pela primeira vez, e nos viu parados em cima do cadafalso, ocupados em observá-lo com toda nossa atenção. Ele saltou da bicicleta com algum pulo complicado que só foi concluído quando a bicicleta dera um hábil rodopio para formar um assento para ele com o quadro enquanto ele ficou em pé ali, as pernas abertas e minúsculo, a cabeça erguida para nós e colocando as mãos em concha na boca para gritar sua mensagem esbaforida para o alto:

— A haste — nove ponto seis nove! — ele gritou.

Pela primeira vez tive a coragem de virar a cabeça para o sargento. Seu rosto ficara instantaneamente cinzento como se cada gota de sangue tivesse fugido dele, deixando-o com as bolsas vazias e uma horrível frouxidão e flacidez generalizadas. Sua mandíbula inferior pendia frouxamente também, como se fosse uma mandíbula mecânica num boneco. Pude sentir o propósito e a vida fugindo da sua mão que me apertava, como o ar que escapa de uma bexiga estourada. Ele falou sem olhar para mim.

— Trate de ficar por aqui até eu voltar reciprocamente — disse.

Para um homem do seu peso ele me deixou ali em pé sozinho com uma rapidez assombrosa. Com um pulo ele estava na escada. Se enroscando com os braços e as pernas nela, deslizou para o chão sumindo de vista com uma velocidade que não era de nenhuma maneira diferente da de uma queda comum. No instante seguinte ele estava sentado no quadro da bicicleta de MacCruiskeen e os dois desapareciam ao final de uns quinhentos metros à frente.

Quando tinham partido, uma exaustão fora do comum se abateu sobre mim tão repentinamente que eu quase desabei na plataforma. Reuni todas as minhas forças, avancei centímetro a centímetro escada abaixo de volta à cozinha no alojamento e caí impotentemente numa cadeira que havia perto do fogo. Fiquei surpreso com a resistência da cadeira, pois meu corpo agora parecia feito de chumbo. Meus braços e pernas estavam pesados demais para se moverem de onde tinham caído e minhas pálpebras não seriam capazes de se erguer mais do que para admitirem através delas um ligeiro vislumbre do fogo vermelho.

Por um tempo não dormi, embora não estivesse absolutamente acordado. Não marquei o tempo que passou nem pensei sobre coisa alguma na cabeça. Não senti a passagem do dia nem o declínio do fogo nem mesmo o lento, recobrar da minha força. Demônios ou duendes e até mesmo bicicletas poderiam ter dançado diante de mim no chão de pedra sem me assombrar ou alterar um pouquinho que fosse minha atitude derreada na cadeira. Tinha certeza de que estava quase morto.

Mas quando comecei a pensar novamente sabia que um longo tempo havia se passado, que o fogo estava quase extinto e que MacCruiskeen acabara de entrar pela cozinha com sua bicicleta e que a empurrara afobadamente para dentro do seu quarto, saindo de lá novamente sem ela e baixando os olhos sobre mim.

— O que aconteceu? — sussurrei indiferentemente.

— Chegamos na haste em cima da hora — ele respondeu —, foram necessárias nossas forças conjuntas e três páginas de cálculos e trabalho pesado, mas conseguimos baixar a leitura bem em cima do momento crítico, você ficaria surpreso com a rudeza dos blocos e a pressão da enorme queda.

— Onde é que está o sargento?

— Ele me instruiu para pedir a você as sinceras desculpas dele pelo seu atraso. Está deitado de tocaia com oito delegados que foram nomeados policiais no local para defender a lei e a ordem no interesse público. Mas eles não vão poder fazer muita coisa, estão em menor número e vão acabar sendo derrotados do mesmo jeito.

— É pelos pernetas que estão esperando?

— Seguramente que sim. Mas eles pregaram uma peça no Fox. Com certeza ele vai receber uma tremenda reprimenda do quartel-general. Não são sete mas quatorze deles. Eles tiraram as pernas de pau antes de marcharem e se amarraram juntos em pares de modo que havia dois homens para cada duas pernas, faz lembrar Napoleão na retirada da Rússia, é uma obra-prima de tecnocracia militar.

Estas notícias fizeram mais para me reanimar do que um drinque ardente do melhor conhaque. Me senti. A luz ressurgiu nos meus olhos.

— Então eles vão derrotar o sargento e seus policiais? — perguntei avidamente.

MacCruiskeen deu um sorriso misterioso, tirou chaves imensas de dentro do bolso e saiu da cozinha. Pude ouvi-lo abrindo a cela onde o sargento mantinha sua bicicleta. Reapareceu quase imediatamente trazendo um latão com um tampão daqueles que os pintores usam quando estão destemperando uma casa. Ele não desfizera seu sorriso matreiro durante sua ausência, mas agora o exibia com ainda maior sagacidade no rosto. Levou a lata para dentro do seu quarto e saiu de novo com um lenço enorme na mão e o sorriso ainda em ação. Sem dizer uma palavra se aproximou por detrás da minha cadeira e amarrou o lenço bem apertado sobre os meus olhos, não ligando a mínima para os meus movimentos e a minha surpresa. Na escuridão ouvi a voz dele:

— Não creio que os capengas levem a melhor sobre o sargento — disse —, pois se eles chegarem onde o sargento está deitado de tocaia com seus homens antes de eu ter tempo de voltar até lá, o sargento vai retardá-los com manobras militares e alarmes falsos até eu surgir na estrada na minha bicicleta. Mesmo

agora o sargento e seus homens estão todos vendados como você, é uma maneira bem esquisita para se ficar quando se está de emboscada, mas é o único jeito de se ficar quando sou esperado a qualquer momento na minha bicicleta.

Murmurei que não tinha entendido o que ele dissera.

— Tenho uma patente privada dentro daquela caixa no meu quarto — ele explicou — e tenho mais dela naquela lata. Vou pintar minha bicicleta e passar pela estrada bem à vista dos capengas.

Ele fora se afastando de mim na minha escuridão enquanto dizia isso e agora estava dentro do seu quarto e fechara a porta. Sons baixos de atividade chegaram até mim de onde ele estava.

Fiquei sentado ali durante meia hora, ainda fraco, privado de luz e debilmente cogitando pela primeira vez a minha fuga. Devo ter voltado suficientemente da morte para entrar num cansaço saudável de novo, pois não ouvi o policial saindo do quarto novamente e atravessando a cozinha com sua invisível e devastadora bicicleta. Devo ter dormido ali intermitentemente na minha cadeira, a minha própria escuridão particular reinando serena por trás da escuridão do lenço.

É uma experiência incomum acordar descansada e lentamente, deixar o cérebro emergir preguiçosamente de um sono profundo e se sacudir e ainda assim não deparar com a luz para garantir que o sono realmente acabou. Assim que acordei pensei nisso, então o medo da cegueira me acometeu e finalmente minha mão encontrou com alegria o lenço de MacCruiskeen. Arranquei-o e olhei em volta. Ainda estava estatelado rigidamente na minha cadeira. O alojamento parecia silencioso e deserto, o fogo apagara e o céu vespertino apresentava as tonalidades de cinco da tarde. Ninhos de sombra já haviam se formado nos cantos da cozinha e por debaixo da mesa.

Sentindo-me mais forte e revigorado, espichei as pernas para a frente e estiquei os braços com esforços do fundo do peito. Refleti brevemente sobre a incomensurável dádiva do sono, mais particularmente sobre o meu próprio dom de dormir oportunamente. Várias vezes eu adormecera quando meu cérebro não conseguia mais aguentar as situações com que me deparava. Isso era o oposto de uma fraqueza que acometia ninguém menos que De Selby. Ele, malgrado toda sua eminência, frequentemente adormecia sem qualquer razão aparente no meio da rotina diária, ate no meio de uma sentença.^[27]

Levantei e dei alguns passos para esticar as pernas. Da minha cadeira próxima ao fogo eu tinha percebido indolentemente que a roda dianteira de uma bicicleta estava se projetando à vista na passagem que levava para os fundos do alojamento. Somente depois de me sentar novamente na cadeira após me exercitar por um quarto de hora foi que dei comigo contemplando essa roda um tanto surpreso. Podia jurar que ela se movera para diante no intervalo, pois três quartos dela eram agora visíveis, ao passo que eu não tinha podido ver o cubo na última vez. Possivelmente era uma ilusão devido a uma diferença de posição entre minhas duas sentadas, mas isto era bastante improvável, porque a cadeira era pequena e não permitiria muita variação no sentar se fosse o caso de se buscar mais conforto. Minha surpresa começou a se transformar em espanto.

Estava de pé novamente na mesma hora e alcançara a passagem em quatro longas passadas. Uma exclamação de assombro — agora quase um hábito meu — escapou dos meus lábios quando olhei em volta. MacCruiskeen, na sua pressa, deixara a porta da cela escancarada com o molho de chaves pendurado negligentemente na fechadura. No fundo da cela havia uma coleção de latas de tinta, livros de ocorrência antigos, câmaras de ar de bicicleta furadas, apetrechos para conserto de pneus e um monte de artigos de latão e couro peculiares não muito diferentes de arreios de cavalo, mas claramente destinados a alguma função inteiramente diferente. A parte da frente da cela foi o que atraiu a minha atenção. Encostada a meia distância do lintel estava a bicicleta do sargento.

Obviamente ela não poderia ter sido colocada ali por MacCruiskeen, pois ele retornara imediatamente da cela com sua lata de tinta, e suas chaves esquecidas eram a prova de que ele não voltara lá antes de sair pedalando. Durante a minha ausência no sono era improvável que algum intruso tivesse entrado meramente para mover a bicicleta parcialmente de onde ela estava. Por outro lado, eu não podia evitar me lembrar do que o sargento me contara sobre seus temores quanto à sua bicicleta e sua decisão de mantê-la em confinamento solitário. Se há uma boa razão para trancafiar uma bicicleta dentro de uma cela como um bandido perigoso, refleti, é bastante razoável achar que ela tentará escapar se tiver uma chance. Eu não acreditava inteiramente nisso e achei que era melhor parar de pensar no mistério antes de ser compelido a acreditar nele, pois se um homem está sozinho numa casa com uma bicicleta que ele crê estar se esgueirando por uma parede, ele vai fugir dela apavorado; e a essa altura eu estava tão ocupado com a ideia da minha fuga que não podia me dar ao luxo de me apavorar com qualquer coisa que pudesse me ajudar.

A bicicleta em si parecia ter alguma qualidade peculiar no formato ou personalidade que lhe conferia uma distinção e elegância muito além da normalmente possuída por tais veículos. Era extremamente bem cuidada com um lustre agradável no seu quadro e recipiente de óleo verde-escuros, e um fulgor claro nos raios e aros inoxidáveis. Pousada diante de mim como um manso pônei doméstico, ela parecia indevidamente pequena e baixa com relação ao sargento, se bem que quando comparei sua altura com a minha achei-a maior que qualquer outra bicicleta que eu conhecia. Isso possivelmente se devia à proporção perfeita de suas partes que combinavam unicamente para criar um objeto de formosura e elegância inigualáveis, transcendendo todos os padrões de grandeza e realidade e existindo apenas na validade absoluta de suas próprias dimensões irrepreensíveis. Apesar do robusto tubo do quadro ela parecia infavelmente feminina e meticulosa, posando ali como um manequim mais do que encostada indolentemente na parede como um vagabundo, e repousando sobre seus pneus empertigados e impecáveis com irretocável precisão, dois pontos minúsculos de imaculável contato com o chão plano. Passei a mão com uma delicadeza involuntária — sensualmente, na verdade — pelo selim. Inexplicavelmente ele me fez lembrar um rosto humano, não por qualquer semelhança nas formas ou feições, mas por alguma associação de texturas, alguma incompreensível familiaridade nas pontas dos dedos. O couro estava escurecido pelo tempo, firme, com uma nobre solidez e marcado com todas as linhas pronunciadas e rugas mais suaves que os anos com suas atribulações haviam gravado no meu próprio semblante. Era um selim macio embora calmo e corajoso, não amargurado pelo seu confinamento e sem apresentar qualquer marca em si, salvo aquelas do sofrimento honrado e do trabalho honesto. Eu sabia que gostava mais dessa bicicleta do que chegara a gostar de qualquer outra

bicicleta, mais ainda do que havia gostado de algumas pessoas com duas pernas. Gostava da sua competência modesta, da sua docilidade, da dignidade despojada do seu jeito tranquilo. Ela agora parecia descansar sob meus olhos amistosos como uma ave doméstica que se agacha submissa, esperando com as asas arqueadas a mão acariciante. Seu selim parecia se expandir convidativamente no mais encantador de todos os assentos enquanto seus dois guidons, fluuando elegantemente com a graça selvagem de asas durante o pouso, me convidavam a emprestar o meu domínio para viagens livres e prazerosas, a mais veloz das corridas em companhia dos rápidos ventos rasteiros para longínquo porto seguro, o zunido da bem centrada roda dianteira em meu ouvido ao girar perfeitamente sob meu cândido olhar, e a forte e bela roda traseira com compreensível diligência era o seu selim, quão sedutor o convite dos seus esguios e envolventes guidons, quão inexplicavelmente competente e tranquilizante sua bomba de ar aninhada apaixonadamente de encontro à sua coxa traseira!

Com um sobressalto percebi que tinha estado conversando intimamente com essa estranha companheira e — não apenas isso — conspirando com ela. Ambos estávamos com medo do mesmo sargento, ambos aguardávamos as punições que ele traria consigo ao retornar, ambos estávamos percebendo que esta era a última chance de escapar das garras dele; e ambos sabíamos que a esperança de cada um estava no outro, que não teríamos êxito a menos que fôssemos juntos, auxiliando um ao outro com solidariedade e um secreto amor.

O longo anoitecer penetrara no alojamento através das janelas, criando mistérios em toda parte, apagando os interstícios entre uma coisa e a outra, encompridando os pisos e ou rarefazendo o ar, ou conferindo algum refinamento ao meu ouvido que me capacitava a ouvir pela primeira vez o tique-taque de um relógio ordinário na cozinha.

A esta altura a batalha devia estar terminada, Martin Finnuccane e seus pernetas estariam fugindo aos tropeções para as colinas com os olhos cegos e as cabeças transtornadas, balbuciando entre si palavras aflitas e entrecortadas que nenhum deles compreendia. O sargento estaria agora avançando inexoravelmente a caminho de casa em meio ao crepúsculo, arrumando na cabeça a história autêntica do seu dia para a minha diversão antes de me enforcar. Talvez MacCruiskeen tivesse ficado para trás por enquanto, aguardando a escuridão mais profunda da noite junto a algum muro antigo, um cigano amassado na boca e sua bicicleta agora envolta em seis ou sete sobretudos pesados. Os delegados também estariam voltando para os lugares de onde tinham saído, ainda imaginando por que teriam sido vendados para evitar que vissem algo magnífico — uma vitória milagrosa sem lutas, nada a não ser a campanha de uma bicicleta tilintando loucamente e os berros de homens ensandecidos misturando-se furiosamente em meio à escuridão.

No momento seguinte eu estava tateando em busca do trinco do alojamento com a solícita bicicleta do sargento sob a minha custódia. Tínhamos cruzado a passagem e atravessado a cozinha com a elegância de bailarinos, silenciosos, rápidos e impecáveis em nossos movimentos, unidos na sagacidade da nossa conspiração. No campo que nos aguardava lá fora paramos por um momento indecisos, perscrutando a noite que descia e inspecionando a opaca uniformidade da obscuridade. Fora para a esquerda que o sargento partira com MacCruiskeen, naquela direção ficava o outro mundo e era à esquerda que estavam todos os meus problemas. Levei a bicicleta para o meio da estrada, virei sua roda resolutamente para a direita e me lancei no centro do seu selim enquanto ela avançava avidamente sob mim por sua própria conta.

Como posso transmitir a perfeição do meu conforto na bicicleta, a plenitude da minha união com ela, as doces respostas que ela me dava em cada partícula do seu quadro? Senti que a conhecia há muitos anos e que ela me conhecia e que compreendíamos um ao outro inteiramente. Ela se movia sob mim com ágil simpatia num ritmo rápido, leve como ar, descobrindo caminhos suaves entre os leitos pedregosos, oscilando e se inclinando para compensar as minhas mudanças de posição, até acomodando o seu pedal esquerdo pacientemente ao desajeitado movimento da minha perna de pau. Eu suspirava e me reclinava sobre os seus guidons, contando com o coração radiante as árvores postadas remotamente na escura margem da estrada, cada uma delas me dizendo que eu estava mais e mais distante do sargento.

Parecia que eu estava abrindo uma rota certa entre dois cortantes túneis de vento que passavam zunindo friamente por cada orelha, levantando os pelos das minhas têmporas. Outros ventos moviam-se em volta na quietude do anoitecer, perambulando pelas árvores e agitando as folhas e relvados para mostrar que o mundo vegetal continuava presente na escuridão. As águas à beira da estrada, cujo som era sempre abafado durante o dia ruidoso, agora executavam a sua música audivelmente em seus esconderijos. Besouros voadores vinham de encontro a mim em seus amplos volteios e círculos, se arremessando cegamente contra o meu peito; gansos e aves de maior porte emitiam ao alto os seus chamados durante uma viagem. Suspensão no céu eu podia ver o pátio rendilhado das estrelas tentando sobressair aqui e ali no meio das nuvens. E o tempo todo ela estava sob mim numa imperturbável corrida para diante, tocando a estrada com os mais leves toques, infalível, metódica e impecável, cada um de seus tubos metálicos com o lanças soberbamente fundidas por anjos.

Um adensamento da noite no lado direito me indicou que estávamos nos aproximando do vulto de um imenso casarão próximo à estrada. Quando estávamos lado a lado com ele e quase o ultrapassando, reconheci-o. Era a casa do velho Mathers, não mais que a cinco quilômetros de onde a minha própria

casa ficava. Meu coração saltou alegremente. Logo eu veria o meu velho amigo Divney. Ficaríamos no bar bebendo uísque de puro malte, ele fumando e escutando e eu lhe contando a minha estranha história. Se ele achasse qualquer parte dela difícil de acreditar inteiramente eu lhe mostraria a bicicleta do sargento. Então no dia seguinte nós dois poderíamos começar novamente a procurar o cofre preto.

Alguma curiosidade (ou talvez fosse a sensação de segurança que um homem tem quando está pisando em terreno conhecido) me fez parar de pedalar e puxar suavemente o freio majestoso. Minha intenção era apenas dar uma olhada no casarão, mas por acidente eu diminuíra tanto a velocidade da bicicleta que ela estremeceu por baixo de mim desconfortavelmente, fazendo um galhardo esforço para continuar em movimento. Sentindo que tinha sido desatencioso, pulei rapidamente do selim para aliviá-la. Então retornei alguns passos pela estrada, observando o contorno da casa e as sombras de suas árvores. O portão estava aberto. Parecia um lugar deserto completamente privado de vida ou alento, a casa vazia de um homem morto irradiando a sua desolação bem dentro da noite circundante. Suas árvores balançavam pesarosas, suavemente. Pude ver a tênue cintilação do vidro nas enormes janelas invisíveis e, ainda mais tênue, a profusão de hera próximo ao quarto onde o morto costumava se sentar. Olhei a casa de cima a baixo, feliz por estar perto dos meus. De repente minha mente ficou nublada e confusa. Tive alguma lembrança de ter visto o fantasma do morto enquanto estava na casa procurando o cofre preto. Parecia muito tempo atrás agora e sem dúvida era a lembrança de um sonho ruim. Eu matara Mathers com a minha pá. Ele estava morto havia muito tempo. Minhas aventuras tinham me deixado muito tenso. Não conseguia me lembrar claramente do que ocorrera comigo durante aqueles últimos dias. Recordava apenas que estava fugindo de dois monstruosos policiais e que agora estava perto de casa. Nem tentei naquela hora me lembrar de mais nada.

Tinha me virado para partir quando baixou sobre mim a sensação de que a casa tinha mudado no instante em que eu lhe dera as costas. Esta sensação foi tão estranha e arrepiante que fiquei plantado na estrada por vários segundos com as mãos agarradas no guidom da bicicleta, imaginando afluente se devia virar a cabeça e olhar ou seguir em frente o meu caminho resolutamente. Creio que tinha resolvido seguir e dera alguns passos vacilantes adiante quando alguma influência atuou sobre os meus olhos e os arrastou de volta até ficarem novamente pousados sobre a casa. Eles se arregalaram de surpresa e mais uma vez meu grito de espanto saltou de dentro de mim. Uma luz brilhante reluzia numa janelinha do andar superior.

Fiquei a observá-la durante algum tempo, fascinado. Não havia a menor razão por que a casa não devesse estar ocupada ou por que uma luz não devesse estar aparecendo, nenhuma razão pela qual a luz devesse estar aparecendo,

nenhuma razão pela qual a luz devesse me aterrorizar. Parecia ser uma luz amarela comum de um lâmpião e eu tinha visto muitas coisas mais estranhas do que aquela — muitas luzes mais estranhas, também — em dias recentes. Apesar disso não conseguia me convencer de que houvesse algo no mínimo que fosse de comum no que estava diante dos meus olhos. A luz tinha alguma qualidade de errado, misterioso, alarmante.

Devo ter permanecido ali durante um longo tempo, observando a luz e apalpando o reconfortante guidom da bicicleta que me levaria embora velozmente tão logo eu decidisse partir. Gradualmente extraí força e coragem dela e de outras coisas que estavam rondando em minha mente — a proximidade da minha própria casa, a proximidade ainda maior dos Courahans, Gillespies, Cavanaghs, e os dois Murrays, e a não mais que um grito de distância a cabana do imenso Joe Siddery, o gigantesco ferreiro. Talvez quem quer que fosse o dono da luz tivesse encontrado o cofre preto e o entregaria de bom grado a qualquer um que sofrerá tanto em busca dele como eu. Talvez fosse sensato bater à porta e averiguar.

Encostei a bicicleta gentilmente no pilar do portão, peguei um pedaço de barbante do bolso e a amarrei frouxamente às barras de ferro; então caminhei nervosamente pelo cascalho crepitante em direção à obscuridade do pórtico. Lembrei-me da enorme espessura das paredes enquanto a minha mão procurava a porta em meio à completa escuridão no fundo do mesmo. Dei comigo bem dentro da entrada antes de perceber que a porta estava quase escancarada, balançando negligentemente à mercê do vento. Senti um arrepio descer sobre mim nesta casa erma e aberta e pensei por um instante em voltar para a bicicleta. Mas não o fiz. Achei a porta e agarrei a rígida aldrava metálica, emitindo três baques surdos retumbantes por toda a casa e em volta do jardim deserto e escuro. Nenhum som ou movimento me respondeu no tempo em que fiquei ali em meio ao silêncio escutando o meu coração. Nada de pés a descer correndo as escadas, nenhuma porta de cima se abrindo com um jorro de luz de lâmpião. De novo bati na porta cavernosa, não tive resposta e de novo pensei em voltar para a companhia da minha amiga que ficara no portão. Mas de novo não o fiz. Avancei mais pelo corredor da entrada, procurei fósforos e risquei um. O corredor estava vazio, com todas as portas que davam para ele fechadas; num dos seus cantos o vento amontoara uma aragem de folhas secas e ao longo das paredes via-se a mancha da chuva implacável soprada para dentro. Bem ao fundo eu podia vislumbrar a escada clara em espiral. O fósforo crepitou nos meus dedos e apagou, deixando-me novamente parado indeciso na escuridão, de novo a sós com o meu coração.

Finalmente reuni toda a minha coragem e resolvi revistar o andar de cima e acabar com essa história e voltar para a bicicleta o mais rápido possível. Risquei outro fósforo, ergui-o bem alto acima da cabeça e avancei ruidosamente para os

degraus, galgando-os com passadas lentas e pesadas. Lembrava-me bem da casa pela noite que passara nela após perder horas procurando o cofre preto. No patamar superior me detive para acender outro fósforo e dei um grito alto para avisar que estava chegando e acordar quem quer que estivesse dormindo. O grito, quando se extinguiu sem resposta, me deixou ainda mais desolado e solitário. Segui em frente rapidamente e abri a porta do quarto mais próximo a mim, o quarto onde pensava ter dormido. O fósforo bruxuleante me mostrou que ele estava vazio e que há muito tempo estava desocupado. A cama estava inteiramente desprovida de roupas, havia quatro cadeiras encaixadas umas nas outras, duas em pé, num dos cantos, e um lençol branco jogado por cima de uma penteadeira. Bati a porta com força e fiz uma pausa para acender outro fósforo, escutando atentamente em busca de algum sinal de que estava sendo espreitado. Não ouvi absolutamente nada. Então segui pelo corredor escancarando a porta de cada quarto até a parte da frente da casa. Estavam todos vazios, desertos, sem qualquer luz ou sinal de luz em nenhum deles. Com medo de ficar parado, fui rapidamente a todos os outros quartos, mas encontrei todos do mesmo jeito e acabei descendo correndo as escadas em crescente terror e saindo pela porta da frente. Ali me detive paralisado nos meus passos. A luz saindo do andar de cima continuava a brotar e a flutuar na escuridão. A janela parecia ficar no centro da casa. Me sentindo apavorado, frustrado, com frio e irritado caminhei de volta para dentro do saguão, subi as escadas e corri os olhos pelo corredor onde ficavam as portas de todos os quartos que davam para a frente da casa. Tinha deixado todas elas abertas na minha primeira visita e mesmo assim nenhuma luz saía de nenhum deles agora. Percorri o corredor rapidamente para me certificar de que elas não tinham sido fechadas. Continuavam todas abertas. Fiquei parado em meio ao silêncio por três ou quatro minutos quase sem respirar e sem fazer qualquer ruído, achando que talvez o que quer que estivesse em atividade faria algum movimento e se revelaria. Mas nada aconteceu, absolutamente nada.

Então entrei no quarto que parecia mais no centro da casa e caminhei até a janela no escuro, me orientando com as mãos estendidas para a frente. O que eu vi da janela me sobressaltou agoniadamente. A luz estava brotando da janela do quarto vizinho à minha direita, flutuando densamente no ar nebuloso da noite e se movendo sobre as folhas verdes-escuras de uma árvore próxima. Fiquei observando por algum tempo, apoiado debilmente numa parede; então recuei, mantendo os olhos nas folhas de árvore tenuemente iluminadas, andando nas pontas dos pés e sem fazer o menor ruído. Logo estava de costas para a parede dos fundos, postado a menos de um metro da porta aberta e com a luz pálida sobre a árvore ainda plenamente visível. Então, quase num pulo, me vi fora no corredor e dentro do quarto vizinho. Eu não podia ter gasto mais que um quarto de segundo naquele salto e não obstante encontrei o quarto vizinho empoeirado e deserto, sem qualquer vida ou luz nele. O suor estava se acumulando na minha

testa, meu coração batia alto e os assoalhos de madeira desnudos pareciam vibrar levemente com os ruídos ecoantes produzidos pelos meus pés. Avancei até a janela e olhei para fora. A luz amarela continuava fluuando no ar e reluzindo nas mesmas folhas de árvore, mas agora brotava da janela do quarto que eu acabara de deixar. Senti que estava parado a menos de três metros de alguma coisa indizivelmente desumana e diabólica que estava utilizando o seu ardid de luz para me atrair para algo ainda mais aterrador.

Parei de pensar, fechando a minha mente de sopetão como se ela fosse uma caixa ou um livro. Tinha um plano em mente que parecia quase desesperadamente difícil, praticamente além do limite do esforço humano, temerário. Tratava-se simplesmente de sair andando do quarto, descer as escadas e deixar a casa pelo cascalho áspero e firme e transpor o curto caminho de volta para a companhia da minha bicicleta. Presa lá no portão ela parecia infinitamente distante como se estivesse em outro mundo.

Certo de que seria assaltado por alguma influência e impedido de alcançar a porta da entrada com vida, abaixei as mãos com os punhos cerrados ao longo do corpo, dirigi meus olhos direto para os pés de modo a que não vissem nenhuma coisa pavorosa surgindo na escuridão e andei resolutamente para fora do quarto seguindo pelo corredor negro. Alcancei as escadas sem contratempos, ganhei o saguão e então a porta, e logo me encontrei sobre o cascalho me sentindo enormemente aliviado e surpreso. Caminhei até o portão e passei por ela. Ela estava pousada ali onde eu a deixara encostada recatadamente no pilar de pedra; minha mão me indicou que o barbante estava folgado exatamente como eu a amarrara. Passei as mãos por ela avidamente sabendo que ainda era a minha cúmplice no plano de chegar em casa são e salvo. Algo me fez virar a cabeça novamente para a casa atrás de mim. A luz continuava acesa pacificamente na mesma janela, para todos os efeitos como se houvesse alguém no quarto deitado contentemente na cama lendo um livro. Se eu tivesse dado (ou tivesse sido capaz de dar) rédeas irrestritas tanto ao medo como ao bom senso devia ter virado as costas de uma vez por todas para esta casa maldita e me afastado na mesma hora pedalando a bicicleta para a casa amiga que me aguardava quatro curvas à frente na estrada. Mas havia alguma outra coisa interferindo na minha cabeça. Eu não conseguia tirar os olhos da janela iluminada e talvez fosse porque eu não conseguia me conformar em ir para casa sem qualquer notícia do cofre preto enquanto algo estivesse acontecendo na casa onde ele supostamente estava. Continuei ali na obscuridade, minhas mãos agarrando o guidom da bicicleta e minha imensa perplexidade me incomodando. Não conseguia me decidir quanto à melhor coisa a fazer.

Foi por acaso que a ideia me ocorreu. Eu estava transferindo o meu peso de um pé para o outro como frequentemente fazia para aliviar a minha perna esquerda defeituosa, quando observei que havia um pedregulho no chão aos

meus pés. Me abaixei e peguei-o. Era mais ou menos do tamanho de uma lanterna de bicicleta, liso, redondo e fácil de arremessar. Meu coração ficara de novo quase audível ante a ideia de jogá-lo pela janela iluminada e assim levar a se manifestar quem quer que estivesse escondido dentro da casa. Se eu ficasse por ali com a bicicleta poderia fugir rapidamente. Tendo tido a ideia, eu sabia que não ia ficar satisfeito até a pedra ser arremessada; não teria descanso enquanto a luz inexplicável continuasse inexplicada.

Deixei a bicicleta e percorri de volta o caminho com a pedra balançando ponderosamente na minha mão direita. Me detive debaixo da janela, erguendo a vista para o feixe de luz. Podia ver algum inseto bem grande esvoaçando para dentro e para fora dele. Senti meus membros fraquejando sob mim e meu corpo inteiro ficando inquieto e debilitado pela apreensão. Olhei de esguelha para o pórtico vizinho quase esperando vislumbrar alguma aparição medonha me espreitando secretamente de dentro das sombras. Não vi nada a não ser o impenetrável trecho de escuridão mais densa. Então balancei a pedra algumas vezes para a frente e para trás na extremidade do meu braço esticado e a lancei com força de baixo para cima bem alto no ar. Houve um ruidoso som de vidro estilhaçado, os baques surdos da pedra aterrissando e rolando pelo piso de madeira e imediatamente o tinido de vidro quebrado caindo sobre o cascalho aos meus pés. Sem esperar nem um segundo me virei e saí correndo a toda pelo caminho até alcançar e tocar de novo a bicicleta.

Nada aconteceu durante algum tempo. Provavelmente foram quatro ou cinco segundos, mas pareceu um interminável intervalo de anos. Toda a metade superior do vidro fora arrancada, deixando arestas pontiagudas projetando-se do caixilho; a luz parecia brotar com maior claridade através do buraco aberto. Subitamente uma sombra apareceu, obliterando a luz em todo o lado esquerdo. A sombra era tão vaga que não consegui reconhecer qualquer parte dela, mas tive certeza de que era a sombra de um ente ou espectro bem grande que estava parado inteiramente imóvel ao lado da janela perscrutando a noite para ver quem tinha jogado a pedra. Então ela desapareceu, me fazendo perceber pela primeira vez o que acontecera e fazendo baixar um novo e mais intenso pavor sobre mim. A impressão segura de que alguma outra coisa ia acontecer me deixou com medo de fazer o menor movimento a fim de não revelar onde eu estava com a bicicleta.

Os acontecimentos que eu antecipara não demoraram a se dar. Ainda estava de olhos fixos na janela quando ouvi sons baixos atrás de mim. Não me virei para olhar. Logo percebi que eram os passos de uma pessoa bem pesada que vinha andando pela margem relvada da estrada para amortecer o ruído da sua aproximação. Achando que ela passaria sem me ver no sombrio recesso do portão, tentei permanecer ainda mais imóvel do que a minha completa imobilidade anterior. Os passos subitamente se moveram ruidosamente para o

leito da estrada a menos de cinco metros de distância, se aproximaram por trás e então pararam. Não é piada dizer que o meu coração quase parou também. Todas as minhas partes que estavam para trás — pescoço, orelhas, costas e cabeça — se contraíram e se encolheram penosamente ante a aparição que as confrontava, cada uma delas antecipando um ataque de indescritível ferocidade. Então ouvi palavras.

— Uma noite magnífica!

Me virei admirado. Diante de mim, quase ocultando a noite, estava um monstruoso policial. Ele parecia um policial pelo seu imenso tamanho, mas pude divisar o pálido sinal dos seus botões suspensos diretamente à frente do meu rosto, traçando a curvatura do seu peito enorme. Seu rosto estava completamente oculto pela escuridão e nada me era visível exceto sua autoritária atitude de policial, a vasta e robusta massa do seu corpo apumado, sua prepotência e sua inquestionável realidade. Ele me deixou tão vivamente impressionado que me senti muito mais submisso do que temeroso. Olhei-o docilmente, minhas mãos tremendo no guidom da bicicleta. Estava para tentar obrigar a minha língua a dar alguma resposta trivial à saudação dele quando ele falou novamente, suas palavras chegando em blocos compactos e amistosos do seu rosto oculto.

— Faça o favor de me acompanhar porque eu quero ter uma conversinha em particular com você — disse ele —, e mesmo que não houvesse outro motivo, a sua bicicleta está sem o farol e eu poderia anotar o seu nome e endereço por muito menos que isso.

Antes de ter terminado de falar ele já se afastava no escuro como um encouraçado, balançando a sua massa ponderosamente na mesma direção de onde viera. Surpreendi os meus pés obedecendo-o sem discussão, dando seus seis passos para cada dois dele, de volta pela estrada diante da casa. Quando estávamos para passar por ela ele entrou bruscamente por uma brecha na cerca viva e seguiu na frente pelo matagal passando por troncos de árvores sombrias e ameaçadoras, levando-me a um reduto misterioso junto ao oitão da casa, onde galhos e vegetação alta enchiam a escuridão e nos franqueavam por ambos os lados, me fazendo lembrar a minha jornada ao céu subterrâneo com o sargento Pluck. Na presença deste homem eu parara de conjecturar ou mesmo de pensar. Observava o oscilante contorno de suas costas em meio às trevas na minha frente e me apressava atrás dele o melhor que podia. Ele não dizia nada e não emitia nenhum som salvo o do ar labutando em suas narinas e as passadas das suas botas farfalhando no emaranhado da selva do solo, suaves e ritmadas como uma bem manejada gadanha ceifando um capinzal.

Então ele virou bruscamente na direção da casa e se dirigiu para uma janelinha que me pareceu anormalmente baixa e próxima ao chão. Iluminou-a com uma lanterna, mostrando-me enquanto eu espreitava por detrás de seu negro obstáculo quatro vidraças imundas montadas em dois caixilhos. Quando ele

estendeu a mão para ela pensei que ia erguer o caixilho inferior, mas em vez disso ele puxou a janela inteira para fora em dobradiças ocultas como se fosse uma porta. Então ele abaixou a cabeça, apagou a luz e começou a introduzir seu corpanzil pela minúscula abertura. Não sei como foi que ele conseguiu fazer algo que parecia inteiramente impossível. Mas ele o conseguiu rapidamente, sem fazer nenhum ruído exceto um ofegar mais forte pelo nariz e um resmungo no instante em que uma bota ficou entalada em algum canto. Então ele dirigiu a luz da lanterna para trás mostrando o caminho, nada exibindo de si próprio exceto seus pés e os joelhos das calças azuis do seu uniforme. Depois que eu entrei, ele estendeu um braço para trás e puxou a janela fechando-a e então seguiu na frente com sua lanterna.

As dimensões do lugar em que me encontrei eram das mais incomuns. O teto parecia extraordinariamente alto enquanto o piso, tão estreito que me teria sido impossível ultrapassar o policial caso eu desejasse fazê-lo. Ele abriu uma porta alta e, andando meio de lado, de um modo bastante esquisito, seguiu em frente por uma passagem ainda mais estreita. Após cruzar outra porta alta começamos a galgar uma escada inacreditavelmente quadrada. Cada degrau parecia ter uns trinta centímetros de profundidade, trinta centímetros de altura e trinta centímetros de largura. O policial subia por eles completamente de lado como um caranguejo com seu rosto ainda voltado para a frente na direção da sua lanterna. Passamos por outra porta no topo da escada e dei comigo num cômodo bastante surpreendente. Era ligeiramente mais amplo do que os outros lugares e bem no meio dele havia uma mesa de cerca de trinta centímetros de largura e dois metros de extensão presa permanentemente ao chão por dois pés metálicos. Havia um lampião sobre ela, um sortimento de canetas e tintas, algumas caixinhas e pastas de arquivos e um pote alto de cola de escritório. Não havia cadeiras à vista, mas em toda a volta nas paredes havia nichos onde um homem podia sentar. Nas próprias paredes havia vários cartazes e avisos tratando de touros e cães e instruções sobre banhos contra parasitas em carneiros e funcionamento das escolas e violações da legislação sobre armas de fogo. Com a figura do policial, que ainda estava de costas para mim, fazendo uma anotação em alguma tabela na parede do outro lado, não tive a menor dificuldade em perceber que me encontrava numa minúscula delegacia de polícia. Olhei em volta novamente, observando cada coisa perplexamente. Então percebi que havia uma janelinha embutida bem fundo na parede esquerda e que uma brisa fria estava soprando para dentro através de um buraco aberto na vidraça inferior. Me aproximei e olhei para fora. A luz do lampião estava reluzindo palidamente sobre a folhagem da mesma árvore e percebi que me encontrava não na casa do Mathers, *mas dentro das paredes dela*. Dei de novo meu grito de surpresa, me apoiei na mesa e olhei debilmente para as costas do policial. Ele estava secando cuidadosamente com o mata-borrão os números que tinha escrito no papel na

parede. Então ele se virou e repôs sua caneta sobre a mesa. Cambaleei rapidamente para um dos nichos e me sentei num estado de completo estupor, meus olhos grudados no rosto dele e minha boca secando como um pingo de chuva caído numa calçada quente. Tentei dizer alguma coisa várias vezes, mas no início minha língua não reagia. Finalmente tartamudeei o pensamento que chamejava na minha cabeça:

— Pensei que você tinha morrido!

O imenso corpo obeso dentro do uniforme não me lembrava ninguém que eu conhecesse, *mas o rosto no alto dele pertencia ao velho Mathers*. Ele não estava como eu me lembrava de ter visto durante o sono ou de outro jeito, cadavérico e imutável; agora estava corado e obeso como se litros de sangue quente e espesso tivessem sido bombeados para dentro dele. As bochechas estavam infladas como duas bolas vermelhas marcadas aqui e ali com manchas roxas irregulares. Os olhos estavam investidos de uma vivacidade incomum e faiscavam como contas de vidro à luz do lampião. Quando ele me respondeu era a voz do Mathers.

— Isso é muito agradável da sua parte — ele disse —, mas não importa, porque eu pensei a mesma coisa sobre você. Não entendo a sua inesperada materialidade após a manhã no cadafalso.

— Eu escapei — gaguejei.

Ele me lançou um longo olhar penetrante.

— Tem certeza? — perguntou.

Se eu tinha certeza? De repente me senti terrivelmente enjoado, como se o giro do mundo no firmamento tivesse perturbado o meu estômago pela primeira vez, transformando-o inteiramente num só coalho azedo. Meus membros perderam a força pendendo inertes e impotentes. Cada olho adejava como a asa de um pássaro dentro da sua órbita e minha cabeça latejava, se dilatando como uma bexiga a cada afluxo de sangue. Ouvi o policial falando comigo novamente a uma enorme distância.

— Sou o policial Fox — disse ele —, e esta é a minha própria delegacia de polícia particular e eu adoraria saber a sua opinião sobre ela porque tenho dado o máximo de mim para deixá-la impecável.

Senti meus miolos lutando bravamente, cambaleando, por assim dizer, de joelhos, mas relutantes em cair completamente. Eu sabia que morreria se perdesse a consciência por um segundo. Sabia que nunca conseguiria acordar de novo ou ter a esperança de entender outra vez a terrível situação em que estava se perdesse a sequência do triste dia que eu tinha passado. Sabia que ele não era Fox mas Mathers. Sabia que Mathers estava morto. Sabia que teria que conversar com ele e fingir que era tudo natural e quem sabe tentar fugir pela última vez com vida para a bicicleta. Eu teria dado tudo que tinha no mundo e todos os

cofres que houvesse nele para dar naquela hora uma olhada no rosto vigoroso de John Divney.

— É uma delegacia simpática — balbuciei —, mas por que é que ela está dentro das paredes de outra casa?

— É uma charada muito simples, tenho certeza de que você sabe a resposta.

— Não sei.

— É uma charada muito rudimentar de qualquer modo. Ela foi instalada deste modo para poupar os alugueis, pois se fosse construída como qualquer outro alojamento de polícia seria cotada como um bem alienável à parte, e o seu espanto se transformaria em assombro se eu lhe dissesse como andam os alugueis no corrente ano.

— Como?

— Dezesseis xelins e oito pence na libra com três pence na libra por uma água turva e ruim que eu não usaria e quatro pence do bendito subsídio à educação técnica. Não é pra menos que o país está nas últimas, com os fazendeiros arruinados e menos de um em dez com os papéis de um touro em ordem! Tenho oito intimações redigidas por nada menos que isso e vai haver o diabo na próxima sessão do tribunal. Por que é que você não tinha nenhum farol, grande ou pequeno, na sua bicicleta?

— Meu farol foi roubado.

— Roubado? Foi o que eu achei. É o terceiro furto hoje e quatro bombas de ar sumiram no último sábado. Tem gente que roubaria o selim por debaixo de você se achasse que você não ia notar, ainda bem que o pneu não pode ser tirado sem desmontar a roda. Espere que eu vou tomar o seu depoimento. Me dê uma descrição do artigo e me conte tudo e não omita nada, porque o que pode parecer sem importância pra você pode muito bem oferecer uma pista excelente para um investigador experiente.

Estava eu enjoado até a alma, mas a breve conversa me acalmara e me sentia suficientemente recuperado para voltar a ter o mínimo interesse na questão de dar o fora desta casa hedionda. O policial abriu um grosso livro de ocorrências que mais parecia a metade de um livro mais comprido que tivesse sido serrado em dois para caber na estreita mesa. Ele me fez várias perguntas sobre o farol e anotava minhas respostas de um modo extremamente laborioso no livro, rangendo a caneta ruidosamente e respirando com dificuldade pelo nariz, detendo-se ocasionalmente no seu resfolego quando alguma letra do alfabeto lhe oferecia particular dificuldade. Examinei-o detidamente enquanto ele se sentava absorto no seu trabalho de redação. Sem a menor dúvida era o rosto do velho Mathers, mas agora ele parecia ter uma qualidade simples e infantil, como se as rugas de uma longa existência, bastante evidentes na primeira vez em que o vi, tivessem sido subitamente abrandadas por alguma influência benévola e praticamente apagadas. Ele agora parecia tão inocente e

bondoso, e tão atrapalhado para escrever palavras simples, que a esperança começou a palpitar mais uma vez dentro de mim. Examinado friamente, ele não parecia um inimigo tão terrível. Talvez eu estivesse sonhando ou dominado por alguma horrível alucinação. Havia muita coisa que eu não entendia e possivelmente não ia chegar a entender até o dia da minha morte — o rosto do velho Mathers a quem eu pensara ter enterrado no mato num corpo tão imenso e obeso, a ridícula delegacia de polícia dentro das paredes de outra casa, os outros dois policiais monstruosos dos quais eu escapara. Mas pelo menos eu estava perto da minha própria casa e a bicicleta estava à minha espera no portão para me levar até lá. Será que este homem tentaria me deter se eu dissesse que estava indo pra casa? Será que ele sabia de alguma coisa sobre o cofre preto?

Agora ele tinha secado o seu trabalho cuidadosamente com o mata-borrão e me passado o livro para a minha assinatura, estendendo a caneta pelo punho com extrema polidez. Cobrira duas páginas numa enorme letra infantil. Achei melhor não entrar em qualquer discussão sobre a questão do meu nome e apressadamente fiz um garrancho complicado embaixo do depoimento, fechei o livro e o devolvi. Então disse o mais casualmente possível:

— Acho que já vou indo.

Ele concordou com a cabeça desapontadamente.

— Sinto não ter nada para lhe oferecer — disse ele —, porque a noite está fria e não cairia nada mal.

Minha força e coragem vinham afluindo novamente ao meu corpo e quando ouvi estas palavras me senti quase completamente revigorado de novo. Eu tinha muitas coisas em que pensar, mas não pensaria nelas absolutamente até que estivesse seguro dentro da minha própria casa. Iria para casa tão logo possível e no caminho não olharia para a direita nem para a esquerda. Pus-me de pé decididamente.

— Antes de ir — eu disse —, há uma coisa que eu gostaria de lhe perguntar. Havia um cofre preto que foi roubado de mim e tenho estado procurando ele há vários dias. Será que por um acaso você teria alguma informação sobre ele?

No instante em que eu disse isso lamentei tê-lo dito, pois se fosse realmente Mathers trazido miraculosamente de volta à vida ele poderia me relacionar com o roubo e com o seu próprio assassinato e mover alguma vingança terrível. Mas o policial apenas sorriu e assumiu uma expressão muito esperta no rosto. Sentou-se na beirada da mesa estreitíssima e tamborilou nela com os dedos. Então ele me olhou nos olhos. Era a primeira vez que ele fazia isso ofuscado como se tivesse acidentalmente olhado para o sol.

— Você gosta de geleia de morango? — ele perguntou.

Sua pergunta estúpida veio tão inesperadamente que eu assenti com a cabeça e fiquei a fitá-lo sem compreender. Seu sorriso se alargou.

— Pois se você tivesse aquele cofre aqui — ele disse —, você poderia ter um balde de geleia de morango para o seu chá e, se não fosse suficiente, você poderia ter uma banheira cheia para se deitar ao comprido dentro dela e, se esta quantidade não o satisfizesse, você poderia ter dez acres de terra cobertos de geleia de morango até a altura dos seus sovacos. O que é que você acha disso?

— Nem sei o que pensar disso — murmurei. — Não estou compreendendo.

— Vou colocar a coisa de outra forma — disse ele bem-humoradamente. — Você poderia ter uma casa abarrotada de geleia de morango, cada aposento tão cheio que você nem ia poder abrir a porta.

Me limitei a sacudir a cabeça. Estava ficando inquieto de novo.

— Eu não precisaria dessa geleia toda — disse estupidamente.

O policial suspirou como se perdendo a esperança de me transmitir a sua linha de raciocínio. Então sua expressão ficou ligeiramente mais séria.

— Diga-me uma coisa e não me diga mais nada — disse ele solenemente.

— Quando você foi com Pluck e o MacCruiskeen aquela vez lá embaixo na floresta, qual foi a sua opinião pessoal sobre o que viu? Você não achou que tudo lá era fora do normal?

Me sobressaltei à menção dos outros policiais e senti que estava mais uma vez em sério perigo. Teria que ser extremamente cauteloso. Não podia entender como é que ele sabia o que ocorreria comigo quando eu estava nas malhas de Pluck e MacCruiskeen, mas lhe disse que não tinha entendido o paraíso subterrâneo e que achava que mesmo a menor coisa que acontecera por lá era milagrosa. Mesmo recordando agora o que havia visto lá eu me perguntava mais uma vez se tinha estado sonhando. O policial pareceu satisfeito com o espanto que eu expressara. Ele sorria discretamente, mais para si próprio do que para mim.

— Como tudo que é difícil de acreditar e difícil de entender — disse ele afinal —, é muito simples, e a criança do vizinho poderia compreender isso tudo sem ser instruída. É uma pena que você não tenha pensado na geleia de morango enquanto estava lá porque poderia ter conseguido um barril dela de graça e a qualidade seria extra e super-refinada, apenas o mais puro suco de fruta utilizado e pouco ou nenhum conservativo.

— Não parecia simples — o que eu vi.

— Você achou que havia mágica naquilo, sem mencionar trapaças por expedientes em nada honestos?

— Achei.

— Mas tudo aquilo se explica, foi muito simples, e o modo como tudo foi feito vai deixar você perplexo quando eu lhe contar.

Apesar da minha situação perigosa, suas palavras me inspiraram uma aguda curiosidade. Ponderei que essa conversa sobre a estranha região subterrânea com as portas e os fios metálicos confirmava que ela existia, que eu realmente

estivera lá e que a minha lembrança dela não era a lembrança de um sonho — a menos que eu ainda estivesse preso no mesmo pesadelo. Sua oferta de me esclarecer centenas de prodígios com uma simples explicação era bastante tentadora. Mesmo aquele conhecimento poderia me compensar pelo desconforto que eu sentia na companhia dele. Quanto mais cedo acabasse a conversa, mais depressa eu tentaria dar o fora.

— Como é que foi feito, então? — perguntei.

O sargento deu um largo sorriso de satisfação ante o meu rosto perplexo. Me fez sentir como uma criança perguntando sobre algo que era óbvio.

— O cofre — disse ele.

— O cofre? O *meu* cofre?

— Claro. O cofrinho fez a proeza, tenho que rir do Pluck e do MacCruiskøen, eles deviam ter mais cabeça.

— Você encontrou o cofre?

— Ele foi encontrado e entrei em completa posse dele em virtude da seção 16 do Ato de '87, tal como prorrogada e emendada. Eu estava esperando que você o requeresse, pois sabia pelas minhas próprias investigações privadas e oficiais que você era a pessoa que o tinha perdido, mas cedi à minha impaciência com a sua longa demora e o enviei para a sua casa hoje por bicicleta expressa e você o encontrará lá à sua espera quando chegar em casa. Você é um homem de sorte por tê-lo porque não existe nada mais valioso no mundo inteiro e ele funciona como um talismã, você poderia jurar que tem a precisão de um mecanismo. Pesei-o e há mais de cento e vinte gramas dentro dele, suficiente para fazer de você um homem de posses pessoais e qualquer outra coisa que você puder imaginar.

— Cento e vinte gramas do quê?

— De omnium. Com certeza você sabia o que havia dentro do seu próprio cofre?

— É claro — balbuciei —, mas não achava que tinha *cento e vinte* gramas.

— Cento e vinte ponto oito pela balança dos Correios. E foi assim que eu me diverti com o Pluck e o MacCruiskøen, você ia achar graça só de pensar, eles tiveram que correr e trabalhar como cavalos cada vez que eu fiz as leituras subirem até o ponto crítico.

Ele deu risinhos discretos à lembrança dos seus colegas tendo que trabalhar duro e me olhou furtivamente para ver o efeito dessa simples revelação. Me afundei no assento estupefato, mas dei um jeito de retribuir um sorriso forçado para desviar a suspeita de que eu não soubesse o que havia dentro do cofre. Se ele era digno de crédito, estivera sentado nesta sala administrando 120 gramas daquela indizível substância, calmamente fazendo gato e sapato da ordem natural, inventando máquinas intrincadas e inauditas para tapear os outros policiais, interferindo drasticamente no tempo para fazê-los pensarem que

vinham levando suas mágicas existências há anos, desconcertando, aterrorizando e enfeitando toda a região rural.

Eu estava pasmo e estarecido pela modesta pretensão que ele manifestara tão alegremente, não conseguia acreditar direito, e ainda assim era o único modo pelo qual as terríveis lembranças que enchiam a minha cabeça podiam ser explicadas. Novamente senti medo do policial, mas ao mesmo tempo uma ardente excitação me dominou ao pensar que esse cofre e o que havia dentro dele estavam neste momento pousados sobre a mesa da minha própria cozinha. O que será que Divney ia fazer? Será que ele ficaria furioso por não encontrar dinheiro, achar que aquele fantástico omnium era um bolo de poeira e jogá-lo fora no monte de estrume? Especulações difusas me inundaram, temores e esperanças fantásticas, fantasias inexprimíveis, inebriantes prenúncios de criações, transformações, aniquilações e interferências divinas. Sentado em casa com o meu cofre de omnium eu poderia fazer qualquer coisa, ver qualquer coisa e conhecer qualquer coisa sem limites para os meus poderes salvo os da minha própria imaginação. Talvez até pudesse utilizá-lo para ampliar a minha imaginação. Ia poder destruir, alterar e aprimorar o universo à vontade. Poderia me livrar de John Divney, não brutalmente, mas lhe oferecendo dez milhões de libras para ele ir embora. Poderia escrever os mais extraordinários comentários jamais escritos sobre De Selby e publicá-los em encadernações inauditas pelo seu luxo e durabilidade. Frutas e colheitas superando qualquer coisa jamais vista desabrochariam na minha fazenda, em terras tornadas inconcebilmente férteis por adubos artificiais sem paralelos. Uma perna de carne e osso ainda mais forte que o ferro apareceria magicamente na minha coxa esquerda. Eu aprimoraria o tempo criando um dia padrão de paz ensolarada com uma suave chuva à noite lavando o mundo para torná-lo mais fresco e mais encantador aos olhos. Presentearia todo trabalhador pobre do mundo com uma bicicleta de ouro, cada veículo com um selim feito de alguma coisa até então não inventada mas mais macia que a mais suave maciez, providenciaria para que uma cálida aragem soprasse por detrás de cada homem em toda viagem, mesmo quando dois deles estivessem seguindo direções opostas pela mesma estrada. Minha porca daria crias duas vezes ao dia e um homem surgiria imediatamente oferecendo dez milhões de libras por cada leitãozinho, apenas para ouvir um lance mais alto de um homem que chegasse oferecendo vinte milhões. Os barris e as garrafas da minha taberna continuariam cheios e inexauríveis não importa o quanto se tirasse deles. Eu ia poder trazer De Selby em pessoa de volta à vida para conversar comigo à noite e me aconselhar em minhas sublimes realizações. Toda terça-feira eu me tomaria invisível...

— Você não acreditaria como a coisa é conveniente — disse o policial se imiscuindo nos meus pensamentos —, é muito útil para tirar a lama das perneiras no inverno.

— E por que não usá-lo para evitar que a lama grude nas perneiras? — perguntei excitadamente. O policial me olhou com extrema admiração.

— Por Deus, eu nunca tinha pensado nisso — disse ele. — Você é muito inteligente e não resta dúvida de que não sou mais que um parvo.

— Por que não utilizá-lo — quase gritei — para não ter mais lama em lugar nenhum em época nenhuma?

Ele baixou os olhos e pareceu inteiramente desconsolado.

— Sou o campeão mundial dos parvos — murmurou.

Não pude evitar sorrir para ele, não, de fato, sem uma certa pena. Era evidente que ele não era o tipo de pessoa a quem se pudesse confiar o conteúdo do cofre preto. Sua estúpida invenção subterrânea era o produto de uma mente que se nutria de livros de aventuras de garotinhos, livros onde todas as extravagâncias eram mecânicas e letais e unicamente voltadas para provocar a morte de alguém pela forma mais elaborada que se pudesse imaginar. Eu tinha sorte de ter escapado dos seus grotescos porões com vida. Ao mesmo tempo me lembrava que tinha algumas continhas a acertar com o policial MacCruiskeen e o sargento Pluck. Não tinha sido por negligência daqueles homens que eu não fora enforcado no cadafalso e impedido de chegar algum dia a recuperar o cofre preto. Minha vida fora salva pelo policial à minha frente, provavelmente por acidente, quando ele decidira provocar uma leitura alarmante na haste. Ele merecia alguma consideração por isso. Provavelmente eu lhe faria uma doação de dez milhões de libras quando tivesse tempo para considerar a questão devidamente. Ele parecia mais um tolo do que um patife. Mas MacCruiskeen e Pluck estavam em outra categoria. Provavelmente me seria possível poupar tempo e trabalho adaptando as maquinarias subterrâneas para lhes causar suficientes problemas, perigo, inquietações, trabalho e inconveniências que os fizessem se arrepender do dia em que me ameaçaram pela primeira vez. Cada um dos armários poderia ser alterado para conter não bicicletas ou uísque ou fósforos, mas carniças putrescentes, odores insuportáveis, podridões inimagináveis contendo novelos de víboras reluzentes e pegajosas, cada uma delas mortífera e com um hálito pútrido, milhões de monstros mórbidos e em decomposição agarrando os trincos internos dos fornos para abri-los e escaparem, ratos chifrudos andando de cabeça para baixo pelos canos do teto e arrastando seus rabos escamosos nas cabeças dos policiais, leituras de incalculável periculosidade subindo continuamente na...

— Mas é extremamente conveniente para cozer ovos — se intrometeu novamente o policial —, se você gosta deles macios você os tem macios, e os duros são tão duros quanto o ferro.

— Acho que vou pra casa — eu disse resolutamente, olhando-o quase ameaçadoramente. Me levantei. Ele apenas assentiu com a cabeça, pegou a sua lanterna e tirou a perna de cima da mesa.

— Eu não gosto nem um pouco de ovo mal cozido — observou —, e não há nada pior para azia e indigestão, ontem foi a primeira vez na minha vida que eu consegui cozer o ovo direito.

Ele seguiu na frente até a porta alta e estreita, abriu-a e passou na frente descendo as escadas escuras, lançando o facho da lanterna para diante e balançando-o polidamente para trás para me mostrar os degraus. Avançamos lentamente e permanecemos em silêncio, ele às vezes andando de lado e roçando as partes mais protuberantes do seu uniforme na parede. Quando alcançamos a janela ele a abriu e saiu para o matagal primeiro, mantendo-a erguida até eu ter barafustado para fora ao seu lado. Então ele seguiu na frente de novo com a sua luz, em longas passadas sibilantes pela grama alta e a vegetação rasteira, sem dizer nada até chegarmos à brecha na cerca viva e nos encontrarmos novamente na margem firme da estrada. Então ele falou. Sua voz estava estranhamente acanhada, quase em tom de desculpa.

— Há uma coisa que gostaria de lhe dizer — disse ele — e estou meio envergonhado em dizer isso porque é uma questão de princípio e não gosto de tomar liberdades porque onde é que o mundo ia parar se todo mundo fizesse assim?

Senti que ele estava me olhando no escuro com seu ar de branda indagação. Fiquei intrigado e um tanto inquieto. Achava que ele ia fazer uma outra revelação ainda mais devastadora.

— O que é? — perguntei.

— É sobre o meu modesto alojamento... — ele murmurou.

— É?

— Morri de vergonha por causa do mau aspecto dele e tomei a liberdade de cobri-lo com papel de parede ao mesmo tempo em que estava preparando o meu ovo bem cozido. Agora ele está com outra aparência e espero que você não tenha se chateado ou se aborrecido por causa disso.

Sorri para mim mesmo, me sentindo aliviado, e lhe disse que ele não precisava ter se incomodado.

— Foi uma coisa de impulso — ele continuou animadamente para reforçar as suas razões —, não foi necessário me dar ao trabalho de tirar os avisos da parede porque o papel se ajustou por detrás deles enquanto você permanecia em silêncio.

— Tudo bem — eu disse. — Boa noite e obrigado.

— Até logo então — disse ele, me saudando com a mão —, e você pode ter certeza de que vou encontrar o seu farol roubado porque eles estão custando um xelim e seis pence e você ia ter que ser feito de dinheiro para continuar a comprá-los.

Observei-o se retirando através da sebe e retornando para o labirinto de árvores e arbustos. Logo sua lanterna era apenas um bruxuleio intermitente entre

os troncos e por fim ele desapareceu completamente. Eu estava novamente sozinho na estrada. Não havia nada para se ouvir salvo o lânguido movimento das árvores no suave ar noturno. Dei um suspiro de alívio e comecei a andar de volta em direção ao portão para pegar a minha bicicleta.

A noite parecia ter alcançado o seu ponto médio de intensidade e a escuridão estava agora muito mais intensa do que antes. Meu cérebro transbordava de ideias incompletas dos mais abrangentes tipo, mas eu as reprimia firmemente determinado a me concentrar inteiramente em encontrar a bicicleta e ir direto para casa.

Alcansei o vão do portão e andei de um lado para o outro cautelosamente, as mãos estendidas para a frente nas trevas em busca do reconfortante guidom da minha cúmplice. A cada movimento e tentativa ou eu nada encontrava ou a minha mão dava com a aspereza do granito do muro. Uma suspeita desagradável de que a bicicleta se fora despontou em mim. Comecei a procurar com mais pressa e inquietação e investiguei com as mãos o que estou certo ter sido todo o semicírculo do portão. Ela não estava ali. Permaneci por algum tempo consternado, tentando me lembrar se a tinha desatado na última vez em que viera correndo da casa para encontrá-la. Era inconcebível que ela tivesse sido roubada porque, mesmo se alguém houvesse passado naquela hora absurda, não teria sido possível avistá-la na negritude das trevas. Então, enquanto estava parado, algo bastante espantoso me aconteceu novamente. Algo entrou deslizando suavemente na minha mão direita. Era o punho do guidom — do guidom *dela*. Parecia ter vindo até mim de dentro da escuridão como uma criança estendendo a mão em busca de orientação. Eu fiquei assombrado, embora depois não pudesse ter certeza se a coisa tinha realmente entrado na minha mão ou se a mão estivera procurando em volta mecanicamente enquanto eu estava profundamente absorto e encontrado o guidom sem o auxílio ou interferência de nada extraordinário. Em qualquer outro momento eu teria meditado com espanto sobre esse curioso incidente, mas agora reprimi qualquer pensamento a esse respeito e a encontrei encostada no muro com o barbante pendurado frouxamente no tubo do seu quadro. Ela não estava encostada no portão onde eu a atara.

Meus olhos tinham se adaptado à obscuridade e agora eu podia ver claramente a estrada ligeiramente iluminada, confinada pelas sombras amorfas das valas de cada lado. Levei a bicicleta para o centro, impulsionei-a suavemente, joguei minha perna por cima e me acomodei gentilmente no seu selim. Ela pareceu me comunicar instantaneamente um certo alívio, um certo relaxamento extremamente tranquilizante e prazeroso após as excitações da minúscula delegacia de polícia. Senti-me novamente confortável de corpo e espírito, feliz na crescente leveza do meu coração. Sabia que nada no mundo inteiro poderia me tentar para longe do selim naquela hora até eu chegar à minha casa. Uma brisa de repente surgira do nada e me empurrava incansavelmente pelas costas, fazendo-me esvoaçar sem esforço através da escuridão como um

ser alado. A bicicleta corria inabalável e irrepreensivelmente sob mim, cada peça sua funcionando com precisão, as suaves molas do seu selim dando a máxima consideração ao meu peso nas ondulações da estrada. Tentei mais firmemente do que nunca me manter livre do desenfreado pensamento dos meus 120 gramas de omnium, mas nada que eu pudesse fazer seria capaz de refrear a profusão de extravagâncias em parte imaginadas que continuavam a desaguar na minha mente como uma revoada de andorinhas — extravagâncias no comer, beber, inventar, destruir, modificar, aprimorar, recompensar, punir e até mesmo amar. Sabia apenas que alguns desses fragmentos indefinidos de pensamento eram celestiais, outros, medonhos; alguns, agradáveis e benévolos; todos eles, momentosos. Meus pés pressionavam extasiados os resolutos pedais femininos.

A casa do Courahan, uma obscura e silenciosa treva sinistra, passou por mim no lado direito e meus olhos se estreitaram excitadamente para tentar penetrar na minha própria casa duzentos metros mais à frente. Ela se delineou gradualmente no ponto onde eu sabia que ela ficava e quase bradei e dei vivas e selvagens gritos de alegria ao primeiro vislumbre daquelas simples quatro paredes. Mesmo ao passar pelo Courahan — agora eu admitia isso intimamente — eu não fora capaz de me convencer sem a menor sombra de dúvida de que chegaria novamente a ver a casa onde nascera, mas agora estava desmontando da bicicleta do lado de fora dela. Os perigos e as surpresas dos últimos dias pareciam grandiosos e épicos agora que eu sobrevivera a eles. Me sentia imenso, importante e poderosíssimo. Me sentia feliz e realizado.

A loja e toda a parte da frente da casa estavam às escuras. Empurrei a bicicleta lepidamente até lá, encostei-a na porta e contornei a casa andando. Uma luz reluzia na janela da cozinha. Sorrindo comigo mesmo à lembrança de John Divney, avancei na ponta dos pés e olhei para dentro.

Não havia nada de tão sobrenatural no que vi, mas levei um outro daqueles choques enregelantes que pensava ter deixado para trás para sempre. Havia uma mulher em pé junto à mesa com algum artigo de vestuário esquecido em suas mãos. Ela tinha o rosto voltado para a cozinha em direção à lareira onde estava o lampião e falava rapidamente com alguém perto do fogo. A lareira não podia ser vista de onde eu estava. A mulher era Pegeen Meers, com quem Divney certa vez falara em se casar. Sua aparência me surpreendeu muito mais que a sua presença na minha própria cozinha. Ela parecia estar muito mais velha, mais gorda e grisalha. Olhando-a de lado pude ver que estava grávida. Falava rapidamente, raivosamente mesmo, achei. Tive certeza de que estava falando com John Divney e que ele estava sentado de costas para ela perto do fogo. Não parei para pensar nessa situação curiosa, mas passei pela janela, ergui o trinco da porta, abri a porta rapidamente e fiquei ali parado olhando para dentro. A primeira vista percebi duas pessoas junto ao fogo, um rapazinho que eu nunca tinha visto antes e meu velho amigo John Divney. Ele estava sentado

parcialmente de costas para mim e fiquei inteiramente chocado com a sua aparência. Estava imensamente gordo e seu cabelo castanho sumira, deixando-o inteiramente careca. Seu rosto enérgico tinha desabado em papadas de gordura frouxa. Pude distinguir um lampejo de felicidade no canto do seu olho inflamado; havia uma garrafa aberta de uísque no chão ao lado dele. Ele se virou lentamente em direção à porta aberta, começou a se erguer e deu um grito que atravessou a casa toda e disparou para o alto para reverberar estarrecidamente na abóbada celeste. Seus olhos estavam transfixados e imóveis enquanto me fitavam, seu rosto flácido encolheu e pareceu desmoronar num farrapo de carne pálida e inerte. Suas mandíbulas estalaram algumas vezes como uma máquina e então ele caiu para a frente de bruços com outro horroroso grito agudo que foi baixando até se transformar em gemidos de partir o coração.

Eu fiquei assustadíssimo e continuei parado, pálido e impotente na soleira da porta. O garoto deu um salto para a frente e tentara levantar Divney; Pegeen Meers soltara um grito apavorado e também viera correndo. Eles viraram Divney, pondo-o de costas. Seu rosto estava contorcido numa careta repugnante de pavor. Seus olhos olharam de novo na minha direção de cabeça para baixo e para trás e ele deu outro grito penetrante e espumou nojentamente pela boca. Dei alguns passos à frente para ajudar a erguê-lo do chão, mas ele fez um movimento demente e convulsivo e disse abafadamente as quatro palavras “Fique longe, fique longe”, numa tal entonação de pânico e terror que me detive nos meus passos, estarrecido com a sua aparência. A mulher aturdida empurrou o garoto empalidecido e disse:

— Corra e traga o médico para o seu pai, Tommy! Corra, corra!

O garoto balbuciou algo e saiu correndo porta afora sem ao menos me olhar. Divney continuava deitado lá, o rosto escondido nas mãos, gemendo e articulando palavras incoerentes em voz baixa; a mulher estava de joelhos tentando erguer a cabeça dele e confortá-lo. Agora ela chorava e murmurava que sabia que alguma coisa acabaria acontecendo se ele não parasse com a bebida. Me adiantei um pouquinho e disse:

— Será que eu podia dar alguma ajuda?

Ela não prestou a menor atenção em mim, nem ao menos olhou para mim. Mas as minhas palavras tiveram um estranho efeito em Divney. Ele soltou um grito lamuriendo que foi abafado por suas mãos; então foi se extinguindo, passando a soluços sufocados, e ele cerrou as mãos no rosto com tanta força que pude ver as unhas se fincando na carne branca flácida ao lado de suas orelhas. Eu estava ficando cada vez mais alarmado. A cena era sinistra e perturbadora. Dei outro passo à frente.

— Se você me der licença — eu disse em voz alta para a senhora Meers —, eu levanto ele do chão e o ponho na cama. Não há nada errado com ele exceto que tomou uísque demais.

De novo a mulher não me deu a menor atenção que fosse, mas Divney foi tomado por uma convulsão horrível de se ver. Ele como que rastejou e saiu rolando com movimentos grotescos dos seus membros até ficar um montinho encolhido no canto mais distante da lareira, derrubando a garrafa de uísque no caminho e fazendo-a rolar com um tinido barulhento pelo chão. Ele gemia e dava gritos agoniados que me gelaram até os ossos. A mulher o seguiu de joelhos, chorando deploravelmente e tentando murmurar palavras de conforto para ele. Ele soluçava convulsivamente onde estava e começou a chorar e a balbuciar coisas desconexas como um homem delirante às portas da morte. Era sobre mim. Me disse que não me aproximasse. Disse que eu não estava ali. Disse que eu estava morto. Disse que o que ele pusera debaixo das tábuas no casarão não era o cofre preto mas uma mina, uma bomba. Ela explodira quando eu a tocara. Ele tinha visto a explosão de onde eu o deixara. A casa tinha sido feita em pedaços. Eu estava morto. Ele me gritou para ficar longe. Eu estava morto há dezesseis anos.

— Ele está morrendo — a mulher gritou.

Não sei se fiquei surpreso com o que ele disse, ou mesmo se acreditei nele. Minha cabeça ficou inteiramente vazia, leve, e era como se estivesse de uma cor muito branca. Fiquei exatamente onde estava por um bom tempo sem me mover ou pensar. Achei depois de algum tempo que a casa estava estranha e fiquei confuso acerca das duas pessoas no chão. Ambas estavam gemendo e gritando e chorando.

— Ele está morrendo, ele está morrendo — a mulher gritou novamente.

Um vento frio e cortante penetrava pela janela aberta às minhas costas, fazendo a luz do lampião tremer intermitentemente. Achei que era hora de ir embora. Me virei com passos mais firmes e saí andando pela porta dando a volta para a parte da frente da casa para pegar a minha bicicleta. Ela se fora. Saí andando pela estrada novamente, virando à esquerda. A noite tinha passado e o amanhecer chegara com um vento seco penetrante. O céu estava lívido e carregado de mau agouro. Nuvens negras raivosas se amontoavam a oeste, infladas e empanzinadas, prontas para vomitar suas podridões e afogar nelas o mundo sombrio. As árvores à beira da estrada eram repeletes e atrofiadas e moviam seus galhos áridos e desfolhados lugubrememente ao vento. Os relvados próximos eram toscos e fétidos. Pântanos alagados e brejos insalubres se estendiam infinitamente à esquerda e à direita. A palidez do céu era uma visão terrível.

Meus pés carregavam meu corpo exangue espontaneamente para diante, quilômetro após quilômetro de estrada acidentada e deprimente. Minha mente estava completamente vazia. Não me lembrava quem eu era, onde estava ou qual o meu propósito na Terra. Estava só e desolado, se bem que em nada

preocupado comigo mesmo. Os olhos na minha cabeça estavam abertos, mas nada viam porque o cérebro estava vazio.

Subitamente dei comigo percebendo a minha própria existência e me dando conta dos meus arredores. Havia uma curva na estrada e quando a dobrei um extraordinário espetáculo me foi apresentado. A cerca de cem metros de distância no lado esquerdo havia uma casa que me aturdiu. Parecia que tinha sido pintada como um anúncio num cartaz à beira da estrada, e por sinal muito mal pintada. Parecia completamente falsa e inconvincente. Não aparentava ter qualquer profundidade ou largura e aparentemente não iludiria uma criança. Isto não era por si mesmo suficiente para me surpreender, pois já tinha visto pinturas e anúncios à beira da estrada antes. O que me desconcertou foi a certeza, profundamente enraizada em minha mente, de que esta era a casa que eu buscava e de que havia gente dentro dela. Jamais vira com os meus olhos em toda a minha vida nada de tão sobrenatural e estarrecedor e meu olhar hesitou diante da coisa confusamente, como se pelo menos uma das dimensões costumeiras estivesse faltando, tornando sem sentido as restantes. O aspecto da casa era a maior surpresa com que jamais me deparara, e fiquei com medo dela.

Continuei andando, mas caminhei mais devagar. A medida que me aproximava, a casa parecia mudar de aparência. No início, ela nada fez para se reconciliar com o formato de uma casa comum, mas ficou indefinida no contorno como um objeto vislumbrado sob água agitada. Então ficou nítida novamente e vi que ela começou a adquirir alguma parte dos fundos, algum pequeno espaço para aposentos por detrás da fachada. Deduzi isso pelo fato de que me pareceu ver a frente e os fundos simultaneamente da minha posição, me aproximando do que deveria ser o lado. Como não havia nenhum lado que eu pudesse ver, achei que a casa devia ser triangular com seu ápice apontando na minha direção, mas quando estava a apenas quinze metros de distância vi uma janelinha aparentemente de frente para mim e deduzi disso que devia haver *algum* lado para ela. Então dei comigo quase à sombra da estrutura, de garganta seca e temeroso pelo espanto e a ansiedade. Ela parecia bastante comum de perto exceto por ser muito branca e quieta. Era imponente e assustadora; a manhã inteira e o mundo inteiro pareciam não ter absolutamente qualquer propósito a não ser emoldurá-la e dar-lhe alguma magnitude e posição, de forma a que eu pudesse achá-la com meus simples sentidos e fingir para mim mesmo que a entendia. Um emblema da força policial acima da porta me indicou que era uma delegacia de polícia. Eu jamais vira uma delegacia de polícia como esta.

Me detive nos meus passos. Ouvi passadas distantes na estrada atrás de mim, pesadas passadas se apressando no meu encaicho. Não olhei para trás, mas permaneci parado imóvel a dez metros da delegacia de polícia, esperando pelos

passos apressados. Eles foram ficando cada vez mais altos e cada vez mais pesados. Afinal ele me alcançou. Era John Divney. Não olhamos um para o outro nem trocamos uma única palavra. Entrei no passo ao lado dele e ambos entramos marchando na delegacia de polícia. Vimos, em pé de costas para nós, um enorme policial. Sua aparência de costas era incomum. Ele estava parado atrás de um balcãozinho numa sala de plantão caiada e bem arrumada; sua boca estava aberta e ele se olhava num espelho pendurado na parede.

— São os meus dentes — ouvimos ele dizer, distraidamente e a meia-voz — Quase toda doença vem dos dentes.

Seu rosto, quando ele se virou, nos surpreendeu. Era imensamente gordo, vermelho e largo, assentado solidamente no colarinho da sua túnica com uma imponência deselegante que me lembrou um saco de farinha. A metade inferior do mesmo estava oculta por um bigode intensamente ruivo que se projetava da pele bem longe no ar como as antenas de algum animal raro. Suas bochechas eram vermelhas e rechonchudas e seus olhos eram quase invisíveis, ocultos na parte de cima pelo obstáculo das suas sobrancelhas entufadas e na de baixo pelas gordas pregas da sua pele. Ele passou pesadamente para o lado de dentro do balcão e Divney e eu nos adiantamos timidamente da porta até ficarmos cara a cara.

— É sobre uma bicicleta? — perguntou ele.

NOTA DO EDITOR

No Dia de São Valentim, em 1940, o autor escreveu a William Saroyan sobre este romance o seguinte:

“Acabo de terminar outro livro. A única coisa boa nele é o enredo e estive imaginando se eu poderia fazer uma louca... peça a partir dele. Quando você chega ao final desse livro você percebe que o meu herói ou personagem principal (ele é um patife e um assassino) esteve morto ao longo de todo o livro e que todas as coisas estranhas e pavorosas que lhe aconteceram estão ocorrendo numa espécie de inferno que ele mereceu pelo crime. Lá pelo final do livro (antes de você saber que ele está morto) ele consegue voltar para sua própria casa onde vivia com outro homem, que ajudou no assassinato original. Embora ele tenha estado fora três dias, este outro camarada está vinte anos mais velho e morre de pavor quando vê o outro sujeito parado na porta. Então eles dois andam de volta pela estrada para o inferno e recomeçam as mesmas terríveis aventuras novamente, o primeiro sujeito ficando surpreso e apavorado com tudo exatamente como ficara na primeira vez e como se nunca tivesse passado por aquilo antes. Fica claro que este tipo de coisa continua eternamente — e aí está. A ideia é que seja tudo muito engraçado, mas também não estou muito certo disso... Acho que a ideia de um homem estar morto o tempo todo é bastante nova. Quando você está escrevendo sobre o mundo dos mortos — e amaldiçoados —, onde nenhuma das regras e leis (nem mesmo a lei da gravidade) tem validade, há espaço de sobra para gracejos e piadas engraçadas.”

14 de fevereiro de 1940
B. O'N

Em outro lugar, o autor escreveu:

“Joe tinha estado explicando coisas no meio tempo. Disse que era de novo o início do inconcluído, a redescoberta do trivial, a re-experiência do já sofrido, o re-esquecimento do não lembrado. O inferno dá voltas e mais voltas. No formato ele é circular e em natureza é interminável, repetitivo e muito próximo do insuportável.”

Coleção **L&PM** Pocket, vol. 509

Título original: *The Third Policeman*

Primeira edição na Coleção **L&PM** POCKET: abril 2006

Tradução: Luis Fernando Brandão

Capa: L&PM Editores sobre ilustração de P. Sample

Revisão: Renato Deitos e Jó Saldanha

ISBN 978-85-254-1543-1

o13t

O'Brien, Flann, 1911-1966

O terceiro tira / Flann O'Brien; tradução de Luis Fernando Brandão. — Porto Alegre: L&PM, 2008.

(Coleção L&PM Pocket)

1. Literatura irlandeses-romances policiais. I. Título. II. Série.

CDD 823.872

CDU 821.111(417)-312.4

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Evelyn O'Nolan, 1967

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 — Floresta — 90.220-180

Porto Alegre — RS — Brasil / Fone: 51.3225.5777 — Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

NOTAS

[1] *Horas douradas*, II, p. 261. (N. do A.)

[2] *Álbum do campo*, p. 1.034. (N. do A.)

[3] Le Fournier, o fidedigno comentador francês (em *De Selby — O enigma do Ocidente*), propôs uma curiosa teoria a respeito destes “habitats”. Ele sugere que De Selby, ao escrever o *Álbum*, deteve-se para apreciar algum ponto de dificuldade e no meio tempo se ocupou com a prática distraída geralmente conhecida por “rabiscar”, assim pondo de lado seu manuscrito. Na próxima vez em que o pegou, viu-se diante de um monte de diagramas e desenhos que ele tomou por plantas de um tipo de habitação que sempre tivera em mente e imediatamente escreveu várias páginas explicando os esboços. “De nenhuma outra maneira”, acrescenta o rigoroso Le Fournier, “pode-se explicar um lapso tão lamentável.” (N. do A.)

[4] Não está claro se De Selby ouvira falar disso, mas ele sugere (*Garcia*, p. 12) que a noite, longe de ser causada pela comumente aceita teoria dos movimentos planetários, devia-se aos acúmulos de “ar negro” produzidos por certas atividades vulcânicas as quais ele não trata em detalhe. Vide também p. 79 e 945, *Álbum do campo*. O comentário de Le Fournier (em *Homem ou Deus*) é interessante. “On ne saura jamais jusqu’à quel point de Selby fut cause de la Grande Guerre, mais, sans aucun doute, ses théories excentriques — spécialement celle que nuit n’est pas un phénomène de nature, mais dans l’atmosphère un état malsain amené par un industrialisme cupide et sans pitié — auraient l’effet de produire un trouble profond dans les masses.” (Nunca se saberá até que ponto De Selby provocou a Grande Guerra, mas, sem dúvida alguma, suas teorias excêntricas — especialmente a de que a noite não é um fenômeno da natureza, mas um estado insalubre da atmosfera causado por uma industrialização sôfrega e impiedosa — tiveram o efeito de produzir uma profunda comoção entre as massas.) (N. do A.)

[5] *Horas douradas*, VI, p. 156. (N. do A.)

[6] *Uma biografia de Garcia*, p. 27. (N. do A.)

[7] De Selby (*Horas douradas*, p. 93 e ss.) propôs uma interessante teoria a respeito dos nomes. Retrocedendo aos tempos primitivos, ele considera os primeiros nomes grosseiras associações onomatopaicas com a aparência da pessoa ou objeto chamado — dessa forma as manifestações ásperas ou rudes sendo representadas por guturalizações em nada agradáveis e vice-versa. Esta ideia ele perseguiu numa medida bastante exótica, estabelecendo elaborados paradigmas de vogais e consoantes que supostamente correspondiam a certos índices de raça, cor e temperamento humano e afirmando finalmente estar em

condições de especificar o “grupo” fisiológico de qualquer pessoa meramente por um rápido estudo das letras do seu nome após a palavra ter sido “racionalizada” para permitir as variações entre línguas. Certos “grupos” ele mostrou serem universalmente “incompatíveis” com outros “grupos”. Um comentário infeliz sobre a teoria foi fornecido pelas atividades de seu próprio sobrinho, seja por ignorância ou por desrespeito pelas pesquisas humanísticas de seu tio. O sobrinho atacou um criado sueco, do qual ele estava completamente excluído pelos paradigmas, na despensa de um hotel de Portsmouth com tal intenção que De Selby teve que abrir a bolsa na importância de quinhentas ou seiscentas libras para evitar um processo judicial escandaloso. (N. do A.)

[8] P. 822. (N. do A.)

[9] Estes são evidentemente os mesmos filmes que ele menciona em *Horas douradas* (p. 155) como tendo “um forte elemento repetitivo” e como sendo “entediantes”. Aparentemente os examinara pacientemente quadro a quadro e imaginara que seriam projetados da mesma maneira, não conseguindo naquela ocasião perceber o princípio do cinematógrafo. (N. do A.)

[10] Vide Hatchjaw. *A vida e a época de De Selby*. (N. do A.)

[11] Bassett. *Lux Mundi: Uma biografia de De Selby*. (N. do A.)

[12] Hatchjaw observa (não confirmado, no entanto, por Bassett) que, ao longo de todos os dez anos dedicados a escrever o *Álbum do campo*, De Selby esteve obcecado com espelhos e apelava para eles com tanta frequência que alegava ter duas mãos esquerdas e estar vivendo num mundo arbitrariamente confinado em uma moldura de madeira. Com o passar do tempo ele passou a se recusar a sustentar um olhar direto para o que quer que fosse e tinha um espelhinho permanentemente suspenso num determinado ângulo diante de seus olhos por um mecanismo de arame por si mesmo fabricado. Depois que lançou mão desse fantástico aparato, encontrava-se com as visitas de costas para elas e com a cabeça inclinada em direção ao teto; foram-lhe mesmo creditados longos passeios de costas em vias públicas de intenso movimento. Hatchjaw alega que sua afirmativa é sustentada pelo manuscrito de cerca de trezentas páginas do *Álbum*, redigido às avessas, “uma circunstância que tomou necessária a extensão do princípio do espelho ao banco do desventurado tipógrafo”. (*A vida e a época De Selby*, p. 221). Este manuscrito não é encontrável. (N. do A.)

[13] “Le Suprême charme qu’on trouve à lire une page de de Selby est qu’elle vous conduit inexorablement à l’heureuse certitude que des sots vous n’êtes pas le plus grand.” (N. do A.)

[14] Em *Lux Mundi*. (N. do A.)

[15] Agora muito raro e um exemplar de colecionador. O sardônico Du Garbandier se diverte enormemente com o fato de que o homem que primeiro imprimiu o *Atlas* (Watkins) foi fulminado por um raio no dia em que completou a tarefa. É interessante observar que o de outra forma fidedigno Hatchjaw formulou a insinuação de que o *Atlas* inteiro seja espúrio e trabalho de “outra mão”, provocando discussões não menos acerbadas que aquelas da controvérsia sobre Bacon-Shakespeare. Ele tem vários argumentos arditos se não exatamente convincentes, não sendo o menos importante deles que De Selby notoriamente recebera consideráveis direitos autorais pelo seu livro que ele não escreveu, “um procedimento que seria consistente com a ética do mestre”. A teoria não é, no entanto, recomendável ao estudante sério. (N. do A.)

[16] Du Garbandier indaga com seu costumeiro sarcasmo por que uma condição maligna da vesícula, uma doença que frequentemente reduzia De Selby a um trapo, foi omitida da lista de “supérfluos”. (N. do A.)

[17] Possivelmente o único ponto frágil do argumento. (N. do A.)

[18] Vide Hatchjaw, *As caixas d'água de De Selby dia a dia*. Os cálculos são apresentados na íntegra e as variações diárias são expressas em gráficos admiravelmente claros. (N. do A.)

[19] Por uma fortuita e momentânea leitura da caderneta do policial me é possível apresentar aqui os dados relativos a uma semana de leituras. Por motivos óbvios os dados propriamente ditos são fictícios: (N. do A.)

Leitura Piloto	Leitura na Haste	Leitura na Avalancha	Natureza da Queda (caso haja) com a hora	
10.2	4.9	1.25	Leve	04:15
10.2	4.6	1.25	Leve	18:16
9.5	6.2	1.7	Leve (com blocos)	07:15
10.5.	4.25	1.9	Nenhuma	
12.6	7.0	3.73	Violenta	21:06
12.5	6.5	2.5	Negra	09:00
9.25	5.0	6.0	Negra (com blocos)	14:45

[20] Não excetuando inclusive o ingênuo Kraus (vide seu *As obras de De Selby*), todos os comentadores trataram as pesquisas de De Selby sobre a noite e o sono com considerável reserva. Isto não é em absoluto de se admirar, já que ele sustentava (a) que a escuridão era simplesmente um acúmulo de “ar negro”, isto

é, uma coloração da atmosfera devida a erupções vulcânicas por demais sutis para serem vistas a olho nu e também a certas “deploráveis” atividades industriais envolvendo subprodutos de alcatrão de hulha e corantes vegetais; e (b) que o sono era simplesmente uma sucessão de desmaios provocados por semiasfixia devida a (a). Hatchjow apresenta bastante superficial e batida teoria de plágio, aludindo a certas construções sintáticas estranhas na primeira parte do terceiro assim chamado “prosecanto” em *Horas douradas*. Ele não chega, entretanto, a sugerir que haja algo de espúrio na igualmente prejudicial bravata de De Selby no *Atlas do leigo* onde ele investe selvagememente contra “as condições insalubres prevaletentes em toda parte após as seis horas” e comete a famosa gafe de que a morte é meramente “o colapso cardíaco pelo violento esforço de uma existência de acessos e desmaios”. Bassett (em *Lux Mundi*) sofreu duras penas para precisar a data dessas passagens e prova que De Selby estava *hors de combat* devido aos seus crônicos distúrbios da vesícula, ao menos imediatamente antes de as passagens serem produzidas. Não se pode levemente pôr de lado a formidável tabela de datas de Bassett e seus excertos corroborativos de jornais da época que tratam de um “senhor idoso” anônimo sendo socorrido em clínicas particulares após ter crises na rua. Para aqueles que desejarem fazer o seu próprio julgamento, *Hatchjow e Bassett* de Henderson não deixa de ser útil. Kraus, normalmente não científico e não confiável, merece leitura quanto a este ponto. (*Obras*, p. 17-37)

Como em muitos outros conceitos de De Selby, é difícil afrontar seu processo de argumentação ou refutar suas curiosas conclusões. As “erupções vulcânicas”, que podemos por conveniência comparar à atividade infravisual do rádio, ocorrem normalmente no “entardecer”, são intensificadas em certos locais que podem, em falta de um termo melhor, ser chamados de “locais escuros”. Uma dificuldade é precisamente a questão dos termos. Um “local escuro” é escuro meramente porque é um local onde a escuridão “germina”, e o “entardecer” é um momento de penumbra meramente porque o “dia” se deteriora devido ao efeito estimulante da fuligem nos processos vulcânicos. De Selby não faz qualquer tentativa para explicar por que um “local escuro” tal como um porão tem que ser escuro e não define as condições atmosféricas, físicas ou minerais que devem prevalecer uniformemente em todos tais locais caso a teoria tenha fundamento. A “única bagatela oferecida”, para usar a frase maldosa de Bassett, é a afirmação de que o “ar negro” é altamente combustível, enormes massas dele sendo instantaneamente consumidas pela menor chama, mesmo uma luminosidade elétrica isolada no vácuo. “Isto”, observa Bassett, “parece ser uma tentativa de proteger a teoria do golpe que lhe poderia ser desfechado simplesmente riscando-se fósforos e pode ser tomado como a prova final de que o ilustre cérebro estava perturbado.”

Uma característica significativa da matéria é a ausência de qualquer registro autorizado daqueles experimentos que De Selby sempre buscou para defender suas ideias. É bem verdade que Kraus (vide abaixo) fornece um relato de quarenta páginas sobre certas experiências, a maior parte acerca de tentativas de engarrafar quantidades de “noite” e intermináveis sessões em quartos trancados e mantidos às escuras dos quais irrupções de ruidosas marteladas chegavam aos ouvidos. Ele explica que as operações de engarrafamento eram realizadas com garrafas que eram, “por motivos óbvios”, feitas de vidro preto. Vasos de porcelana opaca também foram, ao que se declara, utilizados “com algum êxito”. Para usar as frias palavras de Bassett, “tal informação, ao que se teme, oferece pouca contribuição ao sério deselbiano (sic)”.

Muito pouco se sabe de Kraus ou de sua vida. Uma curta nota biográfica aparece na obsoleta *Bibliografia de De Selby*. Ao que se declara ele nasceu em Ahrensburg, próximo a Hamburgo, e trabalhou quando rapaz no escritório de seu pai, que possuía extensos interesses em geleia no norte da Alemanha. Diz-se que ele desapareceu completamente do convívio humano após Hatchjaw ter sido preso num hotel de Sheephaven em seguida à revelação do escândalo da carta de De Selby pelo *Times*, que fez contundentes referências às “desabonadoras” maquinações de Kraus em Hamburgo e sugeriu claramente a sua cumplicidade. Se lembrarmos que esses eventos ocorreram no fatal mês de junho em que o *Album do campo* começava a aparecer em fascículos quinzenais, a repercussão de todo o caso se torna evidente. A subsequente exoneração de Hatchjaw serviu apenas para lançar ainda mais suspeitas sobre o obscuro Kraus.

Pesquisas recentes não lançaram muita luz sobre a identidade ou o destino final de Kraus. As *Memórias* póstumas de Bassett contêm a interessante sugestão de que Kraus não existiu em absoluto, o nome sendo um dos pseudônimos adotados pelo notório Du Garbandier para favorecer sua “campanha de calúnias”. As *Obras*, no entanto, parecem por demais cordiais em tom para encorajar tal especulação.

O próprio Du Garbandier, possivelmente na intenção de confundir as características das línguas inglesa e francesa, persistentemente faz uso de “cabelo negro” no lugar de “ar negro” (*black hair* e *black air*) e humoriza de modo extremamente primoroso a dama celestial de cabelos negros e lustrosos que cobria o mundo com suas madeixas toda noite ao se recolher.

A direção mais sábia quanto a essa questão é provavelmente aquela tomada pelo pouco conhecido escritor suíço, Le Clerque. “Esta matéria”, diz ele, “está fora da real competência do comentador consciencioso, visto que, estando incapacitado a dizer algo que seja generoso ou justo, ele deve se manter em silêncio.” (N. do A.)

[21] Le Clerque (em seu quase esquecido *Extensões e análises*) chamou a atenção para a importância da percussão na dialética de De Selby e mostrou que

a maior parte das experiências do físico eram extremamente barulhentas. Infelizmente o martelar sempre era feito por detrás de portas cerradas e nenhum comentador arriscou sequer um palpite quanto ao que estava sendo martelado e com que finalidade. Mesmo quando construindo a famosa caixa-d'água, provavelmente o instrumento mais delicado e frágil jamais feito pelas mãos humanas, sabe-se que De Selby inutilizou três pesados malhos de carvão e se envolveu em vis processos legais com seu senhorio (o notório Porter) surgidos de uma alegação de barrotes do assoalho forçados e avarias num dos tetos. É evidente que ele atribuía considerável importância à “ação do martelo” (v. *Horas douradas*, p. 48-9). No *Atlas do leigo* ele publica um relato um tanto obscuro de suas investigações sobre a natureza do martelar e audaciosamente atribui o ruído pronunciado da percussão à explosão das “bolas atmosféricas”, evidentemente encarando o ar como sendo composto de balões minúsculos, um conceito dificilmente confirmado pela pesquisa científica posterior. Em suas investigações em outras obras sobre a natureza da noite e da escuridão ele se refere de passagem à tensão das “membranas de ar”, aliás “bolas de ar” e “bexigas”. Sua conclusão foi de que o “martelar” é tudo menos o que aparenta ser; tal assertiva, quando não aberta a uma refutação explícita, parece desnecessária e em nada esclarecedora. Hatchjaw propõe a sugestão de que o martelar barulhento era um artifício a que o sábio recorria para abafar outros ruídos que poderiam dar alguma indicação do rumo real dos experimentos. Bassett concordou com esse ponto de vista, com, entretanto, duas restrições. (N. do A.)

[22] O leitor deve estar familiarizado com as tormentas que assolaram este holografo remanescente dos mais tantalizantes. O “Códice” (assim chamado primeiramente por Bassett no seu monumental *Compêndio de Selby*) é uma coleção de cerca de duas mil folhas de papel almaço compactamente manuscritas em ambos os lados. A distinção notável do manuscrito é que nem uma palavra do texto é legível. Tentativas feitas por diferentes comentadores para decifrar certas passagens que pareciam menos difíceis do que outras se caracterizaram por fanáticas divergências, não quanto ao sentido das passagens (o qual não se discute), mas quanto à qualidade do contrassenso que é originado. Uma passagem, descrita por Bassett como sendo “um perspicaz tratado sobre a velhice”, é referida por Henderson (biógrafo de Bassett) como “uma não desagradável descrição de operações em cordeiros numa fazenda não especificada”. Tal desacordo, deve-se confessar, pouco faz para engrandecer a reputação de qualquer dos dois escritores.

Hatchjaw, provavelmente exibindo mais astúcia do que acume escolástico, novamente propõe sua teoria de plágio e professa assombro com que qualquer pessoa de inteligência pudesse ser iludida por “uma impostura tão grosseira”. Um curioso contratempo surgiu quando, desafiado por Bassett a substanciar esse insolente pronunciamento, Hatchjaw casualmente mencionou que onze páginas

do “Código” eram todas numeradas “88”. Bassett, evidentemente pego de surpresa, realizou uma verificação independente e não conseguiu descobrir em absoluto qualquer página trazendo esse número. Contendas subsequentes revelaram o fato surpreendente de que ambos os comentaristas alegavam ter em sua posse pessoal o “único Código genuíno”. Antes que essa disputa pudesse ser esclarecida, houve uma nova “bomba”, desta vez da distante Hamburgo. A Norddeutsche Verlag publicou um livro do sombrio Kraus que era pretensamente uma elaborada exegese baseada numa cópia autêntica do “Código” com uma transliteração do que se descreveu como um obscuro código no qual o documento foi escrito. Caso Kraus seja digno de crédito, o portentosamente chamado “Código” é simplesmente uma coleção de máximas extremamente pueris sobre o amor, a vida, a matemática e afins, expressas num inglês pobre, antigramatical, e inteiramente destituídas da característica, reconditoriedade e obscuridade de De Selby. Bassett e muitos dos outros comentaristas, encarando este livro extraordinário como meramente outra manifestação da cáustica malevolência de Du Garbandier, fingiram nunca ter ouvido falar do mesmo, não obstante o fato de saber-se que Bassett obteve, presumivelmente por meios questionáveis, uma prova da obra muitos meses antes de ela vir a público. Somente Hatchjaw não ignorou o livro. Observando secamente num artigo de jornal que a “aberração” de Kraus era devida à confusão por um estrangeiro das duas palavras inglesas código e código, declarou sua intenção de publicar uma “brochura sucinta” que iria efetivamente desacreditar o trabalho do alemão e todas as “fraudes ridículas” similares. O malogro da publicação deste livro é popularmente atribuído às maquinções de Kraus em Hamburgo e a demoradas sessões no cabo transcontinental. De toda forma, o desventurado Hatchjaw foi novamente preso, desta vez em processo movido pelos seus próprios editores, que o acusaram do furto de alguns apetrechos da escrivãzinha da firma. O caso foi adiado e subsequentemente cancelado devido à omissão no comparecimento de certas testemunhas anônimas do exterior. Por mais claro que esteja que esta fantástica acusação era desprovida do menor resquício de fundamento, Hatchjaw não logrou obter qualquer retratação das autoridades.

Não se pode pretender que a posição respeitante a este “Código” seja de todo satisfatória e não é provável que o tempo ou a pesquisa lancem qualquer luz nova sobre um documento que é ilegível e do qual quatro cópias pelo menos, todas igualmente sem sentido, existem na qualidade de original autêntico.

Uma divertida digressão neste caso foi inadvertidamente causada pelo manso Le Clerque. Ouvindo falar do “Código” alguns meses antes de o autorizado “Compêndio” de Bassett ser publicado, ele fingiu ter lido o “Código” e, num artigo no *Zuercher Tageblatt*, fez vários comentários vagos a respeito do mesmo, referindo-se à sua “perspicácia”, “argumentos irresistíveis ainda que insólitos”, “pontos de vista inovadores” etc. Subsequentemente ele repudiou o

artigo e pediu a Hatchjaw numa carta confidencial que denunciasse o mesmo como uma fraude. A resposta de Hatchjaw não é existente, mas crê-se que ele se recusou com certa veemência a participar de qualquer velhacaria adicional relacionada com o malfadado “Códice”. Talvez seja desnecessário fazer referência à contribuição de Du Garbandier a essa questão. Ele se contentou com um artigo no *L’Avenir* no qual professava ter decifrado o “Códice” e descoberto que o mesmo era um repositório de enigmas obscenos, relatos de aventuras amorosas e especulação erótica, “tudo por demais lamentável para se repetir mesmo que em linhas gerais”. (N. do A.)

[23] Considerado como uma referência ao “Códice”. (N. do A.)

[24] Naturalmente, nenhuma explicação é dada quanto ao que se entende por “uso abusivo” de água, mas é digno de nota que o sábio passou vários meses tentando descobrir um método satisfatório de “diluir” água, sustentando que ela era “forte demais” para muitos dos insólitos usos em que desejava empregá-la. Bassett sugere que a caixa-d’água de De Selby foi inventada com esse propósito embora ele não possa explicar como a delicada máquina é posta em ação. Tantas funções fantásticas foram atribuídas a esse inescrutável mecanismo (um exemplo sendo a absurda teoria da salsicha de Kraus) que a especulação de Bassett não deve merecer o peso indevido que sua postura autorizada tenderia a lhe emprestar. (N. do A.)

[25] Quase todos os litígios de menor monta nos quais De Selby se envolveu propiciam um exemplo salutar das humilhações que os grandes cérebros podem sofrer quando forçados a entrar em contato com os intelectos prosaicos da laicidade insensível. Numa dessas audiências sobre o desperdício de água, o tribunal se permitiu uma fátua indagação sobre por que o acusado não utilizava a cobrança pelo medidor industrial “se o banho tem que ser persistido de forma tão imoderada”. Foi nessa ocasião que De Selby deu a famosa réplica de que “não se pode aceitar realmente a visão de que o paraíso seja limitado pela capacidade de uma rede de abastecimento de água municipal ou a felicidade humana por medidores de água fabricados pela classe operária não emancipada na Holanda”. Serve de algum consolo recordar que o forçoso exame médico subsequente se caracterizou por um esclarecimento que redundava nos dias de hoje em motivo de glória para a profissão médica. A absolvição de De Selby foi incondicional e absoluta. (N. do A.)

[26] Hatchjaw (em sua inestimável *Sinopse da dialética de De Selby*) descreveu a casa como “o edifício com mais encanamentos d’água no mundo”. Até na sala de estar havia cerca de dez rústicas torneiras de quintal de fazenda, algumas com tinas de zinco e algumas (como as que se projetavam do teto e de suportes angulares para gás adaptados perto da lareira) dirigidas para o chão desnudo. Mesmo nas escadas um duto de oito centímetros de diâmetro ainda pode ser visto

preso ao longo do anteparo da balaustrada com uma torneira a cada intervalo de trinta centímetros, enquanto debaixo das escadas e em todo esconderijo concebível havia meticulosos arranjos de cisternas e tanques de armazenamento. Até mesmo os canos de gás eram conectados com esse sistema hidráulico e jorrariam fortemente a qualquer tentativa de fornecer luz.

Du Garbandier, a esse respeito, se permitiu algumas observações grosseiras e cínicas com relação a espojadouros de gado. (N. do A.)

[27] Le Fournier, o moderado comentador francês (em seu *De Selby — Deus ou homem?*) escreveu exaustivamente sobre os aspectos não científicos da personalidade de De Selby e observou diversos defeitos e fraquezas difíceis de conciliar com sua dignidade e eminência como físico, balístico, filósofo e psicólogo. Embora ele não reconhecesse o sono como tal, preferindo encarar o fenômeno como uma série de “síncope” e ataques cardíacos, seu hábito de adormecer em público lhe valeu a inimizade de vários cérebros científicos de calibre inferior. Estes sonos ocorriam andando em vias públicas movimentadas, durante as refeições e pelo menos numa ocasião num banheiro público. (Du Garbandier deu a este último incidente uma publicidade perversa em sua “redação” pseudocientífica do processo do tribunal de polícia ao qual acrescentou um prefácio virulento atacando a integridade moral do sábio em termos que, embora descomedidos, não admitem a menor ambiguidade.) É bem verdade que alguns desses sonos ocorreram inesperadamente em reuniões de sociedades doutas quando o físico fora solicitado a enunciar a sua opinião a respeito de algum problema abstruso, mas não há qualquer inferência, *pace* Du Garbandier, de que fossem “extremamente oportunos”.

Outra das fraquezas de De Selby era a sua inabilidade em distinguir entre homens e mulheres. Após a famosa ocasião em que a condessa Schnapper lhe fora apresentada (o *Glauben ueber Ueberalls* dela ainda é lido), ele fez referências lisonjeiras a “aquele homem”, “aquele culto cavalheiro idoso”, “velhinho ladino” e por aí afora. A idade, saber intelectual e estilo da indumentária da condessa tomariam um tal equívoco perdoável para qualquer pessoa atormentada por uma visão deficiente, mas é de se temer que o mesmo não possa ser dito sobre outras ocasiões em que jovens balconistas, garçonetes e afins eram publicamente tratadas por “garotos”. Nas poucas referências que chegou a fazer sobre a sua própria e misteriosa família, ele chamou a mãe de “um cavalheiro muito distinto” (*Lux Mundi*, p. 307), “um homem de hábitos austeros” (idem, p. 308) e “um homem másculo” (Kraus: *Briefe*, XVII). Du Garbandier (em seu extraordinário *História da nossa época*) aproveitou-se dessa deficiência patética para ultrapassar não os limites prudentes do comentário científico, mas todos os horizontes conhecidos da decência humana. Tirando proveito da complacência da lei francesa no que diz respeito a questões obscuras ou obscenas, ele produziu um panfleto mascarado de tratado científico sobre

idiosincrasias sexuais no qual De Selby é citado pelo nome como a mais devassa de todas as perversões humanas.

Henderson e várias outras autoridades menores sobre a escola Hatchjaw-Bassett consideraram o aparecimento deste lastimável documento a causa próxima da precipitada partida de Hatchjaw para a Alemanha. Hoje é comumente aceito que Hatchjaw estava convencido de que o nome “Du Garbandier” era meramente um pseudônimo adotado pelo obscuro Kraus para seus propósitos pessoais. Deve-se lembrar que Bassett assumiu a opinião contrária, asseverando que Kraus era um nome usado pelo cáustico francês para disseminar suas calúnias na Alemanha. Observe-se que nenhuma destas teorias é diretamente sustentada pelos trabalhos de nenhum dos dois comentadores: Du Garbandier é consistentemente virulento e difamatório enquanto grande parte da obra de Kraus, maculada que seja por seus inaccurados conhecimentos eruditos, não é em absoluto desfavorável a De Selby. Hatchjaw parece tirar proveito desta discrepância em sua carta de despedida ao seu amigo Harold Barge (a última escrita por ele de que se tem notícia) quando ele afirma sua convicção de que Kraus estava fazendo uma fortuna considerável por publicar tépidas refutações às torrentes de injúrias de Du Garbandier. Esta sugestão não é destituída de fundamento pois, como ele observa, Kraus lançava livros elaborados no mercado — alguns contendo caras ilustrações — num espaço de tempo incrivelmente curto após o aparecimento de um volume venenoso sob o nome de Du Garbandier. Sob tais circunstâncias, não é fácil evitar a conclusão de que ambos os livros eram produzidos em colaboração quando não escritos pela mesma mão. Certamente é significativo que o saldo dos embates entre Kraus e Du Garbandier foi inevitavelmente prejudicial a De Selby.

Não se pode dar crédito demasiado a Hatchjaw por sua imediata e heroica decisão de viajar ao exterior “para pôr fim de uma vez por todas à corrupção cancerígena que se tomou uma afronta intolerável aos instintos decentes da humanidade”. Bassett, num bilhete entregue à beira do cais no momento da partida, desejou a Hatchjaw pleno êxito em sua empresa, mas deplorou o fato de ele estar no navio errado, uma maliciosa insinuação de que ele devia dirigir seus passos para Paris e não para Hamburgo. O amigo de Hatchjaw, Harold Barge, deixou um registro interessante da última entrevista no camarote do comentarista. “Parecia nervoso e mal-humorado, passeando de um lado para o outro no piso minúsculo do seu cômodo como um animal enjaulado e consultava seu relógio pelo menos a cada cinco minutos. Sua conversa era errática, fragmentada e desconexa com relação aos assuntos que eu próprio mencionava. Seu rosto magro e encovado, imbuído de uma palidez anormal, estava animado quase ao ponto da iluminação por olhos que ardiam em sua cabeça com uma intensidade doentia. As indumentárias bastante antiquadas que ele vestia estavam amarradas e empoeiradas e exibiam todo o sinal de terem sido trajadas

inclusive durante o sono durante semanas. Quaisquer tentativas recentes que ele tivesse feito para se barbear ou se lavar tinham sido claramente do caráter mais perfunatório: de fato, lembro-me de ter olhado com sentimentos confusos pela vigia lacrada. Sua aparência indecorosa, no entanto, não denegria a nobilidade da sua personalidade nem a peculiar exaltação espiritual conferida ao seu semblante por sua despojada determinação de levar acabo com êxito a desesperada tarefa da qual se incumbira. Após termos examinado certos tópicos matemáticos triviais (por sinal, sem uma certa elegância dialética), fez-se silêncio entre nós. Ambos, estou certo, tínhamos ouvido o último trem de conexão com o navio (que fazia por acaso duas viagens naquela ocasião) encostando ao lado e sentido que a hora da separação não tardaria. Eu estava buscando em minha mente alguma inanidade de um tipo não matemático que pudesse pronunciar para quebrar a tensão quando ele se voltou para mim com um gesto de afeto espontâneo e tocante pondo sua mão trêmula de emoção no meu ombro. Falando num tom baixo e vacilante, ele disse: “Você compreende, sem dúvida, que é improvável que eu regresse. Ao destruir os males que prevalecem no estrangeiro, não excluo a minha própria pessoa do âmbito do cataclismo que sobrevirá e do qual eu tenho os ingredientes neste momento dentro do meu baú. Caso eu deva deixar o mundo mais limpo com a minha partida e fazer nem que seja o mínimo por aquele homem que eu prezo, então avaliarei minha felicidade na medida em que nenhum vestígio de qualquer de nós dois seja encontrado após eu ter enfrentado o meu adversário. Conto com você para cuidar dos meus papéis, livros e instrumentos, de modo a que sejam preservados para aqueles que vierem depois de nós”. Balbuciei alguma resposta, tomando sua mão estendida emocionadamente na minha própria. Logo dei comigo cambaleando de novo pelo cais com olhos não isentos de emoção. Desde aquela tarde tenho sentido haver algo sagrado e precioso na minha lembrança daquela figura solitária no pequeno e desolado camarote, partindo sozinho e quase desarmado para confrontar sua frágil constituição com os peçonhentos nativos da longínqua Hamburgo. É uma lembrança que sempre levarei orgulhosamente comigo enquanto algum alento animar este humilde templo.”

Barge, ao que se teme, foi movido mais por um solidário afeto a Hatchjaw do que por qualquer preocupação com a acurácia histórica quando diz que o último estava “quase desarmado”. Provavelmente nenhum viajante particular jamais partiu para o estrangeiro acompanhado por um arsenal mais formidável e em nenhum lugar fora de um museu foi reunida uma coleção mais variada ou mortífera de instrumentos letais. Fora os explosivos químicos e os componentes desmontados de várias bombas, granadas e minas terrestres, ele tinha quatro revólveres de modelo militar, dois mosquetões, ganchos de abordagem (!), uma pequena metralhadora, diversas armas de fogo de menor porte e um instrumento incomum lembrando ao mesmo tempo uma pistola e uma espingarda de caça,

evidentemente fabricado sob encomenda por um armeiro competente e projetado para acomodar balas para matar elefante. Onde quer que ele planejasse encurralar o obscuro Kraus, é evidente a sua intenção de que o “cataclismo” fosse generalizado.

O leitor que buscar um relato completo do destino indigno reservado a corajoso cruzado deve recorrer à página da história. Os leitores de jornais da geração mais velha lembrar-se-ão das notícias sensacionais da sua prisão por *usurpar a sua própria identidade*, sendo denunciado por um homem chamado Olaf (var. Olafsohn) por tentar obter crédito em nome do mundialmente famoso sábio e literato “Gelehrter”. Como foi amplamente observado na época, ninguém a não ser Kraus ou Du Garbandier poderia ter engendrado um destino tão perverso. (É digno de nota que Du Garbandier, em resposta a uma sugestão neste sentido feita pelo normalmente inofensivo Le Clerque, negou terminantemente qualquer conhecimento do paradeiro de Hatchjaw no continente, mas fez a peculiar declaração de que achava há muitos anos que “uma usurpação de identidade similar” fora imposta ao ingênuo público local muitos anos antes de haver qualquer questão de “uma aventura ridícula” no estrangeiro, insinuando aparentemente que Hatchjaw não era em absoluto Hatchjaw, mas sim ou outra pessoa de mesmo nome ou um impostor que obtivera êxito em manter o embuste, seja escrevendo ou de outras maneiras, durante quarenta anos. Pouco benefício pode advir em se investigar uma sugestão tão peculiar. Os fatos do encarceramento original de Hatchjaw já não são questionados devido às inúmeras versões do seu destino após ter sido solto. Nenhuma delas pode ser considerada fato comprovado e muitas são por demais absurdas para serem mais do que mórbidas conjecturas. Essencialmente são: 1) que ele se converteu à fé judaica e entrou para o sacerdócio daquele credo; 2) que ele aderiu à delinquência e ao tráfico de drogas e passou a maior parte do seu tempo na cadeia; 3) que ele foi responsável pelo notório incidente da “Carta de Munique” envolvendo uma tentativa de usar De Selby como um juguete de interesses financeiros internacionais; 4) que ele regressou para casa disfarçado e com a razão transtornada; e 5) que a última notícia que se teve dele foi de um agente ou alcaguete do dono de um bordel de Hamburgo no reduto marginal da região das docas daquela cosmópole marítima. A obra definitiva sobre a vida deste estranho homem é, naturalmente, a de Henderson, mas as seguintes também merecem estudo; *Lembranças*, de Bassett, Parte VII; *O homem que partiu pelo mar: uma biografia*, por H. Barge; A coletânea das obras de Le Clerque, vol. III, p. 118-287; *Reflexões numa biblioteca*, de Peachcroft, e o capítulo sobre Hamburgo no *Megalópoles* de Goddard. (N. do A.)